



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica

**RESSONÂNCIAS DA MORTE VIOLENTA DE ADOLESCENTES E JOVENS:
ESTUDO TEÓRICO CLÍNICO DE FAMÍLIAS EM SOFRIMENTO**

CARLA DALBOSCO

Brasília-DF

2006

CARLA DALBOSCO

**RESSONÂNCIAS DA MORTE VIOLENTA DE ADOLESCENTES E JOVENS:
ESTUDO TEÓRICO CLÍNICO DE FAMÍLIAS EM SOFRIMENTO**

Dissertação apresentada como
requisito parcial à obtenção do grau
de Mestre em Psicologia

**Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da
Universidade de Brasília**

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Fátima Olivier Sudbrack

Brasília-DF

2006

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Fátima Olivier Sudbrack . Aprovado por:

Prof^a. Dra. Maria Fátima Olivier Sudbrack – PCL/IP/UnB
Presidente

Prof^a. Dra. Liana Fortunato Costa – PCL/IP/UnB
Membro

Dr. Anderson Pereira de Andrade – Promotor de Justiça/MPDFT
Membro

Prof^a. Dra. Sandra Maria Baccara Araújo - UniCEUB
Membro Suplente

Brasília
2006

SOLDADO MORTO

(Mv Bill)

Aqui estou eu jogado no chão
A nova atração que atrai a multidão
O Chão tá quente, queimando meu peito
Alguém passa a mão na minha cabeça do lado direito
Enxuga a lágrima que corre no meu rosto
Caí de olho aberto, vendo tudo fosco
Alguém comenta que olho aberto é vingança
Que eu era um sábio na terra da ignorância
Ouço gritos, carros, buzina
Vieram ver o *bucha* deitado aqui na esquina
Decepção pro meu pivete
Ver seu pai morrer aos dezessete
Muita adrenalina em nome de nada
Meu sangue tá no chão por causa de prosa errada
A minha marra foi lavada de vermelho
O matador não percebe que atirou no próprio espelho
É só pra isso que a gente tem valor
Achar que matou o cara certo que é da sua cor
Guerrilha burra, ignorância cometida
Por causa de inveja, drogas ou intriga
Quando parecer que a comunidade vai ficar tranqüila
Alguém compra meu barulho e invade com outra quadrilha
Mais uma mãe que chora, mais um filho que vai
Mais um G3 que canta, mais um amigo que trai

Eu só queria viver, eu só queria sonhar
Condicionado a trair e a decepcionar
Depois que o bonde acelera é difícil frear
A sedução me levou e me fez naufragar

Conheço essa mão alisando meu queixo
É da minha velha que não agüenta e me da um beijo
Mexe a cabeça de forma negativa
Parece não acreditar que tiraram minha vida
Segura minha mão e olha pro alto
Enquanto o meu sangue se mistura com o asfalto
Várias mulheres com choro recolhido
Minha mina descobre que não era a única a dormir comigo
Prá alguns, alívio, prá outros, tristeza
Não é o fim da guerra, essa é a única certeza
Ritmo febrozo, a paz não existe
Mais um doido cai, outra família triste
É assim, guerra sem fim
Se arrepender tarde demais como tá sendo pra mim

Sem os amigos, sem a família, homem não chora, grande mentira
Minha disposição no meu mundo surreal
Não foi suficiente pra eu virar capa de jornal
E nem destaque no jornal nacional
Muito mau, marginal, coisa e tal, problema social
Pra destruição, o cenário perfeito
Drogas, armas na mira de um jovem preto
Sem respeito, sem dinheiro, sem Ciclone
Sem Nike, sem vida, sem fé, sem nome
Nota dez pra falta de atitude, nota zero pro futuro da juventude
Não tava pronto pra morrer, mas pronto pra matar
Há muito tempo eu não fazia minha mãe chorar
Um sorriso entristeceu, um coração não bateu
Pior é saber que o culpado disso tudo sou eu
Queria o certo no lugar errado
Observando a minha vida descer pelo ralo
As coisas que eu via acontecendo com alguém
Agora eu percebo que acontecem comigo também
A vida passa pela cabeça como se fosse um filme
Nesse momento é notável que eu não era firme
Cadê a sorte, na garagem um scort
Vagabundo dá o bote, de chinelo, sem camisa e short
Desamor, dinheiro, notório
Mulher gostosa e um reinado ilusório
762 na quadrilha daqui, M16 na quadrilha de lá
Moleque bom, ambicioso como eu
Coincidência é o desejo e a obrigação de matar
Fato estarrecedor, os inimigos são pobres e da mesma cor
Enquanto a nossa carne é sublinhada por terra
Alguém mais poderoso se diverte com a nossa guerra de cada dia, que assusta a tia
Sem pó de Antrax e investigação da CIA.
Quem é esse louco com essa arma na mão
Que tem como inimigo um cara que parece seu irmão
De olho grande, traidor atrás de fama
Camuflado como amigo, me tratando na escama
História conhecida, final sem graça
Destaque na praça, *carossada* na carcaça
Não, prá mim não tem mais solução
Nunca senti o chão tão perto do meu coração
Meu Deus, quanta gente em volta do meu corpo
Vieram ver o soldado que foi morto
Um lençol azul vai tirando a minha visão
Sinto minha coroa ir largando minha mão
Não sabia que eu era tão querido assim
A ponto de fazer várias pessoas chorarem por mim
O fim já chegou e eu nem me liguei se fazia diferença
Mas agora eu sei, só não tenho condições de mudar
Há muito tempo eu não fazia minha mãe chorar...

A Paulo,
meu amor, meu companheiro,
minha inspiração, meu norte.

A meus queridos pais,
que me deram asas e raízes.

A meu primo Ricardo (*in memoriam*),
meu primeiro contato com a dor de uma perda precoce.

Às corajosas famílias que conheci neste percurso.

AGRADECIMENTOS:

Nesses quase três anos de caminhada, tenho muito a agradecer, a muitas pessoas que, de alguma forma, estiveram presentes em minha trajetória, dividida entre o coração em Porto Alegre e a cabeça em Brasília:

À minha querida orientadora, professora Maria Fátima Olivier Sudbrack, com quem tenho crescido e aprendido a cada dia mais. Obrigada pela confiança, pela acolhida, pelo carinho e pelo incentivo em todos os momentos. Obrigada também pela postura plural, verdadeiramente inclusiva e por me ensinar a dar crédito à condição humana.

A meus queridos pais, pelo amor, pelo carinho e pelo suporte que sempre me dedicaram e que foram fundamentais em minha vida e minha formação. Vocês são minha maior referência, sempre me estimulando a crescer, a buscar, a lutar. Obrigada pelas orações e por encontrarem tempo de ajudar na revisão do trabalho...

A meu marido Paulo, companheiro de idealismos e utopias. Obrigada por teu amor e tua existência em minha vida. Teu senso de justiça e tua retidão de caráter me inspiram a seguir em frente. “É preciso ter uma idéia principal”. Tua paciência e compreensão foram essenciais neste processo, conseguindo me manter calma quando, na última semana, meu computador pifou...

Às amigas que, mesmo distantes, estão sempre perto do coração:

Márcia e Alba, colegas, amigas, irmãs e eternas sócias, com quem compartilhei anos de aprendizado na prática clínica. O suporte e a compreensão de vocês foram muito importantes quando precisei partir. O Telos sempre estará vivo dentro de mim.

Laurita, que nesses 23 anos de amizade está sempre próxima, mesmo quando a geografia nos separa por milhares de quilômetros...obrigada por me ouvir, por me incentivar, por ser. Minha irmã, tu és um espelho para mim.

Adri, que ainda em Porto Alegre plantou a semente da minha volta à universidade. Obrigada pelas palavras de incentivo, pela disponibilidade, pelo socorro nos resumos e nas traduções. “Corrente do Bem”. Não esqueci...

Michele, prima querida e Lú Destri, pelas trocas e desabafos via skype. Viva a tecnologia!

Minha prima Cris, Lú Roballo, Cristina, sei que sempre torcem por mim...

À Leocádia e Mônica e ao muito que aprendi em nossos encontros. O tema desta pesquisa devo em parte a vocês, pela confiança em mim depositada, compartilhando a dor da perda, no desafio da busca de um novo sentido para a vida.

Em Brasília:

À Luciane Araújo, com quem pude compartilhar angústias e projetos em longas (e terapêuticas) caminhadas pelo parque. Tu, o Leonardo (e agora a Camille), são minha família aqui em BSB. Ah, obrigada pelo gravador...Tio Mário, tia Marinês e Carlinha, sempre carinhosos e solícitos. Efigênia, que cuidou de minha casa com capricho.

À Juliana e seu grande coração. Obrigada por tua acolhida afetiva, tua disponibilidade, teu carinho, tua solidariedade. Nessa jornada, aprendi muito contigo.

À querida Olga, amiga e companheira de projetos, angústias, trocas e boas risadas...Foste muito generosa compartilhando comigo teu trabalho.

À Dina, por sua disponibilidade e por estar sempre pronta a uma palavra de incentivo. Obrigada também pelo aparelho de transcrever fitas, facilitou minha vida...

À professora Liana por ter me recebido quando eu já ia desistir de participar da seleção do mestrado. Os momentos de troca que tivemos nas supervisões do projeto Fênix foram fundamentais para meu trabalho.

Aos colegas do Prodequi: Sandra Eni e Fábio (foi legal conhecer Morin quebrando paradigmas com vocês); Sandra Baccara (que gentilmente aceitou fazer parte desta banca); Prof^a Inês, Cristiane, Jaqueline, Jéferson, o meu muito obrigada pela acolhida e pelos momentos de estudos e trocas.

À Vara da Infância e da Juventude, na pessoa do Dr Renato Rodovalho Scussel, por ter autorizado a execução desta pesquisa.

Às assistentes sociais do CDS Enia e Eli por abrirem as portas, disponibilizando o contato com as famílias. A toda a equipe da LA, pelo trabalho conjunto e a Márcio e Antonio Carlos que prestativamente me acompanharam nas entrevistas domiciliares.

A todas as famílias (pais e adolescentes) com quem tive contato no projeto Fênix na comunidade. Agradeço muito o aprendizado que tive com vocês ao longo do ano.

Por fim, ao grande mistério do universo que nos coloca no caminho certo, deixando a sensação de que nada acontece por acaso e sempre nos preparamos para encontrar nosso destino. Minha história passava pela realização deste trabalho.

DALBOSCO, Carla (2006). Ressonâncias da Morte Violenta de Adolescentes e Jovens: estudo teórico clínico de famílias em sofrimento. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia Clínica. Universidade de Brasília.

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo investigar as ressonâncias do sofrimento causado pela morte violenta de adolescentes e jovens em famílias no contexto da pobreza e vulnerabilidade social. A partir de uma perspectiva clínica, que possibilita a escuta para o sofrimento, procurou-se compreender o tema em sua natureza complexa, através de uma abordagem sistêmica. Para tal, foi utilizada uma metodologia qualitativa e realizados seis estudos de caso de famílias que tiveram a perda de filhos em situação de violência, ou sofreram atentado, em uma cidade satélite do DF. Os dados foram coletados através de entrevistas clínicas. Os achados representam a tradução do sofrimento dessas famílias, pois não há espaço adequado para elaboração do luto e das violências sofridas por elas. As mães, desenvolvem sintomas como depressão e vulnerabilidade a doenças; os irmãos, são expostos a situações de risco, como criminalidade e tráfico de drogas, resultando em comportamentos violentos e desejos de vingança, na busca desesperada de justiça e alívio. Esses dados reforçam não só a necessidade de investimentos em pesquisas sobre o tema, como intervenções mais dirigidas no auxílio a esta população tão vulnerável.

Palavras-chave: luto, violência, adolescência, situações de risco.

DALBOSCO, Carla (2006). Resonances of the Violent Death of Adolescents and Youngsters: clinical theoretical study of families in suffering. Master's Degree Dissertation. Department of Clinical Psychology. Brasília University.

ABSTRACT:

This work aims at investigating the resonances of suffering caused by the violent death of adolescents and youngsters in families within the poverty and social vulnerability context. From a clinical perspective, which enables listening to suffering, we tried to understand the subject in its complex nature, through a systemic approach. For that purpose, a qualitative investigation methodology was used and six case studies of families who had the loss of children in violence situation or suffered attempts, in a satellite city of DF were carried out. The data were collected through clinical interviews. The findings represent the suffering of these families as there is no adequate space for elaboration of their mourning and the violence they suffered. The mothers develop symptoms such as depression and vulnerability to illnesses; the brothers are exposed to risk situations such as crime and traffic of drugs, resulting in violent behaviors and desires of revenge, in a desperate search for justice and relief. These data not only reinforce the need of investments on researches about the subject, but also interventions that are more directed to the help of this vulnerable population.

Key-words: mourning, violence, adolescence, high-risk situations

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I – A MORTALIDADE JUVENIL NO CONTEXTO DE VIOLÊNCIA – RESSONÂNCIAS NA FAMÍLIA E CORRELAÇÕES ENTRE INVISIBILIDADE E VULNERABILIDADE SOCIAL	21
1.1 – ASPECTOS CONCEITUAIS DA VIOLÊNCIA	21
1.1.1 - Violência como Construção Social	23
1.1.2 - Violência na Perspectiva Sistêmica: Ciclos e Ressonância	25
1.2 – MORTALIDADE JUVENIL	28
1.2.1 – Exclusão Social e Cenário Epidemiológico Brasileiro	28
1.2.2 - Contextualização da Mortalidade Juvenil no Distrito Federal	33
1.3 - LUTOS, PERDAS E VIOLÊNCIAS NO CICLO DE VIDA FAMILIAR	37
1.3.1 - Lidando com a Perda	37
1.3.2 - A Morte de um filho no Ciclo Vital da Família	39
1.4 - SITUAÇÕES DE RISCO E ADOLESCÊNCIA	43
1.4.1 - Adolescência, Drogas e Violência	48
II – METODOLOGIA	54
2.1 - ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA	54
2.2 - CONTEXTO DA PESQUISA E ESCOLHA DOS PARTICIPANTES	57
2.3 - PROCEDIMENTOS DE COLETA	62
2.4 - PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	62
III – CICLOS DE VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA E OS PARADOXOS DO VIVER A PARTIR DA MORTE DE UM FILHO	70
3.1 - A FAMÍLIA SOBREVIVÊNCIA	70
3.2 - A FAMÍLIA ESPERANÇA	70
3.3 - A FAMÍLIA SUPERAÇÃO	102
3.4 - A FAMÍLIA SONHO	113
3.5 – A FAMÍLIA UNIÃO	124
3.6 – A FAMÍLIA FÉ	136
IV – SOFRIMENTO E VIOLÊNCIA EM RESSONÂNCIA NAS REDES SOCIAIS DOS ADOLESCENTES	148
4.1 – A FAMÍLIA EM SOFRIMENTO PELAS PERDAS NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA	148

4.2– SOFRIMENTO, VIOLÊNCIA E TRANSMISSÃO: ASPECTOS TRANSGERACIONAIS	157
4.3 – SOFRIMENTO E VIOLÊNCIA EM RESSONÂNCIA NO GRUPO DE PARES E INSTITUIÇÕES	168
V – A ESPERANÇA QUE APONTA PARA O FUTURO	184
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	194
ANEXOS	203

INTRODUÇÃO

O mistério da vida e da morte captura e desafia a todos nós. Esse tema, com certeza, consiste em uma das questões mais intrigantes da vida de qualquer ser humano, evocando a noção de que, como qualquer ser vivo, ocupamos apenas um breve espaço de tempo neste mundo. Devido a essa complexidade intrínseca e apesar da morte ter uma disciplina própria (tanatologia), não há como circunscrever o estudo da morte a uma única área do conhecimento, pois ela se faz presente em todas as ciências. Além dessa inscrição mais acadêmica, a morte, por sua iminência concreta, também está no imaginário e na cultura popular, com suas crenças, ritos e sistemas religiosos. Segundo Morin (1976), a espécie humana é a única para a qual a morte está presente durante a vida, a única que faz acompanhar a morte de ritos fúnebres, a única que crê na sobrevivência ou no renascimento dos mortos. Em todas as culturas encontramos a idéia da continuidade.

A experiência da morte nos conecta com mitos e medos ancestrais, forjados ao longo da história e trajetória da humanidade. Ela faz parte da teia do nosso mundo, de nosso ser, nosso passado e nosso futuro: toda consciência da morte provoca reações infantis, pois, é a única coisa que está para além do nosso poder, deixando-nos totalmente impotentes, como crianças. Morin (1976), citando Heidegger (1927), nos diz: “desde que nasce, um homem é suficientemente velho para morrer.”

A noção de finitude marca presença no cotidiano de qualquer ser humano e é fato a ser enfrentado por todos. Apesar dessa inquestionável familiaridade, a idéia da morte traz junto consigo, habitualmente, o temor, por evocar nas pessoas as mais traumáticas vivências, principalmente em nossa cultura racional ocidental, que tende a negá-la. O ser humano é sempre desafiado a lidar, paradoxalmente, com a inevitabilidade da morte e com a continuidade da vida.

Nossa sociedade supervaloriza a vivência do imediatismo, exaltando valores de juventude e perdendo o senso de trajetória. A partir desta constatação, o que podemos dizer da relação de nossos adolescentes com a morte, já que a morte também os ronda com os seus mistérios? Terão eles consciência de sua finitude? Julgar-se-ão invencíveis? De alguma forma, o mistério do “*a posteriori*” também os fascina. A questão existencial está presente nas entrelinhas da exposição de alguns grupos adolescentes ao perigo, em

sua cobiça pela “adrenalina” do dia-a-dia. Na busca da afirmação de sua identidade, viver ou morrer são detalhes intrínsecos e conseqüências imprevisíveis, afinal, os heróis sempre morrem cedo. Um herói se sobressai, vence obstáculos, pratica um ato de coragem, mas, como conseqüência, encontra a morte precoce. Crescer também é um ato heróico, pois exige processos de morte e renascimento. Segundo Campbell (1994), o herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo.

Permito-me este pequeno espaço de reflexão ao iniciarmos este trabalho, pois, a morte nos acompanhará ao longo dessa pesquisa como uma presença permanente que, nos contextos de pobreza e vulnerabilidade social trabalhados, anda de mãos dadas com a violência do cotidiano, aparecendo como sua pior conseqüência. Acreditamos que a violência que gera morte afeta de forma irreversível todo o sistema familiar, pois, traz consigo ressonâncias perturbadoras pela perda sofrida.

No decorrer do ciclo vital de uma família, sempre que uma situação de morte é vivenciada, mobiliza variadas formas de enfrentar e elaborar o fato. Cada família e cada membro do sistema apresentará suas próprias peculiaridades frente ao processo de luto. Supomos que a morte de jovens, principalmente por situação de violência, seja ainda mais desafiadora para a família, pois, o sofrimento psíquico familiar gerado pela perda de um filho, de um irmão ou de um neto é de difícil assimilação e deixa marcas profundas. Uma vivência de elaboração saudável do luto é fundamental para a superação da situação traumática. A família precisa ressignificar a vida após a perda, desenvolvendo novos recursos adaptativos.

Antes de iniciarmos essa incursão, gostaria de situar um pouco de minha trajetória profissional até chegar à escolha deste tema de pesquisa tão pouco debatido em nosso meio acadêmico. O interesse pelas questões sociais apareceu já em minha primeira opção profissional, quando decidi cursar Ciências Sociais. Ao ingressar na faculdade, porém, percebi que a Psicologia me possibilitaria um melhor estudo do humano em suas singularidades. Abandonei o curso e ingressei na Psicologia, onde me formei em 1995. A partir daí, dediquei-me, principalmente, ao atendimento psicológico em consultório. Como psicóloga clínica, tive oportunidade de atender várias mães em processo de luto, que haviam perdido filhos e familiares em situações traumáticas, acompanhando-as na elaboração dessa vivência. Cresci e aprendi muito com essas

pacientes, ao buscarmos juntas significados que pudessem trazer novo sentido a suas vidas, a partir dessa experiência tão delicada.

Posteriormente, amadureci a idéia de cursar um mestrado, já com a intenção de realizar uma pesquisa na área de elaboração do luto. Cheguei, então, na Universidade de Brasília, após um significativo tempo de afastamento do meio acadêmico. O encontro com o grupo do PRODEQUI¹ foi extremamente enriquecedor, principalmente pela possibilidade que a Prof^a Dr^a Maria Fátima Olivier Sudbrack proporcionou na ampliação de minhas concepções acerca do que seja o objeto da psicologia clínica. Passei a perceber a clínica numa dimensão muito mais ampla do que aquela das quatro paredes do consultório, a qual fez parte do meu cotidiano ao longo de 9 anos de trabalho. Com minha orientadora, aprendi a pensar o que é uma Clínica Social, se é que podemos chamá-la assim, e a importância de intervenções clínicas em diversos contextos. Como nos diz Sévigny (2001), os problemas não recaem apenas sobre os indivíduos, mas também sobre grupos (incluindo a família), organizações, instituições, situações sociais particulares. Esses contextos também merecem uma abordagem Clínica, pois esta não pode ficar limitada apenas a um setor.

A partir do meu ingresso no grupo da linha de pesquisa sobre “Metodologias de Atendimento de Adolescentes em Conflito com a Lei em Meio-Aberto”, tive contato com a realidade de adolescentes em conflito com a lei e suas famílias. A cruzeza e a crueldade do contexto vivido por esses adolescentes foi muito chocante para mim. Conheci uma realidade de pobreza, de uso contínuo de drogas, de proximidade com o tráfico, na qual a violência aparece como uma forma de relação e, muitas vezes, como uma maneira do adolescente tornar-se visível perante os outros. Nesse novo contexto, também percebi que a possibilidade da morte e o sofrimento estão sempre muito presentes, afetando a construção da subjetividade dessas pessoas. Passei a pensar em que tipo de repercussão os fatos violentos podem gerar nas pessoas que vivem esse dia-a-dia, principalmente na família desses jovens, vítima indireta ou, às vezes direta, da exposição desses adolescentes a situações de risco.

¹ O “Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas” é um laboratório do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília que realiza atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão, relativas ao tema drogadição.

Minayo (2004), fala das desesperanças dos jovens pobres e da sensação de desnecessidade de sua contribuição para a sociedade. Junto a esses fatores, encontramos a crueldade crescente com que muitos deles matam, transgridem e afrontam a sociedade. São jovens que já trazem em si um fatalismo, não acreditando que tenham outro futuro além da morte precoce. Para a autora, é preciso refletir sobre a subjetividade desses adolescentes. Frente às suas precárias condições de vida, o tráfico aparece-lhes como uma opção. Uma opção perigosa mas, ainda assim, uma opção. Para ela, a discussão sobre a subjetividade é um ponto essencial no debate sobre essa exposição do jovem, ao se levar em conta o ato humano da escolha. As intervenções têm que se dar no plano do Estado e também no plano pessoal dos adolescentes, trabalhando a sua cidadania.

Acreditamos que esta autora introduz uma dimensão importante nesta discussão, que é a dimensão subjetiva, levando o entendimento do envolvimento de jovens com situações de risco por duas perspectivas diferentes: a primeira, da responsabilização social, vendo-os como vítimas do contexto; a segunda, da responsabilização individual, que considera essas escolhas pessoais. Porém, falta a contextualização em relação às redes e vínculos desses adolescentes, havendo uma lacuna, um espaço vazio, pois temos que pensar: em que contexto se dá esta opção? Em nome de quem? Qual o lugar da família nessas trajetórias? Como a violência repercute no sistema familiar? Que sofrimentos encontramos nessas famílias?

Segundo Minayo (1994), “toda investigação se inicia por um problema com uma questão, com uma dúvida ou uma pergunta”. (p. 18). O presente estudo surgiu de algumas questões inaugurais. A primeira delas é relativa a essa relação entre a família e a exposição de adolescentes a situações de risco. Como a família lida com a morte precoce de seus adolescentes vítimas de crimes fatais? Como compreende a experiência? Que tipo de espaço há nesses contextos para a elaboração do luto? Falamos sobre o assunto? Alguém sente mais?

Ao mesmo tempo em que essas inquietações povoavam meu imaginário, surgiu a possibilidade de participar, enquanto aluna de pós-graduação, de um projeto de intervenção clínica comunitária no CDS (Centro de Desenvolvimento Social)² de uma

² Os Centros de Desenvolvimento Social são unidades da Secretaria de Estado e Ação Social (SEAS-DF) responsáveis pela execução da política de assistência social do DF. Atuam na área de prestação de serviços, programas e auxílios sociais, diretamente com a população, bem como na área de Medidas Socioeducativas.

cidade satélite do DF chamado de “Projeto Fênix na Comunidade”; numa parceria entre o Prodequi/UnB e o NUMES (Núcleo de Medida Socioeducativa). Esse projeto tinha por objetivo atender adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa (Liberdade Assistida) e suas famílias. A demanda surgiu por iniciativa das duas assistentes sociais e da psicóloga da equipe da LA, que já haviam participado do Projeto Fênix³. O objetivo do “Fênix na Comunidade” era desenvolver reuniões sócio-terapêuticas (grupos multifamiliares) junto a adolescentes vinculados à medida de Liberdade Assistida e suas respectivas famílias.

Através da participação nos grupos multifamiliares do projeto, ampliei o foco de interesse anterior que eu tinha (estudo do luto materno), articulando-o às minhas recentes questões. Assim, um novo tema de trabalho acabou revelando-se para mim: a identificação de ressonâncias do sofrimento e da violência que atingem os jovens e suas famílias em contextos de pobreza, pensando, principalmente, na vitimização de adolescentes que morrem de forma violenta, assassinados em decorrência de sua vulnerabilidade social e familiar. Passamos a delinear, então, a construção desta pesquisa, a partir de um olhar clínico que possibilitasse uma escuta para o sofrimento dessas famílias.

Desse momento em diante, posso dizer que encontrei realmente o foco e a relevância do trabalho definido como tema de investigação. Como pesquisadora, acredito cada vez mais na importância deste tema, ainda pouco explorado na literatura, com pouca produção acadêmica e escassa visibilidade política. Alguns teóricos (Zaluar, 2001, 2004; Soares, 2005; Adorno, 2002) confirmam essa posição. A violência e as mortes da periferia são invisíveis, silenciosas, passam despercebidas em nossa sociedade e, em sua maioria, não chegam a ganhar um espaço que dimensione seu grau de complexidade. Soares (2005), é duro ao falar que “cadáveres de rapazes empilhados” são o lixo a varrer para baixo do tapete da consciência nacional: “alguns traficantes a

³ O Projeto Fênix foi um estudo piloto realizado entre outubro de 2002 a junho de 2003, com o objetivo de Promoção Psicossocial de Adolescentes Usuários de Drogas no Contexto das Medidas Socioeducativas, numa parceria entre a Secretaria de Estado de Ação Social do Distrito Federal (SEAS-DF), a Vara da Infância e da Juventude do DF e FAHUB Prodequi/UnB. Foi executado pelos programas do PAA (Programa de Atenção ao Alcoolismo) e pelo PRODEQUI.

menos; vida que segue; eugenia avança.” (p. 93). Neste sentido, investigar de que forma esse sofrimento perpassa ou se registra na família, suscita questões em vários níveis:

Sobre as famílias: quais as características das famílias? Suas histórias, sua organização? Como a morte de um filho adolescente ou jovem repercute na vida, no ciclo vital, na organização familiar?

Sobre o homicídio e o sofrimento gerado: Qual a narrativa construída em torno da perda? Como enfrentam essa dor? Que soluções encontram para alívio? Quais possibilidades reparadoras encontram? Que tipo de apoio recebem?

Sobre a memória do adolescente assassinado: quem é (foi) esse adolescente? Como é situado pela família? Que relações a família faz entre sua rotina de vida e o assassinato sofrido? Como fica a investigação judicial?

Dessa forma, o objetivo geral da presente pesquisa é **investigar sobre o sofrimento gerado nas famílias de baixa renda a partir morte violenta de adolescentes, procurando compreendê-lo a partir do contexto de violência no qual a família está inserida**. Para tal, é imprescindível situar o quadro psicossocial da população mais afetada e sua vulnerabilidade social, além de como se articula o envolvimento da maioria desses jovens com a criminalidade (principalmente o tráfico de drogas). Trata-se de um objeto de natureza clínica – sofrimento psíquico – mas que nos propomos a estudar em sua natureza complexa, uma vez que esse sofrimento, além de suas dimensões subjetivas, é permeado pelas questões da condição de vida dessa população. A violência estrutural aparece como cenário para este quadro de mortalidade juvenil. Neste sentido, nossos objetivos específicos são:

- Conhecer a narrativa e as significações das famílias em torno da experiência da morte violenta de um filho.
- Identificar como as experiências de violência se situam no ciclo de vida familiar.
- Investigar as ressonâncias da morte violenta de um filho na dinâmica familiar.
- Conhecer a natureza do sofrimento vivido na família pelas perdas, bem como os recursos mobilizados para a superação do mesmo.

Do ponto de vista teórico, assumimos, para tal, os pressupostos da Teoria da Complexidade (Morin, 1991, 1996) e da Teoria Sistêmica (Vasconcellos, 2002), por entendê-las como mais adequadas no trato de uma realidade complexa e multifacetada,

com seus elementos objetivos, subjetivos, culturais, sociais e ideológicos. Essas teorias aparecem como marco teórico conceitual principal deste estudo.

Trabalhamos a partir da perspectiva da pesquisa qualitativa, na qual os dados clínicos não são apenas colhidos, mas sim, construídos pelo pesquisador e pelos sujeitos pesquisados (Demo, 2001; Bauer & Gaskell, 2003). Situamos este fator porque muito do que está aqui escrito é parte da vivência da pesquisadora junto ao campo de pesquisa, com suas inquietações, impressões e reflexões, formuladas ao longo dos contatos e trocas com os sujeitos e do espaço de supervisão. Elkaïm (2000), nos diz que as percepções do terapeuta não podem ser separadas de sua própria história. É difícil separar a sua experiência daquilo que vê, constrói e descreve. Transpondo este olhar clínico para o processo de pesquisa, a pesquisadora também faz parte do processo, não é neutra, pois, não há como deixar de lado sua bagagem, sua individualidade, sua história, sua formação, suas complexidades. Watzlawick (1995), reforça esta idéia ao dizer que um conhecimento totalmente objetivo é impossível, pois, “um universo de onde se banisse todas as subjetividades não seria mais observável, justamente por isso.” (p. 9). Talvez, a questão seja a de tratar os sentimentos, não como angústia, mas como informação. Este é o nosso principal desafio ao aprofundar as histórias aqui descritas.

As pesquisas em psicologia clínica não podem excluir a relação do homem com seu meio e sua cultura, olhando-o isoladamente. Além disso, o processo de vir-a-ser do sujeito, com seus simbolismos, mitos, contradições, brechas e peculiaridades também faz parte desse processo. (Morin, 1991). É com este olhar prospectivo que queremos, e devemos, encarar a população aqui apresentada. Para ilustrar de que forma estas construções teóricas aparecem em contextos reais, será abordada a vivência de seis (06) famílias em situação de pobreza e vulnerabilidade social, moradoras de uma cidade satélite do DF, que perderam filhos assassinados ou que sofreram atentados. A pesquisa foi realizada concomitantemente à nossa participação no Projeto Fênix na Comunidade. Essa inserção institucional foi importante, no sentido de conhecer a fundo a realidade das famílias, vislumbrando as várias situações de violência que as cercam e deixam marcas. Optamos por realizar Estudos de Casos Familiares, por entendermos a importância de conhecer cada situação em profundidade, priorizando as singularidades das histórias reveladas, sem perder a noção de totalidade.

Independentemente do contexto com o qual trabalhemos, a complexidade intrínseca dos fenômenos sempre se faz presente (Morin, 1996; Demo, 2000). Neste sentido, o tema da violência urbana consiste em uma das questões mais complexas do momento histórico em que vivemos. É imperioso que evitemos explicações reducionistas, buscando ampliar a gama de fatores que influenciam este grave problema social, numa perspectiva relacional. O olhar deve ser integrador, de forma a levar em conta as várias interfaces do problema, pois, não há meios de se chegar a uma verdade universalmente válida na explicação da violência e sua perpetração.

No contexto trabalhado, a autoria e a vitimização da violência andam juntas. A violência na adolescência tornou-se um fenômeno grave, tanto do ponto de vista social, quanto de saúde pública (Waiselfisz, 2004). Nosso desafio e nossa contribuição é ajudar a lançar um foco de luz a essa adolescência pobre tão esquecida e escondida, a qual só consegue impor sua presença quando traz junto consigo a marca da violência. Segundo Soares (2005), o Brasil precisa descobrir um outro Brasil, que está correndo por fora como um azarão. Por trás de uma arma, tem um coração batendo. Não é possível continuar matando esses jovens como se fossem os nossos algozes. Não é possível a sociedade se escandalizar com rebeliões de menores e não ficar chocada com o fato de serem zero as chances de suas famílias fazerem parte de uma sociedade civilizada. Para o autor, não são homens nem monstros, são apenas meninos.

Nesta perspectiva teórica da complexidade, privilegiando o olhar sistêmico sobre o tema, apresentamos na **parte I** do relatório, um primeiro nível de nossas construções – as construções teóricas, procurando articular as tantas dimensões envolvidas – do macro ao micro. Iniciamos nos posicionando quanto ao conceito de violência como construção social (Magagnin & Almeida, 2000) e sua perspectiva relacional, trazendo o conceito de ressonância (Elkaïm, 2000). Na seqüência, trabalharemos cenários epidemiológicos da mortalidade juvenil por violência no Brasil (Waiselfisz, 2005) e no Distrito Federal (Paviani, Ferreira & Barreto, 2005), discorrendo sobre o que consiste ser adolescente em contextos de vulnerabilidade social (Santos & Costa, 2001; Soares, 2005) e qual o papel que esses adolescentes podem exercer na manutenção do ciclo da violência. Adentrando ao tema da família, exploramos o significado do luto pela morte de um filho dentro do ciclo vital familiar (Walsh & McGoldrick, 1998) e as diretrizes que podem ajudar famílias a transformarem e assimilarem a perda traumática. Concluímos esta

parte retomando a especificidade entre situações de risco na adolescência pobre e sua relação com o mundo do tráfico de drogas. (Zaluar, 2004; Sudbrack, 2003).

Na **parte II**, apresentamos nossas orientações metodológicas, a partir da escolha por uma abordagem qualitativa, considerada a mais indicada para nosso objetivo de aprofundar as histórias familiares. Descrevemos a aproximação ao campo da pesquisa, os participantes, procedimentos de coleta (entrevista clínica, análise documental e observação participante) e o método de análise dos dados (Estudos de Caso Familiares e Análise Transversal das histórias).

Na **parte III**, trabalhamos os seis estudos de caso, a partir da construção do Genograma e Linha do Tempo. Cada história familiar é discutida em profundidade, resultando na elaboração do ciclo de violência vivido em cada família. Apresentamos o achado da pesquisa na dimensão da dinâmica familiar, preservando a singularidade de cada história.

A **parte IV** apresentará um segundo nível de análise realizado, num recorte transversal temático, a partir dos seis casos, trabalhando dois eixos principais: a família e o grupo de pares.

De acordo com Turato (2003), o pesquisador terá que descobrir seus próprios caminhos, testando, avançando, recuando, ensaiando, corrigindo-se. Terá que estar envolvido emocionalmente também com seu objeto de estudo: terá que misturar-se com ele, identificar-se, ser ele.

I – A MORTALIDADE JUVENIL NO CONTEXTO DE VIOLÊNCIA – RESSONÂNCIAS NA FAMÍLIA E CORRELAÇÕES ENTRE INVISIBILIDADE E VULNERABILIDADE SOCIAL

1.1 – ASPECTOS CONCEITUAIS DA VIOLÊNCIA

É sabido que o olhar simplificador da ciência clássica ainda hoje exerce influência na construção do conhecimento. Numa tentativa desesperada de encontrar causas únicas, absolutas e universais, muitas vezes, usamos um ponto de vista excludente, deixando de fora justamente a riqueza dos processos e fenômenos em sua essência particular. Tentamos adaptar o mundo a um enquadramento que está dentro de nós, não nele, limitado pelo próprio processo histórico e evolutivo da humanidade. Na realidade, devemos ter a consciência de que trabalhamos com modelos, nunca com uma verdade única e invariável. (Morin, 1991, Maffesoli, 1997). Como nos diz Elkaïm, (2000), precisamos aprender a trabalhar com a diversidade de contextos que trazem em si, uma complexidade inerente.

Segundo Queiroz (2004), a sociabilidade contemporânea é exercida em um cenário complexo. Os grupos e as culturas juvenis são atravessados por processos globais e é preciso lançar, ao mesmo tempo, um olhar de “dentro e de perto” com um olhar “de longe e de fora”, que dê conta de processos mais gerais. Precisamos articular uma visão abrangente com uma visão local.

O tema da violência (seja ela juvenil, urbana, familiar), como qualquer fenômeno social, necessita de uma boa contextualização sócio-histórica, pois, é orgânico e maleável, modificando-se ao longo do tempo. Todo conhecimento está enraizado, inserido e dependente de um contexto cultural, social e histórico. (Morin, 1991). Nosso desafio é como deslizar neste terreno pantanoso, sem nos afundarmos nele, pois, o conceito de violência pode, com muita facilidade, tornar-se um “*saco de gatos*”. Inúmeros autores (Michaud, 2001; Bonetti & Wiggers, 1999; Maffesoli, 1997; Levisky, 1998; Zimmerman, 2001; Zaluar, 2004) falam que o ideal é tratar o tema “violência” como um fenômeno plural e multifacetado, sem a pretensão de encontrar uma única e suprema definição. É com esta idéia que construiremos aqui um recorte

para este estudo das ressonâncias da violência: a violência urbana e suas relações com a adolescência pobre de nosso país.

Na etimologia latina, a palavra violência vem de *violentia*, que deriva de *vis* (que significa “força”) e também dá origem aos vocábulos “vigor”, “potência” e “vitalidade”. A transição de um estado mental de vigor para o de uma violência é a mesma que se processa entre o de uma agressividade sadia para o de uma agressão destrutiva (Zimerman, 2001).

Michaud, (2001) tenta dar uma definição que dê conta tanto dos estados quanto dos atos de violência:

"Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais." (p. 11)

O resultado mais visível desse processo é a desumanização dos sujeitos, sua “coisificação”, pois, podem tornar-se objetos de uso e abuso. Do ponto de vista da saúde pública, a violência é qualquer ação intencional realizada por indivíduo ou por grupo, dirigida a outro, que resulte em morte, danos físicos, psicológicos e/ou sociais. (Vasconcelos & Costa, 2005). O quadro social de violência, impõe uma negação de valores considerados universais como a liberdade, a igualdade, a vida:

"tem por referência a vida, porém a vida reduzida, esquadrinhada, alienada; não a vida em toda a sua plenitude, em sua manifestação preche de liberdade. A violência é uma permanente ameaça à vida pela constante alusão à morte, ao fim, à supressão, à anulação." (Adorno, 1988, conforme citado por Guerra, 1998, p. 31)

Isto gera uma perda na qualidade relacional entre as pessoas, com total desconsideração pelo outro. Há uma perda do sentimento de solidariedade e o outro passa a ser visto como elemento estranho e ameaçador.

Embora sejam fenômenos sociais muitas vezes correlacionados, violência e criminalidade não se confundem. A violência é um fenômeno social decorrente de processos macrossociais e das características subjetivas individuais da vítima e do agressor que se articulam e interagem de forma dinâmica. Crime é um conceito jurídico,

referindo-se aos comportamentos tipificados na legislação penal. Portanto, as violências não se reduzem à criminalidade. Nem todos os crimes correspondem a comportamentos violentos e nem todo comportamento violento é tipificado pelo Estado como crime. (Vasconcelos e Costa, 2005).

Muitas vezes, a violência é tratada apenas como uma questão de segurança pública. O olhar simplificador acredita que apenas a repressão - através da construção de mais presídios, da implantação da pena de morte ou da diminuição da maioria penal - seja suficiente para minimizar os problemas. Porém, as raízes do problema encontram-se muito mais profundamente em nossas relações sociais. Estamos todos “enredados” no problema, mas, talvez a solução possa vir justamente do fortalecimento de nossas redes sociais e da implantação de políticas sociais de caráter preventivo.

Segundo Lévy (2001), buscamos renunciar a toda propensão à violência que nos habita, pois só assim, nos submetemos à lei. Para Zaluar (2004), nossa visão padece de uma cegueira quanto à ambivalência da natureza humana, tanto em seus aspectos positivos (entendimento, troca, solidariedade), quanto negativos (destrutividade, violência). Enquanto solução para esse problema, Tavares dos Santos (1995) propõe que contra a barbárie enunciada pela violência, a difusão de uma ética da solidariedade, edificada no respeito ao outro, pode compor uma linha de fratura no dispositivo da violência: "Dentro desta linha de fratura, o respeito aos direitos humanos, com fundamento no direito à vida, poderia consistir no início de uma luta social contra a violência." (p. 293). Ao invés da cidadania dilacerada, devemos buscar construir uma cidadania concreta, tecendo um espaço social no qual seja assegurado o direito à vida e o respeito à diferença, na luta por um processo civilizador que, infelizmente, ainda continua inacabado.

1.1.1 - Violência como Construção Social

Para Magagnin & Almeida (2000), ao lidar com o tema violência, temos que levar em conta o espaço das relações sociais estabelecidas. Essas relações são permeadas pelo poder, que ultrapassa a perspectiva de classes e inclui também as relações de gênero, de etnia e de cultura entre as diversas categorias e grupos sociais. A assimetria de poder (inter e intragrupos e de categorias sociais), constitui fonte

permanente de tensão e de conflitos sociais e interpessoais. Dessa forma, a violência não pode ser analisada como fenômeno isolado, como manifestação de determinado grupo, mas sim, como fenômeno resultante das interações que se dão no âmbito social e cultural. Ela se reporta aos valores subjacentes aos comportamentos, às ações e práticas do cotidiano que, de alguma maneira, se articulam a todas as esferas sócio-históricas.

Cada sociedade elege um determinado conjunto de valores e práticas comuns, que irão ordenar e dar significado à vida social. É por meio das relações e significados culturais que o indivíduo desenvolve o sentimento de pertença ao grupo, as idéias de bom e justo, por um lado, e de violência e injustiça, por outro. (Magagnin & Almeida, 2000; Michaud, 2001). A violência deve ser pensada em relação ao momento particular que nosso mundo vive e ao grupo específico com o qual estamos trabalhando:

"O olhar (...) acerca do fenômeno da violência pode subsidiar práticas interventoras na medida que possibilita a inclusão das situações consideradas como violentas ao contexto de valores e práticas em que são produzidos, considerando as diferentes formas e significados que lhes são atribuídos. Assim, a 'violência' como um fenômeno abstrato passa a ser questionada, já que está inserida em um contexto social empírico. Isto possibilita o despojamento de pré-concepções sobre a 'violência', tornando possível um maior esclarecimento sobre qual violência se está falando e o que se pretende combater." (Bonetti & Wiggers 1999, p. 483)

Em nosso caso, um tipo extremo de violência, aquela que atinge adolescentes em situação de vulnerabilidade e suas famílias, podendo chegar a um grau extremo e irreversível, ao causar a morte da vítima.

Uma condição de violência pode ser ostensiva ou dissimulada; contudo, dada a sua própria cronicidade, um estado de violência incorporado à cultura tende a se tornar, em grande medida, invisível, ao menos para aqueles que ali nasceram, cresceram e vivem. Um alto nível de violência constitui um aspecto habitual da vida de muitos grupos sociais, pois se tornou uma forma de comunicação e de relação entre seus membros. Pode também estar vinculada aos valores pelos quais o grupo se diferencia e se afirma contra os outros, como as gangues de rua, por exemplo. (Michaud, 2001; Figueiredo, 1998).

Sob esta óptica, a violência expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos de comportamentos vigentes em determinados momentos históricos: "A

violência que nos afeta é o resultado de opções conscientes e voluntárias da nossa cultura” (Ehrlich, 2001). A fenomenologia da violência revela ainda que não há fronteiras rígidas e absolutas, pois, o lugar ocupado pelo indivíduo no processo de perpetração da violência pode variar. A mesma pessoa que se destaca como provocadora de violência, pode aparecer como vítima dessa mesma violência. As duas perspectivas, com facilidade, andam juntas.

1.1.2 - Violência na Perspectiva Sistêmica: Ciclos e Ressonância

A complexidade da questão da violência aparece de forma crua e desafiadora nos contextos de pobreza e nas famílias que ali vivem. Percebemos que é um circuito que parece não ter fim, num eterno movimento recursivo de reprodução. Uma violência pode desencadear várias outras, em uma sucessão de ações e eventos interligados, nos quais cada violência cometida é reflexo de outra. Não se consegue identificar com precisão em que ponto inicia e em que ponto termina, atingindo todos os membros.

O conceito de ressonância, foi descrito por Mony Elkaïm (1990), como algo que ocorre no "entre" e em simultaneidade. Não é um efeito organizado linearmente, em formato seqüencial, ao contrário, ecoa em todas as direções e em todos os sentidos. Os elementos parecem ressoar sob o efeito de um fator comum, do mesmo modo que um corpo vibra sob efeito de uma dada frequência sonora.

Elkaïm (2000), nos diz que existimos em um campo de interseções múltiplas, entre a forma como construímos o real e a forma como as pessoas com as quais convivemos constroem o real: “não é unicamente a maneira pela qual nós construímos o real que determina nossas interseções, mas são, possivelmente, essas interseções que nos constituem, da mesma forma.” (p. 134). Existem elementos que não podem ser reduzidos aos indivíduos, pois, antecedem os sujeitos, são “pré-pessoais” (culturais, biológicos, etc). As ressonâncias que surgem num sistema familiar, ou entre o terapeuta e a família (em nosso caso, entre a pesquisadora e a família) não estão ligadas unicamente às suas histórias particulares, mas os constituem como pessoas não-separáveis dos contextos nos quais existem. Este mesmo autor (Elkaïm, 1990) vai nos dizer que as ressonâncias são constituídas por elementos semelhantes, comuns a esses diferentes sistemas em intersecção, manifestando-se em uma situação onde a

mesma regra aplica-se a todos (família, grupo, instituição, sociedade). É um iceberg mais importante do que apenas aquele comportamento específico que está sendo analisado.

Sabemos que as ressonâncias da violência e do sofrimento podem causar muitos estragos numa família, provocando uma verdadeira estagnação relacional. São como ondas que se alastram e devastam tudo: a própria família, a comunidade, as relações sociais. Vão do micro, para o macro e vice-versa, reverberando em todos os lugares. A família pode aparecer em ressonância com a violência social, no nível macro, reproduzindo-a em seu próprio sistema, por exemplo. Adolescentes muitas vezes respondem à violência com a única linguagem que o aprendizado na adversidade da vida lhes ensinou: mais violência. Com isso, podemos dizer que a violência e o conseqüente sofrimento gerado, produzem ressonâncias muito maiores do que a história pessoal de cada família.

A violência sempre implica um descaminho para a formação das crianças e adolescentes. Pode haver um padrão de interação caracterizado pela rejeição e agressões mútuas, desentendimentos do casal, facilmente transpostos para a agressão corporal, atingindo todos os membros da família. Diante das dificuldades sócio-econômicas, pais podem exigir que filhos assumam papéis para os quais não estão preparados (física ou emocionalmente) (Rodrigues, 2000).

É sempre importante atentar para as relações perpetradoras de violência que encontramos no seio da própria família. Para Magagnin & Almeida (2000), o processo de vitimização, por exemplo, constitui uma forma do adulto aprisionar a vontade da criança, tornando-a cúmplice da relação violenta que se estabelece. É uma violência que pressupõe o abuso, capaz de criar dano físico ou psicológico à criança. Mas, essas violências podem ser silenciadas, ocultadas, por medo da punição criminal ou de destruir a imagem sagrada da família.

Segundo Galina (2000), quando a família não possui uma diferenciação estruturada, as dificuldades são passadas para as gerações seguintes. Para compreender a família é preciso buscar quais são as pautas repetitivas em sua história, fazendo ligações do comportamento atual com o das gerações anteriores, não de forma linear e definitiva, mas através do estudo da delegação de papéis e funções.

Para Prigogine (2000), grande parte do comportamento provém do que se produz “entre” as pessoas, e “entre” os diversos sistemas, suas interações, tipos de contato e condições às quais o sistema é submetido. Não podemos olhar sob a ótica da causalidade linear, pois, há uma rede de interações, na qual não se sabe quem é a causa e quem é o efeito. Nas relações humanas há retroações amplificadoras, ou seja, quando ajo de certa maneira, minha ação provoca uma reação nos outros e essa reação age como “efeito bumerangue” sobre mim.

Segundo Costa (2000), a perspectiva sistêmica também pretende avançar na visão de vítima e vitimizador, através do resgate da circularidade na compreensão do processo de expressão da violência na família. A violência aparece como um ato repetitivo e organizado de acordo com uma seqüência de padrões comunicacionais repetitivos estabelecidos entre as pessoas.

Neste mesmo sentido, Sudbrack (2000) alerta que precisamos evoluir de uma leitura linear, que vitimiza ou culpabiliza os sujeitos, para a compreensão dos processos relacionais. Sabemos que, em alguns casos, o único padrão de comunicação possível é a violência. A questão precisa ser abordada a partir dessa perspectiva relacional, levando em conta os dois pólos, o vitimado e o vitimizador, ambos parte de um mesmo sistema. Mas, apesar deste caráter de repetição, é importante destacar que, quando o termo “ciclo” for utilizado neste trabalho, enfatizaremos o caráter da recursividade, pois, são ciclos recursivos, não apenas repetitivos. A mudança é um elemento sempre presente nos sistemas. Quando um ciclo se repete, é em outro nível, as pessoas já não são exatamente as mesmas, apesar do padrão comunicacional continuar o mesmo. Para Von Foerster (2000), o pensamento sistêmico traz a idéia de que potencialidades de mudança estão no aqui e agora. Não faz sentido simplesmente dizer “a história se repetirá”, é importante reservar lugar ao acaso, ao novo.

Há um caráter dinâmico e, para Demo (2002), um constante processo de vir-a-ser. A complexidade é não-linear, pois implica equilíbrio em desequilíbrio, já que a segurança de algo fechado coincide com sua morte: a única maneira de permanecer é mudando. A complexidade é reconstrutiva, não apenas reprodutiva, se reconfigura através do tempo. É também um processo dialético evolutivo, pois está sempre presente a capacidade de aprendizagem. Nela, causa e efeito andam juntos.

Watzlawick (2000), refere não gostar do termo “compulsão a repetição”, por seu sentido patológico em si. Essa condição recursiva e repetitiva, na verdade, pode ser um tipo de mau funcionamento que, em determinado momento, é a única via possível para permitir que um sistema funcione e se adapte.

Pensando ainda na violência encontrada na população desta pesquisa, a proposta de redes sociais lança o germe para que a comunidade se organize, a partir de seus vínculos afetivos, rumo à solidariedade. A violência em uma comunidade pobre, porém solidária, jamais terá a mesma ressonância que a violência em uma comunidade pobre competitiva, caracterizada pelo isolamento entre as pessoas. (Sudbrack, 2000). Este pode ser o primeiro passo em direção à mudança que tanto almejamos em relação ao quadro da mortalidade juvenil de nosso país.

1.2 – MORTALIDADE JUVENIL

1.2.1 – Exclusão Social e Cenário Epidemiológico Brasileiro de mortalidade

Vimos que a violência pode tornar-se parte integrante do cotidiano de uma família e uma sociedade ao ser naturalizada e banalizada. No Brasil, percebemos que a crescente urbanização aparece como um dos fatores que tem gerado um aumento dos índices de violência e de mortalidade por homicídios. Segundo Ferreira & Penna, (2005), há o que podemos chamar de uma territorialização da violência - espaços desvalorizados nos quais fica enclausurada a população pobre. Esses espaços são apropriados pelas organizações criminosas que os tornam seus espaços de poder, deixando a população mais vulnerável ainda, devido à ausência de segurança pública e de instituições de controle.

Há que se ter cuidado, porém, com a associação direta entre pobreza e violência, pois, a pobreza *per se* é neutra em relação ao estímulo à violência. A pobreza e a desigualdade em si mesmas não explicam a violência. (Ehrlich, 2001; Peralva, 2001; Zaluar, 2004). Os mecanismos atuais são muito mais complexos e envolvem, entre outros fatores, o crime organizado e a crescente associação dos jovens com o tráfico de drogas e sua lógica perversa. Para Ferreira & Penna, (2005), no quadro da violência urbana, homicídios e assaltos estão ligados ao crime organizado direta ou indiretamente;

este, acentua a exclusão social, se favorece da pobreza e contribui para aumentá-la, ao incluir os jovens pobres no vício e na criminalidade, o que só gera mais exclusão.

As profundas desigualdades estruturais (econômicas e sociais), afetam sobremaneira a infância e adolescência. A falta de condições mínimas de sobrevivência, aparece como a violência básica da sociedade em relação às suas camadas mais vulneráveis (Magagnin & Almeida, 2000). Segundo Santos & Costa (2001), o quadro enfrentado por este segmento é de precárias condições em vários níveis:

- Habitação - ruas, barracos, cortiços, etc;
- Educação – não raro os adolescentes e crianças abandonam a Escola antes de concluir o ensino fundamental obrigatório, após repetências e outros insucessos;
- Falta de acesso à alimentação, vestuário, saúde;
- Trabalho Infantil– um número significativo de adolescentes já tirou da rua o próprio sustento e o dos familiares.

Sawaia (2004), traz uma reflexão interessante ao dizer que, a sociedade “exclui para incluir”(p. 8), o que torna a ordem social desigual, gerando um caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas. Em lugar da exclusão, o que se tem é a “dialética exclusão/inclusão” (p. 8). O pobre é constantemente incluído no nós que o exclui, gerando o sentimento de culpa individual pela exclusão.

Neste mesmo sentido, Wanderley (2004), fala que os excluídos não são simplesmente rejeitados física, geográfica ou materialmente, mas de todas as riquezas culturais, ou seja, seus valores não são reconhecidos. No Brasil, a discriminação é econômica, cultural, política e étnica. Uma grande parcela da população torna-se inútil socialmente, transformando-se em não-força social, pois, toda situação de pobreza representa um acúmulo de déficits e precariedades.

Encontramos, assim, um contexto no qual os homicídios tornaram-se “rotina”, banalizando o valor da vida e vitimando justamente as camadas sociais mais excluídas. O contato com a morte acaba tornando-se corriqueiro, cotidiano, não mais causando perplexidade a cena de um cadáver estendido na via pública. Paradoxalmente, esta mesma população é vista como ameaçadora e incômoda, pois, não são simplesmente pobres, mas, “bandidos em potencial”. Então, a partir dessa lógica, justamente as

vítimas preferenciais da violência urbana, são criminalizadas pelos agentes da repressão (policiais) e pela própria sociedade. (Ehrlich, 2001, Peralva, 2001, Bierrenbach, 1998; Guimarães de Souza, 2001).

Os preconceitos e estereótipos negativos projetados em relação aos pobres (bodes expiatórios do mal social), podem gerar efeitos de profecias auto-realizadoras: a pessoa interioriza de tal forma o preconceito que pode vir a ter comportamentos que confirmem as expectativas negativas, em um círculo que se fecha em si mesmo. (Bierrenbach, 1998; Jodelet, 2004, Zaluar, 2004).

O bode expiatório tem o objetivo de purificar a cidade. Segundo Zaluar (2004), diante de uma crise social, tal qual nas sociedades arcaicas, uma vítima inocente é escolhida não por seus supostos crimes, mas por ter sinais próprios do monstruoso, passando a incorporar todo o mal que atinge a coletividade. Soares (2005), corrobora esta visão ao dizer que esses personagens atuam como espelhos invertidos da sociedade: “estão lá, nas ruas, encarnando o mal para livrar a sociedade da identificação com esse mal. Sua função social é nos redimir do mal, chamando-o todo para si.” (p. 122). O que conseguem é destruir seu próprio futuro. Como exemplo vivo, podemos citar a visão negativa que nosso grande contingente de adolescentes pobres têm de si mesmos, muitas vezes com dificuldades de traçarem um projeto de vida fora da miséria e da criminalidade.

Ao pensar nesses adolescentes, Soares (2005) fala de *preconceito e indiferença*. Nos dois casos há a anulação da pessoa, mas por meios opostos. A indiferença negligencia a presença de alguém; já o preconceito, corresponde a uma hipervisibilidade, que ilumina uma imagem artificial e pré-construída, obscurecendo a individualidade da pessoa e tornando-a invisível. Passamos a ver só o reflexo de nossa própria intolerância. Lançar sobre uma pessoa um estigma, corresponde a acusá-la simplesmente pelo fato dela existir. Um encontro humano pressupõe ver e ser visto, pois, ver é relacionar-se: quando não se é visto e se vê, o mundo furta a interação, a troca, o reconhecimento, fechando-se à participação. Não pertencer é doloroso.

Essa ausência de visão, a nosso ver, permanece além da morte. A falta de visibilidade que estes meninos têm na vida, traduz-se na falta de importância que a sociedade dá as suas mortes. A violência só nos toca quando nos atinge diretamente, englobando como vítimas aqueles que consideramos nossos iguais. Nenhum olhar é

puro ou objetivo, pois, vem sempre carregado de expectativas e sentimentos, valores e crenças, compromissos e culpas, desejos e frustrações. Existem violências que nos tocam, outras não.

Segundo Morin (1976), o homicídio é um dado humano universal, pois, o homem é o único animal que mata o seu semelhante sem obrigação vital. Revela, assim, sentimentos próprios do humano: encarniçamento, ódio, sadismo, desprezo, volúpia. Quem mata, coloca seus sentimentos pessoais acima dos da espécie, a partir da satisfação de se afirmar pela destruição de alguém. O valor sagrado do individualismo é reservado apenas para si ou para os do seu grupo; todo o resto nem sequer é considerado como humanidade. O crime surge como uma necessidade de afirmação da própria virilidade: é a própria iniciação viril, que comporta morte e renascimento, mas, em vez de se morrer, é outro que é sacrificado. O sacrifício de outra pessoa, por si próprio, tenta libertar da angústia através da transferência mágica da morte para o bode expiatório – “a morte que me espreita não será para mim, mas sim para aquele que eu mato”. (Morin, 1976; p. 160). A incógnita fica quando a matança é realizada para os iguais, não para aqueles considerados diferentes, como veremos ao longo deste trabalho.

Para Zaluar (2004), o quadro da mortalidade mudou no país. Não são mais as crianças desnutridas que morrem, mas sim os adolescentes acima de 14 anos. O crescimento da violência no Brasil pode ser verificado pelo aumento expressivo das taxas de mortalidade por homicídio no período de 1980 a 2000. Segundo dados Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM)⁴, trazidos por Vasconcelos & Costa (2005), a taxa saltou de 11,4 homicídios por 100 mil habitantes em 1980 para 26,7 em 2000, representando um aumento de 130%. Entre as causas externas (homicídios, suicídios e acidentes), em 1980, os homicídios representavam apenas 17,2% do total de óbitos nesse grupo de causas. Em 2000, saltou para 38,3%. Em números absolutos, contabilizou-se 45.416 homicídios, em 2000, contra 13.910, em 1980, um aumento de 220%, o que significa um número de 124 homicídios por dia!

As armas de fogo são responsáveis por mais de 39 mil mortes ao ano no Brasil. Waiselfisz (2005) diz que no Brasil, há mais probabilidade de se morrer vítima de uma arma de fogo do que em países conflagrados por guerras. Dados do SIM também revelam que entre 1979 e 2003, acima de 550 mil pessoas morreram no Brasil resultado

⁴ Ministério da Saúde. *Sistema de Informações sobre Mortalidade*. (2002). CD – ROM.

de disparos de algum tipo de arma de fogo. Nesses 24 anos, as vítimas de homicídio por armas de fogo cresceram 542,7%, enquanto a população do país cresceu 51,8%. Segundo Zaluar (2001), se a justiça não funciona, as armas de fogo são extremamente eficazes para destruir desafetos e rivais, para dominar as vítimas, para amedrontar possíveis testemunhas e criar respeito entre comparsas e policiais, garantindo a impunidade.

Dados revelam ainda que onde as armas de fogo realmente explodiram foi na mortalidade entre jovens, tornando-se a principal causa de mortalidade. Passou de 7,9%, do total de mortes juvenis em 1979, para 34,4%, em 2003. Isso significa que **um em cada três jovens que morrem no país é ferido por bala**. As 2.208 mortes juvenis por armas de fogo em 1979 representavam 31,6% do total de vítimas. Já em 2003, os 16.345 jovens que morreram por armas de fogo representaram 41,6% do total de vítimas. (Waiselfisz, 2005). A participação dos jovens na macabra contabilidade das mortes por armas aumentou de forma constante e progressiva.

Zaluar (2001), diz que entre 1980 e 1995, 95% das pessoas que morreram vítimas de armas de fogo eram do sexo masculino. A violência contra homens parece ter mais visibilidade, talvez pelo fato dos homens sofrerem mais violências que levam a óbito, o que os torna visíveis nos índices de mortalidade. A violência por causas externas (acidentes e assassinatos) parece ser uma questão do mundo dos homens.

Um último fator a ser levantado é que a tendência da violência no país além de ser juvenil, é também urbana. No conjunto da população brasileira, no ano de 1998, a taxa de óbitos por homicídios em 100 mil habitantes foi 25,9; enquanto nas capitais dos Estados a mesma taxa foi de 45,1; e, entre os jovens (15 a 24 anos), moradores das capitais, essa taxa foi de 88,8. (Vasconcelos & Costa, 2005). Segundo Waiselfisz (2004), os avanços homicidas das últimas décadas no Brasil são explicados, exclusivamente, pelo incremento dos homicídios contra a juventude.

Temos de pensar: a que se deve este fato? Como se pode reverter este quadro? Qual a questão principal envolvida no processo de desenvolvimento masculino que facilita esta perpetração? O quadro de risco para homicídios, segundo o Ministério da

Saúde (2002)⁵, é: adolescentes e adultos jovens, do sexo masculino; residentes em áreas pobres e periféricas das grandes metrópoles; de cor negra ou descendentes dessa etnia; com baixa escolaridade e pouca ou nenhuma qualificação profissional. Frequentemente, no entanto, os violentados passam a ser encarados como os violentos. Os preconceitos crescem, portanto, exclusão moral à econômica na vida desses adolescentes. Como nos diz Soares (2005), “um tem a cor do poder e o outro, da miséria.” (p. 77).

A brutalidade destes números, nos leva a refletir sobre a situação dos seres humanos que se encontram por trás das estatísticas. Há algo de muito simbólico, uma trama difícil de ser revelada e compreendida por equações simples. Ainda mais se pensarmos que por trás dessas armas encontram-se outros adolescentes, os quais, muito provavelmente, também virão num futuro (não muito distante) engrossar ainda mais as estatísticas desta guerra silenciosa. Só pode haver algo que captura e arrebatava esses jovens num nível bastante subjetivo.

Para Morin (1976), a guerra traz em si uma atitude mágica, sacrificial; a morte já não é sentida traumáticamente, nem sequer é “*vista*”: “é a morte no campo de batalha, sem padre e sem sepultura” (p. 41). Assim, no momento da tensão heróica da batalha, tudo o que há de humanidade na morte (consciência, traumatismo, imortalidade) pode ser abolido com o próprio humano na solidariedade animal, na luta bestial, na obsessão pura da agressão e da defesa. Nos períodos de guerra, os temores da morte desaparecem, pois, “a morte é uma idéia de civil” (p. 42). Nas devidas proporções, podemos extrapolar esta visão e dizer que a guerra urbana guarda semelhanças com esta situação. O menino torna-se também um soldado, que busca ao preço de sua vida o reconhecimento como herói, mesmo que seja o valor de um herói sem causa.

1.2.2 - Contextualização da Mortalidade Juvenil no Distrito Federal

A partir do quadro geral exposto em relação à mortalidade juvenil no Brasil, precisamos contextualizar agora a realidade específica desta ocorrência no Distrito

⁵ Política Nacional de Redução de Morbimortalidade por Acidentes e Violências: Portaria MS/GM nº 737 de 16/5/01 publicada no DOU nº 96 seção 1e, de 18/5/01 / Ministério da Saúde. - Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

Federal. Para tal, é importante conhecer as especificidades da formação de Brasília e sua segmentação urbana, dividida entre Plano Piloto e Cidades Satélites.

Infelizmente, a capital do Brasil não conseguiu fugir do quadro de pobreza/exclusão e violência que caracteriza os cinturões de pobreza dos grandes centros urbanos. Segundo Paviani, Ferreira & Barreto (2005), a organização geográfica de Brasília segue o mesmo padrão de outras metrópoles de nosso país: periferias pobres, carentes de infra-estrutura e zona central (Plano Piloto), socioeconomicamente bem dotada, constituindo um verdadeiro *apartheid* urbano.

Inicialmente, a cidade de Brasília foi projetada para ser una e igualitária, a partir do Plano Piloto; com o passar do tempo, porém, passou a ser polinucleada, tornando-se excludente. A promessa de uma vida melhor, com maiores oportunidades de emprego, trouxe ao planalto central um grande contingente populacional de migrantes que atualmente engrossa o quadro de pobreza nas cidades satélites.

Com o objetivo de preservar a arquitetura modernista e o caráter monumental da capital, o poder público estabeleceu vários programas e políticas habitacionais para conter a presença de invasões e favelas no Plano Piloto: “No centro, esmero nas soluções urbanístico-arquitetônicas; na periferia, carências, descompromisso e demora no atendimento básico”. (Paviani, 2005, p. 194)

Os moradores das cidades satélite falam de um sentimento forte de segregação. Sentem-se excluídos da cidade de Brasília, vivendo em lugares que apresentam carências múltiplas em termos de qualidade de vida, possibilidades de emprego nas localidades de residência, acesso a serviços, etc. Formou-se, assim, uma malha urbana dispersa, com fortes desigualdades espaciais, de renda e de condições de vida. O Plano Piloto concentra as infra-estruturas, as rendas e os empregos, enquanto a periferia, acumula as baixas rendas e as condições de vida precárias. Essa apartação também enseja o tráfico de drogas e o aumento da criminalidade. (Ferreira & Penna, 2005). Esse quadro de desigualdades socioespaciais reflete-se nos índices de homicídio encontrados no DF. Quando as Regiões Administrativas do DF são agrupadas em três grupos de acordo com a renda, percebe-se que aquelas nas quais o rendimento médio mensal da família é menor, concentram a maior proporção de homicídios. A região da qual a cidade em que foi realizada a pesquisa faz parte, responde por 62% do total de homicídios do DF. Sendo assim, os lugares com atendimento deficiente de serviços

públicos, com precária infra-estrutura, oferta de serviços e lazer são flagrantemente os mais afetados pela violência.

Seguindo a tendência nacional, o Distrito Federal também apresentou taxas crescentes de homicídios nas últimas décadas. Entre 1980 a 2000, a taxa de homicídios no DF passou de 12,3 para 33,3 óbitos por 100 mil habitantes, equivalendo a um aumento de 169%, que é superior à taxa de crescimento nacional (130%). Essas taxas cresceram mais aceleradamente a partir de 1986, tendo seu ápice em 1994 (34 homicídios por 100 mil habitantes), estabilizando-se depois. Segundo Vasconcelos & Costa, (2005), os dados do Ministério da Saúde permitem também conhecer características das vítimas, como o sexo. Observa-se que entre os óbitos por homicídios (2.038) registrados no DF no período de 1999 a 2001, 92,7% são do sexo masculino.

No que se refere à distribuição etária da mortalidade por homicídios, os dados revelam que é a população jovem a mais atingida pela violência letal. Mais da metade (52%) das vítimas dos homicídios registrados no DF entre 1999 e 2001 tinham menos de 25 anos. Entre 15 e 24 anos, concentram-se 45% do total de óbitos por homicídios neste período. As armas de fogo são responsáveis por 71% dos homicídios e são utilizadas principalmente quando a vítima tem idade entre 15 e 24 anos e é do sexo masculino. Nesta faixa etária, 83% das vítimas, morreram por arma de fogo. O fácil acesso a armas é um dos principais fatores de risco para a mortalidade por homicídios, sobretudo nas faixas etárias mais jovens. (Vasconcelos & Costa, 2005). A tendência urbana e juvenil aparece também nos dados que demonstram que enquanto no conjunto da população urbana a taxa de mortalidade é de 38,8%, dentre a população jovem é de 77,6%.

Mais um ponto importante trazido por Vasconcelos & Costa (2005), é que não são os migrantes, mas a segunda geração que mais facilmente escolhe o caminho da delinquência quando jovens, por já ter incorporado os valores materiais de sucesso das grandes metrópoles sem haver conseguido obter as oportunidades ou meios legais para atingi-los. Apesar desses segmentos serem os mais expostos à violência e à mortalidade violenta, não podemos afirmar que o nível de renda explique isoladamente o fenômeno. É preciso um olhar multidimensional para determinar as causas da violência.

Um ponto importante é que há no registro da violência uma marca indisfarçável da discriminação. Segundo Mello (2004), parece que a sociedade deve reconhecer que há mortos dignos e outros indignos:

“quando a guerra de extermínio dos jovens acontece na periferia, não há nomes e nem pressões sobre os órgãos de repressão. Há um silêncio social tácito sobre essa violência. Há violências que não contam, como se fossem ritos necessários à depuração da sociedade.”(Mello, 2004, p. 139).

Essa é uma visão bastante cruel, porém, retrato fiel da triste realidade do DF e de nosso país. Constatação esta, que gerou a hipótese a ser investigada neste trabalho.

A produção científica do PRODEQUI tem enfatizado, nos últimos anos, a importância da realização de um trabalho que dê voz e visibilidade a adolescentes em conflito com a Lei e suas famílias. O Projeto Fênix, realizado junto a famílias com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa e envolvidos com drogas, ajudou no resgate das competências das famílias e no fortalecimento de suas redes de proteção. Dentro deste projeto, destacamos duas produções importantes: a dissertação de mestrado de Sandra Eni Nunes Pereira e intitulada “*Drogadição e atos infracionais entre jovens na voz do adolescente em conflito com a lei do DF*”⁶ e a tese de doutorado produzida por Maria Aparecida Penso, intitulada “*Dinâmicas Familiares e Construções Identitárias de Adolescentes Envolvidos em Atos Infracionais*”⁷. Estes trabalhos enfatizam a necessidade de um olhar reflexivo sobre os adolescentes pobres, sobretudo, daqueles que se encontram em conflito com a Lei. O quadro local de mortalidade juvenil acima exposto reforça esta necessidade, já que os adolescentes em conflito com a Lei, acabam mais expostos a serem vítimas de violência.

O projeto Fênix na Comunidade, do qual participamos, surgiu como um desdobramento deste grande projeto inicial, visando um trabalho preventivo com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa e suas famílias, trazendo-nos a possibilidade de conhecer melhor as tramas desta saga de violência e morte. A

⁶ PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes (2003) *Drogadição e atos infracionais entre jovens na voz do adolescente em conflito com a lei do DF*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.

⁷ PENSO, Maria Aparecida (2003). *Dinâmicas Familiares e Construções Identitárias de Adolescentes Envolvidos em Atos Infracionais*. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de Brasília

imagem da Fênix, metáfora deste projeto, é emblemática. Traz em si o paradoxo da morte-renascimento. Fica a questão: é possível que essas famílias renasçam das cinzas numa verdadeira transformação? Acreditamos nesta possibilidade como forma de modificar esse quadro.

1.3 - LUTOS, PERDAS E VIOLÊNCIAS NO CICLO DE VIDA FAMILIAR

1.3.1 - Lidando com a Perda

Segundo Tubert (1999), a palavra **morte** aparece como algo indefinível, quase impronunciável, impossível: “o significado da morte na verdade nos escapa, é impossível representar-se a própria morte, ainda que ela possa ser reconhecida como destino, como ponto de referência para a vida.” (p. 147)

A fim de que possamos compreender a questão do luto em sua complexidade, precisamos pensar no imaginário social com relação à morte, levando em conta seus aspectos culturais em nossa sociedade contemporânea. A morte também tem história. Para Morin (1991), "cultura e sociedade encontram-se em relação geradora mútua, e, nesta relação, não esqueçamos as interações entre indivíduos, que são eles próprios portadores/transmissores de cultura; estas interações regeneram a sociedade, a qual regenera a cultura." (p. 17)

Para Bowen (1998), o homem é indivíduo e, ao mesmo tempo, parte do “amálgama social-emocional no qual vive” (p. 105). A morte é um evento biológico que encerra uma vida. Nenhum evento vital é capaz de suscitar nos indivíduos mais pensamentos dirigidos pela emoção e mais reações emocionais traumáticas naqueles à sua volta. O luto é o processo de elaboração da perda de pessoas próximas, com uma grande carga energética vinculada. É o processo necessário para que a ferida sare, cicatrize (Kovács, 1992). Porém, em alguns casos, as feridas parecem ficar eternamente abertas. A morte surge como algo incompreensível que a civilização tenta ocultar, já que não pode suprimir, é como uma herança anacrônica. Em geral, os fenômenos que circundam a morte são ocultos ao máximo em tabus reforçados, e não enquanto fenômeno normal e natural (Lepargneur, 1986).

Na sociedade medieval, a morte não era um interdito. Fazia parte do cotidiano, não sendo um horror absoluto, pois havia espaço para se falar sobre ela. É claro que o horror sempre existiu, pois, a morte é o contato com o total desconhecido, o nada, que gera medo e ansiedade. Mas, talvez devido ao fato da morte ser mais freqüente (40 anos era a perspectiva de vida), havia espaço para falar sobre ela. Da mesma forma, as crenças religiosas apaziguavam o temor do que viria depois (Ariès, 1986). Atualmente, vivemos um processo de negação da morte que deixa, evidentemente, seqüelas graves na psique. Seus sintomas manifestam-se de diferentes maneiras, indo da simples negação até o pavor extremo que causa depressões e outros tipos de disfunções.

Lepargneur (1986) diz que se não podemos eliminar a dor por completo, temos de “amansá-la”. Seu sentido pessoal depende do lugar que lhe reservamos a partir de nossa visão pessoal do mundo, nossa fé, nossa experiência, nossa coragem ou nosso medo. Ela pode ser destino ou aprendizado: “Dar sentido à dor, é devolver-lhe o troco ou agradecer o favor, como convier a cada um”. (p. 23). A dor e o sofrimento são peças constituintes do humano, sempre confrontados com a busca de sentido.

De acordo com Morin (1976) a dor provocada pela morte só existe se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida: quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado, respeitado, único, mais a dor é violenta. Há poucas perturbações na morte de um ser anônimo, que não era insubstituível. O autor ainda enfatiza: “Escutemos as nossas bisbilhotices: a morte de uma vedete do Cinema, de um jogador de futebol, de um chefe de Estado ou do vizinho do lado é mais fortemente sentida do que a de dez mil hindus afogados numa inundação.” (p. 31). Extrapolando para nosso tema de pesquisa, adolescentes pobres não são vistos pela sociedade enquanto seres imprescindíveis; não são vistos como o futuro que dará continuidade a nosso país; não têm uma função social importante, muito antes pelo contrário. Talvez por isso, sua morte não toque tanto os cidadãos. Morin (1976), diz ainda que, quando o morto não está individualizado, apenas existe indiferença e simples mau cheiro. O horror cessa perante a carcaça do inimigo, do traidor, que é deixado para “apodrecer como um cão” (p. 32), porque não é reconhecido como homem.

Para Bromberg (1994), o processo de elaboração de um luto segue um roteiro de fases: entorpecimento (período onde a pessoa ainda não realizou o fato); anseio e procura; desorganização; início da percepção; reorganização. Essa divisão tradicional

ajudou a entender o luto, mas atualmente se busca observar mais os ‘padrões’ de comportamento, com enfoque nos indivíduos, do que referências cronológicas. Trabalha-se mais com uma construção de significados para determinada morte, para as suas vidas antes e depois daquela perda. Não podemos esperar seqüências e estágios fixos, pois há uma enorme diversidade na forma como cada família irá lidar com a situação de perda.

As crenças religiosas ou os sistemas filosóficos de pensamento tendem a ser uma interface importante entre a morte e seu comportamento adaptativo da família. A fé pode tanto aliviar como exacerbar a tristeza, a raiva, a culpa e a depressão que acompanham ou se seguem à morte de um ente querido. É preciso conhecer o sistema de valores da família e suas práticas religiosas, bem como sua filosofia de vida (Coleman, 1998).

1.3.2 - A Morte de um filho no Ciclo Vital da Família

Toda família possui um ciclo que obedece a um roteiro pré-estabelecido: casamento, nascimento dos filhos, crescimento, meia-idade, velhice e morte. Quando esta lógica é desafiada pela morte de um filho, o impacto gerado na família é maior, pois são situações que revertem as expectativas geracionais, ocasionando um sofrimento devastador e traumático. Uma perda prematura é mais difícil de ser suportada, pois, parece injusto que alguém morra “*antes do tempo*”. Torna-se importante um olhar a partir de uma Linha de Tempo, pois, essa morte pode vir a desencadear novos eventos, como também já ser resultante de eventos anteriores (ressonâncias) (Walsh & McGoldrick, 1998).

Sabemos que em todas as culturas, os rituais de luto facilitam a integração da morte e as transformações daqueles que permanecem. Cada cultura, a seu modo, oferece assistência à comunidade de sobreviventes. A perda pode ser vista como um processo transacional que envolve o morto e os sobreviventes em um ciclo de vida comum, que reconhece tanto a finalidade da morte, quanto a continuidade da vida. É preciso achar o equilíbrio. Segundo Morin (1976),

“(…)o luto exprime socialmente a inadaptação individual à morte, mas, ao mesmo tempo, é o processo social de adaptação que tende a fazer cicatrizar a ferida dos indivíduos que sobrevivem”. (p. 75)

Para Walsh & McGoldrick (1998), a morte impõe os desafios adaptativos mais dolorosos para a família como sistema e para cada um de seus membros individualmente, com ressonâncias em todos os relacionamentos. Os múltiplos sentidos de qualquer morte são transformados durante todo o ciclo de vida. A morte de um filho envolve a perda dos “sonhos e das esperanças dos pais” (p. 63), modifica a estrutura familiar e requer a reorganização do sistema como um todo: “quando seus pais morrem, você perde seu passado; quando seus filhos morrem, você perde seu futuro” (Walsh & McGoldrick, 1998, p.63). Dificuldades parentais negligenciadas quando da morte de um filho podem se apresentar pelo comportamento sintomático de um irmão. Embora uma família não possa mudar seu passado, as mudanças no presente e no futuro ocorrem em relação a ele: “(...) reconstruir sua história e colocar suas perdas em uma perspectiva mais funcional é uma parte essencial para ajudá-las a mudar suas relações com o passado e o futuro.” (Walsh & McGoldrick, 1998, p. 33).

Segundo Ausloos (1998), crise e gestão do tempo são noções estreitamente vinculadas. Em famílias mais **rígidas**, é como se o tempo ficasse parado, tornando-se importante mobilizar o tempo de modo a permitir-lhes realizar projetos que tenham futuro. Em famílias com relações **caóticas**, ao contrário, é preciso frear o tempo dos acontecimentos, introduzir o conceito de durabilidade, devolvendo-lhes um passado, uma história, a fim de permitir-lhes um futuro com a noção de permanência. Em ambos os padrões, o passado não é utilizado e não se pode planejar o futuro. Há um presente sem futuro.

Outro aspecto do Tempo, é que se torna necessário espaço e tempo certo para que a vivência do luto seja elaborada. Não estamos falando aqui de um tempo cronológico, mas sim, de um tempo subjetivo; do tempo necessário para conseguir conviver com a dor, levando adiante planos e projetos. Segundo Bowen (1998), o equilíbrio da unidade familiar é perturbado seja pela chegada, seja pela perda de um membro. O tempo necessário para que a família estabeleça um novo equilíbrio emocional depende de sua integração emocional e da intensidade da perturbação.

Uma das tarefas adaptativas propostas por Walsh & McGoldrick (1998), é o reconhecimento compartilhado da experiência comum da perda. Nela, todos os membros da família devem confrontar a realidade da morte que os atinge e comunicar abertamente os fatos e circunstâncias da morte. Compartilhar essa experiência, seja de

que modo for, é fundamental para a boa adaptação da família. A perda do controle ao vivenciarmos sentimentos tão avassaladores, pode bloquear a comunicação da experiência, tornando os relacionamentos rígidos e levando ao isolamento. Há risco de paralisar na ressonância do luto, pois, na vivência solitária do luto, a dor é muito pior. As questões não resolvidas acabam ficando ocultas e, provavelmente, encontrando outras vias de expressão, talvez nem sempre as mais saudáveis. Cada um tem respostas diferentes: alguém pode expressar só a raiva, outro, só tristeza. Como exemplo, podemos citar uma passagem ao ato, um sintoma corporal ou um distúrbio afetivo. Bowen (1998), chama isto de *tremores secundários subterrâneos*, que podem ocorrer em qualquer parte do sistema familiar extenso nos meses ou anos após um evento emocional importante para a família. Pode incluir sintomas em nível físico (diabetes, por exemplo), emocionais (depressão, fobias) e sociais (alcoolismo, fracasso escolar, fracasso nos negócios). São eventos que se propagam e amplificam como ondas concêntricas dentro da família e que extrapolam as reações normais de luto.

Consoante Rodrigues (1983), nas classes populares, em que a morte é comum por violência ou precariedade de vida, as pessoas tendem a se habituar e a gerar “anticorpos” em relação ao tema. Esse fato acarreta em danos para o processo de elaboração do luto, pois, essas situações trazem risco de que as pessoas desenvolvam um luto complicado, tendo em vista que são sobreviventes da violência generalizada. Como têm de se defender, acabam “não se importando mais”. Há uma banalização do fato, havendo pouco questionamento acerca da experiência vivida. Esta talvez consista na ressonância mais difícil para estas famílias, pois, como o luto não é elaborado, a dor continua presente e causando danos aos sobreviventes, que demonstram dificuldade em achar um sentido em suas vidas. Neste contexto, não há um suporte para ajudar as famílias em seu processo de adaptação à perda. É importante que possamos pensar nos impactos e efeitos a curto e a longo prazo, sobre pais, irmãos e família extensa.

Cada família é um universo diferente em si mesmo, apesar de enfrentarem situações similares. Os sistemas familiares precisam encontrar formas de se adaptarem ao que mudou, traçando novos planos futuros. Toda crise é um momento em que as mudanças estão sendo produzidas. (Ausloos, 1998). Outra tarefa proposta por Walsh & McGoldrick (1998), é a reorganização do sistema familiar e o reinvestimento em outras

relações e projetos. O processo de recuperação envolve o realinhamento das relações e a distribuição dos papéis para compensar a perda e prosseguir com a vida familiar.

Existem vários fatores que influenciam a adaptação familiar à morte. Um deles é a forma da morte. No caso de nossa pesquisa, é preciso estar atento para o fator morte repentina e violenta, a qual é geradora de muito stress para a família. Não há tempo para antecipar e se preparar para a perda, como ocorre em um caso de doença:

“Para a família de uma vítima de homicídio, o luto pode ser interminável se os membros acreditam que a justiça não foi feita. Uma comunidade inteira pode ser traumatizada pelos crimes violentos que atingem desproporcionalmente as famílias das áreas urbanas pobres.” (Walsh & McGoldrick, 1998, p. 40)

A morte de um adolescente pode ser particularmente traumática nesta fase do ciclo da vida, pois, a tarefa evolutiva primária da separação do adolescente entra em conflito com a experiência da perda. Quando a morte está associada a comportamentos arriscados, a família pode ter sentimento de raiva em relação ao filho morto, frustração em relação ao seu comportamento impulsivo e tristeza pela perda sem sentido.

A morte de jovens por situação de violência remete muitas vezes a uma total exposição do mesmo a situações de perigo. Tal qual um suicida, parecem não acreditar que as coisas possam mudar ou melhorar. Há, como nos fala Gutstein (1998), a idéia de que a vida não vale a pena ser vivida no presente e que algo foi perdido ou alterado, tornando certo o fato de que a vida nunca mais valerá a pena ser vivida. Ao se investigar a história multigeracional, aparecem muitos comportamentos autodestrutivos, abusos, violência, divórcios, abandonos, conflitos duradouros e rompimentos emocionais que caracterizava as relações familiares ao longo das gerações.

A morte sempre deixa um legado, quer seja de fortalecimento ou de trauma, afetando os relacionamentos dos sobreviventes. Para fortalecer essas famílias, é preciso ajudá-las a examinar os legados negativos, definindo ativamente seu futuro, desenvolvendo formas mais abertas de responder à morte. É preciso reforçar a estrutura sócio-familiar e pensar em um espaço que possa acolher suas vivências. Apenas as redes sociais que as envolvem podem trazer uma sensação de segurança e um ponto de apoio para aqueles que foram vítimas de alguma situação extrema de violência, pois, torna-os fortalecidos.

Um ponto importante para Ausloos (1998), é que o processo não retrocede nunca, não se pode tentar ser como antes, só depois; não há como parar a flecha do tempo. Por isso, a família precisa descobrir formas de se adaptar ao que mudou. Não se pode retroceder, este é um mistério que nos ajuda a evoluir.

Devemos acreditar na possibilidade da mudança. O que serve em um determinado momento pode não servir no outro. Isto faz parte do movimento da vida. Qualquer sistema vivo é colocado diante de problemas aos quais está apto para resolver. Crises são momentos em que mudanças estão sendo produzidas. Em lugar de combater a crise não seria melhor buscar o que há de construtivo em determinadas vivências que se tornam inevitáveis? Este pensamento é importante no enfrentamento de uma situação de morte. O tempo é o enigma que transparece como pano de fundo em todas as manifestações e pensamentos humanos. Ele é existencial, social, cósmico e orgânico. Ora é linear, circular, finito ou infinito: "A tematização do tempo parte da própria condição humana: momento de consciência entre dois mistérios - o do nascimento e o da morte, um momento de tempo existencial entre dois extremos de não-tempo." (Aguilar, 2000, p.77).

Demo (2001), também fala no significado da *flecha do tempo*, termo cunhado por Prigogine (1984), no qual todos os processos são irreversíveis, estabelecendo a realidade do eterno vir-a-ser, sem, no entanto, sabermos exatamente para onde vamos.

1.4 - SITUAÇÕES DE RISCO E ADOLESCÊNCIA

O processo de identificação ocorre ao longo de toda a vida, a partir dos relacionamentos que vão sendo estabelecidos pelas pessoas. Na verdade, seu início virtual antecede a constituição do próprio sujeito, uma vez que, no imaginário dos pais, heranças psíquicas e culturais criam um contexto a ser incorporado pelo indivíduo na constituição de sua subjetividade. (Levisky, 2001). Sendo assim, a família surge como protagonista na formação da identidade do ser humano. É a partir da família e das experiências emocionais vivenciadas que são introjetados os primeiros modelos de identificação. Onde se ancora o presente se organiza o futuro e este é o fator que move a vida e as transformações biopsicossociais surgidas através das gerações. Blay Levisky, (1998), nos fala:

“para mim torna-se imprescindível investigar o sentido de nossas heranças, de nossas raízes, para fundamentar a nossa existência. Para ter a possibilidade de saber qual é o nosso papel neste mundo, assim como realizar nossas escolhas, é de essencial importância que conheçamos e respeitemos nossas origens e nossa história.” (p. 175).

Tubert (1999) corrobora esta idéia, ao dizer que a fase da adolescência é produto de uma história que se inicia com o nascimento da criança e, antes mesmo, quando aparece o projeto de sua vida na história daqueles que a geraram. Deixamos aqui uma provocação: e quando as origens e a história já falam de uma imersão na violência? Será que há como fugir do destino? E quando a família também é carente de todo apoio em qualquer nível (emocional, econômico, etc), conseguirá dar um bom suporte a seus descendentes?

Infelizmente, como vimos anteriormente, a violência pode se fazer presente no seio da própria família, sendo mais uma faceta de sua expressão. Muitas vezes, violências física e moral são praticadas dentro da própria casa. De acordo com Sudbrack (2000), as famílias em que ocorrem maus-tratos consistem em sistemas caóticos. As relações aparecem contaminadas por um padrão de comunicação caracterizado por uma constante passagem ao ato, com dificuldades de expressão das emoções e de resolução de conflitos por uma via mais socializada. Os comportamentos violentos podem predominar sobre os atos de palavra, mesmo no enfrentamento de questões corriqueiras do cotidiano familiar. É preciso resgatar os pais em suas competências e funções educativas, a partir dos vínculos afetivos existentes, pois, adolescentes vítimas de violência em sua infância carregam o mais alto risco de se tornarem perpetradores de violência também.

Quando pensamos nos adolescentes perpetradores de violência e expostos a situações de risco, temos que levar em conta a dimensão da teia familiar e sua configuração. Em nossa visão, ao encararmos a violência sofrida e praticada por esses jovens, seria muito reduutivo pensá-la apenas a partir de aspectos pessoais ou da macro-estrutura cultural. Uma compreensão real do problema só se dará a partir de uma dimensão que inclua a família desses adolescentes. Esses jovens são os elementos mais sensíveis ao sofrimento social e familiar. Portanto, tornam-se os porta-vozes do sofrimento que se faz presente em vários níveis, através da passagem ao ato, ressoando,

perpetuando e reforçando o ciclo recursivo de violências sofridas, vividas, causadas. Não podemos esquecer também, da dimensão transgeracional na transmissão de padrões de violência em suas histórias de vida: de crianças mal-tratadas (vítimas de violência doméstica, entre outras), passam a adolescentes (e mais tarde adultos, pais) violentos. É preciso encontrar formas de quebrar com esta repetição. Por isso, não há como pensar em um trabalho preventivo sem a inclusão das redes sociais do adolescente, principalmente, as famílias.

Na outra ponta do problema, encontramos a dimensão social. Muitos jovens se cristalizam nos seus desvios por falta de oportunidades. As dificuldades para encontrarem um trabalho digno e manterem-se na escola, por exemplo, complementam este quadro, numa sociedade que “privilegia o lucro, o individualismo, a liberdade, o cinismo em detrimento da qualidade dos valores humanos que deveriam fazer parte do espírito de coletividade e solidariedade.” (Levisky, 1998 p. 24).

Drogas e atos infracionais também podem ser buscas de saída para crise identitária e de anestesia frente ao sofrimento. Na essência, os mitos da adolescência ainda são os mesmos das culturas primitivas. Caracterizam-se pelo desafio, coragem, descoberta dos próprios potenciais físicos e psíquicos. No passado, o jovem estava submetido às leis e ritos impostos e aceitos pelo grupo social:

“Hoje se matam no asfalto e se inebriam no perfume da droga que corre pelas suas veias, patrocinados pelos adultos que os seduzem a ir para a frente de batalha em algum ponto de crack ou numa favela da vida(...)” (Levisky, 1998; p. 24).

Segundo Abramovay (2003), no Brasil, o medo, a exposição à violência e a participação ativa em atos violentos e no tráfico de drogas são marcas identitárias de uma geração, de uma época na qual vidas jovens são ceifadas. O que ocorre hoje na América Latina só é equiparável a circunstâncias de guerras civis ou entre países. A violência que mata e sangra é a marca dos tempos atuais e não peculiar de uma classe, a pobre, o que também adverte a propriedade de se considerar a juventude no plural.

Vivemos um clima de insegurança nas relações entre os cidadãos, “um tempo em que já é um luxo não temer os demais seres humanos” (Teixeira, 2001, p. 208). Como agravante, aparece a descrença nos mecanismos reguladores da convivência coletiva como, por exemplo, o sistema de justiça. A partir dessas circunstâncias, alguns cidadãos

julgam ilusoriamente que a paz pública possa ser garantida através de medidas repressivas, legitimando soluções sintomáticas como o justiceiro, a pena de morte, a tolerância com a tortura e a redução da idade penal.

A redução da idade penal é a proposta de uma solução equivocada para o clamor pela paz pública e pela segurança dos cidadãos. É uma forma ilusória de oferecer ao conjunto da sociedade uma solução simplificadora, para um fenômeno complexo, ao se imaginar a erradicação da violência pelo encarceramento de adolescentes no sistema prisional. É colocada, assim, na esfera da segurança pública aquilo que é da ordem das políticas sociais básicas e protetivas, aquilo que é da ordem da construção de um projeto de sociedade mais amorosa para com sua juventude. Há uma lógica vingativa da sociedade em relação à juventude. Esta é outra ferida de nosso tempo (Teixeira, 2001).

Ao mesmo tempo, a legislação brasileira atual, através do Estatuto da Criança e do Adolescente, tem caráter eminentemente protetor no tocante aos jovens. A criação do ECA⁸ veio a auxiliar na mudança da visão da situação irregular de crianças e adolescentes, ao introduzir dimensões pluralistas e socialmente comprometidas com a proteção integral em relação a essa fase da vida. Ficam, assim, preservados os seus direitos e garantias fundamentais tais como: saúde, educação, liberdade, dignidade, etc.

A família, enquanto o primeiro socializador e os outros grupos de inserção (escola, comunidade) têm de oferecer um ambiente sadio e ético, promovendo a construção da cidadania e protegendo os adolescentes dos riscos que correm. O Judiciário, também deve proteger a criança e o adolescente dentro de suas atribuições. Infelizmente, na prática, isso nem sempre ocorre, seja por uma falha pessoal ou porque não são propiciados, pelo Poder Executivo, os meios necessários e adequados à perfeita aplicação da lei protetora. De qualquer forma, é preciso valorizar esta mudança de olhar sobre a juventude (Guimarães de Souza, 2001).

Dentro de uma visão sistêmica, a marginalidade e o comportamento desviante passam também a serem portadores de um sentido e de uma função, tanto pessoal como social. Deixando de lado os preconceitos, é possível perceber que esses comportamentos são uma forma do adolescente pedir uma continência e um olhar. Um adolescente infrator não deve ser retaliado, excluído do convívio social, de forma a determinar que seu destino já esteja selado. O confinamento só deve ocorrer em casos extremos. Dentro

⁸ Promulgado pela Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990.

desta perspectiva, esses adolescentes também precisam ser protegidos e deve-se promover a reintegração do jovem na sociedade.

Esperamos que todo o quadro que foi acima exposto possa nos servir de alerta, ajudando nas elaborações sobre a adolescência atual de uma forma mais inclusiva, mas que, ao mesmo tempo, nos ajude a pensar as diferenças. Olhar esta equação de forma linear não funciona mais. Resgatamos a visão de Alberti (2004) que nos alerta para a importância que a juventude têm na promoção de mudanças culturais, pois nada muda se a juventude for sacrificada. O fato de ter que brigar para fazer valer as suas contribuições à cultura, não é o problema da adolescência, mas sim, a sua função. A identificação com o grupo de pares é fundamental, e se faz presente desde a moda, até as disputas grupais. Porém, para que o adolescente possa exercer de forma plena o seu papel, precisa, no mínimo, que suas condições de vida permitam o acesso à educação e à cultura, para que todos possam correr atrás de seus sonhos, a fim de construir pontes entre os abismos sociais que vislumbramos na sociedade brasileira.

O problema do comportamento violento e da disseminação do ódio (como linguagem, postura e valor) não se enfrenta apenas com polícia, ações socioeconômicas e uma vaga e genérica educação para a legalidade. Enfrenta-se com a difusão de uma cultura alternativa que promova a paz e seus valores, numa linguagem jovem e em diálogo com o imaginário da juventude pobre. Impõe-se a necessidade de implantação de políticas públicas direcionadas para este segmento da população (Soares, 2005; Queiroz, 2004; Zaluar, 2004). Zaluar (2004), questiona:

“Que guerra é essa, tão assustadora e intrigante? Não se trata de nenhuma guerra civil entre pessoas de classes sociais diferentes, nem mesmo de uma clara guerra entre polícia e bandidos. Nessas mortes, os pobres não estão cobrando dos ricos nem estão perpetrando alguma forma de vingança social, pois são eles as principais vítimas da onda de criminalidade violenta que assola o país, seja pela ação da polícia ou dos próprios delinquentes, já que não têm os recursos políticos e econômicos que lhes garantam acesso à Justiça e à segurança.” (p. 43)

De acordo com Carreteiro (2001), o Estado não criou serviços nos campos da saúde, da educação e da infra-estrutura urbana. E o sistema policial aumentou ou conservou sua força de repressão. Porém, os segmentos mais pobres da população continuam sendo ignorados pelo Estado, que só se faz presente sob a forma de repressão

policial. Ignorar os sujeitos significa uma ausência de reconhecimento. Portanto, os sujeitos se sentem deixados de lado, abandonados à sua própria sorte. Conseqüentemente, nos territórios esquecidos pela cidadania, o tráfico de drogas, mais especificamente de cocaína, ganhou uma amplitude bastante significativa.

1.4.1 - Adolescência, Drogas e Violência

Existem várias maneiras através das quais a juventude pode ser construída como objeto de reflexão. Adolescência é a fase em que o jovem procura ao mesmo tempo diferenciar-se e igualar-se, mirar-se nos outros e apartar-se deles. Somos forjados a partir de interações nas quais referências positivas se embaralham com negativas. Há um esforço para ser diferente e para ser igual, ou seja, “diferente-igual-aos-outros”, àqueles que merecem nossa admiração. Roupas, postura e imagem compõem uma linguagem simbólica inseparável de valores (Soares, 2005). A identidade só existe no espelho e esse espelho é o olhar dos outros, o seu reconhecimento:

“É a generosidade do olhar do outro que nos devolve nossa própria imagem unguida de valor, envolvida pela aura da significação humana, da qual a única prova é o reconhecimento alheio. Nós nada somos (...) se não contarmos com o olhar alheio acolhedor, se não formos vistos, se o olhar do outro não nos recolher e salvar da invisibilidade – invisibilidade que nos anula e que é sinônimo, portanto, de solidão e incomunicabilidade, falta de sentido e valor.” (Soares, 2005, p. 206)

A construção da identidade é um processo interativo, intersubjetivo, do qual participa uma coletividade e que se dá no âmbito de uma cultura. Sendo a identidade uma experiência da relação, ela é sempre uma experiência histórica e social. A questão do pertencimento é fundamental: “Quem é algo é sempre para os outros, e participa com eles de alguma experiência gregária” (Soares, 2005). Muitas vezes, diante de reações adversas por parte do filho, os pais desistem de desempenhar sua função de pais, entendendo que não são mais ouvidos nem levados a sério. A única solução que o adolescente vê é lutar por atenção.

Sabemos que, nos últimos tempos, a adolescência tem adquirido um valor primordial em nossa sociedade. Dita regras, costumes e aparece como a referência

maior em termo de valores. O jovem é ícone para as demais gerações com seu estilo de ser e existir. De alguma forma, todos são convidados a permanecer nessa fase de promessas e descobertas. É o momento crucial em que todas as possibilidades de autoconstrução são desenhadas à frente e quando se pode sonhar ser qualquer coisa (Cassorla, 1998). O poeta Quintana (1984) já dizia: “Adolescente, olha! A vida é nova e anda nua – vestida apenas com o teu desejo!” (p. 11) .

Contudo, será que podemos falar de uma adolescência universal? Ou temos que priorizar as inserções que ocorrem em cada contexto? Como é ser adolescente em contextos de pobreza, violência e vulnerabilidade social? Será que neste contexto específico, o adolescente só precisa dar forma a seus desejos? Será que neste contexto, ele recebe um olhar que o reconhece enquanto sujeito de valor?

Na verdade, percebemos que estamos falando de adolescências que são desiguais, pois esses jovens têm acessos culturais diferenciados. Muitas vezes, o adolescente em situação de vulnerabilidade social não tem tempo para "ser adolescente", porque logo assume a responsabilidade do trabalho ou das tarefas domésticas. Não dispõe de condições materiais para experimentar a adolescência enquanto período de descompromisso com o processo produtivo e de preparação para a idade adulta. Além do mais, fica mais exposto a situações de violência e, muitas vezes, é confundido com ela. A violência deixou de ser um componente de excepcionalidade nesses contextos e se disseminou, ficando naturalizada e banalizada (Ahrens, 1997; Abramovay, 2003). É fato que os jovens pobres têm vivido um roteiro pré-escrito de violência e morte. Quando não encontram na escola, família ou em suas redes respostas às suas insatisfações, vão procurá-las nas ruas, espaço que oferece possibilidades de aprendizados, mas também de muitos perigos. O narcotráfico é que aparece como ponto de união entre essas adolescências. Bierrenbach, (1998), questiona:

“Que juventude a sociedade brasileira está formando? Se de um lado temos milhares de jovens ‘descartáveis’, sendo assassinados, dentro dos presídios e depositados nas instituições de internação, de outro temos jovens criados em condomínios fechados, distanciados dos problemas reais e cotidianos, adeptos do consumismo e cognominados ‘geração shopping center’. O elo que os une, atualmente, é o narcotráfico, que, num certo sentido, supre a falta de esperanças e perspectivas.” (p. 51)

Segundo Zaluar (2004), os jovens usuários de drogas ilícitas afastam-se das famílias, das escolas, do emprego e mergulham na miséria ou entram no crime para pagar a droga, ficando expostos à violência do crime organizado, como vítimas ou mão-de-obra. Para a autora, no olhar sobre a violência, mais importante que fatores como a migração e a pobreza, é a relação dos jovens com o tráfico de drogas, que atravessa classes sociais. O tráfico estimula a competição individual desenfreada, com poucos limites institucionais na resolução de conflitos interpessoais.

Alves (2004), introduz dois outros pontos nesta problemática: a mídia que tenta seduzir a garotada da periferia com sonhos milionários; a sociedade, que impõe metas de trabalho e estudo, mas não garante meios para que os jovens as alcancem. O envolvimento com drogas e infrações pode ocorrer como forma de buscar riqueza e prestígio a fim de não renunciar às metas: ‘escolhe-se’ andar fora da norma para não andar fora da moda! (Santos & Costa, 2001). Soares (2005), complementa esta idéia, ao dizer que os jovens pobres também estão em busca de reconhecimento e valorização, por isso, a marca da roupa ou do tênis é que aparece como objeto cobiçado, como um sinal de distinção. Os jovens invisíveis copiam os hábitos dos outros para identificarem-se com eles, passando a valer o que eles valem para a sociedade: “inclusão é o sonho; respeito é a utopia.” (p. 227).

Todo adolescente passa pela fase do desafio, da transgressão, da possibilidade de cometer um “errinho” e não ser “pego”. Porém, esta transgressão pode tornar-se uma forma de enfrentar a vida, de se sentir pessoa, de resistir às pressões. A infração, nesta compreensão, poderia ser uma resposta inconformada, com os elementos de que se dispõe, às várias adversidades e privações da vida, à violência sofrida dentro e fora de casa, ao fracasso escolar, etc (Santos & Costa, 2001). Neste sentido, para Queiroz (2004), um dos aspectos mais importantes da delinquência, é o *culto da proeza*, que é realizada com o intuito de ter acesso fácil à riqueza e ao sucesso rápido, rejeitando a rotina implicada na trajetória da escola ao trabalho. O dinheiro é valorizado pelo que ele pode comprar e infringir as leis se torna uma atividade atraente, pois, traz aventura, em contraponto aos padrões rotineiros de comportamento.

Segundo Sudbrack (2003), citando Selosse (1997), o processo de autonomização do adolescente passa por uma redistribuição de poderes sobre o outro e sobre si mesmo, por meio de negociações com as normas, as regras e a lei. As atividades ilícitas só se

consolidam como um padrão de conduta em adolescentes que não puderam descobrir o aspecto protetor da lei, passando a provocar, então, seus aspectos repressivos:

“(...)se a articulação dos desejos e dos interditos não pôde ser regulada, esses jovens, utilizando condutas violentas e perigosas de afrontamento, tentam desconhecer ou desconsiderar o interdito e substituí-lo pela lei do mais forte, quer dizer uma lei da horda, para os mortos e não para os vivos, daí o caráter letal para si mesmos e para o outro, bastante freqüente em suas atuações”. (Sudbrack, 2003, p. 50)

Para Sudbrack (2003), os jovens estão iniciando o consumo de drogas cada vez mais cedo, passando a receber fortes influências dos valores do tráfico em suas vidas, pautadas pela cultura da violência e pela lógica do combate: a rotina da comunidade é permeada por práticas de violência (policial e do grupo de pares), ocorrendo assassinatos por simples defesa (desavenças e acerto de conta) numa total ausência de mediações. Suas vidas passam a ser reduzidas às máximas de *matar* ou *morrer*, reproduzindo uma cultura de violência e de extermínio recíproco, vigente no mundo do tráfico, do crime e da polícia, na qual passam a se espelhar. Por essa via, esses adolescentes não vislumbram mais projeto de vida fora do determinismo punitivo dos “quatro Cs”: **Cadeia, Cemitério, Cadeira de rodas e Clínica**. Em tal contexto, fica muito difícil planejar o futuro:

“Continuar vivo é apenas uma contingência de um contexto onde a vida é o que menos vale ou, se vale algo, não passa de uma moeda, com que uns compram e outros vendem, uns são comprados e outros vendidos, e qualquer um pode estar em um desses lugares”. (Sudbrack, 2003, p. 52).

Dessa forma expostos à violência do mundo do tráfico, ficam cegos a outras perspectivas fora do contexto atual. Seu futuro já se encontra definido na marginalidade, na invalidez ou na morte. Há uma completa eliminação de sua capacidade de sonhar.

Quando pensamos em termos de alternativas de futuro para estes jovens, podemos dizer que todos nós somos como atores escolhendo entre papéis propostos. São oferecidos ao adolescente inúmeros papéis, nenhum deles escrito de forma definitiva. É importante que ele possa abrir o leque de opções, desenvolvendo a sua autonomia e fazendo as próprias opções. Somente assim, terá condições de escolher a vida e não a morte. É preciso, também, que os adolescentes assumam a responsabilidade

pela própria vida, percebendo-se como sujeitos ativos e não como objeto e simples vítimas das macro-estruturas e da cultura. Precisamos valorizar seu desenvolvimento enquanto seres singulares que possam vir a exercer sua cidadania dentro de uma visão ética de mundo. (Ausloos, 1998; Santos & Costa, 2001).

Soares (2005), porém, nos deixa um alerta, ao dizer que há um conluio surdo contra a mudança, por mais que esta seja desejada pelas instituições e pela comunidade diretamente envolvidas no processo:

“Engana-se quem imagina que contará com o apoio alheio ao projeto de transformar-se, mesmo que a mudança seja um imperativo social e um desejo coletivo. Equivoca-se o sonhador ingênuo que espera estímulo à mudança por parte das instituições supostamente destinadas a promovê-la. (...) Há uma conspiração pela fixação de identidades e pelo congelamento de suas respectivas qualificações, especialmente se tais qualificações forem estigmatizantes.” (Soares, 2005, p. 100)

É como se as pessoas temessem não apenas transformações para o pior, mas sim, qualquer tipo de transformação: “uma vez proclamada a condenação – ‘fulano é assim’, será complicado alterar as expectativas, pois estas têm vôo próprio e, costumeiramente, prescindem da confirmação da realidade.” (Soares, 2005, p.101). A visão é de que: “quando alguém é mau, outros são bons; se um é louco, outros são saudáveis, se alguém tem problemas, outros não têm” (p. 102). Só há vitoriosos se houver perdedores. Nessa trama, se ninguém ocupar esta última posição, será preciso atribuí-la a alguém, mesmo que o preço seja a artificialidade e a crueldade. Daí em diante, a tendência será a confirmação do prognóstico. É esse o caso dos jovens que reincidem muitas vezes em atos infracionais, pois, as profecias a seu respeito são seguidas à risca, tornando-se seu destino. Romper com esta lógica é um grande desafio. Esses personagens devolvem à sociedade as qualificações, imagens e valores que ela projeta sobre eles, enquanto objeto sacrificial destinado a concentrar e expiar o mal.

Os preconceitos e a indiferença fazem com que os jovens pobres perambularem invisíveis pelas grandes cidades brasileiras. Soares (2005) conta uma história: um dia um traficante dá a um desses jovens uma arma. Quando um desses meninos parar alguém na esquina e apontar a arma, estará provocando um sentimento – o sentimento de medo que, apesar de negativo, é um sentimento. Ao fazê-lo, o adolescente saltará da

sombra em que desaparecera e se tornará visível. A arma tornar-se-á seu passaporte para a visibilidade e ele virará homem de verdade:

“Num passe de mágica, o mundo ficou de cabeça para baixo: quem passava sem vê-lo, lhe obedece. Invertem-se posições. Quem desfilava sua soberba destilando indiferença, agora submete-se à autoridade do jovem desconhecido. Celebra-se um pacto fáustico: o jovem troca seu futuro, sua alma, seu destino, por um momento de glória, um momento fugaz de glória vã; seu futuro pelo acesso à superfície do planeta, onde se é visível.” (Soares, 2005, p. 216)

Corroboramos a idéia deste autor, quando diz que esta cena inaugural é apenas o primeiro capítulo de um roteiro que, em geral, enreda o jovem numa cadeia de eventos que o condenam à morte precoce e cruel, antes dos 25 anos.

PARTE II – METODOLOGIA

2.1 - ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

O método científico clássico nos ensinou que só é possível conhecer uma realidade que for decomposta, olhada aos pedaços. Surgiu como uma tentativa de encontrar a "realidade escondida por trás das aparências", a partir dos pressupostos de simplicidade (relações causais lineares), estabilidade (previsibilidade e controlabilidade) e objetividade (conhecer o mundo tal como é) (Vasconcellos, 2002). A partir desta visão, antecipa-se que a realidade seja governada por leis simples e, portanto, é preciso simplificá-la ao máximo, no intuito de chegar a uma verdade única e invariável. Criou-se, assim, um cenário de especialização e separação sujeito-objeto. Na busca de uma validade homogênea, a psicologia também incorporou estes modelos de pesquisa, sem considerar que seu objeto de estudo é um ser complexo, em contexto.

Neste modelo, cria-se uma rigorosa separação: de um lado, o sujeito que investiga e, de outro, o objeto do conhecimento. Esta cisão faz com que se perca exatamente a riqueza do processo, ou seja, o encontro e o confronto entre seres que possuem histórias e trajetórias diferentes, leia-se, suas próprias complexidades.

As mudanças paradigmáticas na ciência pós-moderna, abriram um novo leque de possibilidades teóricas e metodológicas, que têm contribuído para as ciências humanas como um todo. Encontramos uma nova alternativa de relacionamento com a realidade, pois, mesmo que explicar seja também simplificar, não podemos eliminar a tessitura complexa do mundo (Demo, 2000). Surge neste cenário, a necessidade de um princípio de explicação mais rico que o da simplificação (disjunção-redução), estabelecendo a comunicação entre o objeto e o ambiente, o que é observado e o seu observador, as várias disciplinas. Esta pluralidade é a proposta da Complexidade e seu método. Para Morin (1991), é preciso olhar o indivíduo inteiro, em seu contexto:

"Por toda parte o sujeito se reintroduz no objeto, por toda a parte o espírito e a matéria chamam um pelo outro em vez de se excluírem, por toda a parte cada coisa, cada ser reclama a sua reinserção no ambiente." (Morin, 1991; p.207)

Uma das marcas mais fortes dessa mudança de paradigma é a busca de um conhecimento não rígido, optando pela discutibilidade infinita da ciência: "só pode ser aceito por científico, o que for discutível formal e politicamente." (Demo, 1997, p. 10). Para Demo, o etos do conhecimento pós-moderno é tipicamente desconstrutivo, pois, ao invés de produzir certezas, tornou-se marcadamente uma estratégia de as desmontar. Neste sentido, cada teoria é feita, não para atingirmos algum porto seguro, mas para navegar em frente: "se existe alguma coisa permanente em ciência, é a provisoriidade de seus resultados, ou a perenidade do questionamento" (Demo, 1997, p. 14).

Os novos métodos qualitativos propõem um diálogo crítico com a realidade, buscando compreender o comportamento das pessoas em contextos sociais específicos, conseguindo responder melhor a uma realidade complexa em sua essência (Demo, 2000). Sendo assim, o aprofundamento particular e pontual em determinadas histórias e contextos também pode trazer contribuições científicas. Para González Rey (2002), toda pesquisa qualitativa deve implicar o desenvolvimento de um diálogo progressivo e organicamente constituído. O pesquisador converte-se em sujeito intelectual ativo durante o curso da pesquisa, participando das relações, produzindo idéias, confrontando-as com os sujeitos pesquisados, em um processo que o conduz a novos níveis de produção teórica. O relacionamento com o sujeito pesquisado é o principal protagonista da pesquisa e os instrumentos ganham papel secundário.

É claro que necessitamos sempre de um ponto de partida, pois, "não é viável combater o método sem método". Porém, para Demo (1997), o uso do método tradicionalmente se torna tão forte, que dificilmente a ciência consegue evitar a sua "ditadura", ou seja, privilegiar mais o método do que a realidade. Neste sentido, Morin (1991, 1996) nos alerta para aqueles momentos em que as teorias viram doutrinas e ideologias, perdendo seu caráter provisório e de auto-reflexão. Se esse fator já é complicado nas práticas científicas em geral, imaginemos o quanto isto se torna claudicante na pesquisa em psicologia clínica, área de acolhimento das singularidades e relacionamentos. Sendo assim, a pesquisa qualitativa deve formalizar o conhecimento, mas, sempre procurando preservar a realidade e sua complexidade inerente.

Demo (2001) prefere falar em "intensidade" do que em qualidade, pois, a noção de intensidade volta-se para dimensões marcadas pela profundidade, pelo envolvimento e pela participação, sendo própria de fenômenos complexos. São complexos não só

porque estão dotados de componentes múltiplos, mas sobretudo porque são ambíguos: "A realidade está mais próxima da metáfora do caldeirão, onde tudo ferve e se transforma, do que do texto analítico sistemático que, por força do próprio destino, só retrata o que é sistemático." (Demo, 2001, p. 16).

Segundo Minayo (1994), os objetos das ciências sociais são históricos: "vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído." (p.13). A realidade social possui dinamismo, transbordando riqueza de significados, pois, é mais rica do que qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela.

Sendo assim, na consecução desta pesquisa, também optamos por uma metodologia qualitativa, por privilegiar um olhar focal sobre os fenômenos, destacando processos construtivos e dialéticos. Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações. A pluralidade de métodos é fundamental ao abordarmos temas como exclusão social, delinquência, violência. Para Neubern (2004), a psicologia clínica possui um apelo que é interdisciplinar e nas pesquisas desta área, deve-se considerar as trajetórias sociais dos sujeitos.

A partir do tema amplo e complexo como se configura o estudo das ressonâncias da violência contra adolescentes e jovens nas redes sociais, procuramos, neste estudo, fazer um recorte, aprofundando sofrimentos vividos pela família em contexto de vulnerabilidade social, a partir de uma das facetas da violência: aquela que extermina a cada ano, silenciosamente, milhares de jovens de nosso país. Optamos, assim, por trabalhar com Estudos de Caso familiares (6 casos), privilegiando o reconhecimento da singularidade das histórias das famílias, ao mergulhar com profundidade nas mesmas, a partir do entendimento dos próprios sujeitos acerca de sua história (González Rey, 1997). Nesse processo, estamos cientes de que esta pesquisa é uma tentativa de aproximação da realidade, e que nenhum método conseguiria apreender um processo complexo e contraditório como é a trajetória desses adolescentes e jovens vítimas de violência, em sua totalidade.

2.2 - CONTEXTO DA PESQUISA E ESCOLHA DOS PARTICIPANTES

Este estudo foi realizado no período de abril a dezembro de 2005, no Centro de Desenvolvimento Social (CDS) da cidade de Ceilândia – DF. A pesquisadora foi observadora participante dos grupos multifamiliares do Projeto Fênix na Comunidade, voltado para o atendimento de famílias de adolescentes em conflito com a lei, conforme já descrito na introdução deste relatório. De acordo com Costa (2000), o grupo multifamiliar é uma metodologia de formação de grupos de famílias, cujo objetivo é proporcionar um espaço de trocas, onde possam expressar dificuldades e competências acerca das relações familiares. Parte-se do princípio da mobilização natural do relacionamento das famílias, como sistema de suporte para elas mesmas.

Os encontros ocorreram mensalmente, com a participação de 60 famílias, totalizando 120 pessoas entre familiares e adolescentes da LA. Ao longo do ano, foram trabalhados 7 temas relevantes na adolescência desses jovens: Relação com a Medida; Escola e Cidadania; Relações Sociais na Adolescência; Relações Familiares; Auto-estima; Amor à Família e Violência. Segundo Zimmerman (2001), todo grupo que for organizado com a finalidade de integrar as pessoas e levá-las a pensar no lugar de agir impulsivamente pode ser chamado de grupo de reflexão, porque leva os participantes a refletirem sobre suas necessidades, angústias, relacionamentos e condutas. Os grupos possibilitam que se trabalhe aspectos como capacidades, limitações, direitos e deveres. Estes tópicos perpassavam os objetivos de nossos grupos.

Em linhas gerais, as famílias participantes apresentavam situação financeira precária e baixa escolaridade. Foi possível perceber realidades de sofrimento, privações e situações de violência (conjugal, policial, pares, social). Cada história com sua beleza, apesar do sofrimento estampado em seus rostos. A participação nos grupos foi fundamental para conhecer a dura realidade vivida por este contingente populacional.

A partir dessa inserção e do contato estabelecido com a equipe do CDS, estabeleceu-se a possibilidade de chegar até famílias que tivessem sofrido a morte violenta de um filho. Segundo dados do próprio CDS, no ano de 2004, a instituição perdeu 7 adolescentes. Nosso objetivo era contatar com essas famílias, mas, em sua maioria, já haviam perdido o vínculo com a instituição. No momento em que o adolescente vai a óbito, muitas famílias mudam de endereço como medida de proteção,

temendo retaliações e a instituição deixa de acompanhá-las. Os prontuários desses adolescentes, automaticamente (e ironicamente) vão para o chamado “arquivo morto”. Em consequência, as famílias também deixam de existir perante a instituição. Como em grande parte os telefones estavam desatualizados, o acesso às famílias definidas inicialmente como sujeitos de pesquisa ficou impossibilitado. Encontrou-se, assim, um quadro em que a morte demarca uma barreira, um corte com a instituição. Não há um prosseguimento no trabalho que possa incluir a família e, as que permanecem, é pelo fato de já estarem tendo problemas com outros filhos (Conflito com a Lei) ou fazerem parte de algum programa assistencial. Optou-se, então, pela identificação de famílias no contexto dos próprios grupos multifamiliares como via de acesso possível. Cabe a reflexão sobre até que ponto a participação da pesquisadora nos encontros do CDS possa ter sido vinculada aos profissionais do local, ocasionando a resistência de algumas famílias em falar abertamente sobre o assunto. Mesmo assim, consideramos que houve uma produção significativa de informações permeadas por sentimentos e sofrimentos autênticos.

PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa 06 (seis) famílias que sofreram a morte violenta de algum filho ou um atentado.

Essas famílias vivenciaram no total, 11 (onze) mortes violentas, sendo 10 (dez) assassinatos e um atropelamento. Do ponto de vista das mães entrevistadas, as vítimas foram 8 filhos do sexo masculino, em sua maioria, ainda adolescentes. Além deles, foram incluídas outras situações de morte violenta relatadas: 2 companheiros e 1 namorado de uma filha.

Foram entrevistadas no total 09 (nove) pessoas, sendo 5 mães; 2 irmãos (adolescentes em cumprimento de LA); um adolescente da LA que sofreu atentado e 1 irmã adulta (que falou no lugar da mãe impossibilitada de comparecer por problemas de saúde). Segue uma síntese das famílias participantes, a partir de quatro quadros que explicitam: I - O contexto da morte dos filhos; II - Presença de tráfico e uso de drogas na família; III - Outras violências sofridas/atuadas na família e envolvimento dos membros com a justiça; IV - O contexto sócio-familiar atual. Os nomes são fictícios, para proteção de suas identidades:

Quadro I - Contextos da Morte dos Filhos

Tipos Família	Idade da morte / atentado	Tipo da Morte	Contexto da Morte	Situação na Justiça	Uso/tráfico de Drogas
01 Família Sobrevivência	Lucas – 17 a	Baleado	Acerto de contas com vizinho (bicicleta)	Não tinha passagem	Sem informação
02 Família Esperança	Pedro – 18 a	Baleado	rixas no contexto do tráfico	Não tinha passagem	Usuário de drogas; envolvido com tráfico
	João – 18 a	atropelado	atropelado na fuga de um policial armado, após assalto	Internação no CAJE ⁹ várias vezes (tráfico e assalto)	Usuário de drogas; envolvido com tráfico
03 Família Superação	Jonas – 15 a	Baleado	Rixas entre quadras	Não tinha passagem	Não usava drogas
	Moisés – 17 a	baleado	tentativa de saída do tráfico	CAJE; LA e Semiliberdade	usuário de drogas envolvido com tráfico
04 Família Sonho	Samuel : 19 a	baleado	Acerto de contas (briga no futebol)	Não tinha passagem	Sem informações
05 Família União	Simão – 20 a	Baleado ou pauladas	Acerto de contas (confudido com amigo)	Sem Dados	Sem informações
	Tomé – 25 a	Queimado vivo	Briga em um bar	Sem Dados	alcoolista e usuário de drogas
06 Família Fé	Jó: 15 anos Rebeca – 37 a Obs: não houve morte	Atentado com tiros; ferindo a mãe	Rixas entre quadras. Suspeito de homicídio de adolescente	Internação, Semiliberdade e Liberdade Assistida. Atualmente cumpre LA no CDS	Usuário de drogas: cola, maconha e cocaína. Início: 12 anos. Envolvido com tráfico

⁹ Centro de Atendimento Juvenil Especializado do DF – recebe adolescentes que cometeram atos infracionais graves, em regime de internação.

Quadro II - Presença de Uso de Drogas e Tráfico na Família

Tipos Família	Uso de drogas/ álcool na Família¹⁰	Tráfico de Drogas na Família
01 Família Sobrevivência	Mãe e três ex-companheiros alcoolistas; dois deles usuários de drogas; irmão Davi fazia uso de maconha, merla e cocaína	Dois ex-companheiros da mãe Eva, eram traficantes; irmão Davi traficante; Outros irmãos – sem informação
02 Família Esperança	Pai alcoolista; Irmão Jeremias usuário de drogas: maconha e cocaína.	Jeremias era traficante de drogas;
03 Família Superação	Pai era alcoolista; Enteado da mãe usuário de drogas;	Sem informação
04 Família Sonho	Filho de Simão, Judá, usuário de drogas; mãe de Judá viciada em álcool e drogas (cocaína e merla).	Judá trafica drogas
05 Família União	Pai era alcoolista; irmão Mateus alcoolista;	Sem informação
06 Família Fé	Sem informações;	Namorado da irmã era traficante

Quadro III– Violências e Envolvimentos com a Justiça na Família

Tipos Família	Envolvimentos com a Justiça	Outras Violências	Outras Mortes na Família
01 Família Sobrevivência	Quatro filhos tiveram envolvimento com a justiça: Três deles cumpriram medidas socioeducativas e um foi preso por engano no Núcleo de Custódia. Filho Davi, já esteve no Caje por tráfico de drogas.	Mãe era agredida por três ex-companheiros; um deles, drogado, a esfaqueou grávida. Filho Joel já foi baleado e ameaçado por policiais. Davi era agredido pelo pai e o assistia agredir a mãe. Davi é revoltado, gostaria de vingar a morte do irmão e do pai.	Dois ex-companheiros da mãe Eva, traficantes morreram assassinados
02 Família Esperança	Filho Jeremias: atualmente em LA. várias passagens pela justiça. Traficava e assaltava.	Ex-marido agredia mãe e filhos. Filho Jeremias já foi baleado e ameaçado de morte. Sofreu violência policial; pai e irmãos queriam vingar a morte do filho mais velho. Jeremias pensa até hoje em vingança	xxxx
03 Família Superação	Genro cumpre pena no presídio (homicídio?)	Mãe era agredida pelo marido, que chegou a ameaçá-la com um revólver.	xxxx

¹⁰ Para fins de organização, o termo “uso de drogas” será aqui sinônimo de uso de drogas ilícitas; o uso de drogas lícitas será referido como alcoolismo.

04 Família Sonho	filho Matias cumpriu pena, agora está em condicional. Irmão Ezequiel cumpriu LA Neto Micael está em Liberdade Assistida, mas não está cumprindo a medida.	Mãe já foi agredida pelo marido; Ezequiel quase foi morto por policiais e é considerado nervoso. Pai pensava em vingança pela morte do filho.	xxxx
05 Família União	Neto Judá já Cumpriu LA, atualmente está no presídio.	Simão chegou a ameaçar a mãe de morte; Tomé era violento com todos, já havia sido baleado; Judá (filho de Simão) já ameaçou a avó de morte. Filha Raquel já ameaçou de morte o próprio marido. Neto Judá agressivo com todos. Avó tem medo de denunciá-lo. Já foi baleado e tentou matar outro rapaz. Família teme por sua vida.	xxxx
06 Família Fé	Filho Saulo: Já cumpriu LA e esteve preso no Núcleo de Custódia, por ter mudado de endereço sem comunicar; Filho Jó: era assaltante e traficante. Cumpriu medidas de internação, semiliberdade e atualmente cumpre LA. Não reincidiu	Filho Saulo envolvido com gangues; já sofreu atentado. Saulo e Jó eram suspeitos de envolvimento na morte de outros jovens. Quando ocorreu o atentado que feriu a mãe, ambos planejaram vingança; filha Lia namorava traficante que a agredia, chegando a ameaçá-la de morte.	Namorado da irmã Lia foi assassinado

Quadro IV – Contexto Sócio-Familiar

<i>Situação</i> <i>Família</i>	Situação familiar atual	Situação Sócio-econômica
01 Família SOBREVIVÊNCIA	Mãe está na quinta união e teve no total 9 filhos. Vivem na casa a mãe (45a), seu atual marido, os filhos Isaías (17a), Davi (15a), Daniel (14a), Madalena (23a) e um neto.	Mãe já foi moradora de rua. Participa de programas de assistência do CDS desde jovem; já participaram do PETI ¹¹ e Renda Minha ¹² . Atualmente está desempregada; sobrevivem da ajuda de vizinhos e da bolsa ¹³ que o filho Davi recebe da LA. Muitas contas atrasadas. seus ex-companheiros nunca ajudaram no sustento dos filhos.
02 Família ESPERANÇA	Mãe teve 4 filhos. Pais Separados. Vivem na casa a mãe (47a) e os filhos Jeremias (19a) e Josué (17a), além da companheira de Jeremias.	Em épocas difíceis, a família já recebeu cesta básica do CDS. Atualmente, mãe trabalha como faxineira de um hospital de Brasília. Filho Jeremias está trabalhando em um bar de classe alta.

¹¹ Programa para Prevenção e Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil.

¹² Programa do governo do DF que visa a melhoria do desempenho escolar de crianças carentes, através de suporte pedagógico, de saúde e financeiro.

¹³ Bolsa de Reinscrição Juvenil – programa do governo do Distrito Federal que beneficia adolescentes em cumprindo a medida socioeducativa que estejam freqüentando a escola.

<p>03 Família SUPERAÇÃO</p>	<p>Mãe teve 3 filhos. Pais separados. Vivem na casa a mãe (41a), seu atual companheiro, a filha Judite (21a), as duas netas e o enteado (17a). Genro está preso.</p>	<p>Desde a perda dos filhos, mãe não consegue trabalhar. Sobrevivem do salário mínimo que o marido recebe como vigia e do salário da filha que trabalha no setor de limpeza.</p>
<p>04 Família SONHO</p>	<p>Mãe teve 6 filhos, todos do casamento que já dura 43 anos. Vivem na casa a Mãe (59a), marido (65a), filho Ezequiel (18a) Neto Micael (16a), mais dois netos crianças.</p>	<p>Vivem numa casa pequena e mal-cuidada. Já receberam cesta básica do governo, mas foram desligados do programa. Mãe parou de trabalhar quando os filhos passaram a dar problema. Família atravessa grave situação financeira. Sobrevivem dos “bicos” do marido como motorista. Mãe e marido não conseguiram aposentadoria.</p>
<p>05 Família UNIÃO</p>	<p>Mãe (62a) teve 8 filhos de três relacionamentos. Agora está sozinha. Família vive num lote dividido em vários barracos, sendo no total em 12 pessoas. Entre elas, a filha Raquel (23a) Neto Judá (17a) acaba de ser preso.</p>	<p>Família humilde, vivendo em condições precárias. Mãe trabalhou toda a vida como diarista, mas agora parou. Filha Raquel também não trabalha. Quem trabalha é a filha Cloé, que vive no mesmo lote. Família já participou de vários programas assistenciais do governo (bolsa Criança-Cidadã, Pão e Leite, Peti).</p>
<p>06 Família FÊ</p>	<p>Pais separados. Vivem na casa a bisavó (79 a), a mãe (41a), seu atual marido (39 a) e os filhos Saulo (22 a), Jó (19 a) e Lia (17a)</p>	<p>Já fizeram parte de programas de assistência do governo. Sobrevivem da aposentadoria por invalidez da mãe e da bolsa que o filho Jó recebe na LA; o atual marido da mãe trabalha como porteiro. Filho Saulo está saindo do Núcleo de Custódia e desempregado. O ex-marido não colabora financeiramente com os filhos.</p>

2.3 - PROCEDIMENTOS DE COLETA

Para a coleta de dados, optou-se por utilizar como fonte principal a entrevista clínica reflexiva e, como fontes secundárias, a observação participante e a consulta ao prontuário do adolescente na instituição, conforme será descrito abaixo. Segundo Bauer & Gaskell (2003), a pesquisa social apóia-se nos dados construídos a partir de textos, imagens e materiais sonoros, reconstruindo a maneira pela qual um determinado grupo social vê a realidade. A partir dessa contextualização, o pesquisador se torna capaz de ver "através dos olhos daqueles que estão sendo pesquisados". Mas antes de entrar em campo, é necessário estar equipado com materiais adequados para que se possa compreender e dar sentido às histórias coletadas. Para Demo (2001), os instrumentos de captação da realidade não são escolhidos inocentemente, estão repletos de compromissos teóricos e ideológicos implícitos.

A coleta de dados teve início após o projeto ter sido autorizado pela Vara da Infância e da Juventude e as entrevistas foram agendadas com o familiar que se dispusesse a participar. Tendo em vista as características das famílias, a maioria dos entrevistados foram mães, pois, em todos os casos, o pai não estava presente, por motivo de separação, morte ou descomprometimento. No decorrer de nossa participação nos grupos multifamiliares, percebeu-se que seria interessante conversar também com adolescentes da família, investigando como o tema da pesquisa afeta os irmãos. Por isso, três adolescentes que estão engajados no cumprimento da medida de LA, também foram ouvidos: dois que perderam irmãos e um que teve a mãe gravemente ferida em um atentado contra a sua vida.

Todas as famílias contatadas foram receptivas à participação na pesquisa, com exceção de uma mãe, que desmarcou a entrevista dizendo não estar “*preparada para remexer neste assunto*”. Sua decisão foi respeitada. A realização das entrevistas teve lugar no próprio CDS ou na casa da família, de acordo com a disponibilidade. Foi fornecido o valor relativo ao transporte para todas as famílias que se dispuseram a comparecer ao CDS. A pesquisadora identificava-se como aluna de pós-graduação da Universidade de Brasília e como observadora do Projeto Fênix. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1) era inicialmente apresentado como uma medida ética e, depois de discutido e confirmado, dava-se início à entrevista. Era referido também um contrato de sigilo, em que os dados que pudessem vir a identificar os participantes seriam omitidos. Todas as entrevistas foram gravadas em fitas cassete e posteriormente transcritas pela própria pesquisadora. A título de exemplificação, incluímos no ANEXO 2 deste relatório, uma entrevista transcrita na íntegra.

Os aspectos sociodemográficos foram coletados nos prontuários dos adolescentes ou diretamente durante as entrevistas. O material produzido através das observações participantes foi anotado em um diário de campo. Todos os procedimentos de coleta de dados utilizados em cada caso, estão descritos no quadro abaixo:

Quadro V - Procedimentos Utilizados

Tipos Família	Número de Entrevistas	Quem foi entrevistado	Acesso aos Prontuários	Observação Participante
01 Família Sobrevivência	02	1 entrevista com a mãe e 1 entrevista com o irmão Davi, ambas realizadas no CDS	Acesso ao prontuário de Davi, que cumpre LA no CDS.	Contato direto com adolescente e mãe nos grupos multifamiliares
02 Família Esperança	02	1 entrevista com a mãe e 1 entrevista com o irmão Jeremias, ambas realizadas no CDS	Acesso ao prontuário de Jeremias, que cumpre LA no CDS.	-----
03 Família Superação	01	1 entrevista com a mãe, realizada em sua residência	Apesar de um dos filhos mortos ter cumprido LA, não foi possível localizar o prontuário.	-----
04 Família Sonho	01	1 entrevista com a mãe, realizada em sua residência	Mãe possui um neto na LA e um filho que já cumpriu medida no CDS, mas não foi possível localizar os prontuários	-----
05 Família União	01	1 entrevista com a irmã, realizada no CDS. Mãe não teve condições de saúde para participar	Acesso ao prontuário do neto Judá, que cumpre LA no CDS.	-----
06 Família Fé	01	Entrevista realizada no CDS em conjunto com a mãe e um filho	Acesso ao prontuário do filho Jó, que cumpre LA no CDS.	Contato direto com adolescente e mãe nos grupos multifamiliares

2.3.1 – A Entrevista

A entrevista clínica possibilita que o sujeito aborde livremente o tema proposto, adequando-se bem ao objetivo de dar voz às pessoas vulneráveis. Para Bauer e Gaskell (2003), o emprego da entrevista é o ponto de entrada para mapear e compreender o mundo particular do sujeito da pesquisa. As construções estabelecidas pelas pessoas constituem a sua realidade essencial, seu mundo vivencial e são importantes para que se possa conhecer seu contexto específico.

De acordo com Cruz Neto (1994), na entrevista em profundidade há um diálogo intensamente correspondido entre entrevistador e entrevistado, porém, isto não significa uma conversa despreziosa e neutra. O foco está na realidade que se quer estudar.

Através desse procedimento, é possível acessar dados mais subjetivos, permitindo que apareça um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Este relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido e, segundo o autor, “nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual” (p. 59)

Para Turato (2003), a entrevista clínica torna possível a obtenção de dados de duas naturezas: objetivos (fatos concretos) e subjetivos, que se referem à pessoa do entrevistado (opiniões, valores e atitudes). É um instrumento precioso de conhecimento interpessoal, facilitando, no encontro face a face, a apreensão de uma série de fenômenos. É interativa e responsiva à linguagem e aos conceitos usados pelo entrevistado e valoriza também o processo de auto-observação do entrevistador.

A entrevista procurou focar algumas áreas de investigação previamente estabelecidas a partir da literatura especializada (Oliveira, Pavez & Schilling, 2002), tendo a violência e/ou a perda como tema central. O roteiro (ANEXO 3) serviu apenas como um ponto de partida, pois, cada entrevista teve suas próprias particularidades, com novas questões sendo abordadas e algumas sendo mais aprofundadas que outras, de acordo com a história de cada família. De acordo com Turato (2003), a entrevista com questões abertas (tópicos e perguntas disparadoras) é um grande instrumento. Há flexibilidade na direção da entrevista, os temas são abordados em ordem livre, com possíveis aprofundamentos em temas que naquele momento parecerem relevantes.

2.3.2 – Fontes Secundárias

Como fontes complementares de obtenção de dados, utilizamos a observação participante e a análise documental dos prontuários dos adolescentes em cumprimento de medida no CDS, que contêm a trajetória das famílias na instituição. Como não foi possível reproduzir o prontuário, descrevemos o formato do documento analisado, no qual constam dados da família, tais como: nome, idade, escolaridade, profissão; programas que participam; resumo das visitas domiciliares; antecedentes como morte, doenças, alcoolismo; envolvimento com a Justiça. O contato com os prontuários complementou os dados obtidos nas entrevistas e a consulta foi feita *a posteriori*.

A partir das observações participantes no projeto Fênix, foi utilizado também um diário de campo (ANEXO 4), no qual eram feitas anotações após cada visita ao CDS, pois, o contato com alguns sujeitos de nossa pesquisa também foi estabelecido nos grupos multifamiliares. Segundo Cruz Neto (1994), a observação participante é o contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. Nesse processo, o pesquisador pode, ao mesmo tempo, modificar e ser modificado. O diário de campo aparece como o “amigo silencioso” e não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele aparecem percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através de outras técnicas.

2.4 - PROCEDIMENTO DE ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A sistematização do material foi realizada a partir de Estudos de Caso. D’Allonnes (1989), diz que o Estudo de Caso visa extrair a lógica de uma história de vida singular, às voltas com situações complexas, trazendo leituras em diferentes níveis. Sua força está na referência à experiência pessoal, ao “vivido”, colocando uma realidade específica em cena. Com o intuito de atingir o objetivo da pesquisa, de valorizar a trajetória, a riqueza e a singularidade da história de cada família, os dados obtidos foram organizados, agrupados e sistematizados na forma de Estudos de Caso. Cada caso, fica assim definido: famílias que sofreram a perda de um filho na condição de morte violenta ou cujo filho tenha sofrido um atentado. Para fins deste estudo, considera-se a morte violenta como sendo o homicídio. Preferimos falar em “morte violenta” do que “violência”, no sentido de focalizar o sofrimento gerado por essa experiência.

Com o intuito de realizar o primeiro nível de análise, organizando temporalmente a história, foram elaborados o genograma e a linha do tempo familiar de cada caso. Na linha do tempo, salientamos eventos significativos vividos ao longo da história da família, bem como a cronologia das violências; no genograma, foram destacadas as violências vividas ou atuadas por cada membro, mortes e uso de drogas, incluindo comentários acerca de cada um. Assim, foi possível obter uma visão global da violência encontrada em cada família, localizando no ciclo vital o momento da morte

dos adolescentes e jovens. Obteve-se, assim, uma melhor compreensão da repetição e recursividade dos fatos violentos em cada estudo de caso realizado.

Segundo Walsh & McGoldrick (1998), os genogramas e as cronologias familiares são sobremaneira úteis para revelar seqüências e coincidências de eventos nodais ao longo do tempo na família multigeracional, permitindo que o profissional organize as informações reunidas em uma entrevista. Pode-se observar todas as perdas e eventos de maior estresse, reconstituindo seu momento, suas circunstâncias e seu impacto, tornando mais fácil a investigação de padrões relevantes para os problemas manifestos, além das estratégias de enfrentamento que vão influenciar a adaptação dos membros da família a estes problemas.

A fim de preservar a identidade das famílias e, ao mesmo tempo identificá-las, optamos por utilizar substantivos no lugar dos sobrenomes. Esta escolha, não foi aleatória, sendo parte da ressonância que a história da cada família gerou na própria pesquisadora. Num primeiro momento, as palavras que surgiram tinham conotação negativa, tais como: medo, tristeza, paralisia, dor. Inconformada com essa sensação, a pesquisadora buscou palavras que trouxessem conotações mais positivas, rompendo com o ciclo negativo, a partir do que se preservava de movimento de vida em meio a tantas mortes e perdas. Para tal, foram escolhidas palavras que pudessem simbolizar cada família, a partir das características mais marcantes de cada uma:

1 – Família Sobrevivência: incontáveis situações de violência diferentes já afetaram esta família. Apesar das inúmeras crueldades pelas quais já passaram, continuam firmes. O nome é inspirado principalmente pela figura da mãe, que já foi moradora de rua.

2 – Família Esperança: apesar da família ter perdido dois filhos e da crise que se abateu sobre todos, a família consegue fazer planos para uma vida melhor: estudo, trabalho, crescimento pessoal.

3 – Família Superação: foi difícil encontrar uma conotação positiva para esta família, dada a cronicidade do sofrimento. Mas a mãe disse que sempre lutou pelos filhos e torce para que tudo flua na vida da filha que lhe resta. Há um esforço de superação da situação traumática.

4 – Família Sonho: apesar da grave crise sócio-econômica que recai sobre a família, é possível perceber que ainda conservam a capacidade de sonhar, de imaginar uma vida melhor para todos, valorizando o pouco que já conseguiram conquistar.

5 – Família União: uma família que não se deixa abater, apesar das perdas e violências. Parece que os irmãos sobreviventes são bastante unidos em torno da figura central da mãe, apoiando-se mutuamente.

6 - Família Fé: o nome foi escolhido pela relação forte que a família mantém com a religião. A família associa que a fé é a única forma dos jovens não cometerem atos infracionais. Filho Jó refere que foi através da fé que parou de usar drogas e não reincidiu mais em atos infracionais.

Pode-se considerar que este já é um primeiro nível de análise dos casos, a partir das impressões e sentimentos mobilizados na luta contra o sofrimento vivido. Segundo Turato (2003), o cientista na pesquisa clínico-qualitativa possui como força motora a sua atitude existencialista. Ou seja, percebe angústias e ansiedades de âmbito pessoal, deixa-se mover por elas, para buscar a compreensão das questões humanas. Identificando-se com o outro, é capaz de acolher as angústias e ansiedades deste. A atitude clínica visa acolher os sofrimentos existenciais e emocionais do indivíduo alvo do estudo, inclinando-lhe a escuta, o olhar e as múltiplas sensibilidades.

Num primeiro momento, foi realizado um nível de análise descritivo, dividido em: apresentação da família (incluindo a linha do tempo e o genograma); o contexto da morte do jovem; ciclo de violência; ressonâncias da perda; atos infracionais, drogas, tráfico e visão das instituições. O texto ficou diversificado a partir das temáticas recorrentes em cada caso. Na seqüência, realizamos uma análise interpretativa, procurando contemplar, na singularidade de cada família, os objetivos específicos iniciais da pesquisa, que foram conhecer, a partir da dinâmica familiar, os seguintes itens: significações em torno da experiência da morte violenta; como a violência se situa no ciclo de vida; as ressonâncias na família; a natureza do sofrimento e recursos para a superação do mesmo.

Na trajetória do tratamento dos dados, à medida em que mergulhamos profundamente em cada história, percebemos que surgiam alguns temas comuns. Por isso, em uma segunda etapa de análise, as histórias foram exploradas em nível transversal. Utilizou-se a perspectiva da análise temática, destacando aspectos recorrentes da trama vivenciada, reagrupando-os em temas comuns, possibilitando destaque a pontos chave. Essas temáticas destacadas foram apresentadas, desenvolvidas e sustentadas através de vinhetas das entrevistas dos familiares.

Segundo Demo (2000), os casos talvez não sejam “representativos”, mas sim, “exemplares”. Pode-se buscar os traços mais comuns que os casos exemplificam, apontando relevos recorrentes. Por isso, nessa análise transversal, privilegiou-se o tema

das ressonâncias nas redes sociais dos jovens, a partir de dois grandes temas: família e grupo de pares

Segundo Turato (2003), “ao quisermos conhecer sentidos e significações, buscamos interpretá-los, voarmos com nossa criatividade para compreender os fenômenos” (p. 249). Os temas foram identificados através de várias leituras minuciosas de todos os dados transcritos e o critério foi a sua relevância.

III – CICLOS DE VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA E OS PARADOXOS DO VIVER A PARTIR DA MORTE DE UM FILHO

De modo geral, as entrevistas, tanto com mães quanto com os adolescentes, foram de grande riqueza. Cada novo elemento revelado a partir do contato com as histórias, ajudou na formulação de hipóteses ao longo do trabalho da análise, possibilitando pensar na multiplicidade de fatores que levam a perpetração da violência. Da mesma forma, a ressonância da dor e do sofrimento também ecoou nos sentimentos da pesquisadora que, muitas vezes, sentiu-se atropelada por uma avalanche de dores e histórias de vida recheadas de privações. Talvez o ponto comum que apareceu em todas as famílias ouvidas, tenha sido o da morte enquanto parte de um ciclo, no qual a violência já é parte integrante e elemento chave nas relações. A morte é apenas mais uma fatalidade do contexto. Por tudo isso, torna-se imprescindível neste momento, poder mergulhar em cada uma das histórias, compreendendo o ciclo a partir de cada família em particular.

3.1 - A FAMÍLIA SOBREVIVÊNCIA

3.1.1 – APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA : História e Contextualização

A pesquisadora conheceu Eva (45 anos) e seu filho Davi (15 anos) nos grupos multifamiliares da Liberdade Assistida do CDS. Em um dos encontros, ao expor ao grupo seu tema de pesquisa, Eva contou à pesquisadora que seu filho Lucas foi assassinado por um vizinho, aos 17 anos, em 1994. Disponibilizou-se a participar da pesquisa e a entrevista foi realizada no próprio CDS, local com o qual a família estabelece um vínculo muito forte há vários anos. Posteriormente, o filho Davi (15 anos), que cumpre medida de LA por tráfico de drogas, também foi entrevistado. Apesar da postura tímida e reservada, Davi disse que foi bom “*ter desabafado*”. Além das entrevistas, o prontuário do adolescente na instituição também foi consultado. Eva migrou para o DF aos 13 anos, acompanhada do pai e da madrasta, pois sua mãe já era falecida. Teve no total 09 filhos, frutos de 4 uniões diferentes:

Primeira união com Timóteo: Eva conheceu-o com 14 anos, sendo ele 21 anos mais velho. Considera que era um bom marido, porém, alcoolista. Dessa união nasceram Oséias (29 anos, 2º grau incompleto, Pastor Evangélico, já cumpriu medida sócio-educativa); Lucas (morto aos 17 anos); Joel (27 anos, 7ª série, já esteve preso injustamente no Núcleo de Custódia). Foi abandonada por Timóteo grávida do terceiro filho, após 04 anos de união.

Eva voltou para a casa do pai, que faleceu em seguida. A madrasta, então, lhe expulsou, pois, segundo Eva, “*eu sempre era a pior de todas para ela.*” Ainda estava grávida e precisava de ajuda. Passou a morar na rua mas, não se envolveu “*com drogas nem com bandidagem*”. Para ganhar a vida, lavava e passava roupas em troca de um prato de comida ou lugar para dormir. Conta que chegou a dormir até em parada de ônibus, “*passar a noite, acordar, sem ter destino para ir para lugar nenhum*”. Era ainda menor de idade, procurou o CDS, explicando que precisava de creche para os filhos a fim de trabalhar, pois, não tinha coragem de dá-los para ninguém. Foi acolhida pela instituição. Como não tem família, diz que vive através “*dos conhecimentos*”: advogados, juizes, pessoal do CDS e da Vara da Infância. Essas são as suas amizades. Na época, conseguiu ser abrigada no barraco de uma senhora com os filhos. Diz que passou, assim, a lutar para sobreviver.

Segunda união com Francisco: Francisco a levou para viver em seu barraco de três cômodos com todos os filhos. Dessa união, nasceram Magda (24 anos, já tem duas filhas, de duas uniões diferentes) e Madalena (23 anos, 2º grau completo, já tem um filho cujo pai não assumiu). A união durou 5 anos. Acreditava que ele trabalhava dignamente, mas depois descobriu que ele “*praticava coisa errada*” (travava e roubava), sendo também viciado em drogas. Relata que não queria essa vida para seus filhos, pois “*o espelho da casa são os pais*”. Tentou separar-se e foi esfaqueada, grávida de sete meses da segunda filha, que sobreviveu. Levou seis facadas, entre braços, costas e rosto. Carrega até hoje uma grande cicatriz que marca seu rosto. Apesar do medo, conseguiu tomar a decisão de separar-se.

Terceira união com Tobias: A terceira união durou 03 anos. Nasceram os filhos Marcos (20 anos, 7ª série, lavador de carros, já cumpriu LA em 2002) e Isaias (17 anos, 2º grau completo); Marcos já é independente e casou-se com uma mulher evangélica, já com 4 filhos. Se dão muito bem e o filho não corre o risco de aprontar.

Quarta união com Jacó: Ficaram 6 anos juntos. Jacó era alcoolista e agredia Eva fisicamente. Nasceu Davi (15 anos, 5ª série, em cumprimento de LA desde 2004) e Daniel (14 anos, 5ª série). No prontuário de Davi constam relatos de que o Conselho Tutelar observava Davi e Daniel, na época em que trabalhavam como guardadores de carro. Davi era usuário de maconha, merla e cocaína, acabando por se envolver com tráfico. No prontuário, consta que já fez tratamento para dependência química, mas este fato não é mencionado nem por Eva, nem por Davi. Quando o casal separou-se, Jacó levou os dois filhos para morarem com ele, contra a vontade de Eva. Ela lutou na justiça para reavê-los. Jacó era traficante e posteriormente morreu assassinado por comparsas.

Atualmente, Eva está casada com Noé e relata que os ex-maridos nunca ajudaram financeiramente no sustento dos filhos, sempre foi “*pai e mãe*”. Davi refere que o padrasto soube dar amor para todos e respeita os filhos de Eva. Vivem na casa: o casal, Isaiás (17 anos), Davi (15 anos), Daniel (14 anos), a filha Madalena (23 anos) e seu filho. Eva é a figura de referência para todos, e Davi diz que ela é a única coisa que “*o segura*”. Segundo ele, todos são unidos, “*ninguém fica com a cara virada para ninguém*”. Os outros filhos já sobrevivem por conta própria. A família mora numa região considerada perigosa, mas Eva diz que diz que não existe lugar ruim, cabe aos vizinhos serem amigos e ajudarem uns aos outros. O contexto vivido por esta família é de pobreza extrema. Eva participa dos programas de assistência oferecidos pelo CDS (Renda Minha, PETI, entre outros) desde muito jovem e coloca esta instituição como sua referência de vida. É uma pessoa determinada e estudou até a quarta série primária, trabalhando sempre como diarista. No momento da entrevista, encontra-se desempregada, sobrevivendo da ajuda de vizinhos e da Bolsa que Davi recebe da LA. Diz que não consegue mais trabalhar “*fichada*”, talvez devido à idade¹⁴. A situação está ficando difícil e as contas atrasadas.

¹⁴ No momento da entrevista com Davi, cerca de um mês depois, ele conta que a família está muito feliz, pois a mãe voltou a trabalhar como doméstica, após ficar 2 anos desempregada. A situação econômica da família estabilizou um pouco.

3.1.1.1 - Linha do Tempo

1974 – Eva migra aos 13 anos de Minas Gerais para o Distrito Federal, acompanhada pelo pai e pela madrasta. Sua mãe já era falecida;

1975 - Eva (14 anos) vai morar com Timóteo(35 anos), alcoolista. Nasce o primeiro filho, Oséias;

1976 – Nasce o segundo filho, Lucas;

1977 – Eva é abandonada por Timóteo, volta a viver com a família. O pai de Eva morre e a madrasta lhe expulsa de casa. Nasce o terceiro filho, Joel. Eva vai viver na rua com os filhos.

1978 –Eva recorre pela primeira vez ao CDS. A instituição consegue creche para seus filhos. É acolhida por uma senhora que leva a família para viver em seu barraco.

1979 – Eva conhece Francisco e vai viver com ele em outro barraco.

1981 – Nasce a primeira filha, Magda.

1982 – Eva descobre que Francisco é viciado em drogas, além de traficar e roubar. Tenta separar-se, é esfaqueada por ele ainda grávida de sete meses. Francisco estava drogado. Tem medo de denunciar o companheiro. Nasce a segunda filha, Madalena.

1983 – Eva quer separar-se, mas tem medo de ser morta. Consegue sair de casa, levando todos os filhos.

1985– Eva arranja novo companheiro, Tobias. Nasce Marcos.

1987 – Nasce Isaías. Eva rompe com Tobias;

1989 – Inicia relacionamento com Jacó, alcoólatra e violento. Jacó atua como traficante.

1990 – Nasce Davi.

1991 – Nasce Daniel.

199? – O segundo companheiro, Francisco, é baleado pela polícia e sobrevive. Eva o acolhe em sua casa.

1994 – Filho Lucas morre assassinado por um amigo, aos 17 anos, em briga por uma bicicleta.

1995- Eva e Jacó separam-se. Jacó leva Davi e Daniel para viverem com ele. Eva luta na justiça para reavê-los.

1996- Francisco, o segundo companheiro, é assassinado pelo amante de sua atual companheira.

1998- Jacó, o quarto companheiro, é assassinado por comparsas do tráfico.

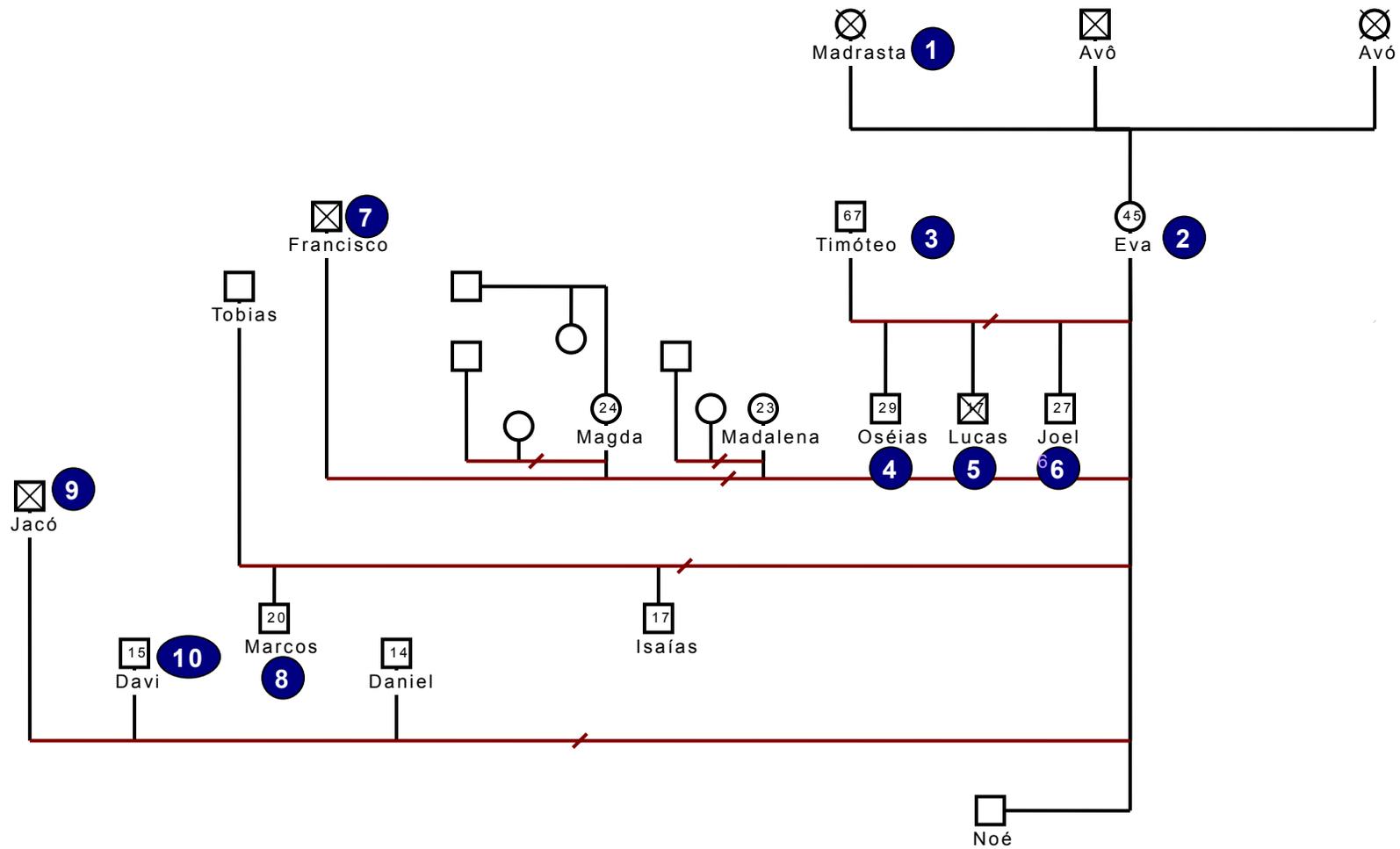
2001 – O filho Joel envolve-se em um tiroteio com a polícia, é ferido; uma criança é morta por tiros que partiram dos policiais, mas Joel é incriminado. É preso no Núcleo de Custódia.

2002 – Davi começa a usar drogas e a envolver-se com o tráfico. O processo de Joel é revisto e, de réu, passa à testemunha. O filho Marcos cumpre medida de Liberdade Assistida.

2004 – O filho Davi cumpre medida de Liberdade Assistida por tráfico de drogas.

2005- Davi permanece em LA.

3.1.1.2 – Genograma da família sobrevivência



LEGENDA DO GENOGRAMA:

- 1 – Madrasta expulsa Eva de casa ainda menor de idade.
- 2 – Alcoolista. Já foi moradora de rua. Já foi esfaqueada por um ex-marido quando grávida e agredida por pelo menos dois. Medo de denunciar e ser morta.
- 3 – Alcoolista. Abandona Eva com três filhos.
- 4 – Já cumpriu medida sócio-educativa.
- 5 – Morre assassinado por um vizinho, aos 17 anos, por causa de uma briga por uma bicicleta. Não tinha envolvimento com a justiça.
- 6 – Já foi baleado em um tiroteio com a polícia. É acusado de matar uma criança, ficando preso por um ano no Núcleo de Custódia. Após, o processo foi revisto e de réu, passou à testemunha, pois a bala que atingiu a criança foi disparada por um policial. Foi inocentado pela justiça. Vive em endereço desconhecido por medo de represálias por parte dos policiais.
- 7 – Francisco, segundo marido de Eva, era viciado em drogas e álcool. Também assaltava e era traficante. Quando Eva descobriu, foi esfaqueada grávida de 7 meses. Estava drogado. Morreu assassinado com facadas pelo amante da segunda esposa.
- 8 – Já cumpriu medida sócio-educativa de Liberdade Assistida.
- 9 – Alcoolista, violento. Agressivo com esposa e filhos. Atuava como traficante e foi assassinado por comparsas.
- 10 – Usuário de drogas. Já teve passagem pelo CAJE e atualmente cumpre Liberdade Assistida. Atos infracionais cometidos: porte de arma e tráfico de drogas. Assistia o pai agredir sua mãe e presenciou várias situações do pai chegando em casa esfaqueado ou baleado. O pai era agressivo. Assistiu à morte do irmão. Sente-se revoltado por ter perdido o irmão e principalmente o pai. Gostaria de vingá-lo.

3.1.2 - O CONTEXTO DA MORTE DE LUCAS

Lucas foi morto aos 17 anos, por um rapaz da mesma idade. Os dois eram vizinhos e suas mães eram amigas. Desde criança, andavam juntos, saíam para beber e para engraxar sapatos. Eva conta que Lucas foi um bom filho e um bom amigo. Era sorridente e gostava de ajudar o próximo. Trabalhou durante três anos no setor de construção; saiu porque achava que estava ganhando pouco e preferia lavar carros. Em 1994, havia comprado uma bicicleta do irmão de seu agressor. O agressor pegou a bicicleta sem pedir e Lucas tentou reavê-la. O amigo sacou a arma e disparou. Eva acredita que ele estivesse drogado. Para o juiz, o assassino disse que não tinha a intenção de matar, mas Eva acredita que *“quando alguém passa a mão numa arma, é porque alguma intenção tem”*. Lucas foi atingido por uma bala explosiva, no tórax. De casa, a mãe ouviu o tiro. A família acreditava que ele sobreviveria, mas ele faleceu. Eva relata que Lucas não tinha

envolvimento com a justiça e nunca soube que ele estivesse usando drogas. A família contou com a ajuda dos patrões de Eva e com o apoio do CDS.

Após o assassinato de Lucas, a família do assassino mudou de endereço. O rapaz não foi preso, pois era menor, fugiu do flagrante e tinha dinheiro pra pagar advogado. Eva diz que o seu advogado “*é aquele lá de cima*”, pois, a justiça da Terra falha, mas a de Deus não falha. Para Davi, acabou “*ficando tudo por isso mesmo*” e o adolescente acredita que amizade demais só leva à morte mesmo.

3.1.3 - O CICLO DE VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

Antes da trágica morte de Lucas, a família já havia enfrentado outras violências. A primeira situação gravíssima foi quando Francisco esfaqueou Eva grávida, após ameaçá-la de morte várias vezes. Estava drogado e suspeitava que estivesse sendo traído. Eva não teve coragem de separar-se em seguida, apesar das ameaças. Não o denunciou, pois temia pelos filhos e não confiava que a polícia a protegeria. Alguns anos depois, numa troca de tiros com a polícia, Francisco foi baleado. Eva diz que não guarda mágoa de ninguém, acolheu-o e buscou atendimento no CDS que arrumou um lugar para ele morar. Em 1996, Francisco foi assassinado com duas facadas no coração, pelo amante da companheira de 19 anos com a qual mantinha um relacionamento na época. Foi uma pessoa violenta até o final. Eva reconheceu o corpo e recolheu dinheiro para dar a Francisco um sepultamento decente, evitando que fosse enterrado como indigente. Diz ter feito sua parte e acredita que a morte trágica tenha sido um castigo que ele recebeu.

Em 1998, seu quarto companheiro, Jacó (traficante de drogas e pai de Davi), também foi assassinado em Goiânia, numa emboscada dos próprios traficantes com os quais atuava. Segundo Davi, foi por causa do “*olho grande*”. O filho lembra que seu pai bebia e espancava sua mãe por qualquer motivo, fazendo ela sofrer muito. Era agressivo com todos, inclusive com o seu atual padrasto, Noé, que tentava evitar confusão. Para Davi, o pai ainda gostava de Eva, mas de um jeito que não era bom. Com a morte de Jacó, as coisas se acalmaram e a família ficou mais tranqüila.

Davi relembra que existiam momentos bons com o pai, que não deixava os filhos faltarem à escola nem passarem necessidade: “*podia ser lá o que fosse, a gente tinha*”.

Por um lado, era uma boa pessoa, mas para corrigir os filhos acabava batendo muito. Segundo Davi, o único erro do pai era ficar violento quando bebia e “*mexer com coisa errada*”. Em várias situações, os filhos presenciaram o pai chegando em casa baleado ou esfaqueado.

Em 2001, o irmão Joel (23 anos na época), envolveu-se numa troca de tiros com a polícia. Estava envolvido com uns “*cabeça-estranha*” que, segundo Davi, o levaram para o mau caminho. No tiroteio, Joel foi baleado e uma bala disparada pelos policiais matou uma criança de 7 anos. A polícia o incriminou, e Joel ficou preso no Núcleo de Custódia durante 9 meses por um crime que não cometeu. Após investigações, o processo foi revisto pela justiça e, de réu, passou à testemunha. Segundo Davi, ainda tentaram matar o irmão enquanto estava no hospital e sua mãe ficava 24 horas ao lado dele. Foi a primeira e a última vez que ele pegou numa arma para “*fazer besteira*”. Eva não gosta de citar o nome do filho, pois a coisa “*foi grave e foi gentinha grande*”. Joel vive em endereço desconhecido, por medida de segurança. Mesmo tendo sido provada sua inocência, Joel não conseguiu mais trabalhar, está desempregado até hoje. O promotor aconselhou Eva a procurar um bom advogado, “*um que não seja um advogado de porta de cadeia*”, para pedir uma indenização por danos morais pelo tempo em que o filho ficou detido. Joel diz não querer dinheiro, só paz e deixar que “*Deus toma conta*”.

3.1.4 - RESSONÂNCIAS DA MORTE DE LUCAS E OUTRAS

VIOLÊNCIAS SOFRIDAS NA FAMÍLIA

Na Mãe - Quando Lucas morreu, Eva ficou em estado de choque, achava que tinha acabado tudo. Conta que, mesmo tendo outros filhos, o sofrimento é para o resto da vida. Durante meses, não sabia o que era comer, o que era dormir: “*fiquei uma pessoa assim neutra, parada*”. Diz que os irmãos também se abalaram, mas que o choque maior é para a mãe. Eva disse a seus filhos que não queria vingança. Seu desejo é que nunca tirem a vida de ninguém, pois, a dor pela qual passou não deseja para nenhuma mãe. Considera que sua força é a arma que tem para continuar lutando. Porém, diz ter a consciência de que não

pode garantir que os irmãos de Lucas nunca irão vingar-se e aconselha o assassino a nunca passar pelo batente de sua porta.

Ao enfrentar a prisão injusta de Joel, o sofrimento foi tanto que, de 84 quilos, Eva passou a pesar 36 Kg, tornando-se “*só osso em pé*”. Refere que a situação enfrentada com Joel foi seu pior pesadelo e que penou muito até conseguir provar sua inocência. Diz que esta tragédia lhe abalou muito e pensava em morrer, pois nunca pensou em frequentar uma cadeia. Ali é uma tristeza, onde “*filho chora e a mãe não escuta*”. Passava necessidade, mas não deixava de visitá-lo e de levar dinheiro, pois não queria que Joel contraísse dívidas lá dentro, “*porque ali é um lugar que matam a pessoa por dez centavos*”. Davi diz que a mãe teve muito sofrimento na vida, não apenas com seu pai, mas com o pai de seus irmãos também. Acredita que, após esse episódio, ela “*se acabou no sofrimento*”, mas nunca desistiu de lutar pelos filhos: é uma guerreira.

Nos Irmãos - Davi conta que quando Lucas morreu, tinha em torno de sete anos¹⁵, mas lembra bem do episódio, pois, naquele dia, seu pai estava querendo lhe dar uma surra e havia se escondido, com medo, atrás de um poste. Viu seu irmão de bicicleta e o amigo pedindo-a emprestada. Brigaram, o amigo sacou a arma e atirou. Davi diz que assistiu a tudo e que, dali em diante, foi só sofrimento, acontecendo só coisas ruins em sua casa. Outra situação marcante, foi quando seu pai foi assassinado por traficantes com dois tiros no peito. Davi estava com 8 anos: “*mataram meu irmão, mataram meu pai*”. Diz que tudo está em sua memória e sente-se inconformado por ter perdido o pai para a violência, mesmo sabendo que “*ele era envolvido*”. Com a morte do pai, a violência em casa acabou, mas acredita que se ele ainda vivesse, seria uma pessoa feliz, pois “*ficar sem pai não é bom*”. Conta que mudou muito a partir disso tudo e deixou de ser aquele “*bobão velho*”. Não confia em ninguém além da mãe e Deus. Descreve-se como uma pessoa calada, “*na sua*”, mas que não baixa a cabeça. Considera que isto pode não ser bom. Revolta-se contra a violência e tudo o que aconteceu, mas diz guardar esse ódio para si mesmo e não gostar de comentar sobre essas coisas. Aprendeu muito sobre como é o mundo desde os seus oito anos para cá. Acredita que seu irmão Daniel seja mais revoltado ainda com a morte do pai, mas não quer vê-lo se “*metendo em furada*”, como ele próprio já se meteu.

¹⁵ Há uma contradição em relação a essa lembrança, pois pela data de nascimento que consta no prontuário, Davi nasceu em 1990, portanto, tinha apenas 4 anos de idade.

3.1.5 – ATOS INFRACIONAIS, DROGAS, TRÁFICO E VISÃO DA JUSTIÇA E POLÍCIA

Uso de Drogas - A família como um todo tem um histórico de uso de drogas lícitas e ilícitas. Vide que, pelo menos três maridos da mãe, são descritos como alcoolistas e, pelo menos dois, faziam uso de drogas ilícitas também. Eva revela que ela própria já estava dependente do álcool, provocando o afastamento dos filhos. Há seis meses, frequenta a Igreja Universal e está “se libertando”. Não bebe mais e os filhos reconhecem sua mudança.

Não fica claro no relato quais filhos eram usuários de drogas. Temos acesso apenas à história de Davi, que iniciou o uso de drogas aos 12 anos. Envolveu-se com o tráfico, mas “*era tranquilo*”, pois fazia negócios para si mesmo. Ficava despreocupado, pois podia fazer o que quisesse com a droga (dar, vender, usar). Conta que quando foi para o CAJE, “*deu um tempo*”, pois sua mãe chegava a chorar quando ia visitá-lo. Acha que isso não é vida para ela, pois a mãe é quem mais sofre, mas ressalta que, se fosse só por ele mesmo, “*não tinha nada não*”. Relata que alguns amigos chegaram a matar para poder usar drogas.

Envolvimento com atos infracionais e práticas de violência – Eva teve dois maridos traficantes e quatro filhos em conflito com a lei. Falaremos de Davi, por ser a história a qual temos maior acesso. Segundo Eva, não faltava nada em casa e Davi não tinha necessidade de se envolver, fazendo “*aviãozinho*”¹⁶ para os traficantes em troca de R\$ 5,00. Sua atitude acabou saindo cara, pois, foi pego com seis latas de merla. Eva relata que falou para o juiz que, como mãe, não rouba, trabalha, e enfrenta tudo para não ver os filhos pegando nada de ninguém. Diz que foi uma fraqueza de Davi e que não sabia que ele era ‘*envolvido*’. Acredita que, se ele está errado, tem que ser punido, pois, se protegê-lo, Davi acreditará que ela irá apoiá-lo sempre. Relata que controla sua frequência na escola, com quem anda e o uso de drogas. Diz ter medo de passar pelo mesmo pesadelo que passou com Joel (prisão). Davi começou a se envolver com roubos aos 12 anos (mesma época em que iniciou o uso de drogas). Para Eva, o que traz a violência e a bandidagem é o desemprego. Se o governo desse emprego, acabaria. Fala ainda do preconceito da sociedade para com quem passou pela justiça; ninguém quer dar emprego,

¹⁶ Transporte de drogas.

pois acham que é bandido. Diz que a pessoa se revolta e acaba caindo no mundo do crime e, depois que entra, é difícil de sair.

Davi já perdeu três amigos por causa de violência (por drogas, armas e um tênis). Quando recebe essas notícias, fica pensando se seu futuro será esse também. Acha que ninguém pensa em matar ninguém, mas na hora do nervosismo, pode acontecer. Conta que a mãe conversa com ele, explica o que ele irá passar se continuar tendo determinadas atitudes. Por isso, parou de aprontar e diz ter *“ficado quieto”*. Após ter sido preso, a mãe viu que ele melhorou muito e hoje ela sente orgulho dele. Davi não quer que Eva passe por nada de ruim por causa dele. Para ele, o que gera violência são as drogas e as armas, levando as pessoas a matarem pais de família, *“atrasando a vida dos outros aí”*. Diz que não é certo, mas quem está na vida do crime, só *“quer saber da droga, da pilha dos outros, do que botam na cabeça”*; fazer coisas erradas para crescer, ter fama, dinheiro, ser visto, ter moral no local onde moram. Ressalta que isso um dia acaba, afinal, a pessoa consegue tudo hoje (carro, arma, droga, fama, mulher), mas amanhã pode perder rapidamente. Em sua visão, a maioria dos atos infracionais ocorre por necessidade. As pessoas vêem os pais passando necessidades e acabam entrando na *“vida do mundão”* para dar do bom e do melhor para eles. Conta que agora, se contenta com tudo que a mãe lhe dá e não pensa em *“ter tudo de uma hora para outra”*, pois isso só atrai atraso para a vida da pessoa. Diz que quando entrou para o mundo do crime, não estava ligando para nada, mas depois de ter *“passado mal lá no CAJE”*, pensou bem, e hoje se preocupa com o futuro.

Davi acredita que há possibilidade das pessoas se regenerarem. Conta que vários amigos de seu pai, que usavam drogas e viviam trocando tiros, servem de exemplo, pois, saíram da cadeia e estão diferentes. Alguns, viraram crentes; outros, estão trabalhando. Para sair dessa vida, Davi gostaria de arranjar um emprego que o distraísse da rua, das esquinas, de andar com más companhias. Diz não confiar nos caras com quem anda nas rodas, pois, já diz o ditado: *“maldito o homem que confia no homem”*.

Justiça e Polícia - Davi diz não confiar na justiça, pois na justiça, *“só tem safado também”*. A justiça se puder, afunda mais ainda as pessoas. Para Davi, a polícia quando pega o marginal, ao invés de levar para a cadeia, acaba matando. Os policiais são os próprios *“olho grande”* dos traficantes. Já Eva, consegue estabelecer a diferença de papéis entre a polícia e a justiça. Parece ter a dimensão da importância da justiça, quando diz que

se o filho comete algo errado, tem que pagar. Segundo ela, o juiz deu uma sentença pequena a Davi, como uma primeira oportunidade, porque ele teve bom comportamento, é estudante e tem residência fixa. Se for pego de novo, o juiz não dará novamente essa chance e Davi deve aproveitá-la.

3.1.6 - RUMO AO FUTURO

O desejo de Eva para o futuro é de que seus filhos estudem. Três deles chegaram até o segundo grau. Gostaria de vê-los formados, *“para ser alguém na vida”*, um advogado, um médico, um dentista, um militar. Reclama que o governo não incentiva os jovens a fazerem faculdade e, segundo ela, *“o governo tinha que ver isso, abrir uma faculdade para a pobreza”*. Os adolescentes de baixa renda terminam os estudos e ficam perambulando, podendo acabar fazendo alguma besteira. Diz que, muitas vezes, não vê saída, tem vontade de beber veneno e *“dar veneno para esse povo todinho”*. Talvez assim, o sofrimento acabe. Diz que a sua missão já cumpriu, não quer mais ficar aqui para ver sofrimento. Falou isso para o pastor que a consolou e, na hora, sentiu-se aliviada, mas agora sempre se agita.

Para Davi, não há como saber do futuro, só pensar. Diz saber que, se não estudar, não será nada na vida, mas está aí, *“enquanto a minha mãe tiver por mim”*. Quando pensa em sua vida daqui a dez anos, diz que imagina uma mulher, um filho, uma casa conquistada com o próprio suor, estar trabalhando e se sustentando: *“eu não penso na vida do mundo não”*. Davi não tem medo de morrer, pois todos irão morrer. Mas não gostaria de morrer de uma forma violenta (tiro, facada). Seu plano para o futuro é sair dessa e viver em paz, cuidando da mãe e de seus filhos. Acha que irá conseguir, *“com certeza e com fé em Deus”* e que *“não se deve pensar no mal, só no bem”*.

3.1.7 - DISCUSSÃO SOBRE O CICLO DE VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO NA FAMÍLIA SOBREVIVÊNCIA

O genograma e a linha do tempo revelam um histórico de repetição de situações de violência, sofrimento e privações em vários níveis. Toda a trama sócio-familiar é ligada à pobreza e a luta pela sobrevivência, neste contexto, guarda também uma dimensão violenta. A partir de um olhar sistêmico, encontramos um quadro de prejuízo na rede primária de Eva, principalmente a partir da morte de seus pais. Há um histórico de múltiplos abandonos que se sucedem desde cedo: abandonada pela madrasta, abandonada pelo primeiro companheiro, abandono social. Tornou-se moradora de rua e não encontrou apoio nos homens com os quais se relacionou, percorrendo uma trajetória de total solidão em sustentar e cuidar dos filhos. Na linha do tempo, podemos perceber que o auxílio institucional entrou precocemente na vida desta mãe. A lacuna deixada pela falta de suporte familiar foi preenchida pela rede secundária, que passou a exercer o papel de proteção, constituindo-se em seu esteio, uma vez que, desde adolescente, Eva e sua prole recorrem aos serviços de assistência do CDS. A importância deste apoio fica clara quando Eva fala que seus amigos são o “*pessoal do CDS e da Vara da Infância*”, ou seja, conseguiu estabelecer uma relação de confiança com as instituições. Percebemos aqui, o valor que as políticas públicas de assistência adquiriram no seio desta família, pois, permitem a sua manutenção e são a sua maior referência. Enquanto a linha do tempo revela um incessante suceder de tragédias domésticas entre agressões e assassinatos, percebe-se que o CDS está sempre como pano de fundo, sendo o sustentáculo que segura e auxilia essa mulher e sua família.

O único projeto de vida que Eva consegue realizar é ser mãe repetidas vezes. A centralidade de sua figura é a referência e coluna vertebral da família, pois, agrega todos os filhos. Lutou para manter a família unida, orgulhando-se de não ter entregue nenhum filho para adoção. Deposita muitas expectativas neles (estudo, trabalho), mas não consegue dar condições sozinha para que os projetos se realizem, precisando do apoio institucional. Os relacionamentos da mãe são conturbados, fugazes e transitórios. Há um histórico de casamentos que não se mantêm por muitos anos, mas deixam marcas: os filhos gerados ou a violência (marca da vinculação entre o casal). Não se investigou a

fundo todos os casamentos, mas, em geral, os companheiros são agressivos, seja com ela, seja com os filhos, e têm problemas em relação ao álcool ou drogas. Após a separação, perdem o contato, rompem os vínculos, não participando da educação e manutenção da prole. A única exceção foi Jacó, pai de Davi e Daniel, que os levou para morarem com ele.

A autoria da violência e a vitimização guardam fronteiras bastante estreitas. Ao pensarmos no comportamento desses ex-companheiros agressores, percebemos que eles próprios se colocavam em situações de risco e exposição à violência, afinal, dois deles estavam envolvidos com o mundo das atividades ilícitas (tráfico, assaltos) e foram assassinados. Neste sentido, as situações de risco e morte rondam e expõem a todos, pois aparecem muito próximas ao ambiente familiar. O próprio Davi relata que, muitas vezes, viu seu pai esfaqueado ou baleado. O envolvimento com o mundo do crime e a violência, já faziam parte do cotidiano da família e há dificuldade em se romper com este ciclo maldito.

Na cronologia familiar, vários choques vão abalando o sistema: a tentativa de assassinato por parte do ex-marido, a condenação injusta de Joel, as agressões de Jacó, a morte de Lucas. Eva perde o filho em uma situação fútil, vulgar, que revela uma atitude extrema, morrer por uma bicicleta. É possível acreditar que a motivação do crime tenha sido apenas esta? Impossível saber. Racionalmente, Eva diz nunca ter desejado vingança, mas podemos ler nas entrelinhas uma indignação (e até um desejo de concretização), quando alerta o assassino para que nunca passe perto de sua casa, pois não pode impedir que seus filhos se vinguem. Um ponto que chama atenção a respeito de Eva é que, ao mesmo tempo em que se coloca como guerreira e mãe fortaleza, deixa transparecer sua fragilidade na fala acerca do “*tomar veneno e dar veneno para todos*”. É uma medida extrema, que revela seu limite e desespero frente às circunstâncias. Há sofrimento físico e psicológico. A questão de seu alcoolismo velado também deve ser levada em conta, enquanto um ponto que a fragiliza e afeta a família, mas que pode ter a função de anestesiar tantas feridas abertas.

Quando ampliamos nosso olhar em direção a outras redes sociais, como a **justiça**, Eva demonstra confiança, percebendo a dimensão protetiva dessa instituição. Confia e legitima a autoridade do juiz enquanto elemento que possibilita estabelecer os limites necessários aos adolescentes. Entretanto, apesar dessas noções, a família como um todo

parece paralisada, lutando pouco por seus direitos e para que a justiça efetivamente ocorra (tanto na morte de Lucas, quanto na prisão de Joel). A idéia que conforta é a crença na “*justiça divina*” que não falha, em contraponto à “*justiça dos homens*”, que nem sempre é correta. Talvez, essas crenças ocorram com o intuito de deixar o sofrimento de lado, pois, é melhor calar e não remexer na ferida. A noção de cidadania é fraca.

Os fatores sociais (desemprego, uso de drogas) são colocados como geradores de violência; além da exclusão pelo preconceito, que também aparece como algo que empurra para o mundo do crime. Se a pessoa já teve passagem pela justiça, tem o passaporte para afundar-se na marginalidade, já que a sociedade não abre espaço para quem teve essa vivência. Esse é o caso de Joel. Mas Eva percebe que a violência também pode ser perpetrada através de ressonâncias nas relações da própria família. Demonstra o medo da repetição do ciclo, não só pelos irmãos menores que enxergam os maiores cometendo atos infracionais, mas pelo mau exemplo que seus maridos deram. Eva não conseguiu manter os filhos afastados de situações de risco e do mundo do crime, apesar de ter lutado para isto. A morte de Lucas foi apenas mais um elo na corrente que já aprisionava a todos. Pelo menos quatro de seus filhos tiveram problemas com a justiça, o que nos leva a crer que são adolescentes expostos a situações de risco e fragilizados. Num quadro geral do genograma, são poucos os elementos da família que escaparam ilesos da vivência de situações de violência. Em relação aos três mais velhos, tudo indica que conseguiram sair do circuito (Oséias virou pastor, Marcos constituiu família e Joel passou a ter medo da polícia).

O caminho de Davi em relação à cronologia familiar, parece mais complicado. Davi cresceu neste ambiente tenso e, após a sucessão de tragédias familiares, deu início à trajetória de sua própria tragédia pessoal, na qual o uso de drogas aparece como porta de entrada para o mundo da criminalidade. Davi deixa a impressão de que sua infância terminou cedo, a partir das situações de violência em relação à sua mãe, da dura vivência da morte do irmão, da morte do pai. A consciência de uma realidade cruel é emblemática ao descrever quando deixou de ser criança, de ser o “*bobão velho*”. Primeiro, assistiu ao assassinato do próprio irmão; depois, começou a usar drogas na mesma época em que o irmão Joel foi preso; posteriormente, envolveu-se com o tráfico, atividade idealizada e vista como forma de sobrevivência. Sem estabelecer uma relação maniqueísta, não

podemos esquecer que o tráfico era o meio de subsistência de seu pai, que era traficante e morreu assassinado quando fazia negócios. Segue, assim, o exemplo paterno. Fica uma inquietação no ar, ao se pensar nas chances e possibilidades que Davi tem de reescrever uma nova história, não repetindo os modelos que traz como referência. Há uma desconfiança de que o mundo não possa lhe proporcionar coisas boas, é preciso desconfiar das amizades e o melhor é ser sozinho. Seu sofrimento aparece desta forma.

O relacionamento com o pai tinha grande importância na vida de Davi e deixou uma lacuna, um vazio de referências positivas. Sente revolta por ter perdido o pai, apesar de seus erros e o envolvimento com o mundo do crime. Só o sofrimento da mãe o leva a questionar o caminho que estava seguindo rumo à marginalidade, pois ela é seu ponto de apoio. O adolescente diz que, enquanto ela lutar pelos filhos, é possível para ele manter-se afastado do risco. Resta saber se esta referência é forte o suficiente para segurá-lo depois que ela se for, quando ele diz que “*não tem mais nada*”. Agora, só consegue dar valor à mãe, não querendo decepcioná-la. A mãe é a voz do sofrimento. Davi é a voz da revolta. Neste contexto, em que uma vida vale menos que uma bicicleta, realmente, “*amizade demais só leva a morte mesmo*”. Para Davi, o crime é a porta de entrada para o consumo, a fama, o poder, o dinheiro, o respeito. Um respeito que se impõe pelo medo, pela intimidação. O universo da ilegalidade e suas ambigüidades exercem um grande fascínio, mas há o perigo constante, pois, pode-se perder tudo a qualquer momento, inclusive a própria vida. Davi questiona se seu futuro poderá vir a ser o mesmo, trazendo um triste retrato da cruzeza com que as mortes se dissipam no cotidiano da periferia de Brasília. Esta é uma família bastante vulnerável e que necessita ser protegida, pois, aparece como vítima, seja do sistema, da pobreza, da violência. Porém, é uma via de mão dupla, pois essa mesma família pode produzir também um algoz. Essa ainda é uma importante ressonância: uma família que sofreu uma violência extrema, também gera filhos violentos. O sofrimento quase constante abalou a todos, sendo que alguns, como Davi, atuam fora, outros, como Eva, guardam dentro de si.

3.2 – A FAMÍLIA ESPERANÇA

3.2.1 - APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA : História e Contextualização

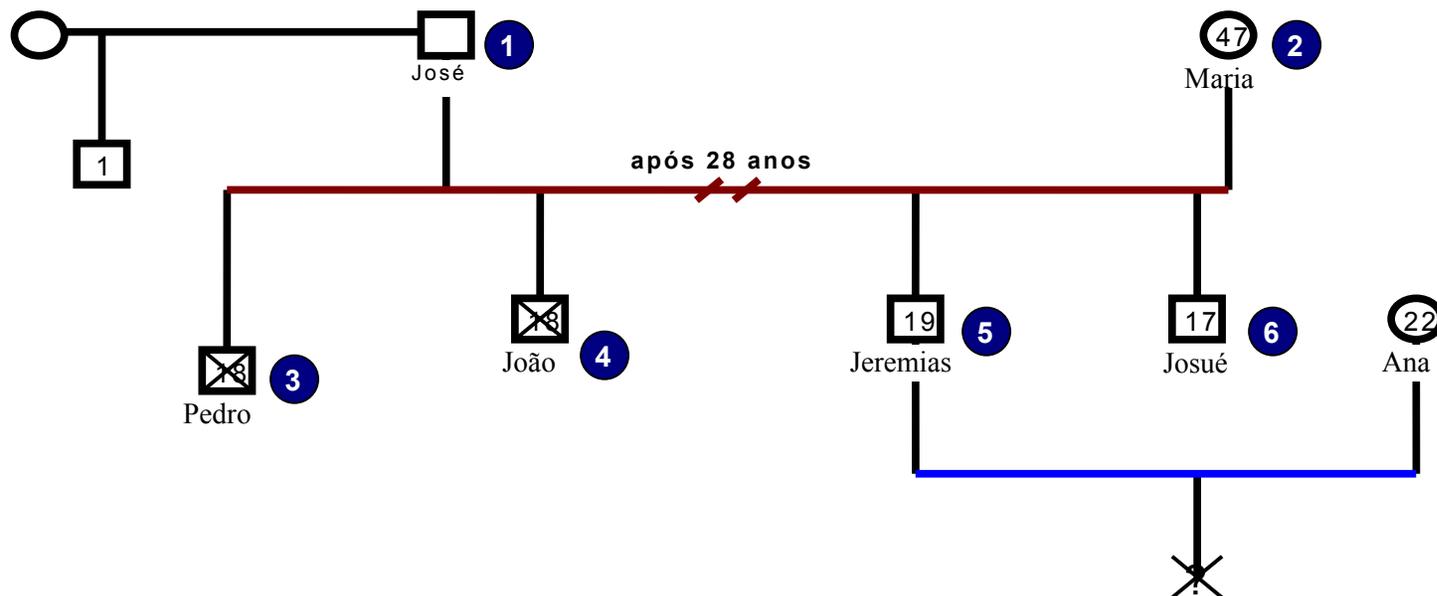
A família de Maria (47 anos) foi indicada para participar da pesquisa pois perdeu dois filhos adolescentes por morte violenta: Pedro (assassinado por um amigo aos 18 anos, em 1998) e João (morto aos 18 anos, em 2002, atropelado por um caminhão após realizar um assalto). Restaram-lhe dois filhos: Jeremias (19 anos, em cumprimento de LA no CDS há 17 meses, por assalto) e Josué (17 anos, sem envolvimento com a justiça). Disse para a pesquisadora que não gostaria de remexer no assunto, mas disponibilizou-se a participar, juntamente com o filho Jeremias. As entrevistas foram realizadas no próprio CDS, em dias diferentes, devido à disponibilidade de tempo dos dois. A família não participa dos grupos multifamiliares, pois Jeremias trabalha num bar do Plano Piloto até de madrugada e compareceu à entrevista no único dia de folga que possui. Não está estudando no momento, pois as exigências de seu emprego dificultam este projeto.

Maria é uma mulher bonita, que aparenta força e jovialidade. Estudou até a 4ª série primária e trabalha no setor de limpeza de um hospital. Os quatro filhos nasceram na Bahia e a família migrou para o DF em 1992. O casal foi trabalhar em uma chácara e, posteriormente, abriu um bar. Não chegaram a passar necessidade, pois, *“sempre entrava algum dinheiro para o arroz e o feijão”*. Maria separou-se do marido em 2002, por violência e maus-tratos após 28 anos de união. Os dois filhos (Jeremias e o caçula Josué, 17 anos, que cursa a oitava série) mudaram-se para um barraco simples com a mãe, pois, segundo Jeremias, *“pai a gente arruma em qualquer lugar, agora mãe é só uma”*. Passaram a fazer parte do Núcleo de Proteção Especial do CDS, recebendo cesta básica em função da situação econômica difícil. Maria sente medo do lugar em que mora atualmente, pois é muito violento e diariamente há tiroteios. Há oito meses, também vive na casa a namorada de Jeremias, Ana, de 22 anos, que já finalizou o segundo grau, mas está desempregada. José, o pai, constituiu nova família e mantém contato esporádico com os filhos, sem ajudá-los financeiramente. No momento, a família sobrevive dos salários de Maria e de Jeremias. A morte dos dois filhos mais velhos repercutiu em todo o sistema familiar, fragilizando-o.

3.2.1.1 - Linha do Tempo

- 1974** - Maria inicia o relacionamento com José, na Bahia, aos 17 anos
- 1980** – Nasce o primeiro filho, Pedro
- 1984** – Nasce o segundo filho, João
- 1985** – Nasce o terceiro filho, Jeremias.
- 1988** – Nasce o quarto filho, Josué.
- 1992** – A família migra para o DF em busca de novas oportunidades; José é violento com Maria.
- 1993** - Família compra um lote em uma cidade satélite, onde José abre um bar. Pedro, com 13 anos, não acompanha os pais, passando a viver em outra cidade com a tia.
- 1995** – Maria começa a trabalhar. Jeremias inicia o uso de drogas, aos 10 anos. João, com 11, também já é usuário.
- 1998**- Pedro morre assassinado por um amigo, aos 18 anos. Há suspeita de envolvimento com o tráfico. Pai entra em crise, ameaça matar a família. Mãe pensa em morrer também. João fica revoltado e fala em vingança. Jeremias abandona a escola.
- 1998 - 2001**- João assalta, trafica e usa drogas. Internado no CAJE várias vezes.
- 2002** - João morre aos 18 anos, atropelado por um caminhão. Estava sendo perseguido por um policial após realizar um assalto. José e Maria separam-se, após 28 anos de união, em função de maus-tratos e traições. Jeremias e Josué optam por viver com a mãe. Família passa a fazer parte do Núcleo de Proteção Especial do CDS. Maria busca atendimento psicológico, pois pensa em suicídio. Jeremias “afunda-se” mais, passando a assaltar, usar armas e traficar.
- 2003** – Jeremias esconde armas em casa, pensando em vingar o irmão. É recolhido ao CAJE por duas vezes. Na primeira, é suspeito de participação em assalto (roubo de carro). Na segunda, por suspeita de latrocínio junto com outros amigos.
- 2004** – Jeremias começa a “mudar”, após tornar-se maior de idade. Não comete mais nenhum ato infracional, pois não quer ver sua mãe sofrendo. Cumpre liberdade assistida.
- 2005** – A namorada de Jeremias passa a viver na casa com a família. Jeremias continua em cumprimento de medida de LA após 17 meses e planeja voltar para a escola. Jeremias começa a trabalhar em um restaurante e pretende estreitar os laços com o irmão Josué para que ele não siga seu mau exemplo. O assassino de Pedro muda-se para a rua em que a família mora e Jeremias ainda pensa em vingança.

3.2.1.2- Genograma da Família Esperança



LEGENDA DO GENOGRAMA:

1 – José (pai) – Alcoolista, agressivo com Maria e com os filhos. Descrito como violento, nervoso e agitado. Pensou em vingar a morte do filho Pedro.

2 – Maria abandona o marido por maus-tratos e traições.

3 – Usuário de drogas. Sem passagem pela justiça, mas com suspeita de envolvimento com o tráfico. Assassinado com tiros por um amigo. Motivo provável do crime: rixa.

4 – João revolta-se com a morte do irmão e pensa em vingá-lo. Usuário de drogas. Cumprimento de várias medidas (internação no CAJE, semiliberdade e liberdade assistida). Atos infracionais: assalto, porte de arma, tráfico de drogas. Morre atropelado enquanto fugia da polícia após realizar um assalto.

5 – Usuário de drogas (cocaína, maconha). Cumprimento de várias medidas (internação no CAJE, Semiliberdade e Liberdade Assistida). Atos infracionais: assalto, porte de arma, tráfico de drogas. Já foi baleado e ameaçado de morte por rixa, várias vezes. Vivenciou situações de tortura policial várias vezes. Conhece o assassino do irmão e até hoje pensa em vingança.

6 - Não tem passagem pela justiça, mas é descrito como o mais nervoso da família. Jeremias teme que Josué se envolva com atos infracionais pois quer “curtir a vida”.

3.2.2- O CONTEXTO DAS MORTES DE PEDRO E JOÃO

3.2.2.1 - A Morte de Pedro

Pedro era o primogênito de José e Maria. Morreu assassinado com tiros, aos 18 anos, em 1998. Segundo a mãe, Pedro não tinha envolvimento com drogas nem problemas com a polícia: “*nunca fez nada, nunca fez sangue*”. Ninguém esperava este desfecho.¹⁷ Quando a família foi viver em outra cidade, Pedro estava com 13 anos e não quis acompanhá-los, passando a viver com uma tia, e só visitando os pais no final de semana. Finalizou o primeiro grau, mas parou de estudar, passando a trabalhar como ajudante de construção. É descrito pela mãe como um menino bom, bonito e esperto. Estava se preparando para entrar no exército, mas foi morto um mês antes de começar a servir.

Segundo a mãe, namorava muitas garotas e acabou relacionando-se com uma mulher bem mais velha. Quando Pedro terminou o relacionamento, essa mulher teria dito que gostaria de vê-lo no fundo do poço. Maria acredita que ela seja a mandante do crime, contratando um amigo de Pedro para que ele “*fizesse o serviço*”. Apesar de achá-la culpada, não têm provas. O assassinato ocorreu na casa da tia. A família estava reunida, mas o assassino só atirou em Pedro: “*ele queria fazer mesmo só com ele*”, diz a mãe. Os vizinhos o socorreram, mas ele já chegou morto ao hospital.

Na versão de Jeremias, apesar do irmão não ter passagem pela justiça, era usuário de drogas e estava envolvido com o tráfico. Para ele, o motivo do crime foi algum negócio pendente, alguma rixa. Ao contrário da mãe, não crê que esteja relacionado a “*problema com mulher*”, pois, no local em que Pedro vivia, havia disputa entre duas quadras, mas o irmão tinha passe livre nos dois lados. Era “*considerado*” por estar vendendo drogas. Pedro era amigo do rapaz que o matou. O assassino era menor de idade, foi recolhido ao

¹⁷

No prontuário de Jeremias, consta a suspeita de que Pedro estivesse envolvido com o tráfico, apesar de não ter passagem pela justiça. A mãe sonega esta informação, por desconhecê-la ou omiti-la.

CAJE em função do crime e já esteve preso por vários motivos. Jeremias conta que, atualmente, o assassino do irmão está vivendo na mesma quadra que eles. Conhece-o, mas não conversam, pois “*não suporto nem olhar para a cara daquele miserável*”.

Maria acredita que o assassino estivesse drogado para ter a coragem de atirar brutalmente. Diz que conhece bem a mãe dele e que chegaram até a conversar um dia. A mãe do assassino falou que não tinha culpa, pois “*quem é que vai mandar filho fazer uma coisa destas?*”. Maria diz que não irá culpar a mãe dele, pois também é mãe, e sabe que mãe não manda filho fazer coisa errada. Para ela, no caso de Pedro foi feita justiça, pois o rapaz foi preso, mesmo que tenha sido por outras infrações que não o assassinato. Jeremias diz que a família não acompanhou o processo na justiça (a mãe não quis se envolver). Com a mãe, nem se toca nesse assunto, pois ela teme que o assassino possa fazer alguma coisa contra Jeremias ou Josué. Quem correu atrás do processo foi a tia.

3.2.2.2 - A Morte de João

Quando Pedro morreu, João estava com 14 anos. Ficou revoltado, falando em vingança. Sempre dizia que o dia em que o assassino ficasse solto, que ele não passasse perto dele. A mãe tentava dissuadi-lo da idéia, dizendo que “*a justiça, Deus é quem dá*”. João foi morto aos 18 anos, em 2002, atropelado por um caminhão. Segundo a mãe, a culpa não foi do motorista, pois foi seu filho quem “*procurou*”. Não fala nada a respeito do contexto do atropelamento. A história se desvela na entrevista com o irmão Jeremias, que conta que João foi morto enquanto fugia da polícia, após assaltar um ônibus.

Jeremias relata que João vivia na “*vida louca*” e que estava envolvido em todas as trapanças, pois “*era louco*”: assaltava, traficava, já havia sido preso várias vezes, além de ser usuário de drogas. Diz que o irmão se considerava o “*fodão*” da cidade, só pensando em dinheiro, revólver e mulher, passando dias sem aparecer em casa. Para Jeremias, o irmão se deixou levar pela “*cabeça dos outros*” e se revoltou com a morte de Pedro. Mal saía da cadeia (CAJE), já arranjava novas armas. Chegou a ter três revólveres só dele, que emprestava para que os amigos assaltassem, dividindo o lucro com ele depois. Todas as manhãs, às seis horas da manhã, João já ia para o ponto assaltar ônibus. Assaltava ali

mesmo, onde morava, descia, atravessava a pista e já estava em casa de novo. Ele “*se considerava*”, afinal, todo dia tinha dinheiro no bolso. De tanto João roubar, colocaram um policial disfarçado dentro do ônibus. Foi pego, fugiu e não viu o caminhão que o atropelou.

Com a morte deste filho, Maria conseguiu tomar a decisão de separar-se, levando os dois filhos que restaram com ela, pois, também era seu desejo afastá-los da cidade em que viviam.

3.2.3 - O CICLO DE VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

É possível vislumbrar o ciclo de violência a que esta família está exposta já na relação parental, pois Maria relata que o ex-marido era muito violento, nervoso e agitado. Quando alcoolizado, chegou inclusive a ameaçá-la de morte, mas Maria tinha medo de pedir a separação e “*não dar conta de criar os filhos sozinha*”, o que agora julga ser uma “*besteira*”. Segundo ela, quando os meninos eram pequenos, José também os agredia, chegando a deixar umas “*marcazinhas*”. Mas, o confronto maior era mesmo com a esposa. Jeremias lembra que depois que o pai viu que os filhos estavam andando armados, passou a ter receio de “*ciscar a mão*” em sua mãe. Entre as escaladas diferentes a respeito da violência nesta família, destaca-se a presença das armas, tráfico e o envolvimento dos filhos com a violência do cotidiano da periferia em que vivem. É preciso destacar o uso de álcool e drogas, pois, o pai fica violento quando bebe. Já os irmãos, faziam uso de drogas, seguindo os exemplos negativos, sucessivamente envolvendo-se com a criminalidade.

3.2.4 - RESSONÂNCIAS DAS MORTES DE PEDRO E JOÃO E OUTRAS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS NA FAMÍLIA

Na Mãe - Quando o primeiro filho morreu, Maria pensou que fosse morrer também. Conta que o marido “*ficou louco*”, ameaçando matar toda a família, perdendo o

limite. Um tempo depois, conseguiu apoiar Maria, porém, até hoje é revoltado pelas mortes e quando bêbado, sempre fala em vingança. Maria não gosta de lembrar nem de falar no assunto, pois, sente muita falta, e gostaria que os filhos ainda estivessem junto dela. Diz pensar principalmente em Pedro, porque ele nunca lhe deu trabalho: “*tá certo, se ele tivesse me dado trabalho, era meu filho também, mas foi um filho que nunca me deu trabalho*”. Em alguns dias esquece das tragédias, mas, em outros, tudo volta como se tivesse ocorrido ontem. Toda vez em que visita a cova dos filhos, revive o sofrimento como se fosse o primeiro dia. As perdas a abalaram psicologicamente e acha que todas as mães devem sentir o mesmo. Diz que sua memória falha, não consegue lembrar de datas, nem reconhecer as pessoas. Pensou em acabar com a própria vida, mas agora, pede perdão a Deus.

Após a morte de João, a mãe buscou atendimento psicológico no hospital em que trabalha, tomando antidepressivo, o que a ajudou muito, pois, passou a dormir e tornou-se uma pessoa mais aberta e alegre. Se não tivesse feito o tratamento, acha que nem existiria mais, pois, pensou em suicídio; o que a dissuadiu foi lembrar que ainda tem dois filhos que precisam dela. Maria fala que tem que ter a cabeça assentada, pois perder filhos não é fácil, já que nada do que fizer será capaz de trazê-los de volta. Conta que guarda em seu coração seus filhos e seus ressentimentos, mas não pode se despedaçar. Procura dar bom exemplo para os filhos que vivem. Jeremias diz que o pai sofreu, mas não tanto quanto a mãe, que até hoje luta por eles.

Nos Irmãos: Jeremias tinha 13 anos quando o irmão mais velho morreu. Nesta época, freqüentava a escola, mas, depois que o irmão se foi, “*tudo ficou meio esquisito*”. Relata que começou a “*desandar*” e não quis mais estudar. Apesar de conversarem pouco, eram amigos e muito unidos. Ao vivenciar a morte do segundo irmão, diz que “*só afundou mais*”, pois, nem a morte dos dois, o fez enxergar que estava fazendo opções erradas, podendo acabar no mesmo destino. Ao contrário, seu objetivo passou a ser o de tornar-se mais que eles, afinal, “*já tinha perdido os irmãos mesmo*”. Foi difícil para a mãe vê-lo no mesmo caminho, Maria quase não agüentou, mas Jeremias não pensava em seu sofrimento. Passava dias sem aparecer, só pensando em dinheiro, armas, se deixando levar por más influências, “*ir pela cabeça dos outros*”, o que hoje considera perigoso. Ressalta

que também queria ser o “*fodão*”, anunciar o assalto, se destacar, como uma forma de mostrar “*eu tenho atitude*”. Queria que a cidade ficasse sabendo: “*esse aí é bandido mesmo*” e, antes mesmo da morte dos irmãos, já estava “*afundando*”. Jeremias, até hoje, pensa em acertar as contas com o rapaz que matou Pedro. Há pouco tempo, passou por ele na rua e o pensamento voltou. Já chegou a guardar armas pensando: “*isso aqui eu vou enterrar, porque é para ele*”. Mas acabava emprestando as armas para amigos, eles iam presos e acabava perdendo-as. Hoje, acredita que foi Deus, pois se tivesse uma arma na época em que o assassino saiu da cadeia, teria se vingado. Apesar de pensar nisso, sabe que é algo que não poderia acontecer, pois, se tirar a vida do assassino, não trará a do irmão de volta e sua mãe sofrerá mais. Não quer a mãe passando pela humilhação de freqüentar um presídio, pois, como não existe crime perfeito, teria que pagar. Além do que, se matá-lo, alguém também vai querer vingá-lo, o que acarretará mais dores-de-cabeça para sua mãe.

Josué (17 anos), o caçula, é descrito como o “*mais nervosinho*” da família. Jeremias preocupa-se com o fato de Josué tê-lo visto fazer coisas erradas: “*eu achava que ele não ia pensar do jeito que eu penso, mas hoje, ele já está fumando cigarro, amanhã ele pode estar fumando drogas, cheirando*”. Não quer que a história se repita. Já falou para o irmão que se o pegar fumando, ele vai apanhar. Josué é fechado e Jeremias não força uma aproximação, mas gostaria de conversar e que se entendessem. Gostaria de agir com Josué de forma diferente da que João agia, pois, não havia diálogo. Pretende mudar a relação com o irmão agora, conversar, aconselhar. Acha que o apoio familiar é importante. Jeremias percebe que Josué está pensando em “*curtir*”, afinal ficará maior de idade e não aproveitou nada ainda.

3.2.5 – ATOS INFRACIONAIS, DROGAS, TRÁFICO E VISÃO DA JUSTIÇA E POLÍCIA

Uso de Drogas – O uso crônico do álcool pelo pai, afetava as relações familiares. Jeremias conta que também bebia e iniciou o uso de drogas aos 10 anos (maconha, depois

cocaína). Seus dois irmãos mais velhos faziam uso de drogas ilícitas e agora quer evitar que Josué também venha a fazer. Para ele, a maconha é natural, acalma os nervos e “desestressa”. Conhece vários pais de família que trabalham, fumam maconha e não fazem mal a ninguém. O problema está em ser algo proibido, mas não concorda que quem fuma tenha que ser tirado da sociedade. Diz que os usuários de merla e cocaína, sim, todo dia têm que roubar. Na época em que cheirava, era assim, sempre queria consumir mais, e acabava assaltando para conseguir: “*o cara fica doído, transformado*”. A pessoa pode chegar a matar só para poder comprar droga. Maria acredita que os jovens utilizam a droga no intuito de fazer algo errado, para terem coragem, sentirem-se mais seguros. Acha que as drogas e a bebida deveriam ser exterminadas, mas sabe que com o álcool é difícil de acabar.

Envolvimento com atos infracionais e práticas de violência – A lista de atos infracionais praticados por João e Jeremias é longa. Em 2003, Jeremias foi para o CAJE, suspeito de participação em roubo de carro, pois, a polícia encontrou em seu bolso uma chave *mixa*¹⁸ No mesmo ano, foi para o CAJE novamente, por acusação de ter praticado latrocínio, acusação esta que Jeremias considera injusta. Já foi pego por porte de arma várias vezes. Em 2005, está em cumprimento de medida há 17 meses. O juiz “*lhe deu uma chance*”, não precisou ficar preso, mas teria que freqüentar a escola, fazer cursos. Ficou cerca de 5 meses sem comparecer ao CDS por ter arranjado emprego. A equipe reforçou a idéia de que Jeremias deve comprometer-se com a medida, a fim de ser liberado pelo juiz. Jeremias mudou no momento em que ficou maior de idade, por medo de ser preso. Diz que os fatores que estão levando-o a sair da “*vida louca*” são o sofrimento da mãe e o relacionamento com Ana. Parou de usar drogas porque “*isso não leva a nada*”; deixou as “*más-companhias*” e não reincidiu no ato infracional. Só não foi liberado ainda por estar fora da escola. Jeremias considera que esteja se regenerando, e nem consegue lembrar muito dos irmãos que se foram. Todos estão felizes pelo fato de estar trabalhando, pois ocupa a mente. Segundo Maria, o filho é obediente e a escuta. Diz que pede a Deus sabedoria para lidar com os filhos, pois, com palavrão e briga as coisas não se resolvem.

¹⁸ **Chave falsa**, muito utilizada no furto de veículos.

Maria acredita que quando a pessoa chega da escola e vai trabalhar, não tem tempo de pensar coisas ruins. Em sua percepção, o que leva os adolescentes a se envolverem em atos infracionais é a falta de emprego. Jeremias acha que a violência está demais, mas arma se encontra em qualquer lugar, *“basta um diálogo com o dono e saber negociar”*. É possível comprar, ou apenas convidar a pessoa para participar do assalto também. Para o adolescente, o que leva os rapazes a optarem por esse caminho é ver o outro com tênis, roupa de marca enquanto não se tem nada; é a vontade de querer ser mais que os outros. Ao mesmo tempo, acredita que falta apoio familiar. Lembra que ganhava poucas roupas da mãe, mas, depois que passou a roubar, ele e João tinham muitas roupas, apesar da mãe dizer que não queria nada sujo dentro de casa. Com essa pressão, passaram a dormir fora de casa.

Na visão de Jeremias, o lado bom da malandragem é ser respeitado, *“ninguém chega com gracinha”*. A pessoa que é considerada, chega em qualquer lugar e pode sair de cabeça erguida. Acredita que nem todo malandro seja violento, às vezes, é puro orgulho. Mas existem alguns que só merecem a morte. Com o filho morto, a mãe pode ficar até mais sossegada, apesar de ser quem mais sofre. Para ele, o bandido de verdade *“é esperto e usa a cabeça”*, pensa no que é certo e no que é errado. Se alguém do grupo quer tirar vantagem, têm que acertar logo as contas e matar. Acha que outra coisa que pode causar rixa é briga por mulher; quem mexe com a mulher do outro, acaba morto. Nesses casos, alguém sempre vai querer vingança e fica morrendo gente dos dois lados. A guerra continua, seja na cadeia ou em qualquer lugar. Como solução para o problema, acredita que seja importante estudar, pois, ficar sem fazer nada atrai pensamentos ruins. Acha importante também o afastamento das amizades. Diz ter poucos amigos de verdade, que sejam confiáveis: *“amigo mesmo, é só Deus, minha mãe e minha mulher”*. Acredita que a malandragem é morte mesmo, não é nem cadeia. Se o jovem quiser ser malandro demais, sempre acaba morto.

Justiça e Polícia - Jeremias confia mais na justiça que na polícia, pois a justiça é pelo certo, pois *“o certo é certo e o errado é cobrado”*. Maria diz não acreditar na justiça dos homens, só na de Deus, pois a própria polícia faz coisas horrorosas, mata as pessoas. Jeremias relata que os policiais pegam as armas na rua com os jovens e, em seguida,

vendem para os próprios malandros, dividindo o lucro entre os policiais da viatura. Em sua percepção, a malandragem fica “*de boa*” com os PMs. Com a Civil, não é assim, pois, quando ela vem é por denúncia, e leva logo para a delegacia. Não confia na polícia de Brasília e conta já ter passado mal na mão deles. Os policiais levaram ele e os amigos para um matagal, onde foram agredidos. Sabiam que ninguém iria denunciar, pois “*nós éramos vagabundos mesmo*”. Conta ainda, que um dos PMs deu um tiro perto de seu ouvido, só para que ficasse surdo por um bom tempo.

3.2.6 - RUMO AO FUTURO

Maria pensa em casar-se novamente, mas com alguém com quem possa contar, que esteja bem financeiramente, lhe respeite e se dê bem com seus filhos. Ao mesmo tempo, diz já saber que está no final da vida, mas deseja um futuro melhor para seus filhos. Quer vê-los trabalhando e com a vida financeira estável. Gostaria de ter netos antes de falecer. Diz que já teve muita amargura e agora só quer alegria, uma vida boa e despreocupada. Voltou a estudar e participa de um projeto educacional para adultos. Pretende arranjar um emprego melhor e acha que está se preparando para isso.

Jeremias gostaria de montar um negócio próprio, um “*verdurão ou um açougue*”. Voltar a estudar e conquistar uma casa própria também está entre seus planos. Está feliz por estar trabalhando de carteira assinada, pois quando estava desempregado, só vinham pensamentos ruins na cabeça, de vender drogas, roubar. Diz que, quando se é de maior, se pensa duas vezes antes de cometer um delito, pois se vender drogas, são 12 anos de prisão. Pensa em mudar mais ainda e continuar crescendo, pois foi “*muito tempo perdido*”.

3.2.7 - DISCUSSÃO SOBRE O CICLO DE VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO NA FAMÍLIA ESPERANÇA

A escalada da violência aparece tanto no contexto no qual os jovens estavam inseridos, quanto no interior do próprio sistema familiar. O alcoolismo do pai é sinalizado como fonte de violência, na descrição de um pai que se tornava agressivo quando bebia. Este comportamento deixou marcas, evidenciadas na mágoa demonstrada por Maria em relação ao ex-marido. Já Jeremias, não fala com raiva do pai, mas, faz referência ao papel dos filhos como protetores da mãe. De alguma forma, a violência vivenciada pelos rapazes na rua, conseguia impor respeito a José, que passou a ter medo de “*ciscar a mão*” nela, provavelmente, por saber que os filhos andavam armados.

A linha do tempo demonstra uma sucessão cronológica de exposição dos adolescentes a situações de extremo risco. A família falhou em proteger esses filhos, pois, dois morreram e o terceiro estava indo pelo mesmo caminho. Na fala de Jeremias, percebe-se o valor que atribui à família como esteio e fonte de diálogo e apoio. Mas, por mais que haja amor, o fato da mãe, desde cedo, ter se distanciando dos filhos em função do trabalho, parece tê-los deixado deveras soltos. Fica a incógnita sobre o posicionamento do pai que, da mesma forma, não conseguiu protegê-los nem impor limites (ou talvez, nem tentasse), frente aos atos infracionais por eles praticados. Com a morte do primeiro filho, a mãe só pensava em morrer. Na verdade, todos saíram abalados, mas o acontecimento só exacerbou os comportamentos de risco dos irmãos, ao invés de freá-los: João passou a assaltar e traficar ainda mais; Jeremias, abandonou a escola e passou a utilizar mais drogas. O sofrimento jogou-os para fora do sistema, pondo-os em maior contato ainda com os perigos da rua. É como se João e Jeremias passassem a buscar os braços da morte também. Da mesma forma, a primeira morte inaugurou o **ciclo da revolta**, pois, tanto o pai, quanto João e Jeremias, falavam em vingança. A perpetração da violência passou a rondar, como uma grande sombra. Jeremias chegou a planejar muitas vezes a morte do assassino do irmão, que morava na mesma quadra.

O sofrimento gerado é grande e as situações vivenciadas tão mal-elaboradas que Maria tem dificuldade de abordar o assunto, omitindo dados da história dos filhos. A versão de Maria a respeito da morte de Pedro é um ponto importante a ser questionado. Será que realmente acredita que tenha sido crime passionai? Ou será que, deliberadamente, escondeu a história, já que a falha dos filhos, em alguma medida, pode detonar o julgamento dos pais? Será que houve o medo de ser julgada enquanto mãe pela pesquisadora? Acreditamos que este processo não revele uma omissão deliberada. Ao contrário, talvez sua atitude de negação das reais circunstâncias demonstre a dificuldade em suportar e elaborar o peso que esta vivência trouxe para a família, amenizando o sofrimento para si mesma e mantendo a imagem do filho idealizada. Pensar que Pedro foi morto por ciúmes, torna-o uma vítima, isentando-o de ser parte integrante de um circuito permeado por atos ilícitos e violência. Já Jeremias, indica claramente essa posição, ao dizer que o irmão era traficante respeitado nas duas quadras que estavam em pé de guerra. Ou seja, Pedro não estava apartado do processo de violência vivido; ao contrário, também fazia parte do perverso sistema.

No perfil de João, podemos identificar a busca pelo poder e a vontade de deixar marcada a sua identidade. Seu mundo passou a ser o das armas, do perigo, da violência. Porém, não conseguiu lidar com os limites e encontrar a sua própria medida. Cruzou a linha e descobriu não ser invencível, pois, buscou e encontrou a morte trágica. A morte de João também não foi aprofundada pela mãe na entrevista, mesmo sabendo que o interesse da pesquisadora era investigar situações de violência. Limitou-se a dizer que “*foi ele quem procurou*”, sem especificar o contexto de sua morte. Porém, não é possível olhar o fato como um simples acidente de trânsito, pois, a partir de inúmeras práticas infracionais, João também já era presa deste circuito de violência e morte. Dificilmente haveria saída.

O sofrimento passou a acompanhar Maria. Isto se traduz em seu desejo de morrer também, em seus problemas de memória, na atualização quase diária do impacto sofrido. O tratamento psicológico conseguiu resgatá-la. Apesar de não ter explicitado, nas entrelinhas há o medo que sente de que a história continue sendo reeditada. Aparece também um elo de identificação entre Maria e a mãe do assassino. A dizer que não irá culpá-la, na verdade está dizendo que a vê como um espelho de si própria. Afinal, assim

como neste momento seus filhos foram vítimas, nada impede que, em outro, tornassem-se algozes.

Nesta avalanche de fatos, o peso sobre a família tornou-se tão grande que Jeremias não agüentou, buscando refúgio na prática da violência também. Talvez, cair na marginalidade, tenha sido opção mais fácil do que conectar com a opressão sufocante que pairava no ambiente familiar, com a mãe beirando a loucura e planejando morrer também. A sucessão de atos infracionais por ele praticados e a total falta de limites e controle, demonstram isto. A morte dos dois irmãos mais velhos anestesiou Jeremias, conectado com um etos de masculinidade maior que o apego à própria vida, traduzido na vontade de ter armas, dinheiro, prestígio e poder.

Atualmente, Jeremias exerce um papel importante na família. Sua missão é a do herói capaz de quebrar a maldição ou o feitiço. Ele sabe disso e parece estar trabalhando neste sentido. Consegue pensar que, pela “tradição”, seria o próximo a seguir o destino da morte precoce. Atingir a maioria penal estabeleceu a ruptura com atos do passado, dando o limite necessário a suas atuações e possibilitando que parasse para pensar em suas próprias escolhas, pois, não é mais possível “aproveitar” irresponsavelmente. Da mesma forma, a visão da mãe como sendo uma guerreira, que lutou e luta pelos filhos, fez com que repensasse o seu projeto de futuro, por não querer vê-la sofrendo.

Da mesma forma, Jeremias pensa no irmão caçula, Josué, e no destino que não quer ver o irmão assumir. Esse é um fato interessante, pois, mesmo quando os rapazes estão totalmente identificados com a vida do crime, nunca desejam que os irmãos trilhem o mesmo caminho. Jeremias faz um elo entre os dois irmãos mais velhos e o caçula, é aquele que vivenciou os padrões do passado e que agora reflete como será o futuro. Quando pensa no irmão caçula, vem o desejo de ajudá-lo a fugir da sina. Tem vontade de passar sua experiência, de aproximar-se, de dialogar, criando um espaço de troca e crescimento, exercendo também o papel de cuidador desse irmão. Esse espaço não existiu em seu relacionamento com os irmãos mais velhos.

Há uma apreensão da família em relação a Josué que, apesar de não ter passagem pela justiça, é descrito como o mais “nervosinho”. Apesar de Jeremias não querer a história se repetindo, não conseguiu ainda expressar o afeto e estabelecer o canal de

comunicação tão desejado com o irmão. A forma que encontra de demonstrar seu cuidado é dizendo que se pegá-lo fumando, irá bater nele. Essa atitude, não surpreende, afinal, a linguagem da violência lhe é mais próxima, mais conhecida, mais dominada. A do afeto, não.

A violência que aparece neste estudo de caso, anda de mãos dadas com a pobreza e o uso de drogas. Há um contexto de privação que cerca a família e que a torna inclusive dependente, num dado momento, do auxílio financeiro do CDS. Jeremias ressalta que o mundo do tráfico e o crime eram a forma de conseguir bens de consumo, indo além das simples necessidades básicas. As drogas não aparecem apenas enquanto busca do prazer pessoal, mas também enquanto meio de subsistência, que abre a possibilidade de ascensão social e inserção em um mercado de consumo. O poder exercido pela posse de uma arma também aparece em vários pontos da história. A arma é a forma de impor respeito e de enfrentamento frente a um pai violento, frente aos amigos do bairro, frente à polícia. A arma aparece como símbolo do respeito conquistado e do poder, além de ser uma moeda de barganha, com a qual se compra um lugar ao sol. Jeremias ressalta que há um “lado bom” na malandragem, que é o de adquirir uma dose de respeito. Ou seja, um reconhecimento, um olhar, nem que seja através da intimidação e da provocação de medo.

É possível ver uma certa idealização do “bom malandro”, do bandido esperto, daquele que emprega as leis da justiça do crime sem dó nem piedade. O justo é pelo justo. Mas Jeremias tem a consciência de que o futuro da malandragem é a morte que espreita depois de cada esquina. Traz também a consciência de que está no meio de uma guerra sem fim e que toda ação, gera uma reação na mesma moeda. Isso o leva a pensar duas vezes antes de levar a cabo seus planos de vingança.

Essa história nos remete também à idéia de que a escalada da violência não pára, a guerra que sempre continua na escalada para a morte. A linha entre o certo e o errado é sutil e o bem e o mal não ocupam lugares absolutos, pois entre matar ou morrer, a linha continua sendo tênue. Quando o adolescente vai ocupar um lugar ou outro, acaba sendo apenas capricho do destino. No relato dessa família, principalmente de Jeremias, parece que a morte já andou por perto muitas vezes, ou que eles a procuraram, mesmo sem perceber.

3.3 – A FAMÍLIA SUPERAÇÃO

3.3.1 – APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA: História e Contextualização

A família de Sara (41 anos) não possui vínculo atual com o CDS, mas foi indicada para participar da pesquisa em função de ter perdido dois filhos por morte violenta: Jonas, assassinado aos 15 anos (1998) numa briga entre adolescentes; e Moisés, assassinado aos 17 anos por “amigos” (2003). Resta apenas uma filha, Judite, de 21 anos. Sara disponibilizou-se a conversar com a pesquisadora em sua própria casa, por impossibilidade de ir ao CDS, já que cuida das duas netas (uma com 2, a outra com 4 anos), enquanto a filha trabalha. Os três filhos são frutos de sua primeira união. Apesar do filho Jonas ter cumprido medida sócio-educativa no CDS, não foi possível encontrar seu prontuário e os dados foram obtidos apenas da entrevista com a mãe. O terreno pequeno em que moram, abriga duas casas: a de Sara e a da família da irmã. A casa é simples e pequena, possuindo dois cômodos apertados e um banheiro. A sensação é de um ambiente abandonado. Lembranças povoam a atmosfera, com destaque para as fotografias dos dois filhos que morreram assassinados, na parede de entrada, junto às fotos das netas. Sara guarda traços ainda bonitos, apesar de seu rosto denunciar um ar de sofrimento. Está no segundo casamento, acabando de completar oito anos de união. O atual marido é descrito como uma pessoa maravilhosa e que a ajuda muito. Vivem atualmente na casa: Sara, o marido, o enteado (17 anos), a filha e as duas netas. A pesquisadora ficou com a impressão de que não há espaço na casa para todos dormirem. Sobrevivem do salário mínimo que o marido recebe como vigia e do salário da filha, que trabalha como auxiliar de limpeza. A filha Judite conseguiu terminar o segundo grau, e, segundo Sara, “*não conseguiu um emprego bom, mas está sendo um emprego digno.*” Sara trabalhava como doméstica. Depois que Moisés (segundo filho) faleceu, não conseguiu mais trabalhar. O primeiro casamento de Sara acabou porque o marido era violento e bebia demais. No momento em que Judite engravidou da primeira filha, foi morar junto com o pai da criança. Assim que o bebê nasceu, o pai da menina foi preso, acusado de roubo e tentativa de homicídio.

Segundo Sara, nada foi provado contra o genro, mas ele continua preso até hoje. Durante as visitas na prisão, Judite acabou engravidando da segunda filha; o relacionamento continua, enquanto ele cumpre uma condenação de onze anos. Após a morte dos filhos, Sara contou principalmente com o apoio de seus irmãos.

3.3.1.1 - Linha do Tempo

1981- Sara casa-se pela primeira vez. Com o tempo, o marido bebe demais e torna-se violento.

1983 – Nasce o primeiro filho, Jonas.

1984 – Nasce a filha Judite.

1986 - Nasce o terceiro filho, Moisés.

1987 – 1994 – marido mantém uma relação violenta com os filhos e esposa.

1995 – Sara separa-se. O ex-companheiro vai armado até sua casa e ameaça matá-la.

1997 – Sara casa-se pela segunda vez.

1998 – Jonas morre assassinado, aos 15 anos, numa rixa. Não tinha envolvimento judicial. O irmão Moisés fica revoltado. Seus amigos o pressionam para que busque vingança e lhe dão uma arma.

1999 – Moisés é pego pela polícia portando uma arma. Dias depois, é pego novamente com outra e passa a cumprir Liberdade Assistida.

2000 – Moisés é internado no CAJE por 60 dias. Após, passa para a Semi-liberdade, mas foge.

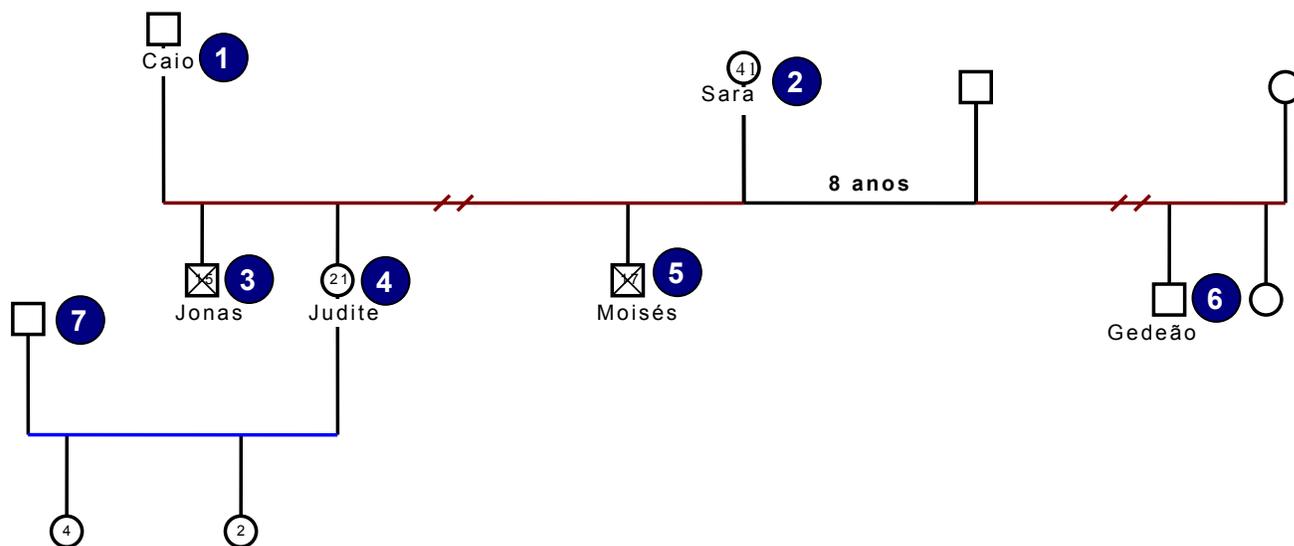
2001 – Judite engravida, aos 17 anos, da primeira filha, vai morar com o namorado, mas ele é preso por roubo e tentativa de homicídio. Moisés vai para o CAJE por 60 dias. Após, vai para a Semi-liberdade, mas foge novamente.

2002 – Moisés é internado no CAJE pela terceira vez. Passa a estudar e fazer cursos.

2003 – Após um ano de internação no CAJE, Moisés passa a ganhar Saldão. Numa das saídas, Moisés morre assassinado por “amigos”, aos 17 anos. Sara pára de trabalhar. Judite engravida da segunda filha, numa visita ao namorado na cadeia.

2005 – O enteado, Gedeão, está envolvido com drogas e fora da escola.

3.3.1.2 - Genograma da Família Superação



LEGENDA DO GENOGRAMA:

- 1 – Alcoolista e violento. Batia nos filhos e na esposa, chegando a ameaçá-la de morte após a separação.
- 2 – Vivenciava a agressividade do marido. Após a morte dos filhos, passou a ter muito medo.
- 3 – Sofreu muito a agressividade do pai. Não tinha envolvimento com a justiça, mas, envolveu-se numa rixa entre grupos diferentes e acabou assassinado.
- 4 – Os assassinos de Moisés ameaçavam que, se fossem presos, matariam Judite. Judite envolveu-se com um presidiário, com quem tem duas filhas.
- 5 – Aos 13 anos, recebeu uma arma dos amigos com a missão de vingar a morte de Jonas. Usuário de drogas. Cumprimento de várias medidas (internação no CAJE, semi-liberdade e liberdade assistida). Ato infracionais: assalto, porte de arma, tráfico de drogas. Era muito revoltado com a agressividade do pai e a injustiça cometida contra o irmão. Morreu assassinado quando estava de saidão do CAJE.
- 6 – O enteado de Sara está envolvido com drogas e fora da escola. Família está preocupada que, em breve, começará a ter problemas com a justiça.
- 7 – O marido de Judite está no presídio, cumprindo uma pena de 11 anos por tentativa de homicídio. A família o julga inocente.

3.3.2 – O CONTEXTO DAS MORTES DE JONAS E MOISÉS

3.3.2.1 - A Morte de Jonas

Jonas era o filho mais velho de Sara, e, segundo ela, um menino bom, amigo e que nunca deu problema nem trabalho. Não tinha rixa com ninguém, nem envolvimento com a justiça e também não era usuário de drogas: *“ele não fumava, nem cigarro normal, não tinha dependência nenhuma.”* Para a mãe, foi uma *“fatalidade de amigos”*. Jonas foi morto aos 15 anos, num tiroteio. Um de seus amigos tinha rixa com um grupo rival e queria matá-los; levou, então, quatro amigos para enfrentá-los, entre eles, Jonas. Segundo a mãe, Jonas e os outros não tinham nada a ver com a história. No tiroteio, vários saíram feridos, mas o único que faleceu foi Jonas. Após o acontecido, a mãe relata ter ficado muito desorientada.

Em relação à resolução do caso, Sara conta que após ser ouvida pela polícia, fizeram a ocorrência em uma delegacia. Após 20 dias, ficou sabendo que os assassinos eram menores de idade. Relata que ouviu do agente a seguinte frase: *“a senhora sabe que quando se trata de menor, não tem justiça; a gente pode até abordar, levar até a delegacia da criança, de lá vai encaminhada ao Cajé, passa 45 dias, até dois meses, e aí tão na rua de novo.”* A família ficou com a sensação de que não haveria justiça. Diz que entregou na mão de Deus e que eles podiam arquivar o processo. Por aí parou e nunca mais foi atrás. Não sabe até hoje se os assassinos foram presos.

3.3.2.2 - A Morte de Moisés

Na época em que Jonas foi morto, Moisés estava com 12 anos. Ficou muito revoltado ao ver o que aconteceu com o irmão. Seus amigos prontamente disseram que iriam colocar um revólver em sua mão, pois Moisés deveria vingar a morte do irmão. Sara relata que implorava para que ele não fizesse nada, que a única pessoa que poderia cuidar disso seria o juiz. Foi difícil tirar essa idéia da cabeça dele, conseguiu, mas, ele acabou

“*caindo no mundo das drogas.*” Diz que lutou muito por esse filho e teve muita dor-de-cabeça, pois ele foi preso muitas vezes.

Moisés foi morto quando ainda estava de saidão¹⁹ do CAJE, já em processo para sua saída definitiva. De acordo com o relato da mãe, os dois rapazes que o mataram se diziam seus amigos. Um deles, foi colega de aula de Moisés e freqüentava a casa. A mãe alertava que esse rapaz não era companhia para Moisés, mas “*eles nunca obedecem.*” Moisés foi morto com seis tiros, pelas costas, ainda em cima da bicicleta. Segundo uma testemunha, após quatro tiros, ele caiu na calçada, virou-se e disse “*não faz isso comigo.*” Os rapazes encapuzados deram mais dois tiros em sua cabeça. Os próprios assassinos deram a notícia para Sara. A mãe diz que ficou tão desesperada na hora que nem ligou as coisas. Judite é que se deu conta que eles entraram em contradição, contando ora uma versão sobre o acontecimento, ora outra. Depois, foi descoberto que eles dois é que mataram Moisés. Já eram maiores de idade.

Os dois assassinos nunca foram presos. Segundo a Delegacia, não puderam fazer nada porque os rapazes não foram pegos em flagrante. Todos sabiam que havia sido eles, pois telefonemas anônimos para a delegacia confirmavam o fato. Os policiais limitaram-se a chamá-los para prestar depoimento, mas ambos negaram a autoria do crime. A família ficou aguardando, mas, até hoje Sara não obteve resposta e também não procurou mais se informar. Um tempo depois, soube que um dos rapazes havia morrido. Na época, seu marido disse que ela ficasse atenta, porque alguém poderia querer incriminá-la como mandante do crime.

O segundo rapaz ficou solto e, por coincidência, Sara viu na televisão que ele havia sido preso por algum motivo. Acredita que agora, estando nas mãos da justiça, pode ser que o processo do assassinato de Moisés seja retomado, mas diz que não procurou saber. Relata que se prendessem ele e os filhos voltassem, com certeza faria com prazer. Mas nada mudará o que aconteceu, então, acha que só criará mais problemas e ficará com mais raiva. Na época do processo, os assassinos falaram que se fossem presos, no dia em que saíssem da cadeia matariam sua filha. Judite ficou ameaçada e, até hoje, Sara teme por ela cada vez que a filha sai para trabalhar, ficando com o coração partido.

¹⁹ Direito de sair em datas especiais (Natal, Dia das Mães, etc). Este benefício é concedido a internos que apresentam bom comportamento.

3.3.3 - O CICLO DE VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

A violência se faz presente na família ainda no relacionamento de Sara com o primeiro marido. Conta que ele não batia de “mão”, era “*de faca e de arma de fogo*”. Nunca foi um pai presente, e só se relacionava com os filhos na base da violência. A última vez em que Sara teve contato com ele foi logo após a separação, ele esteve em sua casa para matá-la com um revólver, chegando a colocar a arma em sua cabeça. O pior só não ocorreu porque um vizinho intercedeu. A violência se faz presente também na atitude de Moisés, que, após a morte do irmão envolveu-se em muitas situações de risco e violência.

Em relação ao enteado adolescente que vive com a família atualmente, Sara diz que está tendo muita “dor-de-cabeça” e preocupação. Saiu da escola, está envolvido com drogas, o pai quer interná-lo numa clínica de recuperação, mas ele não quer. Sara conversa muito com Gedeão, pois, “*um enteado é um filho*”. Não quer vê-lo seguindo o caminho dos outros dois, gostaria que seu futuro fosse diferente e que ele estudasse.

3.3.4 - RESSONÂNCIAS DAS MORTES DE MOISÉS E JONAS NA FAMÍLIA

Na Mãe - Após a morte de Moisés, Sara tentou voltar ao trabalho durante três meses, mas desistiu. Ficou com problema de pressão alta e os “*nervos muito abalados*.” Também aparenta estar vivendo um quadro de depressão. Ficou desorientada, sofre muito, afinal, a perda dos filhos “*é uma dor muito grande e uma saudade*”. Diz não ser mais a mesma mulher depois de ter passado por essa situação. Seu médico aconselhou-a a procurar um psicólogo, pois ficou com o corpo e o sistema nervoso debilitados, não comia, não dormia, só chorava. Até hoje não procurou atendimento, por falta de dinheiro. Fala que seria mais fácil de aceitar se tivesse perdido os filhos por uma doença. Sara diz que não pensa em vingança, pois não se paga o mal com o mal; mas gostaria que Deus transformasse os assassinos dos filhos, para que não façam isso com mais ninguém, nem tampouco sofram o que seus filhos sofreram.

Nos Irmãos - Após a morte de Jonas, Moisés parece ter ficado exposto a inúmeras situações de risco, pois, a violência passou a fazer parte de seu cotidiano. Apesar de ser quase criança quando Jonas faleceu, pensou em vingar-se. Moisés dizia que duas coisas o revoltaram muito na vida: primeiro, a violência praticada pelo pai dentro de casa e segundo, a morte injusta do irmão mais velho.

3.3.5 – ATOS INFRACIONAIS, DROGAS, TRÁFICO E VISÃO DA JUSTIÇA E POLÍCIA

Uso de Drogas – O pai era violento em decorrência do abuso do álcool. Quanto aos filhos, Sara descobriu que Moisés era usuário de drogas quando ele foi parar na delegacia; nunca havia desconfiado, pois, ele não levava drogas para casa, nem chegava violento. Diz que se sentiu como *marinheira de primeira viagem* e que não iria discordar, pois se ele foi parar na delegacia, é “*porque na Igreja é que ele não estava*”. Moisés assumiu que fumava maconha, mas que não queria que a mãe soubesse. Contou que quando a mãe lhe dava dinheiro para fazer lanche, juntava o dinheiro com os amigos e compravam drogas. A atitude da mãe, a partir desse dia, foi de não lhe dar mais dinheiro na mão e dizer que, se ele quisesse comer algo, que ela compraria. Essa atitude não foi suficiente para mantê-lo afastado.

Envolvimento com Atos Infracionais e Práticas de Violência - Sara não culpa as mães pela atitude dos jovens, pois, nenhuma mãe quer o pior para o seu filho. Pelas mães, os filhos só fariam coisas boas, como estudar e trabalhar. Culpa as drogas e a falta de emprego pela violência, pois há muitos jovens perdidos nas esquinas. A primeira vez em que Moisés foi abordado pela polícia, tinha 13 anos e estava portando duas armas. Eram três rapazes maiores de idade e apenas ele menor. Foi levado para a Delegacia da Criança, onde assumiu que uma das armas era sua. A mãe não acreditou, afinal, ele não trabalhava, então, como poderia tê-la comprado? Moisés prometeu que isso nunca mais iria acontecer. Poucos dias depois, foi abordado novamente junto com um maior que portava uma arma calibre 38, sendo levado novamente para a DCA. Cumpriu liberdade assistida, ficando vinculado ao CDS. Sara o acompanhava de perto, para evitar que ele deixasse de

comparecer. Foi pego pela polícia muitas vezes e acabou internado no CAJE por 60 dias. Depois disso, passou para a semi-liberdade, mas fugiu. Escondeu-se na casa de amigos até ser preso mais uma vez. Quando saiu do CAJE, fugiu da semi-liberdade no mesmo dia. Sara disse ao filho que, dessa forma, ele passaria o tempo todo na cadeia, pois, a justiça viria atrás dele e ela não iria lhe esconder.

Quando foi preso novamente, Sara ficou revoltada, pois ele sempre aprontava a mesma coisa. Pensou em abandoná-lo, mas “*mãe é sempre mãe, né?*”. Tinha medo que acontecesse o mesmo que ocorreu com Jonas. Encontrou o filho na delegacia muito machucado, os policiais haviam batido muito nele. Foi internado novamente no CAJE, onde passou a conversar com pessoas da Igreja Batista e começou a mudar. Aos poucos, foi virando outro menino, completamente diferente. Até então, quando ia preso, sempre dizia que se não o tirassem de lá, iria fugir. Dessa vez, foi tranquilo, e disse para a mãe que se estava lá é porque tinha que pagar pelo que fez, afinal não ouvia seus conselhos. No CAJE, fez curso de panificação e computação, recebendo diplomas. Após um ano de internação, começou a ter saídão. Todos reconheceram que ele estava mudando. Contudo, Sara diz que quando ele quis mudar, os outros não deixaram: “*armaram casinha, levaram ele e mataram ele*”. Sara acredita que se tivesse tido uma ajuda para pagar um curso para ele antes, teria resgatado Moisés dessa vida.

Justiça e Polícia - Acha que deveria haver justiça, mesmo quando os autores de violência são menores de idade. Acredita que, neste mundo, não há justiça verdadeira, só restando aguardar pela Justiça Divina. Afinal, existe justiça para alguns e para outros não, citando o caso do genro que, segundo ela, está preso injustamente, não matou ninguém, enquanto vários assassinos continuam soltos. Quanto à polícia, diz que seu trabalho deixa muito a desejar, não confia.

3.3.6 - RUMO AO FUTURO

A família sonha que Judite faça uma faculdade, “*mas com essas crias que ela tem, isso tá meio difícil, mas não é impossível*”. Sara relata que o que lhe dá forças para continuar vivendo, são as netas, sua única alegria. Diz que daqui para frente, não é mais

mulher para nada. Sonha coisas boas para a filha e para as netas mas, quanto a si mesma, diz que todos os sonhos que tinha acabaram. Resta-lhe agora apenas completar os seus dias.

3.3.7 - DISCUSSÃO SOBRE O CICLO DA VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO NA FAMÍLIA SUPERAÇÃO

Quando pensamos no ciclo da violência e sofrimento nesta família, alguns temas se repetem: a violência intrafamiliar, as situações de risco dos adolescentes, rixas, abuso de drogas, violência policial, sensação de falhas no sistema judicial. A partir de uma teia na qual esses temas passaram a ser imbricados, a família viveu um trauma do qual não se recuperou até hoje.

A base das relações familiares já era a violência, marcada na própria relação conjugal de Sara com o primeiro marido. A atitude de Caio (o pai), era utilizar a violência como uma forma de comunicação, tanto em relação à esposa quanto aos filhos. Sara deixa claro que o ex-marido nunca teve diálogo com Jonas e Moisés, só relacionando-se à base de agressão. Com a esposa, não era diferente, pois, quando bêbado, chegou inclusive a ameaçá-la de morte com um revólver. Apesar das ameaças, Sara conseguiu romper com o casamento. Esse ambiente familiar parecia carregar um peso que pairava sobre todos e a mãe relata que Moisés falava a respeito de sua revolta com as atitudes do pai.

O genograma demonstra que está presente um ciclo de repetição difícil de ser quebrado, pois, a família falhou em proteger os dois filhos que morreram. A morte inesperada de Jonas abalou as estruturas e, apesar de Sara dizer que ele não estava envolvido com drogas nem rixas, acabou sendo morto num contexto que envolvia grupos rivais. Provavelmente, algum grau de comprometimento tinha. É preciso olhar o impacto que esta morte fora do tempo causou a todos.

Em relação à elaboração do luto da mãe, Sara ficou irreversivelmente abalada (sistema nervoso fragilizado, pressão alta, depressão crônica). Quanto ao pai, não é possível saber, pois, estava afastado da família na época. Já o filho Moisés, com apenas 12 anos, foi quem passou a expressar todo o sofrimento e a revolta contidos na família, tornando-se o

porta-voz. Ele próprio, mais tarde, falou da sensação de inconformidade com a injustiça cometida contra o irmão, mas não teve condições de canalizar a energia de modo produtivo. O ato de seus amigos, de colocarem uma arma em sua mão para que vingasse o irmão morto, é emblemático de um código de honra implícito. Porém, não se está falando de um homem, mas, de um menino. Que destino essa arma em sua mão passou a traçar em sua vida a partir daquele momento? Moisés ganhou a missão da vingança, mas, a partir dali, apenas construiu o caminho que o conduziu ao encontro de sua própria morte. Foi uma aposta alta. Sara diz que ele caiu no mundo das drogas e dos atos infracionais.

Os laços familiares não foram suficientes para impor limites a Moisés e, a mãe relata que, várias vezes, teve vontade de abandonar o barco. A família passou a girar em torno dele e de seu comportamento de alto risco. A outra irmã, Judite, apesar de não estar envolvida diretamente com este submundo, acabou buscando a repetição da história em outro nível, afinal, o pai de suas filhas cumpre pena num presídio. Seu marido provavelmente, também já foi um jovem exposto e vulnerável.

A segunda morte, chegou como uma avalanche. As seqüelas e ressonâncias geradas pelas perdas sofridas provocam ainda estragos, sendo visíveis na falta de disposição de Sara frente à vida. Apesar de ser uma mulher jovem (41 anos), seu discurso é de alguém que já murchou, congelou no tempo, ficou sem perspectivas e sonhos para si mesma. Algo se quebrou definitivamente e sua força vital se esvaiu, junto com a morte dos filhos. Não consegue fazer mais nenhum investimento afetivo. O único momento em que demonstra um pouco de disposição é ao falar das duas netas.

Outro ponto importante que acompanha esta família é a sensação de que não houve e de que não haverá justiça em nenhum dos dois casos. O fato da morte ser irreversível, de não poder fazer o tempo voltar, faz com que Sara não tenha o ímpeto de lutar por justiça, deixando “tudo por isso mesmo”. Esta atitude talvez seja mais prejudicial para a elaboração do luto, pois, cria-se uma lacuna, um espaço vazio, no qual a importância da morte do ente querido se esvai. Há falha na punição, afinal, dois adolescentes foram mortos e a repercussão do caso é zero. Nos primeiros obstáculos, a família já desistiu, deixando de acompanhar o andamento dos processos. A revolta não é transformada em instrumento legal de busca por justiça e a família fica com a sensação de que “neste mundo não há justiça”, só no “além”, pois, a verdadeira justiça é a de Deus. A impunidade impera e nada parece

estar ao alcance da família, a não ser a possibilidade da busca de uma vingança com as próprias mãos. Uma questão a ser apontada é o fato dos assassinos de Jonas serem menores de idade e a crença, difundida nos corredores das próprias delegacias, de que “*com menor, não há justiça*”.

O ciclo parece não ter parado por aí. Mesmo que os dois filhos tenham ido embora, o pesadelo de Sara não acabou, pois agora, o enteado está ocupando o lugar de suas preocupações. O medo que Sara demonstra em relação ao futuro do enteado é intenso, pois, apesar de não ter caído nas mãos da justiça ainda, ele já está repetindo a história, afinal, está envolvido com drogas e fora da escola. Há um ciclo que se repete e vai passando entre as gerações. A família não consegue proteger Gedeão de forma eficaz, mas urge que se encontrem maneiras de barrar esse processo de repetição. Não foram investigadas as gerações anteriores, o que poderia ter sido interessante para mapear de forma mais global o histórico da família.

Aparece implícito no discurso dessa mãe, a dificuldade ou, quem sabe até, a impossibilidade da mudança. Ela reforçou, em vários momentos, que Moisés estava mudando, ou pelo menos tentando, mas os outros não permitiram. Ou seja, uma vez envolvido nesta rede da violência, torna-se muito difícil sair dela.

3.4 – A FAMÍLIA SONHO

3.4.1 – APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA: História e Contextualização

A vinculação atual de dona Ester (59 anos) com o CDS é através do neto Micael (16 anos) que está em cumprimento de medida socioeducativa de LA. O neto não tem comparecido ao CDS como exige a medida e, por isso, a avó foi chamada. A assistente social achou-a muito deprimida e soube que ela já havia perdido um filho por morte violenta, Samuel, assassinado aos 19 anos por uma “rixinha”. Por este motivo, Ester foi indicada para participar da pesquisa.

A entrevista foi realizada na residência de Ester. A pesquisadora gostaria de ter conversado também com Micael, mas não foi possível, pois, nos últimos tempos ele pouco tem aparecido em casa. A família vive em uma residência muito simples, de poucos cômodos e com aspecto de abandonada. Conversamos na sala pequena, um ambiente escuro e com paredes cheias de mofo, muito mal conservado.

Dona Ester aparenta ser mais velha do que realmente é. Está com 59 anos, mas se dissesse que tem 80, a pesquisadora teria acreditado. Vivem atualmente no lugar, Ester, seu marido João (65 anos), seu filho Ezequiel (18 anos; já cumpriu medida socioeducativa), e dois netos (Micael, 16 anos, que cumpre a LA e Mirian, 10 anos), filhos de sua filha (Dalila, 32 anos, 4ª série). Ester conta que cuida de mais um neto, Tiago (13 anos), mas ele está passando alguns dias na casa da outra avó. São em seis pessoas no total.

A mãe conta que foi criada na roça, “*mas todo mundo era direito, era pobre só*”. Segundo ela, violência e morte não existiam lá. Ela e o marido casaram-se ainda na Bahia, passando muita necessidade até migrarem para o DF com os filhos. Depois de alguns anos, conseguiram comprar a casa em que moram até hoje. Na época, Ester também trabalhava e “*as coisas eram melhores*”, pois, “*pensa, um dia não ter um pão*”. Refere também que um dos motivos de terem vindo para a cidade foi pensando na oportunidade dos filhos estudarem, serem alguém na vida e trabalharem. A família enfrenta hoje um difícil momento financeiro. Sobrevivem dos “bicos” que o marido faz, transportando pessoas para

Goiânia. Apesar da lotação ser ilegal, é a única opção que têm, mas o carro foi apreendido pela polícia e a família está desesperada tentando conseguir dinheiro para reavê-lo.

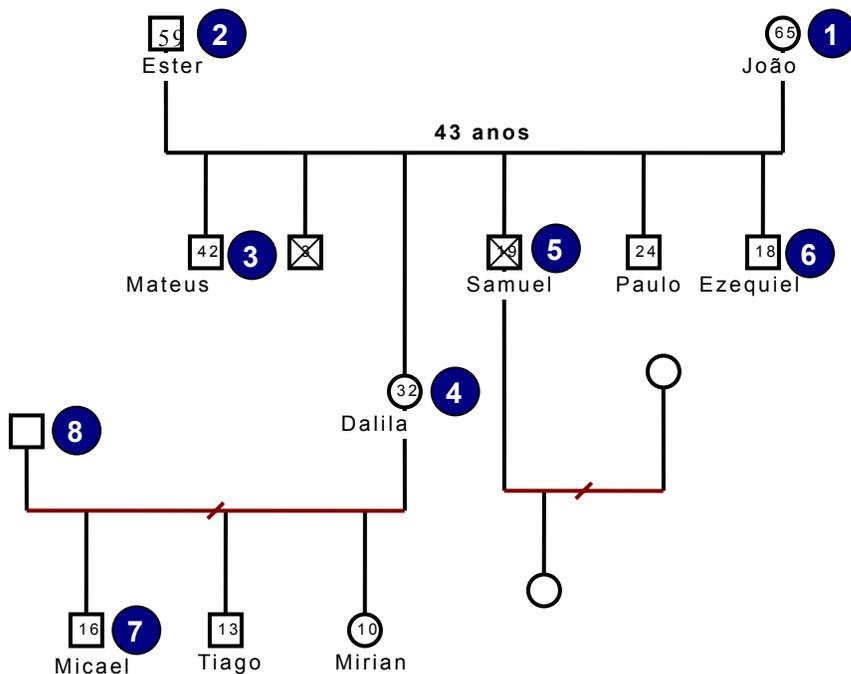
João não se aposentou e não consegue mais emprego devido à sua idade. Ester, apesar de ser analfabeta, trabalhou com carteira assinada durante 15 anos na lavanderia de um hotel, mas os filhos começaram a dar problemas e teve que parar. Em função de ter deixado de trabalhar, há cerca de 15 anos também, agora não consegue aposentar-se. Está com sérios problemas na coluna, e já passou por vários médicos. Para ela, se a vida financeira está ruim, tudo vai mal, pois sem dinheiro, *“a gente não faz mais nada hoje em dia”*, tem que pagar as contas, tem que comer. Por isso, diz que sua vida é mais dentro de casa, cuidando dos netos e só saindo para ir à Igreja. Acha que o governo deveria ajudar mais. A família já recebeu cesta básica do governo, mas, após a última eleição, foi cortada. Refere que precisam de ajuda pois estão velhos e, um jovem ainda pode *“batalhar, vender alguma coisa na rua, correr de rapa, andar com uma trouxa”*. Segundo ela, não é por querer, mas existem pessoas que necessitam de ajuda, pelo menos para o arroz e o feijão, porque *“você olha para cima, para baixo e não tem nada”*. Acredita que muitos jovens não querem trabalhar, mas alguns precisam de uma oportunidade e não têm. O governo deveria ajudar, pois a pessoa tem filhos, quer dar comida e não pode: *“Tem uma casa caindo aos pedaços desse jeito aqui, a gente não dá conta. Fica sem luz, sem água, sem comer”*.

Ester teve seis filhos, frutos do casamento que dura 43 anos. Um dos filhos morreu ainda criança, e Samuel foi assassinado aos 19. Restaram três homens e uma mulher. Seu filho mais velho Mateus (42 anos), já esteve preso; depois vem Dalila que, por ser mãe solteira, deixou que Ester criasse seus três filhos para poder trabalhar; Paulo (24 anos), que é *“uma pessoa direita”* e o caçula Ezequiel (18 anos), que já foi pego com um revólver, mas já *“pagou tudo direitinho”*. O neto Micael está em cumprimento de LA, mas não tem se comprometido, mal pára em casa e parou de freqüentar a escola. Chegou a iniciar um curso no CDS, mas desistiu em seguida. Relata que na época em que seu marido bebia brigava muito, mandando todos saírem de casa porque ela era sua. Com bêbado, não dá para discutir, então calava. Em sua visão, quando os filhos dão problema, quem deve chamar para conversar é o pai ou o avô. Tenta fazer com que o marido se dê conta disso.

3.4.1.1 - Linha do Tempo

- 1962** – Ester e João se casam, ainda na Bahia.
1963 – Nasce o primeiro filho, Mateus.
1965 – Nasce o segundo filho.
1968 – o segundo filho morre.
1973 – Nasce a filha Dalila
1980 – Nasce o filho Samuel
1981 - Nasce o filho Paulo
1985 – Família migra para o DF
1987 – Nasce o filho Ezequiel
1990 – Ester pára de trabalhar, pois os filhos começam a dar problema. Nesta época, o marido bebe muito e briga com todos. Mateus é preso, mas não fica claro o motivo.
1998 – Nasce a filha de Samuel, que vai para o Rio de Janeiro com a mãe. Samuel ameaça seqüestrá-la e a polícia o prende, mas em seguida o libera.
1999 – Samuel é assassinado por causa de uma rixa com colegas do futebol. Quem assiste à morte não quer testemunhar.
2003 (?) – Ezequiel sofre violência policial. Ester intervém. Acredita que o filho poderia ter sido morto se não tivesse intervindo.
2004 (?) – O filho Ezequiel cumpre medida de LA, pois é pego com uma arma.
2005 – O neto Micael (16 anos) está em cumprimento de LA no CDS, mas não se compromete com a medida. Mateus ainda está em Liberdade Condicional. Ezequiel já está liberado da LA, mas Ester diz que ele é o “mais nervosinho”.

3.4.1.2 - Genograma da Família Sonho



LEGENDA DO GENOGRAMA

- 1 – Alcoolista em abstinência. Na época em que bebia, brigava com todos dentro de casa. Quando o filho foi morto, pensou em vingança.
- 2 – Parou de trabalhar quando os filhos começaram a dar problema. Passou a ter problemas de saúde e depressão após a prisão de um filho e a morte de outro. Morre de medo da polícia.
- 3 – Alcoolista, está com a saúde bastante debilitada em função da bebida. Já esteve preso (crime não especificado). Atualmente está em liberdade condicional.
- 4 – Foi intimidada por um dos assassinos do irmão.
- 5 – Não tinha envolvimento com a justiça, a não ser “leve” (andar de carro sem documento). Uma vez ameaçou seqüestrar a filha e foi detido pela polícia. Morreu assassinado por colegas, devido a uma briga por causa do futebol.
- 6 – Cumpriu Liberdade Assistida porque foi pego pela polícia com uma arma. É nervoso e gosta de brigar. Já foi ameaçado por um dos assassinos do irmão. Quase foi morto por policiais, chegando a ser torturado e ameaçado caso contasse.
- 7 – Está em medida de Liberdade Assistida, mas não está comprometido. Não frequenta a escola e a família está com dificuldades de contê-lo.
- 8 – Namorado de Dalila assistiu ao assassinato de Samuel, mas fica com medo de testemunhar, pois era amigo dos assassinos.

3.4.2 – O CONTEXTO DA MORTE DE SAMUEL

Ester diz que é difícil falar do filho que morreu. Samuel foi morto aos 19 anos por causa de uma “rixinha” que teve com outros rapazes jogando bola, “*cabeça quente, né*”. Eram todos conhecidos. Segundo a mãe, ele não tinha envolvimento com a justiça, só pegavam ele porque andava de carro e moto sem carteira e documento, porque “*não gostava de tirar documento*”. Nunca foi preso. Samuel já tinha uma mulher e uma filha, que foram embora para o Rio de Janeiro. Ele ameaçou seqüestrar a menina, a ex-mulher ficou com medo, denunciou e a polícia veio bater na casa de Ester. Levaram ele, mas em seguida o soltaram. Relata que com a morte do filho, nunca mais soube o paradeiro dessa neta.

O rapaz com o qual Samuel havia brigado no futebol, quebrou o pára-brisa de seu carro. Samuel não gostou e discutiram. À noite, Samuel voltou e o rapaz já o esperava junto com um amigo, de tocaia. Um deles, era maior de idade e outro menor. Quando a munição de uma das armas acabou, atiraram com a outra, para que Samuel não tivesse chance de escapar. Os tiros foram na cabeça, já com o intuito de matar.

Ester enfatiza que o assassinato foi por uma besteira, pois eram amigos. Diz que não foi por causa de drogas nem por algo que Samuel estivesse fazendo de errado. Relata que as pessoas que viram, não quiseram testemunhar e que a família não pôde fazer nada. Conhece a mãe de um dos assassinos, pois freqüentam a mesma Igreja. Os dois rapazes estiveram presos por outros crimes, mas pelo assassinato de Samuel não, pois faltaram provas e testemunhas, e o juiz não pôde fazer nada. Nenhuma pessoa quis falar. O próprio namorado de sua filha, que assistiu o crime, não prestou depoimento porque tinha medo, uma vez que, também era amigo dos assassinos. Conta que uma amiga sua esteve com um dos assassinos na cadeia e perguntou “*por que você matou o menino?*” Aí ele teria dito “*besteira da gente, cabeça quente*”. Ester diz que a família contou com a ajuda dos vizinhos. Diz que agora, sente que está precisando de uma psicóloga, pois anda muito nervosa, mas na época, “*eu não procurei apoio, não posso reclamar*”.

3.4.3 – O CICLO DE VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

O Ciclo da violência na família é inaugurado pelo filho mais velho, Mateus, que já esteve preso e hoje, segundo a mãe, está recuperado. Atualmente, o filho está em liberdade condicional e “*está respondendo tudo direitinho*”, não mexe mais com “*coisa errada*”. Atualmente, Mateus trabalha fazendo “*biquinho*” em Goiânia, pois, segundo Ester, “*quando é presidiário assim que sai, o povo não dá serviço, é meio difícil*”. Mateus tem seis filhos para sustentar, às vezes, alguns passam um tempo na casa da avó. Não comenta que tipo de crime o filho cometeu. Na seqüência, o filho Ezequiel e o neto Micael, também tiveram problemas com a justiça, o que nos revela um ciclo de repetição. Ezequiel já sofreu violência policial e é descrito pela mãe como nervoso e encrenqueiro, gostando de arranjar briga. Micael parece se expor completamente a situações de risco. Dentro da família, o pai/avô já foi bastante agressivo com todos, na época em que bebia.

3.4.4 - RESSONÂNCIAS DA MORTE DE SAMUEL E OUTRAS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS NA FAMÍLIA

A exposição do filho primogênito a situações de risco, levou Ester a deixar de trabalhar, pois, ficou doente, nervosa e começou a ter problemas na coluna. Após a morte de Samuel, sua pressão começou a subir e ficou diabética, pois, *“juntou tudo, né”*. Reclama que não tem com quem conversar e anda muito depressiva, e que conta mais com as amigas, a nora e o pastor de sua Igreja do que com o marido. Refere ser impossível conversar com ele, pois *“ele não gosta de problema”*. Quando Ester fala sobre algo de ruim que tenha acontecido, ele sai pela porta. Segundo ela, o marido foi quem ficou mais chocado com a morte de Samuel, mas a situação afetou a todos. Até hoje, a morte do filho é um assunto sobre o qual não falam em casa, o marido principalmente.

Logo no início, João ficava muito nervoso e dizia que *“ia passar o carrinho neles”*, ou seja, matar os assassinos. Ester dizia *“deixa pra lá, Jesus é quem é o nosso advogado e o nosso juiz”*, pois nada irá trazer Samuel de volta. Conta que, ela mesma, nunca quis vingança, perdoa os assassinos, mas não se sente preparada para vê-los. Perdoa o pecado, mas não garante a sua reação. Afinal, tirar a vida de um ser humano é muito triste. Sempre disse aos filhos que não queria vingança: *“o que adianta ir vingar, para ficar com crime, matar um, matar outro, e a pessoa não volta mais? Não adianta.”* Mas, ao mesmo tempo, teme que os mais novos da família queiram remexer na história e que venha *“represália deste povo”*. Esse medo está justificado no fato de um dos assassinos ter andado por perto, olhando para seu filho caçula com cara feia, pois achava que Ezequiel *“estava olhando demais para ele”*. Ameaçou dar-lhe uns tiros. Da mesma forma, quando via a filha de Ester, também a deixava com medo. Atualmente, ninguém fala disso, Ester não sabe se os filhos quiseram poupá-la para que não ficasse preocupada. Reza para que filhos e netos esqueçam da vingança, pois, se a família optasse por fazer justiça com as próprias mãos, poderiam ir presos, ou alguém vir atrás para matá-los, pois, os assassinos também têm família. Acredita que *“Deus é que age, a justiça que a gente quer é a de Deus, porque a dos homens não adianta, que eles não fazem”*.

3.4.5 – ATOS INFRACIONAIS, DROGAS, TRÁFICO E VISÃO DA JUSTIÇA E POLÍCIA

Uso de Drogas - O álcool já afetou bastante a família na época em que João se excedia. Agora, Mateus é quem bebe sem limites. Ester diz que o filho está muito magro e acredita que ele precisa ser internado numa clínica, mas ele se recusa. Ester recorreu ao CDS para pedir ajuda. Acredita que as drogas sejam as principais causadoras de violência, pois, *“a pessoa estando bem, sem beber, sem usar droga, ele não vai brigar com ninguém, é difícil”*. Quando a pessoa não tem emprego, acaba encontrando como alternativa usar e vender drogas, ficando na rua, o que só faz aumentar a violência.

Envolvimento com Atos Infracionais e Práticas de Violência – Ester acha que a juventude tem a *“cabeça ruim”*, dão pouca atenção aos mais velhos e se envolvem com drogas e brigas. Nada adianta, pois, *“para esse povo jovem, só Deus”*. A saída que vê para os jovens é o trabalho. Acha que os jovens estão com a cabeça virada, não são como os mais velhos, pois, *“eu passo precisão, mas eu não vou fazer isso”*, mas os jovens querem as coisas de qualquer jeito. Acha que os pais não querem incentivar os filhos a fazerem nada errado, mas como não têm condições de proporcionar as coisas, fica difícil. Acha que só melhoraria se o governo ajudasse, ao invés de ter tanto desvio de dinheiro por parte dos políticos. Diz que o neto Micael não é violento nem brigão, o mais nervoso é Ezequiel, mas preocupa-se muito com os dois.

Justiça e Polícia - Ester só confia na justiça divina, pois os homens são falhos e a justiça do homem não faz nada. No caso da morte de Samuel, houve pressão para que a família apresentasse testemunhas, mas parece imperar a lei do silêncio e o caso não foi adiante. Acredita que se houvesse justiça, ela já teria sido feita, pois já irá completar 7 anos que aconteceu o crime. Na outra ponta, diz que os policiais querem fazer a sua própria justiça e ouviu falar que eles usam dois revólveres: *“o deles e outro para matar as pessoas”*. Ester não confia na polícia, e acredita mais num malandro que conheça, pois, sabe que não irá lhe fazer mal. Na cidade em que mora, a polícia abusa do poder e o povo tem que ficar calado. O filho Ezequiel quase foi morto por policiais, quando desentendeu-se com uma mulher que era amiga dos PMs. Eles perseguiram Ezequiel e Ester foi chamada

por um vizinho, intercedendo no momento em que o policial ia atirar em seu filho. Bateram muito nele e rasgaram a sua roupa. Ester pediu que o filho se entregasse e foi junto no camburão, para protegê-lo. Ainda ouviu o policial ameaçando para que não dissesse nada ao delegado. Acha que é a própria polícia matando. Ficou traumatizada com as coisas que já viu. Fala que sabe que também existem policiais bons, mas que eles não podem fazer a justiça que querem; pensam ser “*os donos do mundo*”.

3.4.6 - RUMO AO FUTURO

Para o futuro, Ester gostaria de pagar as dívidas da família, pois é muito ruim viver sem renda. Diz saber que dinheiro não é tudo na vida, mas, sem dinheiro é impossível viver. Sonha que a neta Mirian estude e torne-se enfermeira, pois é inteligente e nunca repetiu de ano. Quer vê-la formada para ser alguém na vida, pois a avó já está velha e pode morrer logo. Gostaria de ver toda a família feliz, os filhos, os netos trabalhando e vivendo do suor deles, pois “*a gente não pode querer as coisas que não custaram o suor da gente*”. Diz que gostaria de procurar um psicólogo para ter com quem conversar. Pensa também em aprender a ler em 2006, pois é uma forma de “*disfarçar a cabeça*”, já que só ficando em casa, a cabeça fica ruim e a pessoa pode adoecer.

Ester fala que, após a morte de seu filho, passou a lutar para viver, “*porque a gente só morre na hora*”. Reflete que seu filho era novo, morreu, e ela ainda continua aqui, então não pode entregar os pontos. Diz que tenta conseguir viver bem, mas reflete que é uma situação da qual nunca se esquece “*porque os filhos são um pedaço da gente*”, é um pedaço que se vai. Há dias em que esquece, outros lembra mais, pois, “*bate uma saudade forte dentro da gente*”. Ainda mais uma morte assim, fica sempre bem viva. Conta que já conversou com outras mães que passaram pela mesma situação e elas também falam que “*os outros esquecem, mas a ferida fica viva dentro da gente*”. Acha que quando é um marido, é mais fácil de esquecer, mas o filho sempre será um pedaço da mãe.

3.4.7 - DISCUSSÃO SOBRE O CICLO DE VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO NA FAMÍLIA SONHO

O contexto de pobreza e de privações enfrentado pela família é bastante gritante, faltando apoio em todos os níveis. A morte do filho ficou diluída num mar de outros problemas. Ester aproveita a entrevista para desabafar acerca das dificuldades enfrentadas, o que leva a pensar em que medida a pesquisadora foi vista como uma extensão do CDS e possível porta-voz das reivindicações da família, já que a instituição não consegue ter braços para atingi-los, tanto do ponto de vista financeiro, quanto emocional (falta também um serviço especializado que acolha e forneça apoio psicológico na própria instituição).

Por mais que Ester enfatize o sonho de que os filhos estudassem, o mundo da marginalidade apareceu como opção mais concreta e mais próxima. Um dos filhos de Ester está em liberdade condicional, outro já cumpriu medida socioeducativa e o neto também está em conflito com a lei. Apesar de Ester insistir que o falecido Samuel não tinha passagem pela justiça, foi vitimado pela violência da mesma forma. Todos foram expostos a situações de risco. No genograma familiar, aparece ainda o alcoolismo do marido que, apesar de superado, já trouxe dificuldades para as relações, pois João tornava-se agressivo com todos quando bebia. Fica difícil ter projetos fora deste circuito de pobreza e marginalidade e, nesta família em que o mote é a desistência, há falta de forças para lutar contra um mundo que tem sido cruel. Não é a toa que o ambiente da casa em que moram passa a sensação de opressão e de abandono. Ninguém está podendo ocupar-se dela, da mesma forma que ninguém está podendo ocupar-se de si mesmo.

O Relacionamento de Ester com o marido é distante: ela deprimida, ele negando os problemas. Não conseguem apoiar-se mutuamente. O casal ainda é a figura central na família, mas ocupar este lugar é cada vez mais desgastante. Neste momento de fragilidade dos pais que se sentem velhos, além de não terem o respaldo do governo (aposentadoria), parece que nenhum dos filhos conseguiu desenvolver a condição de ajudá-los. A única filha que trabalha, ainda lhes delega a responsabilidade de criar e orientar seus três filhos.

Quanto à depressão de Ester, com certeza o envolvimento dos filhos com a justiça, o alcoolismo de Mateus (que está bastante doente) e a morte de Samuel foram deixando

marcas irreversíveis, refletindo diretamente em sua saúde física e mental. O sofrimento transparece em seu corpo, pois Ester aparenta ser muito mais velha do que realmente é. E como uma ressonância ainda desse ciclo, o neto Micael começou a repetir a história. O prognóstico em relação ao neto não é dos melhores, pois não consegue se comprometer com a medida, ficando difícil imaginar a possibilidade de que encontre outros caminhos fora do circuito da marginalidade. Afastou-se da escola e desistiu dos cursos oferecidos pelo CDS.

O envolvimento dos jovens com a criminalidade é visto como decorrência da falta de oportunidades (emprego) e também do uso de drogas. Na visão de Ester, acima de tudo é um fator social, ligado às conturbadas relações socioeconômicas que marginalizam uma grande parcela da população. Ressalta também a questão do preconceito, vivenciado sobremaneira por Mateus, que carrega o estigma de ser um ex-presidiário. Mateus tem visto, dia-a-dia, as portas se fechando cada vez mais.

Outro ponto que chama a atenção, é que parece ser “mais desculpável” a violência cometida contra o filho morto por seus colegas do que a violência policial. Ester minimiza o assassinato do filho ao dizer que foi uma “rixinha” fútil e boba. A violência policial é que aparece como a grande vilã da história. Isso se traduz na confiança maior da mãe no “malandro que conhece” do que nos policiais. A relação com a polícia é de desconfiança, pois a família não acredita em sua idoneidade. Na experiência pessoal da família, Ezequiel já foi exposto à violência dos homens fardados, ativando um medo que não mais se desfez.

Em relação ao fator justiça, a lei do silêncio impede que a justiça seja aplicada corretamente. Os assassinos de Samuel não foram punidos por falta de testemunhas que aceitassem depor. Mesmo diante de uma situação grave como é um assassinato, é preferível calar, por medo de retaliações e a lei do silêncio acaba se sobrepondo à gravidade do fato. A impunidade impera. Não aparece a dimensão protetora da justiça, pois nada assegura que quem falar será protegido, se tornando melhor opção calar.

O silêncio existe dentro de casa também. A morte de Samuel tem de ser silenciada, não se pode falar no assunto, pois, o medo de sofrer represálias é grande (os assassinos intimidaram os outros irmãos). Essa postura de “*deixar para lá*” implicou que a família não vivencia a morte de Samuel com o senso de que tenha ocorrido uma justiça verdadeira. Ao

contrário, a única perspectiva de justiça vislumbrada seria a vingança e, como ela não pôde ocorrer, fica uma lacuna, um vazio. A morte, assim, perde a chance de ser elaborada.

A lei de Talião aparece presente nesta saga da família frente ao assassinato. Ester tem o senso de que, pelo emprego desta lei primitiva, deve ser aplicado castigo idêntico à violência sofrida, o “*olho por olho, dente por dente*”. Mas, tem a noção de continuidade, pois, se matarem o rapaz, a família dele também vai querer vingança, num ciclo que se estenderá eternamente. O olhar ameaçador do assassino para com os outros filhos de Ester, denuncia o medo que ele próprio tem de sofrer retaliações pelo crime praticado. Tenta, assim, impor respeito, pois não quer tornar-se também vítima.

3.5 – A FAMÍLIA UNIÃO

3.5.1 - APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA: História e Contextualização

A família foi indicada para participar da pesquisa pela assistente social do CDS, uma vez que, a mãe, dona Zara (62 anos, 2ª série) perdeu dois filhos por morte violenta: Simão (assassinado aos 20 anos) e Tomé (queimado vivo aos 25 anos, em 2002). Seu neto Judá (17 anos, 6ª série, filho de Simão), está em cumprimento de medida socioeducativa no CDS, porém, não tem cumprido o que a justiça determinou, não comparecendo para o acompanhamento necessário.

Zara possui muitos problemas de saúde e quando a família foi contatada para participar na pesquisa, sua filha Raquel (23 anos, 2º grau), responsável por Judá, foi quem se propôs a participar, alegando que a mãe não tem condições físicas, nem psicológicas de abordar o assunto. Sempre que se fala com Zara a respeito da morte dos filhos, sua pressão sobe, ela passa mal. Já teve três derrames e, por medo de que a mãe acabe no hospital, Raquel opta por comparecer sozinha à entrevista. A pesquisadora pretendia conversar também com Judá, que teve o pai assassinado, porém, seu paradeiro é desconhecido. A família vem tendo muitas dificuldades de impor-lhe limites.

Dona Zara veio da Bahia e nunca se casou oficialmente. Teve no total 08 filhos, quatro mulheres e quatro homens, frutos de três relacionamentos diferentes. Restam quatro mulheres e dois homens. Raquel nasceu da última união, mas, nem chegou a conhecer seu pai. Sua referência paterna é o padrasto, com o qual convive desde os quatro anos. Raquel não sabe dizer como foi a qualidade dos relacionamentos da mãe, apenas que ela acabou criando os filhos sozinha, sem a assistência paterna.

A família é humilde e vive em condições precárias. Moram em um lote dividido em vários barracos. Vivem atualmente em 12 pessoas, contando com as crianças. Cada família ocupa um barraco e o sobrinho Judá também tem um quarto separado. Raquel descreve a família como muito unida. Zara está vivendo em outra cidade há um ano, na tentativa de afastar o neto Judá do meio em que andava e de ter mais controle sobre ele. O neto chegou a ir com a avó, mas em seguida voltou.

Zara sempre trabalhou como diarista mas, atualmente, ela e Raquel estão desempregadas. A filha Cloé, que vive no mesmo lote, trabalha e ajuda no sustento. A família já participou de vários programas assistenciais do governo, entre eles, a bolsa Criança-Cidadã, o Pão-leite (pró-família) e o PETI, na época em que Judá (aos 13 anos) e o primo Jessé (aos 10 anos) trabalhavam como guardadores de carro.

Judá foi criado por Zara e Raquel porque “*a mãe dele não prestava*”. Betânia era viciada em álcool e drogas (cocaína e merla). Simão, seu pai, foi assassinado a pauladas e sua mãe morreu de Aids, há menos de um ano. Judá nunca morou com a mãe. Antes de Simão falecer, ele pediu a Zara que cuidasse do menino. Betânia teve ainda mais quatro filhos, abandonou dois e criou dois. Seu terceiro marido também era portador do vírus HIV e viciado em drogas. Em 2003, o casal foi internado numa instituição para recuperação, porém, fugiram, ficando nas ruas e voltando a utilizar drogas, usando os filhos para esmolar. Judá dizia que a mãe não gostava dele e evitava o contato. Quando Betânia morreu, Zara ficou com os dois irmãos de Judá (3 e 5 anos) por um tempo, pois as crianças não têm família.

3.5.1.1 - Linha do Tempo

198? – Tomé leva um tiro na cabeça e fica com uma bala alojada no crânio. Isso o deixa sempre muito nervoso

1988 – Simão ameaça a própria mãe de morte por intrigas da esposa. Nasce seu filho Judá.

1989 – Simão morre assassinado. Deixa o filho Judá, com um ano de idade. A mãe o abandona e a avó Zara passa a criar o menino.

199? – Betânia, mãe de Judá, passa a utilizar muitas drogas.

199? – Tomé bebe demais.

1996 – Judá começa a “dar trabalho”, aos 8 anos de idade.

199? – Betânia contrai o vírus HIV.

2002 – Tomé morre assassinado numa briga. Betânia utiliza os filhos pequenos para esmolar.

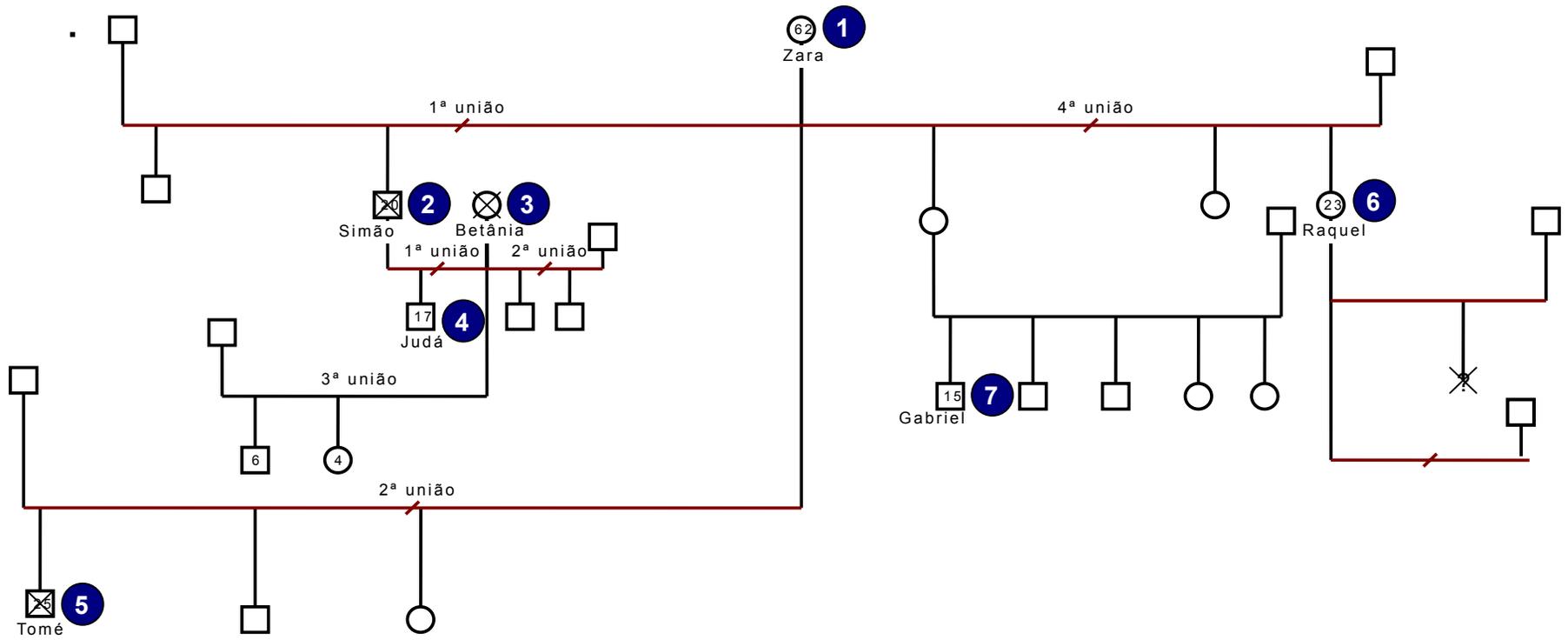
2003 – A mãe de Judá é internada numa clínica, para desintoxicação. Judá só fica na rua, pouco aparece em casa. Sai da escola. Torna-se agressivo e passa a falar palavrões para a avó. Trafica drogas. É baleado após uma brigar com outro rapaz em uma festa. É preso por assalto, passando 43 dias internado no CAJE. É encaminhado para a Liberdade Assistida, pelo prazo de um ano. Judá é detido com dois pacotes de cocaína. Vai para o Caje novamente.

2004 – Mãe de Judá morre em decorrência da AIDS. Seus dois irmãos vão para uma instituição. Judá envolve-se com gangues. Muda com a avó para outra cidade, mas acaba retornando. Judá está em Liberdade Assistida mas não comparece às audiências.

2005 – Judá trafica drogas. A avó quer denunciá-lo, mas tem medo. Judá está agressivo e rebelde. Vai novamente para o CAJE por tentativa de roubo. Ameaça um rapaz de morte.

2006 – Judá está preso no Núcleo de Custódia, pois foi pego reincidindo (assalto) e já se tornou maior de idade.

3.5.1.2 - Genograma da Família União



LEGENDA DO GENOGRAMA

- 1 – Após a morte dos filhos, tornou-se uma pessoa nervosa. Já teve três derrames e não consegue falar sobre o assunto. Pensa em denunciar o neto Judá, mas tem medo.
- 2 – Violento, chegou a ameaçar a própria mãe de morte, por intrigas da esposa. Morreu assassinado, mas a família não sabe o motivo.
- 3 – Alcoolista e viciada em drogas (cocaína, merla). Entregou Judá para a avó criar. Teve mais dois filhos, que doou para adoção. De sua terceira união, teve mais dois filhos. O casal os usava para esmolar. Seu marido era viciado e portador do HIV. Betânia foi internada numa clínica, mas fugiu e voltou para a rua. Em 2004, faleceu de AIDS.
- 4 – Diz que sua mãe não gostava dele. Agressivo e rebelde, ameaça a todos que tentam ajudá-lo. Não frequenta a escola. Cumprimento de várias medidas (internação no CAJE, semiliberdade e liberdade assistida). Atos infracionais: assalto, roubo de carro, porte de arma, tráfico de drogas. Envolveu-se com gangues e foi baleado (4 tiros). Já tentou matar outro rapaz. A família teme por sua vida. Enquanto estava na LA, foi pego praticando assalto e atualmente está detido no Núcleo de Custódia.
- 5 – Alcoolista e usuário de drogas. Tinha uma bala alojada no crânio, fruto de uma briga, que o deixava nervoso e perturbado. Arrumava confusão com todos, até com a família. Morreu queimado vivo, em uma briga por R\$ 1,00.
- 6 - O assassino de Tomé, tentava intimidar Raquel na saída da escola. Em sua primeira união, engravidou, mas numa briga com o companheiro, perdeu a criança. Em sua segunda união, com um PM, por duas ocasiões quase atirou no marido, por ciúmes.
- 7 – Via as coisas erradas que Judá praticava, mas não falava nada por medo.

3.5.2 - O CONTEXTO DAS MORTES DE SIMÃO E TOMÉ

3.5.2.1- A Morte de Simão

Simão, pai de Judá, foi morto quando Judá tinha apenas 8 meses de idade. Levou um tiro pelas costas²⁰ e o boato que corre é que foi morto por engano, pois queriam matar um amigo seu. Os dois eram muito parecidos fisicamente. Raquel diz que não pode afirmar com certeza qual foi o motivo. Conta que era pequena, mas lembra que acordou e viu sua mãe chorando. O assassino não foi preso, o que fez a família desconfiar da eficácia da

²⁰Num primeiro momento, Raquel relatou que o irmão foi morto a pauladas. Não fica clara a circunstância.

justiça. Raquel conta que o irmão era muito violento e que, por causa da mãe de Judá, com quem viveu por três anos, em uma ocasião quase matou dona Zara (sua própria mãe), pois, Betânia inventou que a sogra havia batido nela.

3.5.2.2- A Morte de Tomé

Tomé foi morto em 2002, queimado vivo próximo de casa. Dizem que foi uma briga em um bar, por causa de R\$ 1,00, mas Raquel não tem certeza. Só sabe que ele sofreu muito. O irmão era nervoso e perturbado, pois tinha uma bala alojada no crânio, resultado de outra briga em que levou um tiro na cabeça. Sempre arrumava confusão. No dia em que morreu, estava muito bêbado (era alcoolista) e havia discutido com outro irmão, ameaçando matá-lo. Segundo Raquel, era “*conversa de bêbado*”. Na manhã seguinte, receberam a notícia de que Tomé fora encontrado morto. O corpo estava todo queimado.

Raquel acredita que o irmão não tivesse inimigos, pois todos gostavam dele. Era usuário de maconha e, para ela, isso até ajudava, pois o deixava mais calmo. Já havia sido internado numa clínica em função da dependência de drogas (não especifica quais). Desistiu do tratamento antes do final, e Raquel acredita que se tivesse ficado lá, hoje poderia estar vivo. Todos sentem saudade de Tomé, mesmo ele incomodando quando estava bêbado. O assassinato foi investigado, mas “não deu em nada” e o processo ainda corre na justiça.

A família conhece os três rapazes que o mataram. Um deles, Raquel conhece desde criança e o boato é que ele contava para todo mundo o que fez com Tomé. O segundo assassino, passou a olhá-la com cara feia na saída da escola, querendo intimidá-la. Raquel ficava assustada e baixava a cabeça, mas depois pensou “*porque eu vou baixar a cabeça se eu não tô devendo?*”. O terceiro rapaz, já está preso, por outro motivo.

3.5.3 - O CICLO DE VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

Além das mortes dos dois irmãos, a família já enfrentou outras violências. Por intrigas da esposa de Simão, que inventou que Zara havia batido nela, o próprio filho ameaçou matar a mãe a facadas. Na seqüência geracional, Judá também já enfrentou várias situações de violência, inclusive levou quatro tiros em decorrência de uma briga com um vizinho, mas sobreviveu. O rapaz deu um tapa no rosto de Judá e os amigos o incentivaram a matá-lo, deram-lhe uma arma, Judá atirou, mas o rapaz fugiu de carro. Depois, ele voltou com o próprio pai, alvejando Judá. Raquel diz que o sobrinho é como se fosse um filho, mas está cansada de correr atrás dele, pois só dá trabalho. Como sua mãe está velha, Raquel é quem o socorre quando ele acaba envolvido com a justiça (vara da infância, visitas ao CAJE). Diz que depois que Judá levou o tiro, ao invés de ficar com medo, tornou-se ainda pior. Já foi preso várias vezes. Raquel teme por sua vida. Judá já fugiu duas vezes da Semiliberdade e a juíza chegou a ameaçar deixá-lo três anos no CAJE. Agora, está em LA, mas também não cumpre. Ameaça todos os parentes que tentam orientá-lo. Há duas semanas, ameaçou matar outro rapaz que queria bater nele. Só não atirou porque algumas mulheres se colocaram na frente. Registraram outra queixa contra Judá.

A própria Raquel, quando foi casada com um PM, em duas ocasiões quase atirou no marido com a arma dele, por ciúmes. Sua mãe a impediu. Diz que “era cega” por ele.

3.5.4 - RESSONÂNCIAS DAS MORTES DE SIMÃO E TOMÉ E OUTRAS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS NA FAMÍLIA

Na mãe: Dona Zara ficou transtornada a partir das mortes dos filhos e passa mal só de lembrar. Tem vários problemas de saúde, já teve três derrames e Raquel relaciona a debilidade da saúde da mãe ao sofrimento vivido pelas mortes. Tornou-se uma pessoa nervosa. É diabética e tem pressão alta.

Nos irmãos: Toda a família começou a ter medo de sair de casa, e dona Zara não queria que fossem para a rua. Os irmãos homens se preocupavam muito com o fato das mulheres ficarem sozinhas no lote, quando saíam para trabalhar. Os assassinos chegaram a dizer que já haviam matado um e que o outro irmão seria o próximo. Ameaçaram tocar fogo na casa com as mulheres dentro e seus irmãos ficaram com muito medo. Todos ficaram revoltados. Raquel diz que nesse tipo de coisa, “*é bom fazer justiça com as próprias mãos*”. Mas tem a consciência de que, se fizerem isso, a família é quem irá pagar, pois serão vistos como quem não presta: “*ele, morreu, mas quem vai para a cadeia somos nós*”, o assassino fica solto. Diz que ela mesma, na hora da raiva, teve vontade de fazer a própria justiça, mas depois pensou que isso não leva ninguém a lugar nenhum. Apesar de não ter coragem, acha que seria bom, pois, “*seria menos um na face da terra.*”

3.5.5 – ATOS INFRACIONAIS, DROGAS, TRÁFICO E VISÃO DA JUSTIÇA E POLÍCIA

Envolvimento com atos infracionais e práticas de violência -Judá está fora da escola (estudou até a 6ª série). Participava do PETI, mas saiu, por causa de rixas. Segundo a tia, só pensa em ser o “*gostoso*”, “*todo-poderoso*”. Quer mandar na rua e na cidade inteira. Judá já deu muito trabalho e sua ficha na justiça é grande: assalto, porte de armas, tiroteio, roubo de carro, tráfico de drogas. Recebe intimações mas não comparece. Raquel conta que a polícia civil está sempre em sua casa e que já avisou o sobrinho que com sua maioria, lavar as mãos e não irá mais atrás dele. Diz que briga muito com Judá, pois ele sempre quer “*ser o que não é*”. Sabe que muita gente tem raiva dele e que agora, ele “*baixou um pouquinho*”. Acredita que não adianta culpar os amigos, nem o tipo de criação que a pessoa teve, pois é Judá quem faz as suas próprias escolhas, pois, cada um só faz o que quer. Para Raquel, é “*safadeza pura*”. A pessoa tem pensamento próprio, se ela não quiser, ela não vai, não tem quem convença.

Conta que passou mal a primeira vez em que teve que visitar o sobrinho no CAJE, mas não quis deixar sua mãe ir sozinha. Judá ficou 45 dias internado por assalto. Conta que só se preocupa e corre atrás do sobrinho por causa de sua mãe, pois, Judá não a respeita. Há

pouco tempo, o sobrinho foi preso novamente, pois recebe as intimações e não comparece, tem medo de ir. Quando a polícia chegou, ele tentou fugir pulando o muro, mas, Raquel o impediu dizendo que podia levar um tiro. Judá ficou com medo e acabou se entregando. A juíza questionou a tia a respeito do não comparecimento do sobrinho e Raquel respondeu que ele já é “grandinho” e sabe o que faz. Só pode ter controle do que ocorre do portão para dentro; na rua, lava suas mãos. Diz que na primeira vez em que Judá foi preso, os familiares ficaram com pena dele, menos ela. Da mesma forma, todos têm medo dele e Raquel não baixa a cabeça. Ele dá trabalho desde os oito anos.

Raquel percebe que depois que o sobrinho saiu do CAJE, sentia-se mais poderoso, porque “*todos os presos depois que saem da cadeia querem ser o Deus*”. No mesmo ano, a família soube que ele estava vendendo drogas, e Judá passou a não obedecer ninguém. Fica os dias na rua, sem a família saber onde. Nesta mesma época, dona Zara teve vontade de interná-lo numa clínica.

Em 2004, foi para a Liberdade Assistida, mas não comparece e falta às audiências. Dona Zara mudou-se para outra cidade, tentou levá-lo junto, mas o neto não a acompanhou. Atualmente, Judá não fica em casa, pois está fugindo do pessoal da Vara da Infância e da Juventude. A família acredita que ele esteja correndo risco de morte, pois não valoriza a vida.

Justiça e Polícia - Raquel e a família não confiam na justiça, pois, no caso do assassinato de seus irmãos, nada foi feito, tanto que dois assassinos estão soltos até hoje. Muitas pessoas aconselharam a família a buscar fazer justiça com as próprias mãos. Diz que só confiará na justiça quando ver ela acontecer e que, até agora, não viu nada, por isso não confia. Foi assim em relação ao primeiro irmão, está sendo assim com o segundo. A justiça é muito lenta e os casos deveriam ser resolvidos no máximo em um ano. Acredita mais na justiça de Deus, na “*de baixo*”, não, porque aqui, ninguém faz nada. Só Deus sabe o que faz. Tanto que, um dos assassinos de Tomé, está solto e conta para todo mundo o que fez. É como se ele não acreditasse que será punido. Mas Raquel crê que o mundo dá muitas voltas e que “*uma hora ele cai*”.

3.5.6 - RUMO AO FUTURO

Raquel não vê futuro nenhum para o sobrinho e do jeito que ele está, não há saída. Acredita que ele não conseguirá sair dessa. Acha que Judá teve muitas oportunidades na vida, mas depois, começou a andar com alguns amigos e mudou. Acredita também que possa ser revoltado com os próprios pais. Diz que tem outro sobrinho de 14 anos, que cresceu junto com Judá, mas ele “*tem cabeça*”, via as coisas erradas que o primo fazia, mas não ia atrás. Já Judá, vai “*pela cabeça dos outros*”. O primo acompanhava as coisas erradas, mas tinha medo de contar e que Judá o repreendesse. Atualmente, Jessé voltou a viver com a mãe, pois a família achou melhor afastá-lo da má influência do primo.

Em janeiro de 2006, a pesquisadora retornou ao CDS e teve a notícia de que Judá está preso no Núcleo de Custódia, pois se tornou maior de idade e foi pego reincidindo novamente. Praticou um assalto. As profecias previstas pela tia, parecem terem sido cumpridas.

3.5.7 - DISCUSSÃO SOBRE O CICLO DE VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO NA FAMÍLIA UNIÃO

Zara aparece como figura central da família, mantendo os filhos juntos, apesar de seus relacionamentos passageiros. Raquel atesta esta união, mas, em alguns momentos da história, a violência aparece como a linguagem que permeia relações e vínculos familiares. Há no relato, várias situações em que as ameaças ocorreram entre os membros da própria família: Simão ameaça matar a mãe; Tomé brigava e ameaçava os irmãos; Raquel quis matar o companheiro quando sofria por amor; Judá, intimida os parentes que tentam lhe dar limites, impondo respeito através do medo (até a própria avó tem medo de denunciá-lo). Analisando a Linha do Tempo, percebemos que a essas situações violentas já existentes, vem somar-se a morte de Simão em circunstâncias vagas, acarretando sofrimento para a família e para Judá (que perde o pai, ainda bebê). No decorrer do percurso, a ligação de Tomé com as drogas (lícitas e ilícitas) é outro ponto que

demarca a dor, pois, seu comportamento violento de querer brigar com todos quando drogado/alcoolizado, gerou sua morte. Ambos os irmãos são descritos como violentos, nervosos, vendo a violência como um recurso acessível, e acabaram sendo mortos em circunstâncias complicadas. Tomé, inclusive já tinha uma bala alojada no crânio, fruto de briga anterior. Todos os irmãos pensaram em vingança, mas, a ameaça dos assassinos acabou intimidando-os, apesar da vontade de “*fazer a própria justiça*”. O sistema judiciário não alcançou a punição dos assassinos e a sensação da impunidade parece reinar absoluta.

A partir desses episódios, o sofrimento ficou a flor da pele na família; basta um pequeno estopim para detonar uma avalanche de emoções represadas. A morte dos filhos fragilizaram Zara de tal forma que, falar no assunto, passou a ser revivê-lo em toda a sua intensidade, no próprio corpo (pressão sobe). A família procura, então, preservá-la e se preservar do sofrimento não falando sobre as mortes, como se fosse possível apagar o que foi vivenciado. O assunto é calado, mas o peso é carregado no cotidiano, pois, “não falar” não significa necessariamente, que a questão tenha sido plenamente elaborada.

A preocupação com o futuro de Judá e a sua postura de total exposição a situações de risco, ativam o medo de que a história venha a se repetir. Duas histórias correm em paralelo, a dos irmãos assassinados e a de Judá, que mantém a possibilidade de ocorrência de um novo assassinato presente para todos a qualquer momento (já foi ameaçado e baleado). Se analisarmos a história de seus pais (Simão e Betânia), pode-se dizer que não é por mero acaso que a violência está tão presente no cotidiano deste adolescente. Sua trajetória merece um olhar mais aprofundado. Precocemente perdeu o pai e foi um bebê abandonado pela mãe, crescendo com a idéia de que ela não gostava dele. Sem tentar traçar relações mecanicistas, é importante pensarmos em que medida a morte do pai e o abandono materno possam ter influenciado a postura de busca constante de exposição ao perigo, gritantemente demonstrada por Judá. A tia relata que, desde muito cedo, a família não conseguia dar conta dele. Sua postura sempre foi de agredir a tudo e a todos. Num segundo momento, a morte do tio, Tomé, que provavelmente tinha uma relação próxima com Judá, também gera grande sofrimento. Chama a atenção que após a morte do tio é que Judá passa a sair do controle da família, não respeitando ninguém: pratica assaltos, trafica, acaba baleado por um desafeto. Nessa mesma época, sua mãe está na rua, consumindo drogas. Drogas, aliás, que parecem ter ocupado o papel principal na vida dessa mãe, sendo mais

valorizadas que os próprios filhos. Estamos falando de uma mãe que se colocava o tempo todo em situações de risco (via uso de drogas), o que a levou a contrair o vírus HIV e encontrar também a morte precoce. O vício e a doença só fizeram agravar ainda mais a impossibilidade dessa mãe cuidar dos filhos. A família reforçou este estereótipo negativo de Betânia para Judá, passando a idéia de que Betânia “não prestava”.

Judá já viu a morte de perto. A esta hora, seu destino de morte poderia ter sido concretizado. Já foi baleado, mas sobreviveu. Este fato parece não o ter assustado. Ao contrário, continua constantemente buscando situações de perigo, provocando brigas, ameaçando e sendo ameaçado. Concomitante a isto, a impressão que se tem é de que a família esteja desistindo dele. A avó tem medo, Raquel diz que não irá mais atrás, sendo que eram as duas pessoas que mais se ocupavam dele. Ao mesmo tempo, as ameaças de Judá paralisam a todos. Apenas Raquel diz que nunca ter se intimidado com o que ele diz. A atitude mais radical que Zara consegue ter é mudar de cidade, numa tentativa de afastar Judá de onde mora, mas não dá resultado, pois ele volta.

A descrição que Raquel faz dos motivos que levaram Judá a envolver-se com o mundo da criminalidade demonstram que o adolescente está em busca de uma identidade própria, de alguma forma de reconhecimento. A maioria de Judá vem demarcar o momento em que a família desistirá definitivamente dele. O fato de Judá ameaçar e a todos que tentam ajudá-lo, demonstra o quanto não conseguiu lidar com sua situação de vida, nem dialogar e refletir acerca de sua condição. Busca realmente a morte. Aparece como vítima e autor de violência: já tentaram matá-lo e ele tentou matar também. Parece que a justiça estabeleceu finalmente o limite que Judá tanto buscava. Ao invés de medida socioeducativa, Judá agora está detido no Núcleo de Custódia. Isto pode tanto lhe estabelecer um limite, quanto selar um destino. Ninguém na família acreditava que seu caso pudesse ter uma solução diferente e Judá está cumprindo a risca a profecia. O mundo da marginalidade tornou-se a meta. A partir de uma família na qual a violência já era parte intrínseca, fica a pergunta no ar: que referências foram passadas para Judá?

3.6 – FAMÍLIA FÉ

3.6.1 – APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA : História e Contextualização

A Família Fé tem um adolescente sobrevivente. A pesquisadora teve oportunidade de conhecê-los quando Rebeca (mãe, 41 anos, 5ª série) e Jó (filho, 19 anos) participavam dos grupos multifamiliares no CDS, pois Jó estava cumprindo medida de Liberdade Assistida. Em 2001, Jó sofreu um atentado a tiros na própria casa. Ao invés de acertarem nele, as balas atingiram sua mãe que, desde então, ficou com um problema irreversível nas cordas vocais. Quando convidados a participar da pesquisa, ambos disponibilizaram-se prontamente e a entrevista foi realizada no próprio CDS.

Jó, foi liberado pelo juiz do cumprimento da medida, mas, como recebe a bolsa de reinserção juvenil, continua fazendo parte das atividades. Ambos são participativos e comprometidos com os encontros, trazendo sempre contribuições importantes. Atualmente, Jó atua como obreiro de uma Igreja Evangélica, à qual converteu-se em 2003. Rebeca é uma mulher simpática e comunicativa, apesar do problema nas cordas vocais. Consegue falar, mas não emite som e é como se estivesse constantemente afônica. Não trabalha, mas recebe aposentadoria por invalidez; Jó, além da bolsa, eventualmente recebe algum recurso da Igreja. Da primeira união de Rebeca nasceram Saulo (22 anos, já cumpriu medida socioeducativa e esteve no Núcleo de Custódia), Jó e Lia (17 anos). O casamento acabou há dez anos, após quinze anos de convivência. O motivo da separação foi um relacionamento extraconjugal do marido. Ambos estão com novos companheiros, sendo que Rebeca está casada há três anos. Atualmente, vivem na casa, Rebeca, o marido Enoc (39 anos, 2º grau, porteiro), a avó Lila (79 anos, analfabeta) e os três filhos. Os filhos têm contato eventual com o pai e consideram o padrasto como um pai. Jó é descrito pela mãe como um rapaz trabalhador, amigo, carinhoso, calmo. Ele considera os atos infracionais que cometeu no passado como impensados e diz que não foi por falta de incentivo e de conselho, porque dentro de casa tinha muito, mas não soube aproveitar. Parou de estudar na 6ª série.

O filho Saulo estudou até a 8ª série e fez um curso de restaurador mas, no momento, está desempregado. Quando adolescente, também teve problemas com a justiça. A família

mudou de endereço e não comunicou, por isso, há um ano atrás, Saulo foi tirar um documento e acabou sendo preso. Foi para o Núcleo de Custódia, onde dividiu uma cela com mais 64 pessoas, entre elas, o rapaz que atirou em sua mãe. Ficou lá por 10 meses, teve bom comportamento e acaba de voltar para casa. Como havia feito um curso de restaurador de livros na UnB, gostaria de trabalhar nesta área. A mãe acredita que ele conseguirá.

Lia, é a filha caçula de 17 anos. Estudou até a 7ª série e trabalha como Office-girl. Há poucos meses, seu namorado morreu assassinado. Ele era traficante.

3.6.1.1 – Linha do Tempo

1983 – Nasce Saulo.

1986 – Nasce Jó

1988 – Nasce Lia.

1995 – Rebeca separa-se do marido após 15 anos de casamento, por descobrir que ele mantinha um relacionamento extra-conjugal.

1998 – Aos 12 anos, Jó começa a usar drogas (cola, maconha, cocaína).

1999 (?) - Saulo, ainda menor de idade, tem envolvimento com a justiça. Jó, aos 13 anos, envolve-se com armas.

2001 – Jó passa a andar armado, envolve-se com o tráfico, assaltos e com rixas entre quadras vizinhas. Um rapaz é morto e a culpa recai sobre Jó, que acaba sofrendo um atentado em sua própria casa. O rapaz que atirou, acaba acertando Rebeca e mutila suas cordas vocais. Jó é preso por esconder armas em casa. Por medo, a família vende a casa e muda-se de cidade. Saulo não comunica a justiça sua mudança de endereço. A nova casa é alvejada por tiros. Suspeita de que Saulo esteja envolvido em um assassinato. Jó frequenta a escola só para “aprontar”, levando drogas e armas para a aula. Jó cumpre Liberdade Assistida.

2002 - Jó envolve-se cada vez mais com o crime e planeja vingança contra o rapaz que atirou em sua mãe. Rebeca casa-se novamente. Jó é encaminhado para trabalhar como Office-boy, mas gasta todo o dinheiro em drogas. Perde o emprego por causa de um assalto. É recolhido ao CAJE, vai para a Semiliberdade e foge de lá. Passa a viver escondido e continua assaltando.

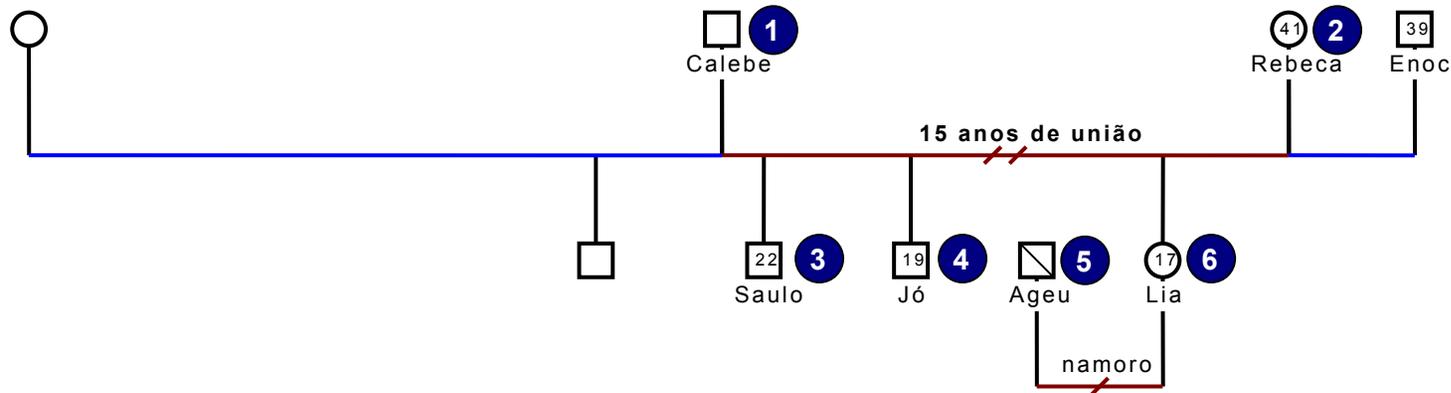
2003 – Jó converte-se a uma Igreja Evangélica. Pára de fumar e de usar drogas. Lia começa a namorar um traficante, apesar da família ser contra. O rapaz é agressivo, chega a bater em Lia,

que tem medo dele. Jó estava foragido da semiliberdade, é pego e internado no CAJE, depois, é transferido para a semiliberdade. Passa a fazer pregações religiosas para os colegas.

2004 – Jó passa para a Liberdade Assistida. Saulo vai tirar um documento e acaba recolhido no Núcleo de Custódia, por ter mudado de endereço sem comunicar. É internado na mesma cela do rapaz que atirou em sua mãe. Rebeca encontra com seu agressor e o perdoa. Jó também o encontra, conversam e o perdoa.

2005 – Saulo sai da cadeia, após 10 meses de detenção. Lia rompe com o namorado e ele tenta atropelá-la. Jó é liberado pelo Juiz da Medida de Liberdade Assistida que cumpria no CDS. Lia reata o relacionamento com o namorado traficante, apesar de temê-lo. Lia assiste o namorado ser assassinado num tiroteio. Está deprimida. Rebeca sente muito medo e acha que ficou traumatizada com tudo o que aconteceu.

3.6.1.2 – Genograma da Família Fé



LEGENDA DO GENOGRAMA

- 1 – Calebe sempre teve uma relação distante com os filhos. Desde a separação, estabelece pouco contato.
- 2 - Rebeca foi baleada na garganta dentro de casa, em um atentado a seu filho Jó. Suas cordas vocais foram mutiladas.
- 3 - Saulo já envolveu-se em brigas de gangue e cumpriu medida de Liberdade Assistida. Já sofreu atentado, por suspeita de que tivesse matado outro jovem. Família mudou de endereço sem comunicar à Justiça e Saulo fica preso no Núcleo de Custódia por 10 meses. Planejou vingar a mãe.
- 4 - Usuário de drogas (cocaína, maconha). Nervoso e agressivo. Cumprimento de várias medidas (internação no CAJE, semiliberdade e liberdade assistida). Atos Infracionais: assalto, porte de arma, tráfico de drogas. Envolvido com rixas, era o alvo do atentado sofrido pela mãe, por suspeita de que tivesse matado um colega. Planejou vingar a mãe. Tem consciência de que se não tivesse mudado, já estaria morto.
- 5 - Namorava Lia, mas era muito agressivo com ela. Tinha ciúme possessivo e, quando romperam, tentou matá-la atropelada. Era traficante e morreu em um tiroteio.
- 6 – Lia temia o namorado, que a agrediu várias vezes. Quando romperam, ele tentou matá-la, mas, por medo, Lia reatou a relação. Estava presente o dia em que o mataram. Está traumatizada.

3.6.2 – O CONTEXTO DO ATENTADO DE JÓ/ REBECA

O atentado ocorreu em 2001, na época em que Jó estava envolvido com o tráfico e sua quadra tinha rixa com outra. Em uma festa, um rapaz ficou “*olhando demais*” para Jó, começaram a brigar e o rapaz colocou um revólver em seu rosto. Alguns dias depois, o irmão desse mesmo rapaz foi assassinado e pensaram que Jó o tivesse matado para se vingar. Os amigos compraram a briga e um deles esteve na casa da família para vingar-se. Viu o vulto através da janela e atirou, acertando em Rebeca dois tiros na garganta, pensando que fosse Jó. A mãe foi socorrida por vizinhos.

Rebeca passou uma semana hospitalizada. Não correu risco de perder a vida, porém, suas cordas vocais foram mutiladas irreversivelmente. Inicialmente, só escrevia no papel, depois passou mais de dois anos usando um aparelho para falar. Após o ocorrido, a família vendeu a casa e mudou de cidade, por medo de mais violência. Porém, a nova casa também foi alvejada por tiros. Nessa ocasião, alguns rapazes achavam que Saulo, o mais velho, estivesse envolvido em outro assassinato por rixa.

3.6.3 – O CICLO DE VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA

Não há relato da presença de violência intrafamiliar, mas o ciclo se faz presente na história dos filhos, a partir do envolvimento de Jó e Saulo com situações de risco. Já a filha Lia, envolveu-se indiretamente, pois, namorou um rapaz que era traficante. A família tentou afastá-la, mas Lia estava apaixonada. Ageu era possessivo e chegou a agredir Lia, que tinha muito medo. Há cerca de três meses, terminaram o relacionamento e Ageu tentou atropelá-la. Mesmo após esse episódio, reataram e a preocupação de Rebeca só aumentou. Há dois meses, saíram para comemorar o aniversário do namorado e houve um tiroteio. Ageu foi baleado e morreu a caminho do hospital. Rebeca diz que a filha só chora, e colocou uma foto dele no guarda-roupa.

3.6.4 – RESSONÂNCIAS DA VIOLÊNCIA SOFRIDA NA FAMÍLIA

Na Mãe: Rebeca sente que toda a situação de violência vivenciada a afetou e traumatizou, deixando-a com muito medo, mas não gosta de falar para os filhos. Sente-se zozona e com um grande vazio. Quando os filhos saem, não consegue dormir; quando escuta uma bombinha, pensa que é tiro. Fala que crê na justiça de Deus, mas não pode acreditar no homem. Diz que toda mãe quer proteger os filhos, mas, depois que crescem, não há como ter domínio. Seu medo era que Jó fosse morto, sempre que ele saía, tinha o pressentimento de que ele não voltaria mais. Quando sofreu os tiros, não quis vingança e ficou com vontade de perdoar o rapaz, pois ele também tem mãe. Não gostaria de ver outra mãe sofrendo o que já sofreu com os filhos atrás das grades. No futuro, pretende fazer um tratamento psicológico.

Nos irmãos: O atentado só fez aumentar o ódio e alimentar os planos de vingança. Jó conta que, após o atentado, aprontou muito, passando a conviver com pessoas ainda piores, “*não tomei jeito, fui ficando pior.*” Seu plano era tirar a vida do agressor e só não foi atrás porque não sabia seu paradeiro. Ao mesmo tempo, diz que sentia medo, pois, pensava em matar, mas pensava também em perder a vida. Andava na rua assustado, sempre com medo dentro do coração.

3.6.5 – ATOS INFRACIONAIS, DROGAS, TRÁFICO E VISÃO DA JUSTIÇA E POLÍCIA

Uso de Drogas - Jó iniciou o uso de drogas aos 12 anos, cheirando cola todos os dias. Depois, passou ao uso de maconha e, eventualmente, cocaína (mais cara). Diz que foi só regredindo e relacionando-se com pessoas sem perspectiva de vida. Acredita que foi motivado pela curiosidade de ver os amigos utilizando. A cada dia piorava, ficava mais dependente e envolveu-se com o tráfico e armas. Rebeca diz quando descobriu que Jó escondia drogas em casa, levou um choque. Ele já estava com cerca de 15 anos. A mãe só acreditou realmente que o filho era usuário, quando Jó converteu-se e deu seu depoimento para a comunidade da Igreja. Jó acredita que para a pessoa largar as drogas

“só Jesus na causa”, não adianta só o investimento do governo, pois, “é uma coisa espiritual”. Se não achar saída em Deus, é cadeia ou cemitério. Diferencia as pessoas que usam drogas, mas trabalham e estudam, daqueles que além de consumir, roubam e traficam. Não há referência se Saulo e Lia também eram usuários de drogas.

Envolvimento com atos infracionais e práticas de violência – Jó cometeu inúmeros atos infracionais: furto, tráfico, assalto, porte de arma. No tráfico, relacionava-se com muitos compradores de drogas, ficando conhecido e “a coisa ia evoluindo cada vez mais.” Na hora de assaltar sentia medo e coragem ao mesmo tempo. O impulso para fazer era maior, mas depois vinha o medo de ser preso. Andava armado e escondia armas dos outros em casa, porque no mundo do tráfico, segundo ele, “a hora em que precisar tem que ter”. O tráfico lhe rendia muito dinheiro (para comer e passear), deixando-o mais ambicioso e querendo vender cada vez mais. Frequentava a escola apenas para bagunçar, aprontar e “fazer o que não prestava”, roubava, usava drogas, andava com a pistola na cintura. Jó diz que a pessoa que está no mundo do crime só quer ter arma, estar nas festas, ter carro, dinheiro, mulheres. Quer crescer de forma ilegal, ter poder, ser famoso.

Em 2002, fez um curso numa ONG que prepara e insere adolescentes carentes no mercado formal, sendo encaminhado para trabalhar como office-boy, mas gastava todo o dinheiro em drogas. Já estava em Liberdade Assistida e foi flagrado dentro de um carro roubado. Perdeu o emprego e foi para o CAJE, depois para a semiliberdade. Na frente dos monitores, tinha bom comportamento, mas por trás, continuava roubando e traficando. Fugiu da semiliberdade, e passou a viver escondido, pois a polícia estava a sua procura. Continuou assaltando até a sua conversão a uma igreja evangélica, quando foi pego e voltou para o CAJE, já decidido a cumprir as medidas. Recentemente foi liberado pelo juiz. Para a família, o único jeito de sair da criminalidade é através da Igreja, pois “Deus dá força”. Mas Jó acha que o governo deveria investir mais, dando bolsas e emprego para os jovens, para quem está nas penitenciárias, pois não têm incentivo e saem com a mente vazia, piores do que entraram. No CAJE, ao menos a pessoa faz cursos e se alimenta cinco vezes por dia. Agora, num presídio grande, não tem nada. Acredita que muita gente que está presa, pensa em mudar de vida, mas quando sai, só é discriminada. Nenhum empresário quer abrir as portas e confiar num ex-presidiário. Rebeca também não acha justo que, mesmo depois de pagar pelo erro, o

nome da pessoa continue sujo e marcado. Deveriam fazer um acompanhamento e dar uma chance. Jó acredita que se ele próprio não tivesse mudado, já estaria morto ou, na melhor das hipóteses, preso.

3.6.6 – QUEBRANDO O CICLO DE VIOLÊNCIA

Conversão - Em 2003, Jó foi convidado a participar da Igreja. A mãe relata que quando o viu entrando, sentiu muita emoção: “*Ele pisou o pé na Igreja e aceitou Jesus*”. Antes, Jó conta que só ia à Igreja para roubar os carros, não sentia nenhum interesse; mas, quando chegou no culto, resolveu “*aceitar Jesus*”. Diz que a partir desse momento, começou a se libertar, parou de fumar e usar drogas. Todos perceberam sua diferença. Ainda estava foragido da semiliberdade, mas passou a dormir em casa. A polícia levou-o novamente para o CAJE, e lá dentro, Jó deu seu testemunho, passando a pregar para os outros jovens. A mãe diz que o filho mudou muito, antes só gostava de roupa de marca e brigava quando a mãe não tinha dinheiro para dar. Agora, é menos agressivo. Jó diz ter consciência de que foi o filho que mais deu trabalho, mas agora, só sente alegria e paz no coração.

Encontro com o agressor - Por ironia do destino, quando Saulo foi preso, ficou na mesma cela que o atirador de sua mãe. O agressor disse que gostaria de pedir perdão à Rebeca. No dia da visita, Jó e Rebeca foram até lá e conversaram com o rapaz. Rebeca diz que foi como se estivesse diante de outro filho seu: “*ainda abracei ele, ele falou me perdoa, me perdoa e eu falava eu te perdôo*”. Ele disse à Rebeca que ela era uma lição de vida para ele e ficou emocionado com o perdão. Jó diz que pregou para ele, dizendo que “*Jesus amava ele, pedi perdão pra ele, ele me pediu perdão*”. Rebeca diz que o rapaz sabia que Jó e Saulo queriam vingança e ficou com medo. Descobriu onde a família estava morando e comprou armas pesadas, planejando matar a todos. Soube, então, que Jó não estava envolvido na morte de seu amigo e acabou desistindo. Ou seja, a família correu risco novamente sem saber. Jó diz que antigamente, só havia pensado em matar o agressor, pois, “*só tinha ira no coração*”. Agora, sentiu o perdão de verdade e sua ira se foi. Rebeca sempre teve vontade de perdoar o rapaz, nunca conseguiu ter

ódio, pois “*o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem ao amanhecer*”. Tem certeza que foi a partir desse grande sofrimento que veio o renascimento do seu filho.

3.6.7 – RUMO AO FUTURO

Jó diz que tem aprendido muitas coisas que jamais havia imaginado fazer. Uma delas é ter participado da programação de uma rádio evangélica. Se orgulha e diz que nunca pensou que um dia em sua vida poderia estar falando num rádio, sozinho, para milhares de pessoas. Diz que seu projeto de vida é estudar “direitinho” e tornar-se um pregador, ganhando “*muitas almas para o Senhor*”. Deseja também arranjar um bom emprego. Diz que do mesmo jeito que queria crescer quando estava aprontando, quer crescer aqui fora. Sente-se uma pessoa mais feliz hoje.

Rebeca diz que Jó foi levantado como “Obreiro” (evangelista), um processo difícil no mundo religioso. Quando estiveram na Vara da Infância para pegar a liberação, alguns policiais que já o prenderam, olharam-no com outra visão. Perceberam que Jó estava diferente e disseram que ele é um exemplo. A mãe ressalta que até a aparência dele mudou, antes, era feio, não tinha brilho. Jó foi como “*uma pedra bruta, que você lapida e fica brilhosa*”. Para a mãe, hoje ele é um exemplo de transformação.

3.6.8 -DISCUSSÃO SOBRE O CICLO DE VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO NA FAMÍLIA FÉ

O principal privilégio do qual desfruta esta família é o fato de que o pior, em termos de violência, não chegou a acontecer, apesar das graves seqüelas que ficaram em Rebeca. Pode-se afirmar que não são apenas seqüelas físicas que afetaram esta mãe, pois, durante a entrevista, ela comenta do vazio e do medo que sente, e de sua vontade de realizar um tratamento psicológico. A violência não matou, mas deixou marcas: algumas visíveis, outras, mais sutis.

Analisando o genograma, percebemos que não há relato de violência intrafamiliar, porém, situações de violência rondam a família há bastante tempo, pois, a

violência do contexto teve reflexos diretos na vida de todos os membros. A cultura da violência aparece claramente na trajetória dos filhos adolescentes, pois, o envolvimento com a Justiça espelha as situações de risco às quais estavam expostos. Faltou conhecer mais a fundo o relacionamento entre os dois irmãos e a história do envolvimento com infrações de Saulo, ficando a incógnita sobre, até que ponto, possa ter influenciado o comportamento de Jó. Podemos levantar a hipótese de que, provavelmente, acompanhar a trajetória do irmão mais velho tenha refletido negativamente na conduta de Jó. A permeabilidade das fronteiras entre ser vítima ou autor de violência também aparece na história dos dois, pois, ambos quase foram vitimados por suspeitas de que tivessem participado da morte de outros jovens.

Ainda a partir do genograma, vemos que a irmã caçula, que aparentemente está fora desse circuito, na verdade, está incluída, pois, apaixonou-se justamente por um traficante violento. Lia buscou o risco através do namorado, que lhe agrediu e a ameaçou de morte, deixando-a numa mistura de medo e afeição. A recente morte do rapaz, afetou sobremaneira, não apenas Lia, que presenciou a cena, mas toda a família, agravando o sofrimento e a sensação de insegurança vivenciados. Sabemos que um assassinato sempre gera ressonâncias complicadas e Rebeca relata que não dorme, tem medo e ficou mais traumatizada.

Historicamente, a família falhou na tarefa de proteger os adolescentes. Quando analisamos a linha do tempo, um ponto importante é o fato de Jó ter começado a fazer uso de drogas ainda muito cedo, num período em que os pais já estavam separados. Talvez, a ausência do pai tenha influenciado na dificuldade de Rebeca estabelecer limites sozinha e dar conta de criar os filhos sem a assistência paterna. Rebeca revela que a mãe deve acolher o filho, mesmo quando ele está no mundo do crime. Revela, assim, a cumplicidade como única forma de dar amor.

Pensando ainda no ciclo de violência que os envolve, parece que o grave atentado sofrido por Rebeca não foi suficiente para permitir que Jó revisse suas atitudes, pois, ele mesmo ressalta que, *“ficou ainda pior”*. A incoseqüência de seus atos é clara nos sucessivos atos infracionais cometidos sem questionamentos acerca dos riscos aos quais estava exposto. Em nenhum momento pensava no fato de que suas atitudes expunham toda a família e poderiam afetar a todos. Nada nem ninguém, naquele momento, teriam a capacidade de impor-lhe limites. Ao contrário, quanto mais a família

era vitimizada, mais eram incitadas as práticas de violência. Quando Jó e Saulo planejaram vingança, tinham claro que a morte poderia alcançá-los também.

O que demarcou o rompimento de Jó com o mundo da ilegalidade foi sua conversão religiosa. Toda a família apega-se à Igreja como única possibilidade de mudança. Parece que, até agora, este objetivo vem sendo atingido e Jó busca afirmação e inclusão através da Igreja. Talvez, de alguma maneira, essa mudança de vida já estivesse sendo processada dentro de Jó, faltando apenas o estopim, que foi justamente o seu contato com a religião e a sensação de nela ter sido verdadeiramente acolhido. A conversão lhe trouxe a chance de voltar a ser gente, vislumbrando novas perspectivas como cidadão, numa postura mais reflexiva acerca do próprio comportamento. No ritmo em que estava, de total exposição a riscos, no futuro só encontraria o vazio.

Outra reflexão a ser feita é a respeito dessa mãe vitimizada. Em todas as famílias entrevistadas nesta pesquisa, a mãe é sempre colocada num altar, como uma figura quase santificada pelos jovens e que, ao menos no discurso, deve ser preservada de qualquer sofrimento. Nesta família, porém, justamente a mãe tornou-se a pessoa mais atingida. A violência sofrida acaba, inevitavelmente, sendo constantemente atualizada, pois, cada vez que Rebeca tenta falar e não consegue, a história de alguma forma é revivida. Impossível esquecê-la. Este trauma é traduzido nas palavras de Rebeca quando ela diz ter se tornado uma pessoa com medo de tudo. O sofrimento psíquico aparece de forma sutil, mas permeia o cotidiano de todos.

Por mais que tenham descrito o processo de perdão vivenciado com o agressor, as feridas nunca serão totalmente apagadas. O contexto da cadeia permitiu que o perdão ocorresse, pois deu uma contenção. O processo de perdão é descrito de uma forma intensa e foi vivenciado como um grande alívio, pois, através da força da religião, tornou-se possível romper com um ciclo maldito: violência – medo - vingança - violência. O rapaz quis matar Jó, atingiu Rebeca, levando Jó a querer vingar a mãe. Se tivesse feito algo, alguém da família do agressor poderia novamente vingar, e o ciclo se perpetuar por gerações. A religião ofereceu à família o corte necessário para essa redenção. A trajetória do sofrimento ao perdão gerou alívio para todos. A maldição foi rompida. O agressor revela que, por medo de vingança e retaliações, já havia planejado o extermínio de todos como uma forma de proteger-se. Pensava em matá-los e, este plano, desvela a lógica de que a única forma de proteção vislumbrada é provocar mais

violências, é a eliminação daquele que aparenta ser uma ameaça em potencial para a própria sobrevivência. Rebeca reconhece no olhar de seu agressor o que o iguala a seus filhos. Consegue ver a sua dimensão humana e a semelhança entre todos os adolescentes, que estão no mesmo barco (ou, poderíamos dizer, na mesma canoa furada). Quando pensa na mãe do rapaz, na verdade, toma a consciência de que, com muita facilidade, também poderia ocupar o lugar dessa mesma mãe, vendo seus próprios filhos praticando os mesmos atos. São meros espelhos, nos quais vítima e algoz se fundem numa imagem só.

O uso de drogas aparece como porta de entrada para a criminalidade. O tráfico é a iniciação num novo mundo, distante da miséria do dia-a-dia: o mundo do consumo, do dinheiro no bolso, do prestígio, da aventura, no qual se pode ser amado e temido ao mesmo tempo e, acima de tudo, ser visto. A marca de virilidade torna-se de maior valor do que o risco de perder a própria vida. Mãe e filho revelam que o mundo do crime está ligado à construção de uma identidade e à possibilidade de adquirir um reconhecimento. Os fatores que são designados como promotores do envolvimento com atos ilícitos são a falta de emprego e a falta de perspectivas. Por trás deles, encontramos a significação maior: a “mente vazia”. Neste momento de vida, é visível o reconhecimento desta família de que se pode “ser mais” de outras maneiras também, existem outras formas de colocar-se no mundo e de preencher a mente. A religião parece, realmente, ter dado a possibilidade de Jó “religar-se” polindo-se de tal maneira que foi possível encontrar seu próprio brilho. Usando essa metáfora, podemos dizer que ele se tornou, ou melhor, está se tornando, sim, uma “pedra lapidada”, na qual as arestas estão sendo aparadas, até revelar sua verdadeira beleza e valor. Toda a situação vivida por Jó anteriormente, provavelmente, ofuscava essa possibilidade.

IV – SOFRIMENTO E VIOLÊNCIA EM RESSONÂNCIA NAS REDES SOCIAIS DOS ADOLESCENTES: FAMÍLIA E GRUPO DE PARES

Neste capítulo do trabalho, exploramos uma segunda dimensão de análise do objeto de investigação, o estudo das ressonâncias da violência contra adolescentes nas redes sociais. Os casos em estudo nesta pesquisa revelam situações que apresentam, ao mesmo tempo, singularidades e aspectos recorrentes, com múltiplas ocorrências de violências e mortes. Apresentamos, a seguir, uma análise temática das significações trazidas pelas famílias em relação à violência e ao sofrimento vividos no contexto desta investigação e das ressonâncias por nós identificadas. Entendemos assim, que se destaca como achado desta pesquisa o fato de que as ressonâncias da violência se revelam no contexto das redes sociais da população em estudo. Desenvolvemos e argumentamos a seguir sobre esta hipótese, explorando diferentes níveis dessa ressonância, a partir das temáticas trazidas pelas famílias.

Na primeira parte, trabalharemos as ressonâncias da violência e do sofrimento na própria família. Na segunda parte, ampliamos as ressonâncias da violência em outras redes sociais dos adolescentes, tendo como foco principal o grupo de pares. As análises serão ilustradas através de vinhetas dos casos. Os resultados deste estudo corroboram a perspectiva de Teixeira (2001), quando este diz que a produção da violência do adolescente precisa ser compreendida como decorrente de fatores de ordem objetiva e subjetiva, numa produção de modos de ser e existir em que, de algum modo, ele revela como agente de violência, a violência que o vitimou. Isto só pode ser capturado a partir da história de seus grupos de pertencimento, de sua classe social, de seu país e do mundo.

4.1 – A FAMÍLIA EM SOFRIMENTO PELAS PERDAS NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA

A história dos adolescentes que morreram e o conseqüente sofrimento gerado, revelam dados importantes a respeito dos contextos que os envolvem. Ficou evidente que, não só os adolescentes, mas as famílias também estão situadas em um contexto

social violento. A violência pode fazer parte do cotidiano, das relações na comunidade e na própria família. Para Levisky (1998), a violência banalizada pode ser transformada em valor cultural, sendo assimilada pelo jovem como forma de ser, como modo de autoafirmação. A família vítima do sistema, da pobreza, de uma violência extrema, em resposta, também pode gerar filhos violentos. Essa é uma ressonância. Assim, as redes sociais dos adolescentes, tornam-se muito reveladoras enquanto contexto de ressonância das situações de violência vividas.

Um primeiro destaque é que, em quase todas as famílias estudadas, constata-se a presença de violência intrafamiliar e já ocorreu o assassinato de mais de um membro, seja um filho, um pai ou algum companheiro. Chamou a atenção, também, a total exposição de outros adolescentes da família a situações de risco e vulnerabilidade, não apenas daqueles que morreram. Os rapazes se colocam em risco com envolvimento direto em situações de violência, tais como: assaltos, tráfico, rixas, brigas. As mulheres, se envolvem através de relacionamentos com homens violentos ou comprometidos com o mundo do crime e, portanto, também expostos a contextos de risco.

Neste sentido, de um suceder constante de violências, Ausloos (1998) nos alerta que para as famílias caóticas, o tempo é ritmado pelos acontecimentos, que se sucedem aos turbilhões. São famílias que não se apropriam da própria história. Nada permanece e são mais propensas a que seus membros atuem. A informação não pode ser registrada, armazenada, memorizada, pois, o tempo do acontecimento está despedaçado, dividido, dissecado. Isso explica o porquê dessas mães estarem ainda tão sensibilizadas e também o porquê do constante comportamento de risco dos filhos.

Essas famílias aparecem sem espaço para escuta, para o luto, para o sofrimento, sem direito de responsabilizar o culpado, sem justiça, sem cidadania, sem lei, sem visibilidade. Há um abandono social e o fato ocorrido é negligenciado. As mães demonstraram um sofrimento intenso e vivo ao reviverem o tema da morte gerada pela violência, mesmo ao falarem daquelas que ocorreram há vários anos. O fator tempo cronológico pouco importa. Um achado refere-se a esta impossibilidade de elaboração do luto, traduzido por um sofrimento intenso e sempre presente. A constatação deste sofrimento, sem os necessários meios de elaboração e de expressão, nos leva a uma questão fundamental: como se configura esse sofrimento? Como se expressa ou, quais as conseqüências da impossibilidade de sua expressão? Aos poucos, fomos percebendo

que, assim como o sofrimento é uma consequência decorrente da violência sofrida, ele também passa a ser um motivo gerador desta violência, num verdadeiro ciclo recursivo que denominamos *ciclo de violências em ressonância*.

Constatamos que a ausência de um contexto para expressão do sofrimento produz ressonâncias de natureza diferente nas mães e nos adolescentes. Segundo Walsh & McGoldrick (1998), o impacto devastador da morte violenta reverbera por todo o sistema familiar. Aparece grande incidência de stress pós-traumático que afeta as relações familiares com diferentes estilos de enfrentamento, podendo vir a agravar os sintomas que se seguem. Os irmãos podem, com frequência, se afastar da família, podendo não falar com ninguém sobre a experiência, rechaçando as tentativas das mães de compartilhar sentimentos, por exemplo.

Os estudos de caso revelam que, nas mães, as consequências da violência são manifestadas principalmente através do corpo, resultando em doenças físicas e psicossomáticas. Segundo Turato (2003), a somatização é um processo através do qual conflitos profundos do âmbito psíquico, não resolvidos satisfatoriamente, usam a via corporal para conhecer um necessário alívio, levando a transtornos manifestos no corpo. Já nos adolescentes, as consequências aparecem em seu agir, em sua passagem ao ato, o que resulta em comportamentos violentos e desejos de vingança, na busca desesperada de justiça e alívio. É como se as mães vivessem o sofrimento dentro (doenças psíquicas e físicas) e, os adolescentes, atuassem o sofrimento fora. O sofrimento e a violência entram em ressonância, podendo cada um gerar o outro: a violência gera sofrimento, que gera violência, que gera sofrimento, num ciclo interminável.

Para Coleman (1998), as perdas vividas podem se interpor à passagem do ciclo atual de vida por meio do luto não elaborado, gerando efeitos a longo prazo que podem acarretar em comportamentos autodestrutivos, como a delinquência. As características familiares podem ser determinantes para a incapacidade de fazer o luto de forma criativa. Se este for o caso, a variável importante não é a morte, mas as transações e inter-relações familiares que levam a uma resolução bem ou mal sucedida da morte.

O acesso ao sofrimento das famílias só foi possível através de uma postura clínica de escuta compreensiva. Os aspectos contratransferenciais gerados na pesquisadora permitiram avaliar o grau deste sofrimento e a conexão com os sujeitos em sua intimidade afetiva. De acordo com Lemos (2000), ninguém passa impune à

aquisição do conhecimento que desenvolve, e nenhum fenômeno se revela, a não ser na extensão de quem o quer revelar. Da mesma forma, podemos considerar que o estudo desse sofrimento se fez através do reconhecimento das ressonâncias na pessoa da própria pesquisadora e nos espaços nos quais esta se conectou no decorrer do processo. Assim, as supervisões de pesquisa representaram também um espaço importante para a ressonância ser reconhecida, vivida e utilizada a favor do conhecimento pretendido.

4.1.1 – Sofrimento das Mães

Encontramos nas famílias, um quadro no qual as mães aparentam força, mas ocultam da família seu sofrimento psíquico, o que gera seqüelas silenciosas pelo ato violento traumático em vários níveis. Este sofrimento pode ser descrito como corrosivo, interno, solitário, só tendo sido revelado no espaço de escuta terapêutica proporcionado pela entrevista, em função da dimensão interventiva da pesquisa. Para Walsh & McGoldrick (1998), o sistema familiar precisa ser flexível, pois, é preciso rever regras, papéis e limites para uma boa reorganização após a perda. Apenas uma comunicação aberta pode facilitar o processo de recuperação.

Segundo Bowen (1998), uma família bem integrada pode demonstrar mais abertamente suas reações no momento do impacto e, em decorrência, se adaptar mais rapidamente depois. Já uma família menos integrada, pode demonstrar pouca reação no momento e responder mais tarde com sintomas de adoecimento físico, emocional, ou distúrbios de comportamento social. Com certeza, nessas famílias, não ocorre uma boa integração do fato. Vide o discurso dessas mães ao dizerem que, quando da morte de um filho, algo se quebra, sendo impossível voltar a ser a mesma mulher. A consequência mais direta deste sofrimento se traduz nos sintomas psíquicos, físicos e psicossomáticos encontrados em suas histórias:

“(...) daí pra cá (referindo-se à morte dos filhos), (...) eu sofro muito. Eu perdi meus filhos, é uma dor muito grande, uma saudade. Eu não fiquei mais aquela mulher que eu era antes não. Muito sofrimento. Mas estou aí, tô levando até o dia que Deus permitir, eu tô levando.” (Sara, 41 anos, dois filhos assassinados – Família Superação)

Nosso estudo revelou uma série de efeitos, aparentes nas **seqüelas psicológicas** referidas pelas próprias mães: sentimento de vazio, medo, traumas, insônia, fragilidade, idéias suicidas, desespero frente às circunstâncias (uma delas chega a falar que pensa em tomar veneno para acabar com o sofrimento), desejo de morrer, alcoolismo velado, solidão, dificuldade em suportar o peso da vivência, falta de disposição frente à vida, problemas de memória, sentimento de não ter mais energia, depressão, entre outros. Além dos aspectos pessoais, há ainda o sentimento de isolamento e falta de recursos aos quais recorrer, resultantes da violência estrutural que as abate pela condição de pobreza e exclusão social em que vivem.

Vimos que todas as famílias aqui trabalhadas estão completamente a mercê dos programas de assistência. Pensando que este quadro já esteja presente antes da morte na família, pode vir a agravar-se quando esse panorama de fragilidade pela violência da morte sofrida se instala. Algumas mães que sustentavam a família, após a morte, ficam impossibilitadas de trabalhar e prover a família:

“(...) tem quase dois anos que eu não trabalho mais fora. Depois que o Moisés (2º filho) faleceu, eu até tentei, fiquei três meses no serviço, mas eu não consegui.” (Sara, 41 anos, dois filhos assassinados – família Superação)

Outro aspecto a ser ressaltado é que, apesar de jovens, essas mães falam como se já estivessem no final da vida. Não conseguem mais fazer investimentos afetivos e parecem congeladas no tempo. Com a perda dos filhos, foram tragadas por um estado depressivo crônico, no qual aparece o próprio desejo de morte:

“Eu fiquei ruim, não é fácil não minha filha. Dois filhos criados, ter eles, ver eles crescerem, é muito difícil. Eu pensei até em dar um fim na minha vida. Eu peço até perdão para Deus, porque eu acho que isso não é certo não. (...) Fiquei muito magra, sofri muito. (...) é muito duro, muito triste. (...) Mas eu não posso fazer isso (suicidar-se), porque eu imaginei que eu tenho dois ainda que precisam de mim. Na hora eu não pensei nisso.” (Maria, 47 anos, dois filhos assassinados – Família Esperança)

Neste aspecto, concordamos com Lepargneur (1986), quando diz que a morte pode ser esperada como uma libertação dos sofrimentos desta vida; ao mesmo tempo, uma perda pode vir a constituir a síntese definitiva da obra desestruturadora do

sofrimento tanto no organismo corporal como na vida psíquica. A questão corporal aparece na queixa das mães em relação a doenças ou sofrimentos físicos, como sistema nervoso abalado, pressão alta, derrame, problemas de coluna:

“Mudou assim, eu não sou mais aquela mulher (...) Eu não consigo mais trabalhar, eu fiquei com problemas, sabe, pressão alta; meus nervos muito abalados. Por qualquer coisa já ficam abalados.” (Sara, 41 anos, dois filhos assassinados – família Superação)

Uma das mães, inclusive, não pôde ser entrevistada, por precauções em relação a sua saúde, pois já teve dois derrames. A filha entrevistada relatou que se falar no assunto, a pressão arterial da mãe sobe e ela passa mal, necessitando de atendimento médico. Por isso, o melhor é calar.

Revela-se, assim, um sofrimento inesgotável, pois, para as mães, falar sobre o assunto é sempre revivê-lo. Em alguns dias pode-se esquecê-lo, mas, em outros, volta com força total, como se a tragédia tivesse ocorrido ontem. O tempo não apaga as feridas, nem tampouco as cicatriza:

“Tudo assim, o que eu vejo, me dá recordação dele.” (Eva, 45 anos, 1 filho assassinado – Família Sobrevivência)

“tem dias que eu esqueço (...), tem dias que eu amanheço sensível(...), lembrando de tudo. (...) Toda vez é assim, se eu for lá na cova deles, aquilo para mim é como se fosse o primeiro dia que eu estivesse enterrando. (...) Então, ao falar deles eu me recordo demais.” (Maria, 47 anos, dois filhos assassinados – Família Esperança)

Segundo Walsh & McGoldrick (1998), as mães são particularmente vulneráveis à culpa por causa das expectativas sociais de que assumam as responsabilidades primárias pelos cuidados e o bem-estar de todos. As mulheres foram socializadas para assumir o papel principal nas tarefas sociais e emocionais do luto, desde a expressão de sofrimento, até os cuidados com os membros sobreviventes da família. Talvez, por tudo isso, expressem mais facilmente depressões e seus sentimentos do que outros membros da família.

Todos esses achados relativos ao sofrimento das mães demonstram o quanto o processo de luto pode se arrastar durante anos. Consoante McGoldrick (1998a), sempre

haverá eventos que detonam lembranças da pessoa perdida, mas, com o tempo e a cicatrização, a dor se torna menos crua e intensa, liberando energia para outros relacionamentos. As famílias só ficam aprisionadas quando não conseguem reconhecer a perda e a necessidade de reorganizar e reorientar suas vidas.

Outra consequência presente nas famílias é o **medo**, que está constantemente presente no sistema, mas só quem dá voz a ele são as mães. Vivem em constante sobressalto, com a presença de um medo difuso ou personificado no temor de represálias por parte dos agressores. Neste sentido, algumas falas ilustram esta questão:

“Eu fiquei com muito medo, muito medo mesmo. E se eu falar uma coisa, por incrível que pareça, além do medo que eu já tinha, se eu saio na rua depois que dá seis horas, se eu enxergo uma pessoa andando, eu já estou me acabando de medo.” (Sara, 41 anos, mãe, 2 filhos assassinados – Família Superação).

“Em Deus eu acredito, mas o homem lá fora...Aí eu fiquei com aquele trauma, quando eu escuto uma bombinha, um fogo soltando, eu já penso que é tiro. Aí eu levanto de choque e se tiver um filho meu (...) na rua, eu já fico com medo.” (Rebeca, 41 anos, mãe – família Fé)

Como nos diz Elkaïm (1990), a ressonância nunca é uma experiência totalmente individual, mas uma experiência vivida de modo compartilhado. São elementos semelhantes comuns a diferentes sistemas em intersecção.

As mães temem que a história se repita e que os filhos que ainda restam não tenham outra chance de futuro. Para McGoldrick (1998a), quando as famílias não conseguem fazer o luto, elas ficam paradas no tempo, seja em sonhos do passado, nas emoções do presente ou no medo do futuro. Podem ficar preocupadas com futuras perdas potenciais. Mas, no caso de nossa pesquisa, parece que esse medo não é em vão, tendo em vista que os ciclos recorrentes demonstram que há chances muito concretas de novas vitimizações.

Chama a atenção que o assassino, também por medo de vingança, muitas vezes passa a intimidar a família, tentando mantê-la paralisada, para que não o denuncie nem busque retaliações. Assim, para se defender dessa perseguição, a família só consegue pensar na defesa com mais violência, num ciclo sem fim, pois, o medo é, ao mesmo tempo, causa e consequência geradora de mais violência.

Apesar deste quadro de sofrimento e medo, nenhuma das mães culpa a mãe dos assassinos pelo comportamento deles. Ao contrário, pensam no sofrimento dessas outras mulheres e têm a consciência de que, com facilidade, seu filho também poderia estar ocupando o lugar desses outros jovens. Percebem a semelhança que aproxima o jovem que morre do jovem que mata, conectando com o sofrimento da mãe que vê o filho cometer um crime:

“quando esse rapaz atirou em mim, eu tinha muita vontade (...) de perdoar ele, porque ele tem uma mãe e jamais eu queria ver ele atrás das grades, porque a mãe dele ia sofrer do mesmo jeito que eu já sofri por causa do Jó. (...) do mesmo jeito que eu não quero sofrer por causa do meu filho atrás das grades eu não quero que a mãe dele sofra. (...) eu nunca consegui ter ódio dele, procurei passar isso para os meus filhos, que eu não queria que eles tivessem ódio dele e perdoassem. Aí fui colocando isto na cabeça deles.” (Rebeca, 41 anos, mãe – família Fé)

Apenas a contingência nos separa do “outro”, não a essência. A divisão moral não tem fundamento sólido ou substantivo; é construída e reconstruída, no dia-a-dia do cotidiano (Soares, 2005). A partir do contato com essas famílias, podemos perceber que não existe o bem e o mal absolutos: “quando se trata de seres que vivem dentro do tempo e do espaço finitos, não podemos falar em bem ou mal absolutos, mas numa forte mistura de ambos os elementos.” (Girard, 1992, p. 49). Ou seja, novamente aqui fica claro que vítima e algoz são dois lados da mesma moeda.

4.1.2 – Sofrimento dos Filhos Adolescentes

Os adolescentes demonstram uma maneira peculiar de lidar com o sofrimento, através de sua conduta, de seu agir. Esse funcionamento aparece tanto no comportamento dos adolescentes entrevistados, quanto no relato a respeito dos que morreram. Podemos afirmar que a exposição a situações de risco através da prática de atos infracionais é uma constante nestas famílias e a consideramos a consequência mais marcante nos irmãos, funcionando como uma bola de neve: o irmão mais velho é exposto à violência (seja como vítima ou autor); o irmão mais novo segue o mesmo caminho. Em geral, além de se exporem, podem acabar expondo a família aos mesmos

riscos. Assim, ao invés da violência sofrida estabelecer um limite, o que vemos são mais atuações:

“Acho que não me passava pela cabeça de acabar no mesmo destino (irmãos que morreram). (...) Meu irmão se considerava o ‘fodão’ da cidade, entendeu. Tinha arma, tudo. Eu queria ser mais do que ele. Eu já tinha perdido um irmão mesmo. Nisso, eu não pensava na minha mãe, que ela tava sofrendo. Tinha perdido um filho. Eu não tava nem aí, só queria saber de ganhar dinheiro, revólver.” (Jeremias, 19 anos, dois irmãos assassinados – Família Esperança).

A possível dor é trocada por esse desejo de reconhecimento “heróico”. Como nos diz Morin (1976): “mais vale arriscar a vida do que viver mal” (p. 44). A verdadeira vida, perigosa, deve ser preferida à vida medíocre, e, da mesma forma, a morte gloriosa deve ser preferida à morte medíocre. A glória é a exaltação da morte individual. O instante glorioso é o momento privilegiado mais forte do que a morte, que subsistirá, eternamente na memória.

Acreditamos que esse ato de não pensar no futuro, na verdade encobre um sofrimento que não pode ser visto. Esses achados corroboram o que é trazido por McGoldrick (1998b): “A perda pode fortalecer os sobreviventes, despertando a sua criatividade, estimulando-os a se realizarem, ou pode deixar atrás de si um legado destrutivo, ainda mais poderoso se não for enfrentado”. (p. 129). Assim, como consequência gerada pela morte violenta de um irmão, também podemos encontrar como legado a paralisia dos jovens perante seus projetos de vida, como ocorreu no caso de Jeremias, por exemplo. Ele mesmo diz que passou a seguir, ainda mais, o exemplo dos irmãos mais velhos (envolvidos com o tráfico), desejando tornar-se pior que eles:

“Até que naquele certo tempo lá (referindo-se à morte do primeiro irmão) eu estudava ainda direito, ia todo santo dia para a escola. Aí depois que ele se foi, ficou esquisito. (...) Aí eu já comecei a desandar também. (...) fazia de tudo para não continuar na escola, (...) me desesperei. Aí já via meu irmão na vida louca aí, que é o outro que foi (referindo-se à morte do segundo irmão), eu tava no mesmo caminho ainda. (...) Nem a morte dos dois não deu para eu enxergar que eu tava seguindo o caminho errado, assim de roubar, (...) eu fiquei mais louco, eu não estava me controlando não”. (Jeremias, 19 anos, dois irmãos assassinados – Família Esperança).

O Caso de Jeremias ilustra nosso achado, pois, as mortes dos dois irmãos não foram suficientes para que freasse seu comportamento. Ao contrário, passou a buscar

ainda mais a própria morte. Essa tendência se repetiu também nas outras famílias, numa relação especular direta entre o filho que morreu com o que está em conflito com a lei atualmente. Recorremos novamente a Walsh & McGoldrick (1998), referindo que a ocorrência de sintomas muitas vezes coincide com perdas em gerações passadas no mesmo ponto do ciclo de vida. Quando da morte de um jovem, os irmãos podem ficar bloqueados em seu próprio potencial por rivalidades anteriores com o irmão morto, culpa e injunções conflitantes da família para tentar substituir, mas não substituir realmente, o filho perdido. Quando padrões sistêmicos são repetidos nas gerações seguintes, é importante explicitar as ligações ocultas, diferenciar o presente do passado e ajudar a família a superar esta transição do ciclo de vida. No caso de nossas famílias, o envolvimento com atos infracionais demarca a continuidade do padrão já estabelecido.

4.2– SOFRIMENTO, VIOLÊNCIA E TRANSMISSÃO: ASPECTOS TRANSGERACIONAIS

Sintetizamos, a seguir, os seis casos, a partir do enfoque da trama transgeracional e sua transmissão:

1 – FAMÍLIA SOBREVIVÊNCIA: A solidão, a pobreza, o abandono e a violência marcam a história desta família desde a adolescência da própria mãe com extrema crueldade. Numa saga de sofrimento e dor, esta mulher vai acumulando cicatrizes: algumas subjetivas, outras escancaradas. A cicatriz estampada em seu rosto denuncia a trajetória. Violência no cotidiano da família. Nem a aura santificada da gravidez é capaz de protegê-la. Mãe esfaqueada, agredida e humilhada. Inúmeras vezes, pelo menos por três diferentes homens que se alcunhavam “companheiros”. Homens violentos, drogados, alcoolizados, criminosos, expostos. Dois deles, morrem assassinados. A marca dos relacionamentos: filhos ou violência. Único projeto de vida realizado. Numa prole de nove filhos, no mínimo quatro já tangenciaram a repetição da história: tráfico, drogas, tiroteios. A Lei intervém, dando o limite necessário. Filhos agressores e vítimas. Um quinto filho não se aparta do processo. Inesperadamente, Lucas assassinado aos 17 anos. Sua vida valeu menos que uma bicicleta. Elo na corrente macabra que já aprisionava a todos. Mãe não quer vingança, mas seu desejo aparece nas entrelinhas. Alcoolismo da mãe é anestesia para as feridas. Na sucessão de tragédias familiares, Davi dá início a sua tragédia pessoal. Drogas, tráfico, revolta, desejo de vingar o pai traficante e o irmão. Que missão lhe está sendo delegada? A mãe é a voz do sofrimento. Davi é a voz da revolta.

2 – FAMÍLIA ESPERANÇA: A violência na família é inaugurada na relação agressiva de um pai descrito como violento nos momentos em que bebia. Na saga de quatro irmãos, a violência da rua ensinou-os a proteger a mãe. Ao mesmo tempo, adolescências expostas, numa competição ao revés, na qual ganha quem se tornar o pior. Marcas de virilidade. A tragédia se instala em ordem cronológica. Primogênito Pedro é assassinado aos 18 anos; dúvidas entre crime passional e disputa de pontos de tráfico. Reflexos diretos em quem fica. Mãe quer morrer, pai quer vingar, irmãos também. Ciclo da revolta. A descida ao fundo do poço é inaugurada. Comportamentos de risco exacerbados: abandono escolar, drogas, tráfico, assaltos, armas, tiroteios, perigo, violência. O pesadelo se repete: João morre atropelado, aos 18 anos, após assaltar um ônibus. Não era invencível. Ressonâncias gritantes que reverberam. Mãe beira à loucura e quer morrer, filho Jeremias quer matar. Falta de limites. Acaba baleado e ameaçado de morte também. Pára, pensa, revê. Mãe não irá agüentar. É possível quebrar a maldição? Dar bom exemplo para o irmão caçula, romper a tradição. Encontrar um outro futuro, novo destino. Jeremias aposta nesta esperança, mas diz que até hoje pensa em vingar o irmão.

3 – FAMÍLIA SUPERAÇÃO: A lembrança de Sara em relação ao primeiro casamento é a marca da violência. Marido alcoolista, agressivo, ausente. Comunicação e diálogo com os filhos? Só na base da violência. Separação, ameaça de morte, arma apontada para a cabeça. Difícil de esquecer. Mas o pior, ainda estava por vir. Filho Jonas, assassinado numa rixa, aos 15 anos. Pesadelo e revolta. Numa delegação perversa, Moisés, com 12 anos, recebe arma dos amigos e a missão de vingar o irmão. Código de honra. Descida ao inferno, riscos e violência: drogas, assaltos, armas, tráfico. É a voz da inconformidade na família. Revela à mãe a origem de suas escolhas: morte injusta do irmão e agressividade do pai. O ciclo está estabelecido. A morte como destino encontra Moisés aos 17 anos. Mãe torna-se sofrimento, isolamento, dor. Congelada no tempo, petrificou. Não vê justiça nos dois casos. Marido da filha Judite vê as filhas crescerem de dentro do presídio em que cumpre pena. Apesar das seqüelas, Sara está viva. Mas a violência já acena com mais uma página neste trágico destino. Enteadado de Sara já está envolvido com drogas e fora da escola. O ciclo recomeça.

4– FAMÍLIA SONHO: Nessa família, as necessidades básicas se dão a conhecer. Sofrimentos acumulados ao longo da vida, história de luta, velhice de abandono. A violência no cotidiano era revelada através de um pai agressivo na época em que bebia. Hoje abstêmio, não gosta de problemas. Mãe teve que trocar a profissão pelo cuidado com filhos, incapazes de cuidarem-se sozinhos. Apesar de sua força, perde a guerra: filho Mateus vai para o presídio, filho Samuel assassinado numa briga. Testemunhas são só silêncio. Justiça não é feita, pai pensa em vingança. Na continuidade, filho Ezequiel em conflito com a lei, mãe o salva de morrer na mão dos policiais. As seqüelas? Depressão, problemas de saúde e medo da polícia. Quando pensa que o pesadelo acabou, filho Mateus bebendo sem parar, neto Micael em conflito com a Lei, fora de casa, fora da escola. Cuidando de todos, Ester não pode ocupar-se de si mesma.

5 – FAMÍLIA UNIÃO: Silêncio da mãe é proteção; as experiências vividas tornaram-na uma panela de pressão prestes a explodir. A violência é parte da história, filhos violentos, ameaças recíprocas: ameaçada pelo filho, ameaçada pelo neto, filho ameaçado pelo irmão. Simão e esposa com trajetórias autodestrutivas. Ele, assassinado; ela, alcoolista e no mundo das drogas, morre de Aids. Preferiu não lutar. Quem fica?

Um filho abandonado, revoltado, agressivo, exposto, em risco. Quase morreu e quase matou. Difícil apostar em transformação. Na seqüência, filho Tomé assassinado, queimado; briga por R\$ 1,00. Sede de vingança mas a ameaça dos assassinos gera paralisia. Neto Judá cumpre à risca a profecia. De adolescente em conflito com a lei, passa direto a homem presidiário. Família teme por sua vida.

6 – FAMÍLIA FÉ: Durante muito tempo, a mãe acolhedora viu os dois filhos adolescentes tomando um caminho diferente do qual sonhou: gangues, drogas, tráfico, armas e assaltos povoam o cotidiano familiar. Rebeca paga caro por uma geração de filhos envolvidos com a Lei e suspeitos de terem matado outros jovens. O preço? Ser calada pela violência. Infelizmente, não de forma metafórica, mas sim, concreta. Recebe em sua garganta as balas endereçadas a seu filho. Como num pesadelo, a mãe passa a viver na carne as seqüelas físicas e psicológicas do atentado e do ciclo de violência no qual seus filhos já se encontravam imersos. Quando estes planejam vingá-la, só fazem manter viva a força do Talião que não pode ser minimizado. Porém, numa enantiodromia²¹ inesperada, a conversão religiosa de Jó muda a sina, com a consciência de que se assim não tivesse feito, já estaria morto. O destino, irônico, reserva ainda mais surpresas, através do encontro de Rebeca com seu algoz na cadeia, permitindo o processo de perdão. O pesadelo parece finalmente ter acabado, mas o envolvimento da filha com um traficante agressivo sinaliza que é preciso estar sempre em alerta. Com o assassinato do namorado, o sofrimento continua. A violência que cerca a família não pode ser menosprezada.

A dimensão transgeracional do aspecto recursivo da violência é revelada através do estudo dos genogramas e linhas do tempo das seis famílias. Percebemos que as situações de violência não são isoladas, mas permeiam tanto as relações familiares atuais quanto a história familiar. Para Soares (2005) a violência doméstica é fonte geradora de mais violência. Quem se submete ou testemunha violência na infância, tem mais propensão a envolver-se com práticas violentas mais tarde. Nossos genogramas parecem demonstrar isso.

Esses níveis diferentes de violência afetam sobremaneira todos os membros, gerando sofrimento. São conseqüências que aparecem ao longo da história familiar e em todos os seus subsistemas. Da mesma forma, há ressonâncias partilhadas por todos esses sistemas e subsistemas. Esse achado é corroborado pela visão de McGoldrick, (1998) ao referir que as famílias tendem a se repetir. Embora o comportamento manifesto possa assumir formas variadas, as mesmas questões tendem a ser atualizadas de geração para geração. A transmissão multigeracional faz com que padrões de relacionamento de

²¹ ²¹ Significa “passar para o lado oposto”, referindo-se a tendência de qualquer atitude ou estado unilateral a originar aquilo que seria o seu oposto. (Sharp, 1991)

gerações anteriores ofereçam modelos implícitos para o funcionamento familiar na geração seguinte. Ou seja, o peso da violência e a perda não resolvida pode se tornar um fardo para a próxima geração. Os filhos podem ser aprisionados, de forma a realizarem missões que ficaram incompletas ou podem ser limitados pela incapacidade dos pais de se comprometerem com novos relacionamentos por medo de repetirem a dor da perda. As famílias aqui estudadas, mantêm esse padrão.

Soares (2005), explicita que a adolescência torna-se mais complicada quando às vicissitudes da idade somam-se problemas como a rejeição em casa, vivida à sombra do desemprego, do alcoolismo e da violência doméstica. Existem correlações entre pobreza, violência doméstica e vivência infantil da rejeição, pois pertencem a um mesmo campo de fenômenos. Com a máxima cautela, para não reforçar preconceitos, é preciso reconhecer que há laços prováveis entre algumas realidades (ou seja, quando aparece uma delas, é provável que apareçam as demais): pobreza, baixa escolaridade, menor acesso a trabalho, desemprego, desamparo econômico, social, angústia, insegurança, baixa auto-estima, alcoolismo, violência doméstica, absenteísmo, desatenção, rejeição aos filhos. Crianças que vivem algumas destas situações na infância, vêm estilhaçadas as imagens familiares que serviriam de referência positiva. Crianças e adolescentes com esse histórico tendem a apresentar deficiências de aprendizado, ingresso precoce no mercado de trabalho, abandono escolar, redução de chances de acesso a empregos, aumento da probabilidade de que o círculo da pobreza se reproduza por mais uma geração.

4.2.1- Falta de Tutoramento e de Proteção dos Filhos

A partir de um olhar sistêmico sobre as famílias, percebemos que há falhas na proteção dos filhos, que muito cedo saem do controle familiar e se vêem no mundo, totalmente expostos a situações de risco. Há dificuldade dessas famílias em exercer a autoridade e proteger esses adolescentes. As fronteiras do sistema são demasiado abertas e a impressão deixada é de que toda a educação fica por conta dos ensinamentos da própria experiência de vida, do mundo. Nas famílias ora estudadas, existe uma forte relação afetiva entre os membros, estão juntos, unidos, mas, desde muito cedo, a família

perde o controle sobre os adolescentes. Há uma autonomia precoce, e podemos usar a metáfora do “sair pela janela”, não pela porta da frente:

“(...) a gente quando é mãe, se a gente pudesse ver os filhos o tempo todo embaixo da saia da gente, pra gente acolher, não deixar nem um mosquito acertar neles, isso aí seria uma bênção. Mas, depois que os filhos crescem, a gente já não tem mais domínio sobre eles, porque eles têm que estudar, têm que fazer a vida deles, a gente já não tem aquele domínio e aquele controle.”
(Rebeca, 41 anos, mãe – Família Fé)

Um dos fatores desencadeantes desta situação pode ter a ver com a questão da mãe (apontada como principal responsável pela coesão familiar) precisar trabalhar fora, não podendo acompanhar de perto o crescimento dos filhos, suas atividades, com quem estão se relacionando. Para Soares (2005) a invisibilidade é uma carreira que começa cedo, em casa, pela experiência da rejeição, do abandono, na indiferença. Isso não significa que os pobres sejam pais menos amorosos, mas que têm menos oportunidades de organizar as responsabilidades profissionais de modo a privilegiar a presença em casa, sobretudo quando os filhos são pequenos. Mais expostas às angústias e insegurança do desemprego, as famílias de baixa renda enfrentam tensões que desestabilizam emoções e corroem a auto-estima. Levisky nos traz uma importante reflexão acerca da violência da sociedade:

“Tem-se esquecido as características do coração humano. Quando falta amor, entenda-se: comida, trabalho, saúde, sentimento de valorização do indivíduo, confiança, surge no inconsciente o ódio e intensificam-se os sentimentos de desamparo. (...) Emergem sentimentos: de indiferença, destruição da auto-estima, ódio pelo desprezo no qual se vive. Uma sociedade liberalizada de envolvimento e de responsabilidade social, egocêntrica, que não se faz ouvir e que ouve só o que quer, que faz vista grossa, onde tudo vale, em nome de uma pseudo-democracia e ilusório sentido de liberdade, contribui inconscientemente para a geração do clima propício para a violência.” (Levisky, 2001, p. 15)

Essas famílias vivem em contextos de vida com muita pressão. Uma das maiores pressões sofridas por essas mães talvez seja a necessidade de sustentar e de proteger esses filhos. Podemos considerá-las como as escudeiras das famílias, pois, são elas que centralizam todas as relações e, sustentar sozinhas esse peso, não consiste em tarefa fácil. Outro ponto que encontramos nas histórias familiares é que os adolescentes

não querem ver os irmãos mais novos repetindo a sua história, idealizando formas de mantê-los afastados do ciclo. Jeremias descreve com clareza o ciclo recursivo que pretende barrar:

“eu quando via meu irmão (mais velho) fumando queria ser pior que ele. Mas no meu caso, o meu irmão (caçula) , quando ele era menorzinho, ele me via fazendo as coisas erradas, mas para mim, ele nunca ia ser igual. Eu achava que ele não ia pensar do jeito que eu penso, mas hoje, ele já está fumando cigarro, amanhã ele pode estar fumando drogas, cheirando.(...) Eu quero já mudar a minha relação com ele, conversar, dar um conselho. (...) Ele agora tá vendo que vai ficar de maior e não curtiu nada ainda. Ele deve pensar assim, deve estar querendo desfrutar. Mas não é bem assim, não é por aí.” (Jeremias, 19 anos – Família Esperança)

Há uma vontade de Jeremias de proteger o próprio irmão. Dar-lhe melhores referências do que aquelas que teve em sua própria trajetória.

4.2.2- Relação Com O Pai

Em todas as famílias estudadas, há a falta da presença paterna, em função dos pais terem sido mortos ou serem desistentes: desistem da relação conjugal, desistem de apostar nos filhos. Mesmo Ester a única mãe que ainda é casada com o pai dos filhos, refere que o marido *“não gosta de problema”*, evitando o diálogo. Segundo Bowen (1998), ninguém consegue ter um relacionamento completamente aberto com outra pessoa, mas um estado saudável se dá quando o relacionamento permite um grau razoável de abertura. Um sistema de relacionamento *“aberto”* é aquele no qual um indivíduo está livre para comunicar uma alta porcentagem de pensamentos internos, sentimentos e fantasias para outro, que é capaz de um comportamento recíproco. O que vemos aqui é que a responsabilidade pelos filhos é exercida quase que exclusivamente pelas mães. Não há troca, não há apoio por parte dos pais, que aparecem como figuras distantes e, em sua maioria, violentos:

“Sempre que a gente fazia qualquer coisinha, ele aprumava nós(...)Não da maneira correta, né, batia muito. Minha mãe entrava na frente, apanhava também.” (Davi, 15 anos, adolescente – Família Sobrevivência)

“Bom, o meu Pedro ele disse (...) que o que levou ele a fazer isto (atos infracionais) foram coisas que revoltaram muito ele. Primeiro, o pai dele. O pai dele aqui dentro de casa era muito violento, batia sexta, sábado e domingo, e não batia de mão, era de arma de fogo, de faca, de tudo. Ele presenciou muito isto e não podia fazer nada.” (Sara, 41 anos, mãe – Família Superação)

Para Carreteiro (2001), a questão da Lei leva ao questionamento do lugar ocupado pelo pai no seio de várias famílias de segmentos populares. Constatase que nos territórios muito marcados pela desfiliação social, grande parte das famílias é sustentada pela mãe. A figura paterna é muito ausente ou muito frágil. Na visão desta autora, os grupos menos favorecidos têm menos possibilidades de viver a metáfora do pai como uma referência, experimentando sua força de proteção, do que os segmentos médios e altos da sociedade. Nossos dados também demonstram isto.

O tráfico e o uso de drogas ilícitas também permeiam o universo de alguns desses pais. A incidência de alcoolismo é alta nesses homens, o que é relacionado, tanto pelas mães, quanto pelos adolescentes, como um dos fatores desencadeantes da violência encontrada dentro da família:

“Eles brigavam assim, tipo, meu pai toma umas, entendeu. Todo sábado, domingo, é certeza ele tomar umas.(...) eu já vi ele querendo bater nela (mãe) e meus irmãos chegavam e seguravam ele. Eu pequenininho assim já pensando altas coisas. (...) aí nós já crescemos. Ele já ouvia dos amigos dele que a gente estava com arma escondida. Para mim ele já ficava meio naquelas de ciscar a mão nela”. (Jeremias, 19 anos – Família Esperança)

Para Coleman (1998), claramente, os pobres da periferia estão avassaladoramente tomados pela morte, pela perda e pela desesperança. Estas famílias são confrontadas com a violência e o medo diários, para os quais, talvez, o único alívio seja o de uma substância que altere quimicamente seu sofrimento. Neste sentido, os pais desses rapazes também estão reagindo a um sofrimento que não têm condições de suportar sozinhos.

Esses pais, em sua maioria, não conversam, só batem, sendo também perpetradores de violência, ajudando a reforçar um ciclo que parece não ter fim. Segundo Zimerman, (2001), as relações violentas dentro da família, em que pais maltratam filhos por meio de privações essenciais, abandonos ou cruéis agressões físicas, podem trazer como consequência mais grave um modelo de identificação de

atitudes violentas que vai passando de geração a geração. Os adolescentes entrevistados falaram da revolta que a atitude dos pais gerou neles, demonstrando a fragilidade dessa figura de referência. A violência também aparece, como um padrão de comunicação entre o casal e entre o pai e os filhos. A seguinte fala, ilustra essa visão:

“O pai deles nunca, nem antes como pai foi muito presente. Então, mesmo depois da separação que ele vinha conversar com os filhos, sempre que vinha era com violência pra dentro de casa. Então era eu e eu mesma. (...) A última vez que ele esteve aqui foi para me matar com um revólver, botou o revólver aqui em mim (cabeça).” (Sara, 41 anos, mãe – Família Superação)

Todas as mães que sofreram violência por parte dos companheiros demonstraram muita dificuldade em romper com esses relacionamentos, pois, sentiam medo da reação que esses poderiam vir a ter. Bolle de Bal (2001), fala das conseqüências das mudanças demográficas dos últimos anos, em que os casamentos tornam-se cada vez mais escassos e frágeis, com o inevitável afastamento dos pais, que “perdem” os seus filhos. As famílias se fragmentam, os pais são jogados para fora. As mudanças culturais trouxeram também a incerteza quanto à definição do papel dos homens (pais) e de sua função paterna:

“O que acontece, na verdade, quando o pai se faz ausente, impotente, evanescente, defasado e ultrapassado, desvalorizado, rejeitado? As conseqüências são, sob vários ângulos, nefastas para o futuro da criança.” (Bolle de Bal, 2001, p. 49)

O adolescente Davi é o único que resgata a falta que sente do pai e o quanto, mesmo tendo atitudes violentas, era importante a presença do pai em sua vida. Lembrando que o pai de Davi era traficante e morreu assassinado:

“Se ele tivesse aí hoje, garanto que eu estaria mais feliz. Ficar sem pai não é bom. (...) Não deixava a gente passar por nada de necessidade. Tudo o que a gente queria, a gente tinha. (...) O único errado dele era esse, que ele mexia com coisa errada (tráfico) e quando bebia ficava violento. Mas, por um lado, era uma boa pessoa.” (Davi, 15 anos, adolescente – Família Sobrevivência)

A ausência paterna pode trazer conseqüências econômicas, psicológicas e sociais. A presença simbólica do pai é importante, nas funções de regulação, de

mediação, de arbitragem e de iniciação que ele é chamado a desempenhar. Há indicativos de que a ausência dos pais influencia em fenômenos tais como a delinquência, os desvios, a violência, a constituição de bandos agressivos (Bolle de Bal, 2001). Mas, no caso de nossas famílias, percebemos que a postura paterna pode ser também um fator de risco aos adolescentes, não apenas de proteção.

4.2.3 – Infâncias Sacrificadas

Os dados da pesquisa nos levam a questionar se, nesses contextos, a adolescência existe realmente como uma fase ou lhes é negada, pois, como vimos, estes meninos parecem ser simplesmente “jogados” para fora do sistema, sem um período de exercício frente ao mundo adulto. A infância desses jovens termina cedo, abruptamente, são crianças sem infância. Um indício é o fato de muitos deles terem participado de programas do governo para erradicação do trabalho infantil. Segundo Outeiral (1998), nos estratos menos favorecidos de nossa sociedade o processo adolescente é desencadeado mais cedo e é, em muitos sentidos, abreviado, sendo a passagem da infância ao mundo adulto bastante rápida. Muito cedo estes adolescentes já têm consciência da realidade cruel e são precoces no início do uso de drogas:

“Tinha uns 12 anos, já fumava cigarro, fumava maconha, cheirava cola. Fui só regredindo”. (Jó, 19 anos, adolescente – Família Fé)

De acordo com Coleman, (1998), embora problemas como o abuso de drogas sejam pessoais por natureza, eles não podem ser entendidos sem consideração ao contexto interpessoal dentro do qual suas conseqüências muitas vezes fatais têm lugar.

Os próprios adolescentes relatam esse “fim” antecipado da infância, principalmente após vivenciarem alguma situação grave de violência. Podemos perceber isto a partir da fala de Davi que se refere ao quanto teve que amadurecer rápido frente ao sofrimento vivenciado pela família após a morte de seu irmão, as agressões sofridas pela mãe e, posteriormente, o assassinato de seu pai:

“Depois disso aí que aconteceu, eu não confio mais em ninguém além da minha mãe e Deus. Sou um cara que já aprendi muito do tempo dos meus oito

anos para cá. Aprendi muito sobre esse mundão aí, sobre como é que é. (...). Dentro da cabeça eu mudei mais, deixei de ser aquele bobão velho. Botei na cabeça de observar tudo aquilo que se passa. Para ir aprendendo, né. Para quando precisar passar por alguma coisa, saber o que fazer.” (Davi, 15 anos, adolescente – Família Sobrevivência)

Davi nos fala ainda:

“Tinha de 8 a 9 anos, mas eu me lembro muito bem do que aconteceu, do que passou. Tenho tudo claramente aqui na cabeça ainda. (...) Muitas pessoas pensam, ah, ele era um moleque, não sabe. Mas eu lembro muito bem do que nós passávamos, eu, minha mãe, principalmente minha mãe, que apanhava demais.” (Davi, 15 anos, adolescente – Família Sobrevivência)

Encontramos, assim, um quadro em que algo se rompeu, quebrou, tirando a possibilidade de voltar a ter uma visão ingênua a respeito da vida, própria de uma criança. Davi amadureceu “*na marra*”, à força. Da mesma forma, é possível perceber que os assassinatos (do irmão e do pai) o tornaram uma pessoa desconfiada frente à vida. O que se vê nesses adolescentes é a expressão da infância que não pode mais ser ingênua. A vida não é brincadeira para quem é da periferia.

Este achado é confirmado por Soares (2005), ao dizer que quando crescemos, nos treinam na descrença, ou seja, para evoluir e amadurecer, descremos. A marcha da idade avança na contramão das convicções da infância: “crescer é descreer. Até que nos tornamos plenamente adultos: descrentes. O ceticismo é o cartão de visitas da maturidade moderna.” (p. 205). O preço a ser pago é alto, mas, nestes contextos, nos parece que perder a ingenuidade torna-se questão de sobrevivência.

4.2.4 – Missão de Vingança por Amor à Mãe

Penso & Sudbrack (2004), descrevem o “filho parental”, que desempenha diversos papéis ao lado da mãe, no decorrer do Ciclo de Vida Familiar, ocupando espaços vazios da relação conjugal. O desempenho desses papéis, pode dificultar o movimento de separação-individação, complicando sua construção identitária. Pode vir a ocupar o papel de companheiro da mãe, de protetor. Nossos achados demonstram que as mães são vistas como guerreiras que sempre lutam pelo bem-estar dos filhos. Davi chega a colocar essa importância de forma crucial em sua vida, ao dizer que:

“Depois que eu fui preso (CAJE), eu dei um tempo. Porque a minha mãe chegou até a chorar quando ia me visitar. Aí eu pensei bem. Isso não é vida para ela. Às vezes, eu não ligo para mim. Eu, não é nada. Mas o negócio é que quem sofre depois é a minha mãe.(...) depois que ela se for, não tem mais nada. (...) Por isso que até hoje eu estou dando valor nela. Se não fosse por ela, não sei o que seria da minha vida.” (Davi, 15 anos, adolescente – Família Sobrevivência)

Para todos os adolescentes entrevistados, a mãe aparece como ponto de referência e de apoio, quase santificada. Não querer vê-las sofrer é o único ponto que os faz questionar o caminho que estão seguindo.

Neste sentido, as violências (seja contra a mãe, o pai, o irmão) são geradoras de muita revolta por parte dos adolescentes, levando-os, com frequência, a pensar em uma vingança pessoal, o que também reforça o ciclo recursivo de repetição da violência. Como vimos, os adolescentes vivem o sofrimento da família, principalmente o da mãe. A vingança aparece como um projeto de alívio e uma forma de apaciar o sofrimento da mãe através da passagem ao ato. As mães dizem não querer vingança, mas, dizem também que não podem impedir que os filhos façam. Assim, mesmo que de forma inconsciente, delegam ao filho a incumbência de resolver ou reagir face à situação de sofrimento do sistema. Na verdade, não apenas os adolescentes, mas, em algum momento, toda a família chega a pensar em vingança contra o ato violento sofrido. Talvez, a única forma de justiça e de proteção vistas como alternativa, seja reagir através de mais violência, num código de honra implícito neste comportamento. Os adolescentes pretendem devolver na mesma moeda, evocando novamente aqui, a Lei de Talião (“Olho por olho, dente por dente”). Segundo Morin (1976), Talião é o castigo de retaliação evocado por crimes e más tendências, exigindo que se pague com a própria vida. Esses adolescentes planejam vingança, mas sabem que podem morrer também, pois, a missão da vingança, pode conduzi-los à própria morte, alimentando um ciclo recursivo sem fim. É um ciclo de vingança que gera mais vingança, que aparece como uma alternativa viável:

“Para mim, tinha que acertar as contas com esse cara (assassino do irmão) de qualquer jeito. Até hoje eu tenho isso aqui dentro. (...) Eu tava louco, desesperado. Trazia vários tipos de arma da Estrutural para cá, só pensava, isso aqui (...) é para ele. Aí perdia, botava na mão dos outros, o pessoal ia preso

com as armas. Mas, tudo isso aí é Deus, porque se eu tivesse com uma arma na época em que ele saiu da cadeia...” (Jeremias, 19 anos – Família Esperança)

Este adolescente ainda reflete:

“eu acho que isso (vingança) pode, mas ao mesmo tempo, não pode acontecer, porque eu tirando a vida dele, eu não vou trazer a do meu irmão de volta. E minha mãe? Penso nela, (...) minha mãe sofreu demais. (...) eu penso aqui dentro que ele tirou a vida do meu irmão, ele fez a minha mãe chorar. (...) Se eu matar ele, não vão deixar baixo, um vai querer v ir atrás de mim, aí é dor-de-cabeça para a minha mãe, e aí, é o seguinte, também não existe crime perfeito, você vai ter que puxar por aquilo ali, vai ter que pagar. Aí eu não quero ver a minha mãe lá dentro (cadeia), me visitando e tal.” (Jeremias, 19 anos – Família Esperança)

Há a consciência de que a vingança não é a solução definitiva para aplacar o sofrimento, ao contrário, só gera mais. É uma aposta alta. Segundo Morin (1976), para matar é preciso arriscar-se a ser morto. O risco de morte é o paradoxo supremo do homem perante a morte, pois contradiz total e radicalmente o horror da morte. Há a necessidade do risco que é preciso correr para matar eficazmente. Mas essa recusa à covardia implica afirmação do grupo em relação ao indivíduo, que teme ficar desonrado aos olhos dos concidadãos. Abdicar, significa não ser visto como “homem” aos seus e aos olhos de seus pares. Novamente aparece o etos de masculinidade.

4.3 – SOFRIMENTO E VIOLÊNCIA EM RESSONÂNCIA NO GRUPO DE PARES E INSTITUIÇÕES

Os estudos de caso realizados nos levaram a extrapolar a análise da violência em ressonância na família para outras redes sociais dos adolescentes de uma forma mais ampla, a partir dos temas que surgiram nas entrevistas. Por isso, neste momento ampliamos o olhar sobre a violência, de modo a compreender o quanto ela atinge outros níveis das redes sociais dos adolescentes além da família, como o grupo de pares por exemplo. Encontramos, nos casos estudados, uma realidade que fala de redes sociais muito contaminadas pela presença constante de fatores de risco e de violência. Exploraremos a seguir, o sofrimento e a violência no grupo de pares, a partir da relação que os adolescentes estabelecem com os seus iguais. Na seqüência, ampliamos ainda

mais, incluindo a questão do tráfico que, com facilidade assustadora, perpassa a relação dos adolescentes com redes de pertencimento no cenário da pobreza e exclusão social.

Para Sluzki (1997), as redes sociais são constituídas a partir das relações interpessoais percebidas como significativas para cada indivíduo, tais como: família, amizades, escola, trabalho, relações comunitárias. A partir das redes, o adolescente constrói seu universo de relações. Conhecer a rede é conhecer o próprio adolescente. No caso das famílias aqui estudadas, percebemos que a rede secundária que atinge esses adolescentes é a da repressão (personificada na polícia e na relação com a Justiça). Por outra via, há a influência gritante do tráfico de drogas. É possível destacar que pouco foi trazido em relação à escola, trabalho e comunidade. Na vida da maioria desses adolescentes, o tráfico ocupa a posição em que deveria se encontrar o trabalho e também estão desprovidos de espaço educativo. É a relação do “**tráfico e da polícia**” no lugar de “**trabalho e escola**”. A escola praticamente não apareceu na fala de adolescentes e mães. Sabemos que quanto mais a rede secundária é frágil, mais em situação de risco eles estão. Quando nos perguntávamos em relação às referências institucionais destes jovens, a única resposta que conseguimos encontrar é a referência da violência, a qual também é parte de seu processo de socialização.

4.3.1 - O Sofrimento e a Violência em Ressonância no Grupo de Pares

Ao analisarmos o motivo da morte de nossos jovens personagens, chama a atenção de imediato o fato de que essas mortes ocorreram, em todos os casos, entre os pares. Todos os adolescentes mortos dessas famílias, sem exceção, foram assassinados por outros jovens, levando-nos a pensar na existência de um “auto-extermínio”, pois, quem mata também é bastante jovem. Todos conheciam os assassinos (eram amigos, vizinhos ou moradores do mesmo bairro) e todos morreram por “*brigas bobas*”. Isto nos leva a refletir sobre a violência em ressonância nas redes sociais de amizade (ou entre os pares), pensando no que se passa nos fenômenos de grupo na adolescência: o que se passa entre os jovens que estão se matando entre si? Os motivos são rixas, acerto de contas, desentendimentos banais, como exemplificamos no seguinte depoimento:

“O cara que matou ele (irmão), era o melhor amigo dele, andava junto com ele, ele considerava o melhor amigo. Iam engraxar sapato os dois juntos, saíam aí. Quando iam beber, iam beber os dois juntos.” (Davi, 15 anos, adolescente – Família Sobrevivência)

Segundo Zaluar (2004), em contextos de vulnerabilidade, o extermínio ou assassinato aparece como a forma mais fácil de resolver conflitos. São jovens sem vínculo social, que se protegem em bandos formados pelos seus iguais para demonstrar força bruta. Cada indivíduo e cada bando lutam sozinhos para se defender dos demais. Por isso, a guerra é um tema constante nas falas desses jovens e uma realidade tão trágica em suas vidas.

Numa perspectiva sistêmica, procuramos olhar para esses jovens vulneráveis como sendo adolescentes em reação, e não apenas passivos frente à ação da violência. Entendemos que seus comportamentos violentos representam uma reação frente à violência que vivem em vários níveis: dos pares, da polícia, da sociedade, da família. Isso tudo, os leva a serem pouco tolerantes com os outros, principalmente com os seus iguais, com quem, nesta idade, precisam compartilhar. Então, a partir desse ponto de vista, o auto-extermínio é um efeito, uma consequência inevitável dos fatos, não um objetivo pré-determinado. Forma-se um ciclo recursivo, no qual um jovem está reagindo a uma violência sofrida que, inevitavelmente, recairá sobre um outro. Este outro, pode vir a reagir também, levando a violência mais adiante. Jó nos fala a respeito da sede de vingança que teve após o atentado que sofreu:

“tinha o medo com certeza, porque a gente pensava em matar, mas pensava também em perder a vida, porque ele queria a minha pessoa e não conseguiu. Aí eu pensava que ele devia ter ficado com raiva de não ter me acertado e também ter aquela vontade de ir atrás de mim.” (Jó, 19 anos – Família Fé)

Jeremias dá outro exemplo:

“(…) aí vai lá e mata o cara. Aí, o amigo do finado vai querer correr atrás, aí já desacerta tudo. Aí ficam os dois lados. Aí morre um de um lado, morre um do outro. Enquanto não matarem os que querem, correm atrás. Sempre vai continuar a guerra: aqui ou na cadeia, em qualquer lugar.” (Jeremias, 19 anos – Família Esperança)

Nenhum dos dois chega a concretizar os planos, mas percebemos que o ciclo de violência se retroalimenta e não tem fim.

4.3.2 - Circunstâncias da Morte dos Jovens

Nem todas as mortes aqui estudadas estão diretamente relacionadas ao envolvimento com atos infracionais, tanto que alguns jovens não tinham passagem pela justiça. Mas, mesmo nos casos em que o crime ocorreu numa briga com vizinhos ou discussão, aparentemente sem relação com problemas na justiça, fica a incógnita sobre os reais motivos que levaram ao assassinato e até que ponto o adolescente não estava comprometido com rixas entre gangues rivais, ligadas ao tráfico de drogas (mesmo que sem o conhecimento da família). Algumas mães fazem questão de enfatizar que os filhos foram apenas vítimas, não estavam envolvidos com práticas criminosas, por mais que as circunstâncias da morte nos leve a pensar o contrário:

“Olha, esse meu filho(...) foi uma pessoa muito boa, um bom filho, um bom amigo pras pessoas. Era uma pessoa sorridente, gostava de ajudar o próximo.(...) ele nunca foi preso, ele nunca se envolveu com drogas, com roubo, que isso eu posso provar. (...) A polícia nunca entrou na minha casa, nunca ele chegava com nada estranho dentro de casa.” (Eva, 44 anos, mãe – Família Sobrevivência)

“Até o dia em que ele faleceu, nunca tinha ouvido uma reclamação dele (...) Nunca ninguém chegou na porta reclamando dele. E polícia, nunca foi na casa atrás dele. (...) Nós jamais esperávamos isto. Agora, ele não tinha passagem nenhuma pela polícia. Nunca fez nada, nunca fez sangue, quer dizer, que chegasse até a mim, até o meu conhecimento (...)”. (Maria, 47 anos, mãe – Família Esperança)

“Meu filho mais velho era um menino muito bom, nunca me deu problema, muito amigo. E aconteceu esta fatalidade de amigos. (...) Não tinha rixa com ninguém. Ele não dava trabalho, não era usuário, não era nada. Não tinha dependência nenhuma.” (Sara, 41 anos, mãe – Família Superação)

Algumas dessas informações podem ser confrontadas, como no caso da fala de Maria (Família Esperança). A história contada pelo irmão do falecido traz outra dimensão (segundo Jeremias, o irmão era traficante respeitado). Nos outros casos, as questões permanecem em aberto. A postura dessas mães (acreditar no não

envolvimento) pode ter a ver com uma necessidade de manter a imagem do filho idealizada. Há uma dificuldade de ver o filho como parte de um ciclo de violência, sendo visto apenas como uma vítima. A imagem idealizada do filho morto tende a ser protegida:

“Parece assim, que desce uma barreira, que vem uma barra de ferro. Principalmente este meu filho, ele nunca me deu trabalho, entendeu. Tá certo, se ele tivesse me dado trabalho, era meu filho também, mas foi um filho que nunca me deu trabalho.” (Maria, 47 anos, mãe – Família Esperança)

Na verdade, percebemos que nos casos em que os filhos não estavam em conflito com a Lei, as mães ficam perdidas, sem uma real explicação, pois, são pegas de surpresa pela tragédia. É como se não tivessem mais certeza sobre quem era esse filho (será que ele era mau? Será que era bandido?). A sensação que deixam é de um total descontrole e de muito sofrimento por não terem conseguido mais acompanhar os atos dos filhos. Neste ponto, o grupo de pares já era quem exercia a maior influência e quiçá, sob a ascendência sombria do tráfico. Este achado é corroborado por Zaluar (2004), ao dizer que os pais vêem seus filhos sendo atraídos pelas quadrilhas sem compreenderem muito bem por quê. Junto com outros adolescentes, morrem numa guerra pelo controle do ponto-de-venda, mas também por quaisquer motivos que ameacem o status ou orgulho masculino de jovens em busca de uma virilidade afirmada através da violência.

Quando não é possível negar o envolvimento, as mães trazem a esperança de que o filho estivesse tentando mudar seu comportamento e sua atitude frente à vida:

“Todo mundo que conheceu o Pedro antes e quem viu ele, dizia: gente, como ele mudou. Graças a Deus. Mas quando ele quis mudar, os outros não deixaram. Armaram casinha (armadilha), levaram ele e mataram ele.” (Sara, 41 anos, mãe – Família Superação)

Na visão desta mãe, o filho, já bastante comprometido com o mundo do crime, estava se transformando, estava tendo a sua redenção, mas, o grupo de pares não permitiu que efetuassem a mudança. Houve a tentativa de sair do circuito, mas, foi impedido. Neste mesmo sentido, Zaluar (2004) aponta que a ilusão de poder se desmancha quando um jovem é ele próprio objeto da violência de seus comparsas, de seus inimigos. O que era antes um sonho de liberdade absoluta torna-se então uma

armadilha que aprisiona, especialmente clara quando o jovem quer deixar a quadrilha, mas descobre que, se o fizer, receberá ameaças de morte.

4.3.3 - A Violência do Tráfico como Cenário das Redes e da Socialização dos Adolescentes

O tema do envolvimento dos adolescentes assassinados com o mundo do tráfico de drogas é complexo pelos segredos, cumplicidades e temores em falar ou desvendar o mundo da ilegalidade e da marginalidade. Por esta razão, tudo o que se pôde apreender foi de uma maneira indireta e através de inferências. Nas entrevistas realizadas com os demais adolescentes da família, quando falam dos irmãos que morreram, é possível perceber que está embutida, em algumas dessas mortes, uma questão de disputa territorial. Em vários momentos, os irmãos entrevistados fazem referência às rixas entre as quadras. Parecem mortes isoladas, porém, percebemos que há indícios de que possam ser conseqüências diretas do envolvimento com a rede do tráfico, que os impede de sair. Zaluar (2004), nos diz que as regras que punem com a morte a traição e que caracterizam a violência nas sociedades criminosas estão presentes nas relações do mundo do tráfico de drogas, montada na exploração dos mais jovens e na submissão aos chefes.

O poder dos bandidos se mantém cada vez mais pela ameaça, pela imposição de ações exemplares. Segundo Carreteiro (2001), nesses territórios, há o controle social paternalista ou despótico. No modelo despótico, os homicídios e a crueldade aumentam consideravelmente. Os chefes têm seu lugar reconhecido na medida em que se mostram violentos e capazes de ações perversas e cruéis. As violências se traduzem por táticas diversas: pela ameaça, pela humilhação, pela tortura e pelo assassinato. Se a morte de alguém é justificável, não proceder a essa ação pode significar um ato de covardia. Pela coragem, violência e inteligência necessárias para levar adiante os negócios, é que os chefes chegam aos mais altos escalões do comércio da droga.

Fica claro o quanto entre os adolescentes não há consciência das manipulações que sofrem. Há sempre um motivo explícito em suas mortes, em geral irrisório, mas que parece guardar oculta, uma teia de comprometimentos mais complexa, que revela as tramas do mercado de tráfico de drogas e as disputas de poder nela envolvidas. Por isso,

reforçamos novamente que não podemos tratar a questão simplesmente através da lógica do auto-extermínio, mas sim, como uma busca de proteção através da eliminação do outro num contexto de disputas e de rivalidades geradas pelo próprio mundo do tráfico, que nem sempre é visível. Soares (2005), nos diz que a guerra desses jovens é diária, nem sempre lógica, e quase sempre sangrenta. Não há espaço para ternura. O afeto acabou e só restou o ódio.

Os jovens mais “experientes”, como Davi, que já se envolveu com o tráfico, conseguem enxergar que, para sobreviver, é preciso desconfiar das amizades:

“Amizade demais só leva à morte mesmo. (...) os amigos mesmo, que eu mais confio (...) vizinhos, que cresceram com a gente. Mas aqueles caras que eu ando nas rodas, nas esquinas, eu não confio não. (...) Já diz o ditado: maldito o homem que confia no homem. Por isso que eu não confio. Não sou aquele cara de ficar se enturmado demais e colar demais na pessoa. Primeiro eu fico olhando o movimento dele, para depois ir falar com ele e me enturmar. Esses caras que já mal conhecem já estão juntos, vão para qualquer lugar assim, eu vou não.” (Davi, 15 anos, adolescente – Família Sobrevivência).

Jeremias também aparenta desconfiança:

“(...) tem uns dois aí, que se a gente conta nos dedos, dá para confiar. Mas amigo mesmo, é só Deus, minha mãe e minha mulher mesmo”. (Jeremias, 19 anos, adolescente – Família Esperança)

Apesar de buscarem a identificação com o grupo de pares, não é possível que verdadeiras redes de amizade sejam construídas entre eles. Na realidade, são relações perversas, pois, há promessa de fazer parte do grupo, pelo qual lutam, mas, na hora do “aperto”, não há uma verdadeira proteção, um respaldo, é cada um por si. A rede de lealdade torna-se ilusão e a exposição à violência é pessoal. Morre-se sozinho pela causa. A única saída é atuar a mesma violência que, em algum momento, receberam de volta. Como exemplo, podemos pensar na família de Sara, na qual, a partir do momento em que o filho mais velho morreu, os amigos passaram a incentivar o caçula a buscar vingança. O grupo estabelecia a conduta, mas quem ficaria como “ponta de lança” seria apenas o próprio Moisés, que também acabou morrendo:

“O Moisés, na época, tinha dez anos, por aí. Aí ele se revoltou muito, que o irmão não tinha nada a ver com a história e morreu. Aí os amigos para ele, ah

porque eu vou botar um revólver na tua mão, pra você correr atrás, você tem que vingar a morte do seu irmão, você tem que vingar.” (Sara, 41 anos, mãe – Família Superação).

De acordo com Walsh & McGoldrick (1998), qualquer problema da vida, incentivado pela pressão dos pares, pode contribuir para o comportamento autodestrutivo de um adolescente.

Para Soares (2005), o problema da mortalidade juvenil é tão grave que deixou sua marca na estrutura demográfica do país, que parece viver as conseqüências de uma guerra inexistente. Já há um déficit de jovens de 15 a 24 anos. Este processo pode ser descrito como um genocídio: paradoxal, autofágico e fratricida. Jovens pobres matam jovens pobres, numa dinâmica que não conhecem e não controlam, em que todos são vítimas, mesmo os que ocupam circunstancialmente o papel de algoz, no círculo vicioso que os conduzirá à morte precoce e cruel. São substituídos como “*peças de reposição*” e o “*circuito perverso recomeça.*”

Há um “*etos de masculinidade*”, como nos fala Zaluar (2004), que impõe a necessidade de responder às provocações e humilhações de modo violento. A violência aparece enquanto uma marca de virilidade ou reveladora de aspectos da história familiar, lealdades invisíveis, missão daquele que atua o sofrimento coletivo ou contido da família, em especial, da mãe.

Soares (2005), nos fala que toda pessoa se sente confortada quando se filia a um grupo, pois fortalece a sensação de ter sentimentos e idéias compartilhados com os outros. A rivalidade vivida fora do grupo aproxima seus membros. Por isso, nada como a guerra para unir internamente os grupos que se chocam no confronto. Para o autor, é lógico que os jovens invisíveis procurem aderir a grupos cuja identidade se forja para a guerra. As armas são fundamentais porque credenciam os adolescentes a experimentar simbolicamente a virilidade, num momento de ambivalências que é a adolescência.

4.3.4 - Os Atrativos das Drogas e do Tráfico no Cenário de violência

A fim de conhecermos a influência exercida pelo tráfico no grupo de pares, é interessante retomarmos a fala dos adolescentes entrevistados, pois, os três entraram em

contato com as drogas precocemente e foram traficantes. A visão que esses jovens têm dessa questão, talvez nos ajude a elucidar o contexto da morte de seus irmãos, uma vez que, alguns dos jovens mortos também tinham ligações com o tráfico de drogas. A mesma violência/morte que atingiu seus irmãos, com facilidade poderia ter atingido os próprios adolescentes entrevistados. Eles mesmos relatam que o uso de drogas, em seu contexto de vida, é o passaporte para o mundo da marginalidade e da prática de violência:

“ver as pessoas usando (drogas), a gente sentia aquele desejo de utilizar também. Aí foi assim, cada dia fui regredindo, piorando, usando drogas; cada dia queria mais, cada dia ficava mais dependente da droga. Não tava só consumindo, já tava no mundo do tráfico. (...) Aí cada dia só me envolvendo, conhecendo arma, roubando (...)” (Jó, 19 anos, adolescente – Família Fé)

“Eu também usava drogas demais, eu estava me afundando nas drogas. Não tava nem aí para nada, minha mãe falava, entrava por um ouvido e saía pelo outro. Chegava até a gritar e eu nem aí. Meu pai sabia que não tinha jeito, mas falava, você está no mesmo caminho dos outros. Todo mundo que falava vamos fazer aquilo ali, de mal, eu tava no meio”. (Jeremias, 19 anos, adolescente – Família Esperança)

A questão do tráfico evoca significações paradoxais, pois, ao mesmo tempo em que é visto como um passaporte para a morte, também é considerado como uma forma de fugir da miséria, como um meio de sobrevivência. Segundo Vieira (2004), através do tráfico os jovens conseguem se incluir em algo, nesse mundo que para eles é feito só de exclusão. Nas entrevistas com os adolescentes, apareceram como motivos do envolvimento a falta de emprego, falta de perspectivas, a “*mente vazia*”, “*ir pela cabeça dos outros*”, querer ter uma condição financeira melhor para si mesmo e para a sua família e até sentir-se livre da opressão, sair da posição indefesa gerada pela condição de pobreza e exclusão:

“(...) freqüentemente você tinha dinheiro para gastar, você comia a hora que queria. Ia para o lugar que queria, tinha dinheiro e era desse jeito. Ia evoluindo assim, porque a cada dia você ia ficando ambicioso, porque muito dinheiro você vai pegando. Porque eu nunca tive a experiência de ter muito dinheiro na minha mão. Então, cada dia que passava eu ia tendo dinheiro e aquilo vai colocando ambição para você cada dia querer vender mais e ter mais dinheiro.” (Jó, 19 anos – Família Fé)

Zaluar (2004) fala que para conseguir o respeito de seus colegas e a admiração das mulheres, o jovem necessita ter dinheiro no bolso que lhe permita consumir rapidamente o que ganhou, criando um círculo vicioso, do qual não consegue sair. É preciso estar repetindo sempre o ato criminoso para ganhar o dinheiro fácil que sai fácil de seu bolso. Nesse contexto, a moda e a arma são recursos de poder, instrumentos simbólicos de distinção, valorização e pertencimento.

No estilo de vida de consumo de drogas, o jovem vive tensões e pressões competitivas para atingir o inatingível e a mesma busca de competência e de exaltação do eu imposta pela sociedade. Porém, pela via do consumo de drogas, a sensação de superioridade é mais facilmente atingida, e o sofrimento, decorrente do sentimento de fracasso, é também rapidamente anestesiado. Através das drogas e do afrontamento ao risco é que buscam alicerçar sua auto-afirmação. De alguma forma, tentam demonstrar a si e aos outros sua capacidade de vencer obstáculos, de serem competentes na vida (Vieira, 2004).

Para Soares (2005), o que os jovens das comunidades querem é ser iguais aos que moram fora delas. É o tráfico que abre as portas para o mundo do consumo, do dinheiro no bolso, do “prestígio”. É uma atividade que propicia que o adolescente se sinta importante, tenha status, cumpra um papel social em seu meio, tenha algum tipo de responsabilidade, mesmo que seja aquela que possa vir a pôr a sua vida em risco. O envolvimento com o tráfico tem promovido a construção de uma identidade para esses jovens, o sentimento de pertença ao grupo, mesmo que de modo perverso. Como qualquer outro jovem, esses adolescentes querem exercitar suas emoções, ampliar seus horizontes. Todos falaram que o tráfico possibilita conhecer pessoas diferentes, ter respeito, aventura, contatos, fama, reconhecimento, dinheiro, poder, mulher:

“O que a gente queria ter era ter arma, estar nas festas, ter carro, dinheiro. A pessoa querer crescer, de uma forma ilegal. A pessoa que tá (...) no tráfico, o que ele quer ter bons carros, mulher, essas coisas todas, ter dinheiro, muitas armas. (...) Poder, tipo ser um exemplo, quer ser um famoso. Porque a pessoa na sociedade às vezes é bandido mesmo, ele apronta essas coisas, muitas pessoas respeitam ele. Fala ah não, ele é isso, ele é aquilo. Então às vezes a pessoa que tá nisso, ele quer ser o que não é”. (Jó, 19 anos – família Fé)

“Malandragem o que tem de bom é ser respeitado, tipo a pessoa querer te respeitar, entendeu? Não chegar com gracinha. Tipo, o cara ser considerado

é chegar em qualquer lugar e poder sair de cabeça erguida. Isso é a malandragem, é crescer”. (Jeremias, 19 anos – família Esperança)

De acordo com Carreteiro (2001), as populações sempre tiveram uma representação ambígua dos bandidos. Ao mesmo tempo em que são consideradas pessoas perigosas, tendo em vista as ações violentas que praticam, eles são igualmente vistos como benfeitores, ou seja, pessoas que ajudam e que protegem o espaço de moradia através da criação de normas de conduta, formulando interdições e permissões. Esse é o prestígio buscado por esses adolescentes.

Face a tantas promessas e perspectivas geradas pelo mundo do tráfico, fica, porém, a questão: a que custo? Há a consciência de que o que vem fácil pode ser perdido rapidamente e que existe o perigo de, a qualquer momento, perder a vida. Porém, isto não consiste em um impedimento para a atuação. Ao contrário, todos eles referiram não pensar na consequência de seus atos. Dizem que na hora, ninguém liga para nada, não pensam que algo de ruim possa vir a acontecer:

“Na hora em que você ia fazer um assalto, vinha aquele medo, mas também já vinha aquela coragem de você fazer. Então era uma luta ali, você queria mas ao mesmo tempo não queria. Aquela coisa mais forte te impulsionava pra fazer, você ia, fazia. Dava certo, mas depois assustava de medo de ser preso.” (Jó, 19 anos – família Fê)

“Tipo assim, se a pessoa fala: ‘a gente vai assaltar ali aquele mercado’, sei lá, naquela época, eu não pensava duas vezes. Já falava quem vai anunciar o assalto sou eu e pronto. Eu queria ser o ‘fodão’, entendeu. Isso é ir pela cabeça dos outros” (Jeremias, 19 anos – família Esperança)

Apesar do fascínio, há a consciência de que o encanto pode ser quebrado com muita facilidade e que o custo a ser pago é alto. Exemplo disso é que nenhum dos adolescentes entrevistados gostaria de ver seus irmãos mais novos seguindo o mesmo caminho. Ao contrário, fazem planos melhores para os irmãos e não gostariam de dar mau exemplo.

4.3.5 - O Sofrimento e a Violência em Ressonância nas Instituições

A violência vai se amplificando nas redes sociais do adolescente de tal forma que acaba por interferir na própria relação das famílias com as instituições de apoio, ou seja, a rede secundária. Em nossos estudos de caso, esta dimensão aparece bastante prejudicada, aparecendo uma total falta de confiança e o descrédito no apoio e proteção que possam ser exercidos por essas instâncias. A relação com a Justiça e com a Polícia é bastante deficitária, pois a polícia é vista como abusiva e corrupta; já a Justiça, na maioria das vezes é vista como ineficaz. A única exceção é o CDS, que fornece um suporte efetivo com o qual as famílias contam, recorrendo a ele quando necessitam de um auxílio. Conseguem ver o CDS como ponto de apoio.

4.3.5.1 - Justiça

Em relação ao fator Justiça, todas as famílias passam a idéia de que, nos casos de violência vivenciados, não houve justiça, numa ausência do Estado como mediador e como instância de proteção dos jovens face ao contexto de violência da sociedade. Tanto a instituição do Judiciário, com sua dimensão protetiva, quanto a dimensão da aplicação da justiça estão distantes. Como a justiça não os atinge, a vingança pessoal é vista como alternativa. Apenas uma das mães falou claramente que confia na instituição Justiça, pois o papel do juiz é dar limites.

Nessa questão, há uma dimensão ética envolvida, pois, a vingança parece justiça mas não é. O vingador busca a vitória esmagadora. Já o juiz, busca a justiça. A vingança possui um caráter pessoal. Já a justiça, é a base para o laço social mais amplo. A vingança nos prende ao mundo privado, pulverizando as relações sociais. A Justiça aponta para o futuro, buscando o equilíbrio possível (Ribeiro,2002).

Em nossos casos, há quase uma unanimidade na desconfiança em relação à justiça dos homens, pois, apenas a justiça divina não falha e pode trazer conforto. Ou seja, neste mundo não há justiça, só “no além”. Parece que esta possibilidade acalma, pensar que em algum momento da história a punição virá, mesmo que seja em uma outra dimensão. Há um descrédito total. Como consequência, vemos famílias com pouca consciência acerca de seus direitos, conformadas com a falta de justiça e sem o

ímpeto de lutar para que a punição seja rigorosamente aplicada. Uma das mães chegou a mencionar que desistiu de lutar, pois, nada do que fizer poderá trazer seu filho morto de volta. A injustiça aparece como uma herança maldita. Não vale a pena confiar, acreditar:

“ meu advogado é aquele lá de cima...é Deus. É meu advogado, eu espero a justiça dele. É como fala o ditado, a justiça da terra falha, mas a de Deus não falha não. Ela demora, mas ela vem.” (Eva, 44 anos, mãe – Família Sobrevivência)

“ (...) eu não acredito na justiça daqui de baixo, só vendo. Acredito mais de cima, Deus sabe o que faz. Aqui ninguém faz nada, e quando faz, é muito difícil, porque no meu caso, nenhum dos dois (refere-se ao assassinato dos dois irmãos).” (Raquel, 23 anos, irmã – Família União)

De acordo com Ribeiro (2002), ao reclamar da injustiça, a pessoa está reclamando por ter sido colocada em uma situação passiva, mas, na medida em que consegue dar voz a isso, ela já muda de condição. É decisiva a possibilidade da voz, de tomar voz. Também é decisivo que as pessoas possam se auto-organizar, adquirindo uma consciência do próprio valor e da necessidade de lutar por seus direitos. A nosso ver, essas famílias ainda estão longe de atingir essa consciência em relação à própria cidadania.

4.3.5.2 – Polícia

A relação com a Polícia aparece bastante prejudicada. Dona Ester (família Sonho), chega a trazer a dimensão do medo maior da polícia do que dos marginais. A polícia não é sentida como um fator de proteção à população, mas como um fator de risco:

“Eu não confio na polícia não. Eu confiaria mais num malandro, assim, se eu conhecer ele, porque eu sei que ele não vai me fazer mal. Na polícia eu não confio.” (Ester, mãe, 59 anos – família Sonho)

A polícia pode levar os filhos sem motivos e também não mais devolver. Esta mãe viveu uma situação limite, na qual teve que interferir diretamente para impedir que

os policiais matassem seu filho. Nesta guerra, a violência policial, a corrupção e o abuso de poder se fazem bastante presentes. Jeremias relata outras situações de violência:

“ Lá na...(cita o nome da cidade satélite onde vivia antes) eu já passei mal na mão deles. (...) Esses PMs são todos safados. Eles pegavam nós lá e colocavam dentro do camburão e levavam para a área do exército, o mataga. Eles faziam o que quisessem. Pegavam os cassetetes, batiam na cabeça. E sabiam que nós éramos vagabundos mesmo, não íamos denunciar nada, ninguém tava vendo assim, tal hora da madrugada.” (Jeremias, 19 anos, adolescente – família Esperança)

Este adolescente conta ainda sobre a questão da corrupção:

“Hoje, as armas estão vindo mais dos policiais, entendeu. (...) Eles pegam na rua a arma com você, colocam você dentro do camburão, dão um rolezinho e deixam você em outra quebrada. E falam: aí, some, eu não quero te ver de novo não.(...), aquela arma já é vendida para um pessoal que eles conhecem da malandragem. (...) o dinheiro já é dividido por quem está na viatura. A maioria desses canas, PMs aí, civil, nem tanto, civil só vem quando é denúncia, aí não tem caô não, pega e leva logo para a delegacia. Agora esses PMs aí, a malandragem tá de boa.” (Jeremias, 19 anos, adolescente – família Esperança)

Soares (2005), fala que a polícia pode ser usada para fazer o “trabalho sujo”, ou seja, manter um cinturão, um muro, em torno desses grupos sociais temidos como fontes de perigo pelas camadas superiores das cidades. O propósito é condenar essas comunidades à invisibilidade. A imprevisibilidade do comportamento policial o torna mais temido e, conseqüentemente, mais odiado – até porque os bandidos não negam o que são, enquanto os criminosos uniformizados fingem defender as leis, enquanto podem estar ocultando um comportamento de pura corrupção.

4.3.5.3 - Fatores Sociais Geradores de Violência

Em relação aos fatores que atribuem ao envolvimento dos jovens com atos infracionais e violência, juntamente com o uso de drogas, destaca-se a falta de emprego como elemento desencadeante principal. Todos falam a respeito dos jovens perdidos nas

esquinas, sem perspectivas, sem ocupação, com a “mente vazia”. Jeremias fala de sua sensação:

“tava doido para arrumar um emprego. Dormia só sonhando, porque entrava dia, saía dia, sem eu fazer nada. Só vinha pensamentos ruins na cabeça.(...)de vender drogas, tipo, roubar.” (Jeremias, 19 anos – família Esperança)

O fator “*falta do que fazer*” causou uma importante impressão na pesquisadora, por ocasião da visita domiciliar a algumas famílias para a realização das entrevistas. Nos deparamos com um grande número de jovens nas ruas, conversando nas esquinas, independentemente do horário do dia. Passavam a impressão de uma carência de atividades, reunidos ali em grupos, uns poucos jogando bola. Justamente essa situação de vida é descrita pelas famílias como porta de entrada para o uso de drogas, o mundo do tráfico e, conseqüentemente, à prática de violência. Fazem ainda, uma intensa correlação entre desemprego e violência, descrevendo as mazelas e dificuldades de manutenção enfrentadas por uma família pobre, revelando assim, o ciclo da violência estrutural de nossa sociedade capitalista. Segundo Almeida (2005), a falta de oportunidade é retirada das condições pessoais do sujeito e creditada à sociedade, capaz de dar e retirar emprego, estudo, lazer e relações familiares. Esses dados corroboram o que é trazido por Magagnin & Almeida (2000), que consideram que a violência estrutural é um dos fatores responsáveis por outras formas de violência, como a delinqüência e o crime, através dos quais, adolescentes e crianças buscam fugir da pobreza.

Para os adolescentes, o fator que leva à violência é “*agir antes e pensar depois*”, ou seja, agir de “*cabeça quente*”. Os adolescentes acreditam que a necessidade empurra a pessoa para o mundo do crime. Aparece, então, a associação drogas e violência, pobreza e violência. Para eles, assim é a cabeça de quem está na vida do crime:

“Não quer saber de nada, só quer saber da droga, quer saber da pilha dos outros, do que botam na cabeça. Só quer saber de fazer coisa errada, quer crescer, quer ter fama. Dinheiro, fama, só essas coisas mesmo que levam à violência. A droga, a arma, a destruição.” (Davi, 15 anos – família Sobrevivência)

Segundo Santos & Costa (2001), cada grupo social constrói seus próprios valores. A partir da consciência de privação dos meios para se alcançar o sucesso esperado e prometido, como forma de lidar com a frustração provocada por esta exclusão, os grupos economicamente desfavorecidos elaboram outros valores, assumem comportamentos destrutivos, de negação das normas. No caso dos adolescentes, em vez de excluídos das classes dominantes, tornam-se incluídos nos grupos de periferia e nas gangues.

A droga hoje se associa a uma cultura de valorização do dinheiro, do poder, da violência e do consumismo. Seu comércio, tornou-se uma enorme fonte de lucros altos e rápidos e de violência. Ao mesmo tempo, há um orgulho de fazer parte da quadrilha, portar armas, participar das iniciativas ousadas de roubos e assaltos, e um dia poder ascender em sua hierarquia. Os jovens pobres matam-se seguindo o padrão estabelecido pelo crime organizado, que, além de criar as regras de lealdade e submissão, distribui-lhes fartamente armas de fogo. (Zaluar, 2004)

A partir de todo o quadro exposto neste capítulo, percebemos a escassez de políticas públicas que atendam a essa população, seja os jovens ou as próprias famílias. Não existem políticas sociais de apoio psicológico que dêem conta da situação de crise que as famílias vivenciam. Da mesma forma, não há políticas que promovam um desenvolvimento do potencial desses jovens, antes que caiam nas malhas do tráfico de drogas. Como diz um cartaz produzido por um adolescente da Liberdade Assistida, participante dos grupos multifamiliares, *“a violência nos braços do mundo. A rotina dos cruéis, de volta à matança no Brasil. Pra ter fim, só um milagre”*. Está difícil ver uma luz no final do túnel, mas não podemos deixar de acreditar.

V – A ESPERANÇA QUE APONTA PARA O FUTURO

“Temos que ser a transformação que queremos no mundo”
Gandhi

Chegamos, enfim, às considerações finais de nossa pesquisa. Ao longo de nosso trabalho, pudemos perceber que a violência é um fenômeno sistêmico, recorrente, num ciclo que se fecha em si mesmo e, com facilidade, pode aprisionar a todos em seu circuito. Como nos diz Michaud (2001): "a violência (...) não é nem um meio fundamentalmente perverso, nem uma força purificadora - pode servir a todas as causas" (p.55). Todo movimento de racionalização da violência deve ser compreendido em sua ambigüidade, pois, de acordo com cada caso, a violência pode ser tolerada, proibida, encorajada ou então passar despercebida. Aprendemos que ninguém se acostuma à violência. Pode-se estar mergulhado nela, mas, em nossa visão, ela nunca será naturalizada. Banalizada talvez, mas sempre trazendo dores muito intensas.

Vimos também que a sociedade tende a apontar para o autor de um mal ou um dano com a Lei de Talião (o mal pelo mal). Segundo Morin (2003), para o mundo civilizado, é difícil ultrapassar essa estrutura arcaica, que encontra-se calcada profundamente em cada um de nós. Perdoar é um ato limite muito difícil. Não se trata apenas de renunciar à punição, é preciso generosidade, bondade. É preciso admitir uma dessimetria essencial: “em lugar do mal pelo mal, tomar o bem pelo mal.”(p. 122). Apenas desta forma, não cederemos à propagação do mal em nós mesmos.

À medida em que a pesquisadora foi mergulhando no universo dessas famílias, pôde perceber o quanto é difícil atribuir explicações lineares do tipo causa-efeito e separar categoricamente o “bem” e o “mal”: quem é a vítima e quem é o algoz. As fronteiras são tênues. No contexto de vulnerabilidade social trabalhado, torna-se necessário romper preconceitos e categorias pré-estabelecidas – do tipo luz e sombra – a fim de enxergar as várias nuances e implicações do tema, pois a violência engole a todos. O “mal”, muitas vezes visto por nossa sociedade como encarnado nesses adolescentes, é questão de ponto de vista. Num momento, são protagonistas de violência; no outro, vítimas; seja das relações familiares, dos pares, do tráfico ou do próprio contexto, numa reprodução que parece não ter fim. Olhá-los apenas por este prisma, nega todo o contexto em que as relações de violência foram geradas. São

cidadãos de periferia invisíveis nessa guerra silenciosa, que só encontram mortes banalizadas, beirando extermínios, irrelevantes para a classe dominante. Para Soares (2005), se acreditarmos em uma linha moral intransponível, dividindo os seres humanos entre o bem e o mal, acreditaremos também que essa linha divisória servirá de barreira e nos protegerá: sendo intransponível, ela impedirá que a ultrapassemos. Assim, o grande medo será apaziguado, pois, não somos nem seremos iguais aos outros, àqueles que personificam o mal extremo da violência criminosa. É ativado assim, o ódio, a repugnância. Não basta afastá-los do convívio social, é preciso matá-los, eliminá-los, apagar do planeta vestígios de sua presença. Desse modo, tentamos apagar os rastros do mal dentro de nós. Apraz-nos construir a imagem do criminoso sem face humana, frio, desprovido de sentimentos de culpa. Concebendo-o assim, nos separamos desse personagem animalizado, pois, é “melhor nos protegermos do risco de confundirmo-nos com ele,(...) encontrarmos em nós mesmos traços dessa inumanidade que nos repugna e aterroriza” (Soares, 2005).

Minayo (2004) fala das desesperanças dos jovens pobres e de sua sensação de irrelevância, procurando resgatar a sua subjetividade. Acreditamos que haja uma lacuna, um espaço vazio, entre as perspectivas que abordam a relação do jovem com a criminalidade a partir da responsabilização social (vítimas do contexto) ou responsabilização individual (escolhas pessoais). Procuramos, em nosso trabalho, reservar um lugar para a família: relacionando, fazendo a ponte, englobando a relação do jovem com a violência. A família é o contexto principal do jovem e é onde os reflexos da violência ressoam de forma mais contundente. Os jovens personagens que aqui aparecem (ou desaparecem), não tiveram a oportunidade de concretizar seus sonhos, seus projetos. Reconstruir a sua história, a sua trajetória pessoal nos levou a formar um mosaico da totalidade deste quadro. São jovens que em sua maioria não tiveram outras escolhas, jovens para os quais a questão do tráfico e da marginalidade configurou-se como única possibilidade de futuro, a despeito dos esforços das famílias para que buscassem outras opções.

Apesar de virtuais, esses adolescentes são presenças ainda fortes, tornando-se espectros vivos do sofrimento estampado no rosto de cada um; mesmo que não se consiga nomear a dor, mesmo que a violência pareça já estar incorporada ao cotidiano das famílias. Famílias, aliás, em grande parte dilaceradas por condições de pobreza,

onde a morte violenta de um dos filhos ou irmãos representa mais uma peça que vem a compor um quadro de sofrimentos muito mais amplo. Como vimos, em contextos de pobreza e exclusão social, parece não haver espaço para a elaboração do luto, o que pode gerar sintomas como atuações, depressão e vulnerabilidade a doenças, marcas indeléveis do impacto sofrido. Esses filhos estão presentes, seja na dor eterna, na ferida que não cicatriza, que não cala, na incredulidade. Ouvir essas mães e irmãos foi importante. Apesar de abatidas pelo sofrimento escondido, silenciado, muitas mães querem transformar a sua dor em luta: uma luta por oportunidades, um desejo de justiça, a utopia de uma sociedade melhor e mais justa. São mulheres fortes e guerreiras, apesar de impactadas pelo que ocorreu. Como nos diz Lepargneur (1986), é possível encontrar também um sentido positivo na dor: “(...) Amor é comunhão, embora possa separar; dor é separação, embora possa unir. (...) A dor que, por natureza, interpõe-se entre nós e a felicidade, na história estimula nossa esperança.” (Lepargneur, 1986, p. 15)

Em nosso trabalho, vimos também que há uma impossibilidade de falarmos de uma adolescência única. Com certeza, os jovens pobres igualmente possuem sonhos, desejos; porém, estes são dificultados pelo estigma da exclusão, do preconceito e da falta de oportunidades. Isto se agrava ainda mais, quando pensamos nesse projeto dentro do tráfico de drogas e de um quadro de violência, onde, muitas vezes, o esperado é acabar preso ou tornar-se mais um dado nas estatísticas de jovens assassinados. De alguma forma, o menino que morre está em busca de uma identidade, de uma atitude heróica, mas, sabemos que os heróis morrem jovens. Podemos extrapolar e dizer que, encontrando a morte, buscam alcançar a imortalidade, pois, sua exposição a situações de risco é vontade de sair da pobreza e do anonimato. Por outro lado, vimos que é também a vontade de sair da injustiça. Neste nível, muitas famílias enfrentam, além da violência estrutural, outras violências que atingem diretamente a vida familiar, seja um pai violento ou um filho assassinado. Muitas vezes, em nome da família já vitimada, outros adolescentes assumem a delegação de fazer justiça. Dentro da abordagem sistêmica, o significado do sintoma no contexto das relações familiares nos remete a sua função paradoxal, pois quem apresenta o sintoma é quem é mais sensível às questões da família, no caso, os adolescentes.

A morte de jovens às centenas, quiçá milhares, ainda não é foco de grandes discussões neste país em que cada um busca “cuidar só do seu”. Não há mais como

fechar os olhos a esse quadro. Como cessar esse ciclo? Quando começaremos a olhar a nosso redor? Como evitar que os destinos estejam pré-traçados? Por que os adolescentes que conseguem conhecer outro destino acabam por configurar-se em exceção? São perguntas que ainda precisam ser feitas por todos nós, enquanto parte desta sociedade, perguntas que precisam ser seriamente problematizadas, pois, não existem respostas prontas.

Segundo a revista *Onda Jovem* (2005), a Secretaria Nacional da Juventude²², elegeu nove desafios que orientam as prioridades da pauta de políticas públicas para a juventude. São eles:

- Ampliar o acesso e a permanência dos jovens na escola de qualidade
- Erradicar o analfabetismo entre os jovens
- Preparar para o mundo do trabalho
- Gerar trabalho e renda
- Promover a vida saudável
- Democratizar o acesso a esportes, lazer, cultura e tecnologia de informação
- Promover os direitos humanos e as políticas afirmativas
- Estimular a cidadania e a participação social
- Melhorar a qualidade de vida dos jovens no meio rural e nas comunidades tradicionais

Trabalhar a partir desses pontos, pode ser um começo. Segundo Levisky (1998):

“Violência não é uma questão apenas de segurança pública e de repressão. É um fenômeno que se ameniza através da educação e prevenção. São processos lentos, porém mais econômicos e eficientes em seus resultados. Somos todos agentes modificadores e receptores das ações construtivas e destrutivas reinantes em nossa sociedade.” (p. 30)

Soares (2005), diz que a pergunta a respeito das saídas para a violência é maior do que nós, mas essa limitação não nos deve paralisar, porque há muito a fazer “até onde a vista alcança”. É preciso dar um passo depois do outro, construindo o que for viável, com os aliados possíveis e a força disponível em cada caso, reduzindo o

²² ligada à Secretaria-Geral da Presidência da República

sofrimento humano e abrindo espaços, progressivamente, para dissolver preconceitos, quebrar barreiras, em direção à participação e à democratização. Com certeza, não se constrói uma cultura da paz através do medo.

Ao olharmos esse quadro desolador, temos que pensar que aquilo que é uma aparente regressão pode, de fato, ser um novo começo. A mudança faz parte do próprio processo de nosso mundo. Vivemos, com certeza, um tempo de mudanças e revisões em todas as áreas do conhecimento, e, conseqüentemente, isso vem a exercer uma influência em nossa atitude enquanto cidadãos e profissionais que trabalham com o fator humano. Por isso é tão importante que encontremos novas formas de abordarmos velhos problemas, como se configura o da violência e suas ressonâncias.

Prata (2002), nos alerta para o fato de que violência é diferente de desordem, uma vez que, se violência pode se ligar ao esvaziamento da criação, a desordem pode produzir novas formas. No caos pode-se produzir ordem, e a desorganização nem sempre é sinônimo de desperdício de energia: a ordem e a desordem são indissociáveis. Nesse contexto, o grau de desorganização da energia de um sistema nem sempre precisa ser relacionada à degradação e ao desperdício, pode ser fonte do novo. Há que se manter vivo ao menos um pouco de otimismo em relação à raça humana.

Nenhum crime anula o **dever ético** da esperança, da crença na aposta positiva. Quem crê contribui para que a sua crença se realize, pois, “a esperança é uma espécie de parteira do futuro desejado” (Soares, 2005, p. 119). Para este autor, ninguém muda para melhor se não calçar em terreno firme a fundação da nova pessoa que deseja construir. Para livrar-se de uma parte de si julgada destrutiva e autodestrutiva, é necessário confiar na parte saudável e positiva, porque ela que irá garantir a força indispensável a qualquer mudança. Uma pessoa pode mudar não porque seja fundamentalmente má, mas porque é fundamentalmente boa e, por isso, tem coragem para ousar a mudança, tem porque lutar.

Podemos dizer que, se a violência se faz presente de forma tão assustadora, temos de lembrar que os laços sociais nos mantêm vivos e menos solitários, pois não somos ilhas e precisamos uns dos outros. Devemos insistir em recriar esses laços, mesmo quando somos alimentados continuamente pela violência de nossa atualidade. Como nos diz Prata (2002), a vida é um exercício constante de reconstrução, mesmo diante da desilusão. A transitoriedade do belo não implica a perda de seu valor, e é

justamente dessa fragilidade que podemos extrair a preciosidade da vida. Soares (2005), complementa esta visão ao dizer que assim como há violência, injustiça e opressão, há também solidariedade e fraternidade. Somos cúmplices da sociedade em que vivemos, com seus defeitos e suas qualidades.

O mundo é mais uma rede do que uma linha evolutiva única. O homem não é apenas histórico, pois sua essência é mineral, orgânica e espiritual. Sua trajetória é uma aventura dentro de um universo aberto, que não tem leis determinadas, mas direções probabilísticas. O ser humano é também um criador do universo. Participa e interage nas várias camadas do devir aberto (Aguiar, 2000).

O mito de Pandora²³ parece ter uma relação com nossa sociedade brasileira neste terceiro milênio. Os males do mundo estão todos soltos, mas ainda é preciso que não se perca a esperança. Apesar do quadro sombrio que se desenha ao nosso redor, ainda é possível sentir a esperança, força capaz de nos manter vivos, fazendo-nos acreditar nos seres humanos e em uma sociedade mais justa em termos de oportunidades para todos. É preciso dar crédito à possibilidade do resgate da ética, de valores de solidariedade, de paz; ou será que só é possível combater a violência com mais violência? Voltar aos valores do olho por olho e dente por dente? Como na hamartia²⁴ da mitologia grega, que transformava as sagas familiares em vinganças eternas e sem fim? Todos os participantes desta pesquisa falaram em vingança, apesar de não acreditarem que esta possibilidade possa trazer a solução para o problema. Na verdade, percebemos que o povo brasileiro vive uma descrença em relação às suas instituições de forma geral. As entrevistas aqui relatadas demonstram o descrédito que essas famílias têm em relação à Justiça e à Polícia. A sensação de impunidade impera. A nosso ver, essas instituições precisam ser fortalecidas e resgatadas em sua função, juntamente com a implementação de mais políticas públicas voltadas para a juventude e também para suas famílias: proteção à infância, melhoria da qualidade de vida, educação, prevenção, reconhecimento dos direitos enquanto cidadãos. Além dessas, é preciso pensar também

²³ Para os gregos, a Caixa de Pandora era símbolo do que não se podia abrir, pois, continha todos os males existentes (morte, enfermidades, tristezas). A humanidade vivia na Terra protegida dos males, mas, Pandora abriu a caixa, dispersando os males pelo mundo. Apenas a Esperança permaneceu no interior da caixa. (Chevalier & Gheerbrant, 1999)

²⁴ “uma mancha que se espalha”; refere-se a uma culpa coletiva que contamina tudo o que está em volta. Um dos membros do *guénos* (família) comete uma falta, e todos os membros da família são de uma forma ou de outra culpados e deverão expiar pela falta. (Boechat, 2006)

em políticas de acolhimento para as famílias vítimas de crimes fatais, promovendo um espaço de expressão para o sofrimento e para a luta pela justiça e cidadania.

Precisamos trabalhar estas questões de um modo mais maduro, mais abrangente. Ideais de paz e amor, continuam mantendo a sua atualidade, não apenas enquanto utopias, mas enquanto objetivos a alcançar. Que ações podem modificar o triste quadro aqui exposto? Por onde começar? Por tudo que a pesquisadora tem ouvido, a palavra que vem é oportunidade. Oportunidade de ser e fazer diferente, oportunidade de escolhas fora do circuito da marginalidade. É preciso caminhar rumo a um fortalecimento comunitário, com ações efetivas que minimizem as desigualdades sociais.

É preciso, sim, acreditar na mudança, pois, a esperança é nosso dever. Segundo Soares (2005), “o inferno está perto de nós, é verdade. Mas há saída, sim. Basta olhar de perto e sentir o sopro de humanidade que vibra sob a máscara dos monstros”. (p. 14). É preciso ver a dimensão humana dos jovens envolvidos na vida do crime e disputar “menino a menino, menina a menina” (p. 241).

Para este autor, enquanto houver vida, há esperança de mudança. Todas as tradições que valorizam o livre-arbítrio reconhecem o papel da incerteza na história e a sua contrapartida, que é o potencial de mudança. Ou seja, quando está em jogo a vida humana, a esperança é um imperativo ético. Por mais perverso que seja, um ato jamais cobrirá todo o repertório potencial das ações de um sujeito:

“(…) esse sujeito não é uma coisa, um objeto pronto e acabado, fechado, nem uma máquina, mas uma fonte, uma fonte sempre pulsante e aberta, imprevisível, inconstante, surpreendente, problemática, indecifrável, de treva e luz, de vida e morte, amor e ódio, grandeza e perversão, civilização e barbárie.” (Soares, 2005, p. 117)

O adolescente errou, mas ele não é só isso. Não se pode colocar o tangenciamento da margem como algo definitivo. Segundo Morin (2003), “(…) O perdão se baseia na compreensão. Compreender um ser humano significa não reduzi-lo à perversidade ou ao crime que ele tenha cometido.” (p. 22). Há um erro intelectual em reduzir um todo complexo a apenas um de seus componentes. Compreender é compreender as razões e as desrazões do outro.

Para este autor, há uma relação entre a compreensão, a não vingança e o perdão: “É primordial considerar que o perdão é uma aposta ética, uma aposta na regeneração daquele que falha, uma aposta na possibilidade de transformação e de conversão ao bem, daquele que cometeu o mal. O ser humano não é imutável: ele pode evoluir para melhor ou para pior.” (Morin, 2003, p 123).

A partir desta crença, é preciso escapar à lógica da vingança e do rancor, o que exigiria um sistema educacional que desenvolvesse a nossa capacidade de compreensão:

“Os humilhados, as vítimas, os odiados não deveriam se transformar em humilhadores, em execradores, em opressores. A ética, que para mim é uma resistência à crueldade do mundo, da vida, da sociedade, do ser humano, não pode se abster da compreensão, da magnanimidade, da clemência e, se possível, do perdão.” (Morin, 2003, p. 125)

Apenas a partir desta possibilidade é que será possível uma sociedade mais amorosa para com a sua juventude e, em outro nível, frear esses ciclos de violência eterna encontrados na periferia que só levam ao auto-extermínio.

Maquiavel, em seu livro *O Príncipe*, alerta em relação ao medo, dúvida e incerteza, despertados no povo de que qualquer mudança possa tornar a realidade pior:

“(…) não há nada mais difícil de executar e perigoso de manejar do que a instituição de uma nova ordem de coisas. Quem toma tal iniciativa suscita a inimizade de todos que são beneficiados pela ordem antiga e é defendido tibiamente por todos os que seriam beneficiados pela nova ordem – falta de calor que se explica em parte pelo medo dos adversários que têm as leis ao seu lado e em parte pela incredulidade dos homens. Estes com efeito não acreditam nas coisas novas até que as experimentam. (...)” (p. 51)

Mudar não é processo fácil e talvez a pesquisadora também tenha suas ingenuidades e utopias. Mas, Soares (2005) nos diz que “Utopias são tipos ideais regulatórios, irreais, inexistentes, porém úteis como bússolas, que nos ajudam a descobrir para onde apontar nossos desejos.” (p. 85). Ainda acreditamos que a esperança de um futuro melhor seja a mola que nos move. Como na história de Pandora, onde a esperança não é perdida. A presença da esperança é importante no sentido de equilibrar os males do mundo.

Neste momento, torna-se útil compartilhar os efeitos que ecoaram na própria pesquisadora ao longo do processo e que podem não ter sido suficientemente

explicitados no decorrer deste relatório. Mergulhar nessas histórias de vida foi um processo duro e sofrido. Em muitas entrevistas, a sensação era de estar “*pisando em ovos*”, pairando uma incógnita a respeito do direito de remexer nas feridas. Mas, este sentimento só fez conectar com a invisibilidade desses sofrimentos, como aquilo que, implicitamente, não pode ser falado, reproduzindo um padrão que já é vigente. O encontro com essas mães e adolescentes, era um exercício mútuo de romper com o silêncio e encarar as feridas/cicatrizes de frente.

Durante todo o processo de coleta dos dados, a pesquisadora conectou-se muito com o tema da morte e com a dor e o temor de perder as pessoas que amamos. Nenhuma perda é fácil de ser elaborada, pois desperta uma forte sensação de desamparo. As palavras de Confúcio, porém, confortam: “Aprende a viver e saberás morrer bem.”

Talvez, a escolha deste tema, em algum nível, venha da dificuldade de compreender e aceitar a questão da morte e do sofrimento: *só morre bem, quem vive bem*. Este pode ser o ponto de conexão entre a ressonância da pesquisadora e o quadro de sofrimento das famílias pobres, destituídas de qualquer acesso, esquecidas, invisíveis. Como se pode morrer bem, quando não se vive bem? Quando se está tão sozinho, tão desamparado, sem possibilidades de fazer realmente escolhas, vivendo apenas das contingências? Quando uma das mães disse que tinha vontade de tomar veneno e dar veneno para todos, como única forma de acabar com o sofrimento, foi possível compreendê-la, conectar com seu desespero. É claro que a vida e a morte fazem parte de nossa condição de seres no mundo, mas existem formas e formas de morrer; assim como podem (e devem) existir inúmeras formas de viver. Trazemos a fala de Davi, um de nossos adolescentes entrevistados, que aborda a questão:

“Não tenho medo de morrer não, porque um dia, qualquer um irá morrer, mas jamais eu queria morrer de uma forma violenta, tiro, facada. Mas é a vida. A pessoa tem que seguir. Acho que o medo de morrer é a pior coisa que a pessoa pensa, não deve pensar nisso não (...) só que ninguém vai viver para sempre. Tem que lutar para conseguir.” (Davi, 15 anos – família Sobrevivência)

Que bom será se Davi, como outros jovens, possam passar a viver e morrer a partir de um ciclo vital esperado, numa morte “a tempo” e não precoce, antes de tornar-se um ser humano pleno.

Ao chegar em Brasília pela primeira vez, esta pesquisadora sofreu o impacto de sua peculiar geografia. Um dos primeiros comentários ouvidos a respeito da cidade foi que “*em Brasília, o apartheid funciona*”. Realmente sua configuração espacial, mantém fora dos nossos olhos o incômodo social que, em sua maioria, fica segregado às cidades satélites. Em 2005, surgiu então a oportunidade de conhecer a realidade que se encontra do outro lado do “*muro*”. A partir do contato com a população do CDS, tornou-se mais fácil entender a pertinência deste comentário.

Deixamos, assim, a nossa contribuição para lançar um foco de luz a essas questões tão complexas, geradoras de tanto sofrimento e, ao mesmo tempo, de tantas reflexões e questionamentos. Nosso desejo é que possamos, cada vez mais, olhar diretamente para o que nos parece invisível, fazendo com que tome corpo. Esta é nossa tarefa ética. Como nos diz Morin (2002), somos produtos e produtores de nossa sociedade ao mesmo tempo, e a solidariedade entre as pessoas é a resposta. Apesar das contingências, todas as famílias que fizeram parte de nosso estudo são **Sobreviventes**. Famílias que têm aprendido a superar o sofrimento de cada dia com muita **Fé**. Sabemos que é apenas com muita **União** e capacidade de **Superação**, que poderão ter a **Esperança** de tornarem verdadeiros e viáveis os seus **Sonhos**. Esse também é nosso desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay, M. (2003). *Violências nas Escolas*. (2a ed.). Brasília: UNESCO, UCB.
- Adorno, S. (2002). Exclusão Socioeconômica e Violência Urbana. *Sociologias*, 4 (8), 84-135
- Aguiar, R. A. R. (2000). *Os Filhos da Flecha do Tempo: Pertinências e Rupturas*. Brasília: Letraviva.
- Ahrens, M.H. (1997). *Da Desigualdade à Diferença, do Singular ao Plural – Gênero e Identidade na Adolescência*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Alberti, S. (2004). *O Adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Almeida, A. M. O. (2005). Adolescentes em Manchete (policial). Em: A. Paviani; I. C. B. Ferreira & F. F. P. Barreto. (orgs), *Brasília: dimensões da violência urbana*. (pp. 219-249) Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Alves, A. (2004). Culturas Juvenis na Periferia de Caruaru: com os olhos voltados à realidade social. Em R. Alvim; E. Ferreira & T. Queiroz. (org), *(Re) construções da Juventude: cultura e representações contemporâneas*. (pp. 61-72) João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB
- Ariès, P. (1986). *História Social da Criança e da Família* (D. Flaksman, Trad.) (2a ed.).Rio de Janeiro: Guanabara. (Trabalho original publicado em 1973).
- Ausloos, G. (1998). *Las Capacidades de La Familia*. Barcelona: Herder.
- Bauer, M.W. & Gaskell, G. (ed) (2003). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. (P. Guareschi, Trad.) (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Bierrenbach, M. I.(1998). Violência – Sociedade e Família – o lugar do Jovem. Em Levisky, D. L. (org), *Adolescência pelos Caminhos da Violência: a psicanálise na prática social*. (pp. 45-52) São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Blay Levisky, R. (1998). O que a Sociedade Atual Espera dos Jovens, o que os Jovens Esperam da Sociedade. Um grupo de reflexão. Em D. L. Levisky (org) *Adolescência pelos Caminhos da Violência: a psicanálise na prática social*. (pp. 173- 187) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Boechat, W. (2006). *Culpa e Cumplicidade: Édipo e Jocasta*. Recuperado em 19/07/2006 da AJB: <http://www.ajb.org.br/jung-rj/artigos/culpa.htm>
- Bolle de Bal, M. (2001) Da revolta contra os pais à revolta dos pais. Em: J. N. G. Araújo, Souki, L. G. & Pimenta de Faria, C. A.. *Figura Paterna e Ordem Social*. (pp. 41-58). Belo Horizonte: Autêntica/ PUCMinas.
- Bonetti, A. & Wiggers, R. (1999). Antropologia e Violências: notas para uma reflexão acerca da pluralidade do fenômeno da violência. *Texto e Contexto – Enfermagem*, 8 (2). 483-488
- Bowen, M.(1998). A Reação da Família à Morte. Em F.Walsh & M. McGoldrick (orgs.). *Morte na Família: Sobrevivendo às perdas* (C. O. Dornelles, Trad., pp.105-117). Porto Alegre: ArtMed. (Trabalho original publicado em 1991)
- Bromberg, M.H.P.F (1994). *A Psicoterapia em Situações de Perdas e Luto*. São Paulo: Editorial Psy II
- Campbell, J. (1994). *O Poder do Mito*. (C.F. Moisés, Trad.) (11a ed.). São Paulo: Palas Athena. (Trabalho original publicado em 1988)
- Carreiro, T. C. (2001). Tráfico de drogas e cotidiano urbano no Rio de Janeiro: da lógica do controle social paternalista autocrático à subjugação despótica. Em J. N. G.Araújo, L. G. Souki & C. A. Pimenta de Faria. *Figura Paterna e Ordem Social*. (pp. 99-110) Belo Horizonte: Autêntica, PUCMinas.
- Cassorla, R. M. S. (1998). Refletindo sobre Pavlik Morozov. Em D. L. Levisky, (org) *Adolescência pelos Caminhos da Violência: a psicanálise na prática social*. (pp. 13-20). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1999). *Dicionário de Símbolos*. (V. C. Silva, R. S Barbosa, A. Melim e L. Melim)(14a ed). Rio de Janeiro: José Olympio. (Trabalho original publicado em 1982)

- Coleman, S. B. (1998). Padrões Intergeracionais de Perda Traumática: Morte e Desespero em Famílias de Drogadictos. Em F. Walsh & M. McGoldrick (orgs.) *Morte na Família: Sobrevivendo às perdas*. (C. O. Dornelles, Trad., pp.282 - 294). Porto Alegre: ArtMed. (Trabalho original publicado em 1991)
- Costa, L. F. (2000). Uma Leitura sistêmica da Violência Intrafamiliar. Em A. M. O. Almeida & L. H. C. Z. Pulino (orgs). *Projeto Bem-me-quer: Fórum de Combate à Violência*. (pp. 79-85). Brasília: Prática.
- Cruz Neto, O. (1994). O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. Em M.C.S. Minayo (org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. (3a. ed). Petrópolis, RJ: Vozes.
- D'Allonnes, C. R. (1989). *La Démarche Clinique en Sciences Humaines; documents, méthodes*. Paris: Bordas.
- Demo, P. (1997). *Conhecimento Moderno*. Petrópolis: Vozes.
- Demo, P. (2000). *Metodologia do Conhecimento Científico*. São Paulo: Atlas
- Demo, P. (2001). *Pesquisa e Informação Qualitativa*. Campinas: Papyrus.
- Demo, P. (2002). *Complexidade e Aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento*. São Paulo: Atlas
- Ehrlich, P. J. (2001). Globalização e Violência. Em D. L. Levisky (org), *Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção*. (pp 51-61) São Paulo: Casa do Psicólogo/ Hebraica.
- Elkaïm, M. (1990). *Se você me ama, não me ame*. (N. Silva Junior, Trad.) São Paulo: Papyrus.
- Elkaïm, M. (org) (2000). *Terapia Familiar em Transformação*. São Paulo: Summus.
- Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990). Lei nº 8069/90
- Ferreira, I.C.B.& Penna, N.A.. (2005). Território da Violência. Em A. Paviani; I. C. B. Ferreira & F. F. P. Barreto (orgs), *Brasília: dimensões da violência urbana*. (pp. 57-86) Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Figueiredo, L. C. M. (1998). Adolescência e Violência: Considerações sobre o caso brasileiro. Em D. L. Levisky (org). *Adolescência pelos Caminhos da Violência: a psicanálise na prática social*. (pp. 53-64). São Paulo, Casa do Psicólogo.

- Galina, R. M. (2000). A Dança Trigeracional: uma leitura facilitadora. Em A. P. Lemos (org.). *Redefinindo Ecos e Ressonâncias*. (pp. 95-141). São Paulo: O.L.M.
- Girard, R. (1992). *A Violência e o Sagrado*. (M. C. Gambini, Trad). São Paulo: Unesp.
- González Rey, F. L. (1997). *Epistemologia cualitativa y subjetividad*. São Paulo: Educ.
- González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. (M. A. F. Silva, trad.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Guerra, V. (1998). *Violência de Pais contra Filhos: a Tragédia Revisitada*. (3a. ed.) São Paulo: Cortez.
- Guimarães de Souza, A. A. (2001). O Judiciário Protege a criança e o adolescente? Em D. L. Levisky (org), *Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção*. (pp187-198). São Paulo: Casa do Psicólogo/ Hebraica.
- Gutstein, S. E. (1998). Suicídio de Adolescentes: a perda da reconciliação. Em F. Walsh & M. McGoldrick (orgs.), *Morte na Família: Sobrevivendo às perdas*.(C. O. Dornelles, Trad., pp.263-281). Porto Alegre: ArtMed. (Trabalho original publicado em 1991)
- Jodelet, D. (2004). Os Processos Psicossociais da Exclusão. Em B. Sawaia (org). *As Artimanhas da Exclusão*.(pp.53-66). Petrópolis: Vozes.
- Kovács, M. J. (1992). *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lemos, A. P. (2000). Prefácio. Em A. P. Lemos (org). *Redefinindo Ecos e Ressonâncias*. São Paulo: O.L.M.
- Lepargneur, H. (1986). *Lugar Atual da Morte: antropologia, medicina e religião*. São Paulo: Paulinas.
- Levisky, D. L. (1998). Adolescência e violência: a psicanálise na prática social. Em D. L. Levisky (org). *Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social*. (pp. 21-44). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Levisky, D. L. (2001). Apresentação. Em D. L. Levisky (org). *Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo/ Hebraica.
- Lévy, A. (2001). Violência, mudança e desconstrução. Em: J. N. G. Araújo & T. C. Carreiro (orgs.), *Cenários Sociais e Abordagem Clínica*.(pp. 75-89). São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec.

- McGoldrick, M.(1998a). Ecos do Passado: Ajudando as Famílias a fazerem o Luto de suas perdas. Em: F. Walsh & M. McGoldrick (orgs.), *Morte na Família: Sobrevivendo às perdas*.(C. O. Dornelles, Trad., pp.76-104). Porto Alegre: ArtMed. (Trabalho original publicado em 1991)
- McGoldrick, M.(1998b). O legado da perda. Em: Walsh & McGoldrick (orgs.). *Morte na Família: Sobrevivendo às perdas*.(C. O. Dornelles, Trad., pp.129-152). Porto Alegre: ArtMed. (Trabalho original publicado em 1991)
- Maffesoli, M. (1997). *A Transfiguração do Político: A Tribalização do Mundo*. Porto Alegre: Sulina.
- Magagnin, A. T. & Almeida, A. M. (2000). Violência contra a Infância e Adolescência Em A. M. Almeida & L. H. C. Z. Pulino (orgs.), *Projeto Bem-me-quer: Fórum de Combate à Violência*. (pp. 21-30). Brasília: Prática.
- Maquiavel. (2005). *O Príncipe*. (P. Nassetti, trad.). São Paulo: Martin Claret.
- Mello, S. L.(2004). A Violência Urbana e a Exclusão dos Jovens. Em B. Sawaia (org). *As Artimanhas da Exclusão*.(pp.129 – 140). Petrópolis: Vozes.
- Michaud, Y.A. (2001). *A Violência*. (L. Garcia, Trad.). São Paulo: Ática
- Minayo, M.C.S. (1994). Ciência, Técnica e Arte:o desafio da pesquisa social. Em M.C.S. Minayo, (org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. (3a. ed). Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M.C.S. (2004). Prefácio. Em O.Cruz Neto, M. R. Moreira & L. F. Sucena, *Nem Soldados nem Inocentes: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro*.(p. 11-21).Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Morin, E. (1976). *O Homem e a Morte*.(2a ed.) Lisboa: Publicações Europa-América.
- Morin, E. (1991). *O Método IV: As Idéias: a sua Natureza, Vida, Habitat e Organização*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Morin, E . (1996). *O Método III: O Conhecimento do Conhecimento*. (2a Ed.). Lisboa: Publicações Europa-América.
- Morin, E .(2002). Complexidade e Ética da Solidariedade. Em G. Castro; E. Carvalho & M. C. Almeida (org). *Ensaios de Complexidade*. (pp.11-20). Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2003). Perdoar é Resistir à crueldade do Mundo. Em M. C. Almeida, M. Knobb & A. M. Almeida (orgs), *Polifônicas Idéias*. (pp.120-125). Porto Alegre: Sulina.

- Neubern, M. (2004). *Complexidade e Psicologia Clínica: Desafios Epistemológicos*. Brasília: Plano.
- Oliveira, I. M. C.; Pavez, G. A. & Schilling, F.. (2002). *Reflexões sobre Justiça e Violência: o atendimento a familiares de vítimas de crimes fatais*. São Paulo: EDUC.
- Onda Jovem* (2005). Ano I (2). (www.ondajovem.com.br)
- Outeiral, J.O.(1998). Violência no corpo e na Mente: Conseqüências da realidade brasileira. Em D. L. Levisky (org). *Adolescência pelos Caminhos da Violência: a psicanálise na prática social*. (pp. 75-86). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Paviani, A. (2005). A Violência do Desemprego. Em A. Paviani; I. C.B. Ferreira & F. F.P. Barreto (orgs), *Brasília: dimensões da violência urbana*. (pp. 193-218). Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Penso, M. A. & Sudbrack, M. F. (2004). Envolvimento em Atos Infracionais e com Drogas como Possibilidade para Lidar com o Papel de Filho Parental. *Psicologia, USP*, 15 (3), 29-54.
- Peralva, A. (2001). Violência Brasileira entre crescimento da igualdade e fragilidade institucional. Em: Levisky, D. L. (org). *Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção*. (pp. 25-36). São Paulo: Casa do Psicólogo/ Hebraica.
- Política Nacional de Redução de Morbimortalidade por Acidentes e Violências*. (2002). Portaria MS/GM nº 737 de 16/5/01 publicada no DOU nº 96 seção 1e, de 18/5/01. Brasília: Ministério da Saúde.
- Prata, M. R.. (2002). Transgressões e Violência na Atualidade. Em C. Plastino (org). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Prigogine, I. e & Stengers, I. (1984). *A Nova Aliança*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Prigogine, I. (2000). Ressonâncias e Campos do Saber Em: Elkaïm, M. (org). *Terapia Familiar em Transformação*.(pp.209-219) São Paulo: Summus.
- Queiroz, T. (2004). Culturas Juvenis, Contestação Social e Cidadania: a voz ativa do HIP HOP. Em: R. Alvim, E. Ferreira Júnior & T. Queiroz (orgs), *(Re)construções da juventude: cultura e representações contemporâneas*. (pp. 15-31). João Pessoa: Editora Universitária – PPS/UFPB.

- Quintana, M.(1984). *Apontamentos de história Sobrenatural*. (3a. ed.). Porto Alegre: Globo.
- Ribeiro, R. J. (2002). Justiça e Lei. Em I. M. C. Oliveira; G. A. Pavez & F. Schilling (orgs), *Reflexões sobre Justiça e Violência: o atendimento a familiares de vítimas de crimes fatais*. (pp. 25-80). São Paulo: EDUC.
- Rodrigues, J. C. (1983). *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé
- Rodrigues, E. G. (2000). Descaminhos do Desenvolvimento Humano. Em A. M. O. Almeida & L. H. C. Z. Pulino (orgs), *Projeto Bem-me-quer: Fórum de Combate à violência*.(pp.73- 78). Brasília: Prática.
- Santos, I. A. & Costa, C. H. (2001). LAC: liberdade e acesso à cultura: uma proposta sócio-educativa para os adolescentes em conflito com a lei. Em D. L. Levisky (org). *Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção*. (pp. 291-302) São Paulo: Casa do Psicólogo/ Hebraica.
- Sawaia, B. (org).(2004). Introdução: exclusão ou inclusão perversa? Em B. Sawaia (org). *As Artimanhas da Exclusão*. (pp. 7-13). Petrópolis: Vozes.
- Sharp, D. (1991). *Léxico Junguiano*. (R. Milanez, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1991)
- Sévigny, R..(2001). Abordagem Clínica nas Ciências Humanas. Em J. N. G. Araújo & T. C. Carreteiro (orgs.), *Cenários Sociais e Abordagem Clínica*.(pp. 15-33). São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec.
- Sluzki,C. E. (1997). *A Rede Social na Prática Sistêmica*. (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1997)
- Soares, L. E.; MV Bill & Athayde, C. (2005). *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Sudbrack, M. F. O. (2000). Abordagem Comunitária como Novo Paradigma. Em A. M. O. Almeida & L. H. C. Z. Pulino (orgs), *Projeto Bem-me-quer: Fórum de Combate à violência*. (pp.93-97). Brasília: Prática.
- Sudbrack, M. F. O.(2003). Da obrigação à demanda, do risco à proteção e da dependência à liberdade. Em M.F.O. Sudbrack; M. I. G. Conceição; E.M.F. Seidl & M. T. Silva (Orgs), *Adolescentes e Drogas no Contexto da Justiça*. (pp. 47-79). Brasília : Plano Editora.

- Tavares dos Santos, J. V.(1995). A Violência como Dispositivo de Excesso de Poder. *Revista Sociedade & Estado*, 10 (2). 281-98.
- Teixeira, M. L. T. (2001). O Futuro do Brasil não merece cadeia. Em D. L. Levisky (org), *Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção.*(pp.207-212). São Paulo: Casa do Psicólogo/ Hebraica.
- Tubert, S. (1999). *A Morte e o Imaginário na Adolescência*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.
- Vasconcellos, M. J. E. (2002). *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus.
- Vasconcelos, A. M. & Costa, A..(2005). Demografia da violência no Distrito Federal: evolução e características. Em A. Paviani; I. C. B.Ferreira & F. F. P. Barreto (orgs), *Brasília: dimensões da violência urbana*. (pp. 33-56) Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Vieira, M. S. S. (2004). Juventude e o uso intensivo de droga na atualidade. Em Alvim, R; Ferreira, E. & Queiroz, T. (orgs). *(Re) construções da Juventude: cultura e representações contemporâneas*. (pp.161-172). João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB.
- Von Foerster, H. (2000). Anacrouse. Em Elkaïm, M. (org). *Terapia Familiar em Transformação*.(pp. 125-129). São Paulo: Summus.
- Waiselfisz, J. J. (2004). *Mapa da Violência IV: os jovens do Brasil*. Brasília: UNESCO
- Waiselfisz, J. J. (2005) *Mortes Matadas por Armas de Fogo no Brasil – 1979 – 2003*. Brasília: UNESCO
- Walsh, F. & McGoldrick, M. (1998). A perda e a família: uma perspectiva sistêmica. Em F. Walsh & M. McGoldrick (orgs.).*Morte na Família: Sobrevivendo às perdas*. (C. O. Dornelles, Trad., 27-55). Porto Alegre: ArtMed. (Trabalho original publicado em 1991)
- Wanderley, M. B. (2004). Refletindo sobre a noção de Exclusão. Em B. Sawaia (org). *As Artimanhas da Exclusão*. (pp. 16-26). Petrópolis: Vozes.
- Watzlawick, P. (1995). Introdução. Em P. Watzlawick; P. Krieg (orgs), *O Olhar do Observador: contribuições para uma teoria do conhecimento construtivista*. Campinas: Editorial Psy II.

- Watzlawick, P. (2000). Pensamento sistêmico e abordagem dos sistemas humanos. Em: Elkäim, M. (org). *Terapia Familiar em Transformação*.(pp.155-157) São Paulo: Summus.
- Zaluar, A & Leal, M.C. (2001). Violência extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*,16 (45), 145-164. Recuperado em 13 jul. 2006, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br
- Zaluar, A. (2004). *Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV.
- Zimerman, D. (2001). A contribuição da dinâmica grupal na prevenção da violência na adolescência e nas comunidades. Em D. L. Levisky (org), *Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção*. (pp.213-226). São Paulo: Casa do Psicólogo/ Hebraica.

ANEXOS**ANEXO 1****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Estamos realizando entrevistas com diversas famílias que perderam algum filho por situação de morte violenta. Nosso objetivo, a partir das entrevistas, é conhecer a sua experiência pessoal e familiar em relação a essa morte, conhecer a história do seu filho (ou irmão), além de outras situações de violência enfrentadas em sua família. Estamos interessados em sua percepção e nos seus sentimentos sobre estes acontecimentos.

Importa-nos realmente que você expresse aquilo em que acredita. Acreditamos que esta conversa possa auxiliar o desenvolvimento de projetos futuros para melhor lidar com a situação à qual você e sua família vivenciaram.

Se estiver de acordo, realizaremos a entrevista que será gravada. Estas informações serão confidenciais, o que significa que sua identidade não será revelada

Declaro que recebi informações da pesquisadora Carla Dalbosco, tive oportunidade de tirar dúvidas e concordo em ser entrevistado (a).

Brasília,

Assinatura: _____

Nome completo: _____

ANEXO 2

Entrevista 3 – FAMÍLIA SUPERAÇÃO

C. – Pesquisadora

E. – Mãe entrevistada.

C: Eu gostaria de conhecer um pouco da sua história, quem é a tua família hoje?

E. Na verdade, minha família está sendo a minha filha e essas duas netas. Esse meu esposo já ta sendo o meu segundo casamento.

C. Você ta casada atualmente?

E. É, já tem 8 anos. Meus filhos são do meu primeiro casamento. Eram três, na verdade hoje eu só tenho uma, dois eu perdi pra violência.

C. Ela é tua filha mais velha?

E. Não, é a segunda.

C. Que idade tem tua filha?

E. 21 anos. É a mãe dessas duas bênçãos. Então, o meu filho mais velho, era um menino muito bom, nunca me deu problema, muito amigo. E aconteceu esta fatalidade de amigos. Ele tava em casa e chegaram uns amigos e convidaram ele para ir num cachorro-quente. Eu não tava em casa, tenho uma irmã que mora aqui nos fundos, e ela disse que ainda viu ele falando eu não vou, porque minha mãe não está, aí eu não vou. Aí eles insistiram muito que era rapidinho, e ele acabou caindo na tentação e foi com eles. Veja que não era bem no cachorro-quente, o cachorro-quente era uma desculpa. Esse que chamou ele, tinha rixa com uns caras no (...), e ele já tinha ido lá, já tinha visto onde os caras estavam e foi já preparado pra matar os caras e levando mais outros companheiros como o meu filho e outros amigos.

C. O teu filho também estava nesta turma que tinha rixa?

E. Não, o meu filho não tinha rixa com ninguém. Ele não dava trabalho, não era usuário, não era nada. Não tinha dependência nenhuma.

C. Ele já tinha envolvimento com a justiça?

E. Não. Nenhum, ele não fumava, nem cigarro normal, não tinha dependência nenhuma.

C. Que idade ele tinha?

E. Ele tinha 15 anos na época.

C. isso foi em que ano?

E. Que ele faleceu foi em 98. 17 de maio. Aí ele acabou indo com os outros, só que diz que ele chegou lá e esse rapaz que tinha rixa já chegou disparando contra os outros. Nem meu filho nem os outros tinham nada a ver com a história. Aí os outros atiraram também e acertaram o meu filho. Ele foi o único que morreu. Eles eram parece em 5, e atingiu todos eles, mas só o único que faleceu foi o meu. Aí bom, aconteceu, eu fiquei muito desorientada.

C. Você tava casada?

E. Já tava vivendo com esse outro. Aí eu fiquei muito desorientada. Ai ficou o outro que era mais novo, o meu caçula né, que é o É., e aí o E. se revoltou quando aconteceu tudo isto sobre o irmão.

C. Como se resolveu esta história, alguém foi preso?

E. Não, a policia veio em casa, pegou algumas explicações, o que eu tinha pra falar é isto que eu acabei de te falar. Ele não tinha nenhum envolvimento, aí eles pediram que eu fosse até uma delegacia. Eu fui, tudo, fiz a ocorrência tudo direitinho. Ai passaram

uns vinte dias, eu retornei a delegacia. Aí chegando lá o agente falou para mim, olha a gente já ouviu muitas pessoas, que inclusive tava tendo uma festa no outro conjunto, que as pessoas viram. A gente já ouviu as pessoas e pelas informações que a gente teve, são menores. E a senhora sabe que quando se trata de menor, não tem justiça, a justiça a gente pode até abordar, levar até a delegacia da criança, de lá vai encaminhada ao Caje, passa 45 dias até dois meses, e aí tão na rua de novo. Então a senhora sabe que quando são de menor é isso. Mas eu acho que tem que ter justiça, mesmo menor, ele tem que pagar pelo erro que ele cometeu. Depois pediu que eu retornasse, a mesma história. Eu disse, oh, quer saber de uma coisa, a justiça é a de Deus. Já que não tem aqui, é a de Deus. Eu entrego na mão de Deus e você pode arquivar o processo. Então por aí parou, nunca mais ninguém me chamou. Parou.

C. E você também não foi mais atrás?

E. Nunca mais fui atrás.

C. Sabe se eles chegaram a ir para o CAJE, se foram presos?

E. Não. Não sei, até agora. Aí por aí ficou. Aí veio o caso do É. Aí o É. na época tinha dez anos, por aí, aí ele se revoltou muito, que o irmão não tinha nada a ver com a história e morreu. Aí os amigos para ele, ah porque eu vou botar um revólver na tua mão, pra você correr atrás, você tem que vingar a morte do seu irmão, você tem que vingar.

C. Isto mais tarde ou ainda quando ele tinha dez anos?

E. Nesta idade, eles já estavam incentivando pra ele vingar a morte do irmão. E eu pedia para ele, implorava, não meu filho, não é assim, não pode, não quero que ninguém faça nada. A única pessoa que eu quero que resolva é o juiz. Então foi muito custo tirar isto da cabeça dele, mas eu consegui. Mas eu consegui que ele não fizesse essa besteira, mas ele caiu no mundo das drogas. E daí eu fui lutar, daí eu fui lutar. O É. me deu muita dor-de-cabeça, muita dor-de-cabeça. Chegou a ir preso várias vezes, eu ia atrás, tirava.

C. Como é que você descobriu que ele estava usando drogas?

E. Eu descobri na delegacia, até então eu não sabia. Porque ele saía, não chegava aqui com droga, não chegava com nada. Então eu nunca desconfiei. Não chegava aqui violento, chegava tranqüilo, então eu nunca desconfiei, sabe. Aquela história, marinheira de primeira viagem. Então eu não conhecia nada. Até que foi um belo dia, ele foi preso junto com um maior, lá no (...). Já tinha uns treze anos. Aí ele foi pego junto com o maior e o maior portando uma arma. Aí abordaram ele, passaram por aqui, me avisaram que estavam levando ele para a delegacia da criança, e que provavelmente ele iria ficar internado no CAJE, mas não sabiam. Isso já era de noitinha....Não, não foi esta a primeira vez. A primeira vez ele foi abordado junto com dois sobrinhos do meu marido agora, também com arma. Era noite também, aí eu fui com o meu esposo até a delegacia, chegando lá eles estavam e disseram que iam mandar ele para a delegacia da criança. Desceram com ele, eu acompanhei ele até lá. Foram chegando lá, aí ele confirmando que uma arma era dele. Que eram três de maior, e ele sendo menor. Então um dos maiores assumiu uma arma, que eram duas armas, e ele assumiu a outra. Aí eu falava que não era dele, ele falava é minha, aí eu dizia como que você tem uma arma meu filho, você não trabalha, eu não dei pra você, o teu pai não te dá nada. Então se ela não é sua, é melhor que você entregue. Não, é minha, eu comprei, eu vendi aquela minha bermuda e eu comprei. Eu falei, você ta mentindo, porque a sua bermuda ta lá em casa, você ta mentindo. Mas não teve como eu convencer ele a entregar que a arma não era dele. Ele assumiu, assinou lá e tal, eu tive que assinar termo de responsabilidade para trazer ele de volta. Daí conversei bastante com ele e ele prometeu pra mim que

nunca mais isso ia acontecer. Menina, passados poucos dias, ele foi abordado com outro maior, no setor O. Esse outro maior estava com outra arma calibre 38, pegaram, passaram por aqui com eles e avisaram que estavam descendo com ele lá para a delegacia da criança. Eu falei, hoje eu não vou. Não estou de carro, hoje eu não vou. Amanhã cedo eu to lá. Aí foi que o policial perguntou para mim se eu tinha conhecimento que ele era usuário. Eu falei não. Ah mas ele é. Falei bom, eu não vou dizer que sim nem que não, porque eu ainda não vi. Mas eu também não vou discordar que não é, porque se ele veio parar aqui é porque na Igreja é que ele não tava. Aí então o policial foi, chamou ele, e perguntou pra ele na minha frente, E., você usa droga ou não usa? Que droga que você usa? Só maconha. Mulher, eu fui no outro mundo e voltei. Eu falei, meu filho, quer dizer que você mexe com esse tipo de coisa? Ah mãe, eu não queria que a senhora soubesse. Mas a senhora agora ta sabendo. Aí o policial perguntou, como que ele fazia para conseguir esta droga. Aí ele falou, é o seguinte, a minha mãe me dá dinheiro para eu comer cachorro-quente, e eu chego nela e falo mãe, me dá um real pra eu comer um cachorro-quente, e ela me dá, só que eu não vou lá, eu vou junto com o meu amigo e eu dou um real, meu amigo tem outro, a gente junta vai e compra. Assim que a gente ta conseguindo a droga. Aí eu passei a não dar mais. Falei, de hoje em diante, se você quiser um cachorro-quente, eu vou lá com você e compro e você vai comer. Agora dinheiro na sua mão, eu não dou mais. E daí foi, e o E. se envolveu cada vez mais, se envolvendo, se envolvendo, até que chegou a ir preso.

C. Aí vocês tentavam conversar?

E. Conversava, porque só era eu.

C. O teu marido...

E. O pai deles nunca...nem antes como pai foi muito presente. Então, mesmo depois da separação que ele vinha conversar com os filhos, sempre que vinha era com violência pra dentro de casa. Então era eu e eu mesma.

C. Violência contra você e contra os filhos também?

E. É, também.

C. Ele bebia?

E. Bebia muito. Aí então por aí foi. Até que chegou, foi abordado de novo, portando arma de novo e ele assumiu que a arma era dele. então assumindo que a arma era sempre dele, ele foi preso. Ficou preso no CAJE. Aí internou, o juiz falou lá na audiência, vai ficar internado por 45 dias, para ver se ele consegue recuperar. Aí ficou sessenta dias. Depois foi liberado com a semiliberdade. Aí ele disse que não ia ficar na semi. Não ficou na semi.

C. Fugiu?

E. Fugiu. Antes de ficar na semi, dessa vez que ele foi preso, ele pegou uma liberdade assistida, que foi aqui no CDS.

C. Ah, vocês chegaram a ser atendidos no CDS?

E. Chegamos. Antes dele ir para essa semi, ele chegou a ir para o CDS, eu fui com ele e tudo, eu acompanhava o caso dele, eu ia sempre com ele. Porque eu tinha medo que se deixasse ele ir sozinho, ele não ia. Aí quando ele foi para essa semi, aí ele não foi. A polícia vinha aqui procurar por ele, ele nunca tava em casa, ficava na casa dos amigos, até que não adianta fugir da justiça porque pega mesmo. Aí foi preso de novo, ficou mais sessenta dias, aí saiu, tornaram a dar outra semi pra ele, levaram ele de manhã, à tarde ele já tava aqui. Eu falei filho, mas desse jeito, você vai ficar o tempo todinho na cadeia. Você tem que pagar, você não tinha que ter assumido que essa arma era sua. Você assumiu, então você vai ter que pagar. Ah mas eu não vou ficar lá, não vou ficar

mesmo, não vou ficar. O que que eu posso fazer? Levar você a força eu não vou. Você sabe que a justiça vem atrás de você, e eu não vou esconder. Eu sei que passou uns cinco seis dias, ele saiu daqui e disse mãe, eu vou ali na casa do meu amigo porque ficou de nós irmos ver um serviço amanhã e eu fiquei de acertar com ele. Eu eu to aqui que espera, que espera e deu nove horas, deu dez horas, onze horas da noite e eu já tava inquieta, não sabia se eu, eu não deitava não sentava, caía neste portão, voltava, e passando mal, já passando mal. Eu já tinha perdido um, e uma hora daquelas, o outro no mundo, eu já tava com o meu coração doendo. As duas horas da manhã o telefone toca, eu já não dei mais conta de atender. Meu esposo atendeu, era da delegacia, perguntando se ele conhecia o E., conheço, o que que ele é seu? Meu enteado. Aí eu disse, pronto, morreu. Eu fui no outro mundo e voltei. Aí ele conversou e disse olha meu bem, não aconteceu o que você tava imaginando, aconteceu que ele está preso. Só isso, ele tá preso. Aí eu me revoltei, disse que eu não ia mais, que eu ia deixar de mão, que ele que ficasse lá. Mas mãe é sempre mãe, né?

C. Você já tava cansada?

E. Já estava cansada, e ele sempre aprontando a mesma coisa.

C. Ele estudava nesta época?

E. Estudava. Assim, ia lá no colégio, assistia duas, três aulas e voltava. Outra vez nem ia. Aí tá né, eu acabei indo. Cheguei lá, ele estava muito machucado, os policiais tinham batido muito nele, aí ele foi para o CAJE. Aí eu acompanhei o caso dele todinho no CAJE, ele passou a estudar lá dentro e a fazer curso. Eu conversava bastante com ele, o pessoal da Igreja ia, conversava com ele. Então nesta parte de tempo, ele foi mudando.

C. Qual é a sua Igreja?

E. Eu sou da católica, mas o pessoal da Batista que ia lá no CAJE conversar com ele. E lá dentro o pessoal conseguiu conversar com ele, porque ele aceitou, aceitou, nossa, virou outra pessoa o E.. Era outro menino, totalmente diferente.

C. você sentia que ele estava tentando se ajudar?

E. Nossa! Porque até então, quando ele tinha sido preso, o negócio era assim, se você não me tirar daqui eu vou fugir, e dessa vez não, ele foi tranquilo, disse, oh mãe, eu estou aqui, não foi a senhora que me colocou aqui dentro. Eu estou aqui, fui eu que procurei, eu não ouço os seus conselhos. Só que agora eu estou vendo que a senhora é quem estava certa. O errado sou eu, eu tenho que pagar pelo que eu fiz. Apesar de que eu não fiz, mas eu assumi, então eu tenho que pagar. Então eu vi que ele estava mudando, lá dentro ele conseguiu fazer curso, fez panificação, recebeu diploma, fez computação, telecomunicação, fez vários cursos lá dentro. E eu toda vez ia, acompanhava todas as reuniões, tudo na escola deles. O E. era outra criança. Agora ele mudou. Aí começou a pegar saidão depois de um ano, saidão. Todo mundo que conheceu o E. antes e que viu ele, dizia, gente como ele mudou. Graças à Deus. Mas quando ele quis mudar, os outros não deixaram. Armaram casinha, levaram ele e mataram ele.

C. Nisto ele já tinha saído do CAJE?

E. Ele ainda não tinha saído totalmente, ele estava de saidão. Ele ia sair definitivo no dia 19 de fevereiro e ele morreu no dia 15. Quer dizer, então tem dois anos e pouco que o E. faleceu, e sete anos que outro faleceu.

C. O E. tava com que idade?

E. 17. Olha e daí pra cá, minha vida ficou muito...eu sofro muito. Eu perdi meus filhos, é uma dor muito grande, uma saudade. Eu não fiquei mais aquela mulher que eu era antes não. Muito sofrimento. Mas to aí, to levando até o dia que Deus permitir, eu to

levando. Aí fiquei só com ela. Ela arrumou essa menina mais velha, aí foi morar junto com o pai da menina. Depois de sete dias que a menina mais velha tinha nascido, o pai da menina foi preso. E continua preso até hoje. E ela indo lá, e tudo, e tudo, acabou que arrumou está outra pequenina lá dentro, e ele continua lá. Tudo isso, pra cima de mim, tudo é uma bomba pra cima de mim.

C. E o que te ajudou a segurar? Quem é que te apoiou na época que essas coisas aconteceram? Com quem que você contou?

E. Eu contei muito assim com essa minha irmã que mora aqui, ela foi meu braço direito, que estendeu a mão para mim, me deu muita força. Esse meu esposo agora que eu vivo com ele, também é uma pessoa maravilhosa, é uma pessoa que me ajudou e me ajuda até hoje, conversa comigo. Porque você sabe que tem essas coisas, tem dias que você tá mais depressiva. A minha família, os meus pais não moram aqui. A minha família que eu tenho são elas, minhas irmãs e meus dois irmãos. Na época eles me ajudaram muito, assim sabe, a conversar comigo, pra mim ver se eu tirava isso da minha cabeça, mas é muito difícil. Eu não tenho aquele negócio de vingança não. Porque muita gente fala assim, ah se fosse eu, eu ia atrás dele e tal, não, eu já não quero isso. O que eu quero, eu peço todo dia por essas pessoas que fizeram essa maldade com os meus filhos, que Deus possa transformar eles, para eles não fazerem isso mais com ninguém e nem eles sofrerem essa consequência que meus filhos sofreram. Então, isso que eu peço todos os dias, eu não quero que ninguém vá lá., ah porque você tem que matar, você tem que fazer isto. Não, não se paga o mal com o mal, de jeito nenhum. Então isso aí eu perdôo eles. Então é assim, a minha vida é essa aqui que você tá vendo.

C. Mas essas pessoas que mataram o E., foram presas? Você tem idéia de quem foi, como é que ficou essa história?

E. Não, não foram presas. Olha, os rapazes eram dois que mataram o E., eles se diziam amigos dele. inclusive um deles estudou junto com ele, cansou de vir na minha casa, entrava, tomava café junto com o E., saíam os dois. E eu sempre conversei com o E., que ele não era companhia pra ele. E ele, que nada mãe, ele é meu amigo e tal, você sabe que nunca obedecem. E nesse dia, ele veio aqui chamar o E., o E. disse que não ia sair de casa. Disse eu não vou sair, tá chovendo e ele, não cara vamos só lá em cima e tal, vamos só ver um negócio e tu volta já. Aí insistiu muito, que a última pessoa que esteve com o E. foi a minha sobrinha, que eu tava aqui dentro do quarto que a minha filha tava assistindo TV. Aí ela disse que viu quando ele falou que ia pegar a bicicleta e ia pra lá, o cara disse eu vou subindo na frente e vou te esperar, marcou o local. Aí o E. pegou e foi. Aí chegando lá neste local, o E. do jeito que o E. ia de bicicleta eles foram por trás de pertinho e atiraram nas costas dele. Aí deram seis tiros, quando eles deram quatro tiros que ele caiu, segundo a mulher que viu, ele caído na calçada, quando ele virou e disse, não faz isso comigo. Eles meteram dois tiros na cabeça dele. Eles estavam encapuzados, mas eles mesmos desceram e vieram aqui me contar que isso tinha acontecido. Só que na hora eu fiquei tão desesperada que eu não me liguei nas coisas. Essa minha filha foi que ligou, porque eles entraram em contradição. Na hora ele falava uma coisa, outra hora ele contava outra.

C. Eles eram menores?

E. Não, já eram de maior. Aí uma hora ele contava uma versão, outra hora ele contava outra, aí a minha filha ligou uma coisa com a outra. Se ele veio aqui, chamou, e ele tá contando essa história, tem alguma coisa errada. Aí foi, foi descoberto que foram eles dois que fizeram o serviço. Só que eles não foram presos, segundo a vigésima quarta ali, que não pode fazer nada porque não pegou no flagrante. Sabia que tinha sido eles,

porque tinha ligações diretas na delegacia confirmando que tinham sido eles, mas a pessoa não se identificava. A pessoa falava assim, eu vi que foram eles que fizeram o serviço, mas dizia eu não vou me identificar. Então eles falaram, eu não posso fazer nada, como é que eu vou prender o cara, são suspeitos, vou indiciar eles para prestarem depoimento e ver o que a gente pode fazer. Então eles intimaram eles, eles foram lá prestar depoimento e eles negaram. Aí na segunda vez que foram intimar, eles já foram acompanhados de advogados e sempre negando. Aí eu fui também, prestei depoimento, minha filha, minha sobrinha, tudo, e ficamos aguardando o que podia fazer. Aí depois de oito meses, eu passei lá na delegacia, aí conversando com um agente geral ele falou assim, olha, a gente fez a apreensão de uma arma do lado da casa do B.. Aí eu vou mandar rastrear esta arma para saber se esta arma foi a do disparo. Que se foi, eu to com tudo, com a faca e o queijo para eu prender ele. Só que até hoje, eu não tive mais nenhuma resposta, e eu também não fui mais atrás. Passado um bom tempo, eu fiquei sabendo que um deles morreu. Justo o que veio buscar ele aqui. Aí na época o meu esposo até falou assim, olha você fica atenta aí porque de repente podem até querer te incriminar, dizer que foi você que mandou fazer. Eu disse, olha, eu não mandei ninguém, e ele tinha rixa não era comigo, ele tinha com várias pessoas. Eu não quero isso pra ninguém. Aí o outro ficou solto, aí por esses dias, por incrível que pareça, eu tava vendo o barra pesada, e ele foi preso. Não por isso, mas por outras coisas, então agora lá dentro, pode ser que possa estourar este processo, pode ser. Eu to atenta porque pode ser que eles possam me chamar qualquer hora, mas ele foi preso por outras coisas. Ele e mais outra. Do nada, eu tava vendo a TV e vi. Então, eu creio que agora ele possa pagar por isso, mas eu mesma não fui mais atrás não. Porque se eu fosse atrás, e prendesse ele e os meus filhos voltassem, com certeza eu faria com todo o prazer. Mas não vai ter jeito, então eu vou criar mais problemas, que eu já vou ficar mais com raiva. E na época eles falaram mesmo que se eles fossem presos, o dia que eles saíssem iam matar a minha filha. Ela ficou ameaçada, nossa até hoje, quando ela sai daqui para ir trabalhar, eu fico com o meu coração partido, porque eles ameaçaram ela, de que se eles fossem presos, eles iam matar ela. Ela morre de medo até hoje, e eu também. Não confio de jeito nenhum.

C. E você confia na justiça dos homens?

E. Não, porque não tem justiça. A justiça é...eu não entendo essa justiça.

C. Por que E.? O que você já pensou a respeito disso?

E. Eu não entendo a justiça porque num caso desse, de homicídio, eu acho que não era preciso que a gente ficasse em cima não, eu acho que isso aí cabia a eles, a gente era só mais um incentivo. Cabia à justiça. Então já que não tem, eu não acredito assim não. A justiça daqui é muito parada. Existe justiça para uns e para outros não. Até hoje eu cobro isso porque do pai dessas minhas netas, quando ele foi preso, ficou tendo as audiências, tudo, e nada foi provado do que eles acusaram. Eles acusaram de que ele era ladrão, que ele roubava isso, roubava aquilo outro, não encontraram nada do furto, nada, nada. Não foi provado nada, pediram testemunhas de tudo que foi jeito, eles arrumaram as testemunhas, e não provaram nada contra ele. E por que ele ta lá até hoje? Deram uma condenação para ele de onze anos, sendo que ele não matou, porque no processo dele ele não matou, não foi constatado nada de roubo, e então não tem nada. Dizem que foi uma tentativa de homicídio, e que essa tentativa nem foi, porque a vítima foi lá fazer reconhecimento e disse que não era ele. Então porque eu não sei, que ele ta preso. Então por isso eu não acredito na justiça, não acredito não. Eu acredito é na justiça de meu

Deus. Essa é a única que eu acredito. Agora, a dos homens, eu acho que a justiça age incorretamente. Existe para uns, e para outros não. Eu não acho que seja.

C. E o que mudou na tua vida depois desses dois impactos?

E. Mudou assim, que eu não sou mais aquela mulher...eu não consigo mais me firmar assim no trabalho.

C. Você trabalhava antes?

E. Trabalhava; eu não consigo mais.

C. No que você trabalhava?

E. Eu trabalhava de doméstica mesmo. Eu não consigo mais trabalhar, eu fiquei com problemas, sabe, pressão alta; meus nervos muito abalados. Por qualquer coisa já ficam abalados. Eu não sou mais assim, tem quase dois anos que eu não trabalho mais fora. Depois que o E. faleceu, eu até tentei, fiquei três meses no serviço, mas eu não consegui.

C. Alguém te ofereceu algum tipo de ajuda?

E. Não, me informaram sabe, eu consulto aqui no posto de saúde com um médico que cuida da minha pressão, e ele disse que eu tinha que fazer um tratamento com psicóloga. Porque no meu caso, mexeu muito com meu sistema nervoso, eu não comia, eu não dormia, eu chorava muito. Ele falou que eu tinha que ter um acompanhamento, mas até hoje eu nunca fui atrás, porque eu não tenho dinheiro para pagar, eu não to trabalhando, meu esposo trabalha ganhando um salário mínimo, então pra mim ta indo pra cima e pra baixo, eu fiquei por aqui mesmo.

C. E o que te dá forças para continuar?

E. Eu acho que são essas minhas netas, porque a minha vida são essas minhas netas essas aí que fazem com que eu esteja vivendo. Essas aí é que são a minha única alegria, é elas. A benção que Deus me deu. Às vezes, eu fico pensando, Deus tirou meus dois filhos, mas me deu essas duas netas, para me alegrar aqui dentro de casa.

C. É complicado, e eu sei que não é fácil nem estar falando sobre isto...

E. Não é, de jeito nenhum...

C. Por que ninguém bota filho no mundo esperando o pior...

E. Não, porque a gente quer sempre o melhor para os filhos da gente. Eu discordo muito quando eu vejo as pessoas falarem, até mesmo lá na delegacia, de acusar a mãe. Dizer assim, a culpa é da mãe. Eu discordo, porque nenhuma mãe quer o pior para o seu filho. Porque se fosse depender da vontade da gente, os nossos filhos só fariam coisas boas. Estudar, trabalhar, era só isso que a gente queria, que ficassem dentro de casa, se dedicando. Mas não é isso. Então eu discordo de dizer que as mães são culpadas. Nenhuma mãe quer isso. E a gente quando põe eles no mundo, a gente fica pensando num futuro para eles. Jamais você quer que isso aconteça. Eu falo isso direto. Eu não quero que ninguém passe pelo que eu estou passando. Uma dor muito grande, porque você perder por doença, você ainda se conforma mais, mas um jovem que esta começando a vida dele, sair bem ali e não voltar mais. É muito triste, inclusive hoje eu to passando por essa dificuldade de novo, porque esse meu esposo, ele também é separado e ele tem um casal. A menina já casou, e tem o jovem de 17 anos que mora aqui comigo e ta me dando muita dor de cabeça.

C. Ele está envolvido com a justiça já?

E. Ainda não está, mas está envolvido com as drogas e ta me dando dor-de-cabeça demais. O pai dele não conversa com ele, porque o pai quer arrumar uma clínica para internar ele, para ele se recuperar e ele não quer. Então, eu fico muito preocupada, porque um enteado é um filho. Eu falo direto para ele, eu não quero que você siga o

caminho que o E. e o M. entraram, quero que você seja diferente, não quero que você faça isso, quero que você vá estudar, ele não está mais estudando, saiu da escola, então já tá vindo tudo de novo para cima de mim.

C. E o que você acha que leva esses meninos a se envolverem com este tipo de coisa?

E. Bom, o meu E. ele disse para mim, disse lá no CAJE para a psicóloga do CAJE que o que levou ele a fazer isto foram duas coisas que revoltaram muito ele. Primeiro, o pai dele. O pai dele aqui dentro de casa era muito violento, batia sexta, sábado e domingo, e não me batia de mão, era de arma de fogo, de faca, de tudo e ele presenciou muito isto. E ele não podia fazer nada, até que chegou o ponto que a gente se separou.

C. E o teu ex-marido aceitou bem a separação?

E. Não, ele não aceitou bem, foi ele que decidiu a separar, só que depois da separação ele se arrependeu, e não aceitou, vinha atrás e eu não aceitava mais ele de volta e aí ficou até dez meses ele me apunhalando aqui. A última vez que ele esteve aqui foi para me matar com um revólver, botou o revólver aqui em mim (cabeça). A minha sorte foi que o meu inquilino tirou e não aconteceu uma tragédia. Então o E. disse que isso fez com que ele se revoltasse. E depois veio a morte do irmão. Ele disse que isso levou ele a fazer esse tipo de coisa. Eu dizia, meu filho mas isso não vai resolver o problema, ah mãe, mas eu não sei porque eu fui. Então ele me disse que foi isso que fez com que ele. Agora esse meu enteado eu não sei, diz ele que é revoltado com a mãe. Mas também eu não sei, sei dos meus, do meu. Porque o mais velho não, o mais velho nunca me deu trabalho, um menino muito bom.

C. Pois é, esta questão da violência é complicada. Você vê qual seria a saída? Porque você vê, teus filhos morreram, mas você já enfrentava outras situações com teu ex-marido, parece que já cercava de alguma forma. Você consegue ver que possa haver uma saída, ser diferente? O que poderia mudar esta situação? Das pessoas não serem tão agressivas umas com as outras?

E. Eu acho que sinceramente, para isso só se acabasse com as drogas.

C. Você vê as drogas como algo que gera a violência?

E. Ela é um incentivo. Acho que a droga é um incentivo. Mas, mesmo havendo a droga, se tivesse assim o jeito de um emprego, para que ocupasse a mente deles, eu acho que isso podia combater mais. Porque existe um dizer e eu acho que é certo, que “mente vazia é oficina do diabo”. Porque você sabe que essas coisas não são coisas de Deus. A pessoa usar uma arma para tirar a vida de outra não é de Deus. Então eu acho que se tivesse um emprego, para eles terem aquela responsabilidade de ir trabalhar, eu acho que é um dos pontos assim...

C. você acha que falta opção?

E. Eu acho que sim. Porque o meu E. na época ele pedia para mim que queria fazer curso. Mas eu não tinha condição de pagar curso para ele. Não tinha de jeito nenhum. Eu acho que se eu tivesse tido uma ajuda, para que eu pudesse pagar um curso para ele, eu acho que eu tinha resgatado ele dessa vida. Eu trabalhava e ganhava um salário mínimo, para eu bancar eles aqui dentro de casa, eu não tinha condição de bancar, dar água, dá luz, que o custo de vida hoje é muito caro. Então eu nunca tive condição de pagar curso para ele, que ele me pedia muito para fazer um curso. Por isso eu falo assim, se tivesse, eu acho que ajuda muito, porque o que tem de jovem aqui nestas esquinas. Eles tão reunidos ali já meditando o que eles vão fazer. Então, se tivesse um curso, para que eles ocupassem a mente, saíssem daquele curso, fossem fazer outra atividade, eu acho que isso ia ajudar bastante, bastante mesmo.

C. E você ficou com mais medo, também?

E. Eu fiquei, com muito medo, muito medo mesmo. E se eu falar uma coisa, por incrível que pareça, além do medo que eu já tinha, se eu saio na rua depois que dá seis horas, se eu enxergo uma pessoa andando, eu já estou me acabando de medo. Então, depois estava com sete meses que o meu E. tinha falecido, não aconteceu uma tragédia aqui dentro do meu lote? Mataram um jovem aqui dentro do meu lote. Apesar de eu ter aumentado o meu muro, o jovem veio correndo de lá, briga de gangue, pulou no meu lote. Então tudo isso vem me perturbando, eu fico perturbada, tem dias que eu to impaciente.

C. E afeta sem a gente se dar conta.

E. Nossa, nossa, eu não consigo...tem dias que meu esposo fala, você nem dorme, nem me deixa dormir. Eu não consigo dormir. Então, sei lá, é muito difícil. E eu falar isso para as pessoas, as pessoas podem até pensar, nada, não é isso não. Mas eu sei, eu sei do que eu estou passando.

C. Com que idade você está?

E. hoje eu to com 41.

C. Outra questão, E., esta questão do desarmamento. Você sabe que agora vai haver uma votação.

E. Sei.

C. O que você acha disso, é uma opção? Você acha que é algo que poderia resolver esta situação, a proibição da venda de armas?

E. Eu acho que é algo que vai ajudar bastante. Eu sou a favor. Porque hoje em dia uma arma está muito fácil para estes jovens conseguir. Eu não sei como, mas eles conseguem. Eu acho que isto vai ajudar bastante.

C. Tem mais alguma coisa que você acha que seria importante de falar?

E. As pessoas falam, se tivesse mais policiamento nas ruas poderia ser que evitasse. Eu não sei se isso vai evitar ou não, sinceramente eu não sei. Porque o trabalho da polícia tem horas que deixa muito a desejar. Porque eu acho assim, no caso que aconteceu aqui no meu lote. Era por volta de três da manhã, sabia que estava acontecendo uma fatalidade ali nos fundos, mas o que que a gente fez. O único jeito era chamar a polícia, porque nessas horas, meu esposo ligou para a polícia. Demorou muito para eles chegarem, os caras já tinham saído e a vítima tava aí nos fundos, porque você não ouvia nenhum movimento mais da vítima. A polícia chegou, fomos até a viatura aí chegou lá eram dois PMs que falaram o que está acontecendo aí? Eu falei oh, não sei não, mas eu acho que tem uma pessoa morta aí nos fundos. No meu ponto de vista, eu acho que era para eles terem descido, ter entrado com a gente, ter ido até o local, ver o que tinha acontecido, se a vítima estava precisando de um socorro. Eu acho que era isso que tinha que fazer. Mas o que eles fizeram, ah, a gente vai dar uma volta aí ver se acha os bandidos, enquanto isto vocês vão lá nos fundos e mandem a vítima correr. Moço, mas eu acho que não ta vivo não, eu não to vendo nenhum movimento. Fui lá nos fundos, quando cheguei lá o rapaz estava morto, e ficou por isso mesmo. Então não dá para você confiar. É isso que eu falo, eu não sei se vai adiantar botar mais policiamento na rua. Eu acho que este ponto aí do desarmamento vai ser um dos melhores. Eu acredito, não sei se eu estou me enganando.

C. Talvez seja um primeiro passo, por algum lugar tem que se começar.

E. É verdade.

C. Quais são os teus planos para o futuro? Teus projetos? O que você pensa para a tua vida daqui para a frente? As netas, a tua filha...

E. Para minha filha, é como eu acabei de falar, a gente só quer o melhor. A minha filha conseguiu terminar o segundo grau, e está aí, não conseguiu um emprego bom, mas está sendo um emprego digno. É um emprego do mesmo jeito. Ela trabalha lá no aeroporto, na limpeza. Ela sonha muito com uma faculdade, eu também, mas com essas crias que ela tem, isso tá meio difícil, mas não é impossível.

C. Não é impossível.

E. Eu sempre falo para ela, eu queria ter para te ajudar, mas infelizmente eu não sou mais uma mulher...a única ajuda que eu posso lhe dar é ficar com suas filhas e você trabalhar. Só isso que eu posso. Porque eu acho que daqui para a frente eu não sou mais mulher pra nada não.

C. Você não consegue mais ter planos para si mesma?

E. Não. Acho que daqui para a frente mesmo, todo aquele sonho que eu tinha já acabou. Agora é só completar meus dias mesmo e pronto.

C. É, eu acho que é uma dor muito grande, e é difícil alguém chegar e dizer que você ainda pode sonhar, mas eu acho que a esperança é uma coisa que a gente não pode perder.

E. É verdade.

C. Mais alguma questão?

E. Não, eu acho que...a gente já deixou tudo bem claro, o que aconteceu.

C. Queria então te agradecer por ter aceitado me dar esta entrevista.

Obs. Após o gravador ter sido desligado, E. fala que nada pode trazer seus filhos de volta à vida, mas sempre estarão vivos em sua memória e em seu coração. A justiça que existe é só a de Deus. “Dizem que Deus quis assim, mas eu não concordo. Deus não quer tirar a vida de ninguém.”

ANEXO 3

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

- contrato de sigilo
- objetivos da entrevista
- dados pessoais

Violência

- 1) Como você vê estas situações de violência que vivemos de modo geral na sociedade? Seu filho (irmão) foi vítima dela?
- 2) De que forma o fato ocorreu?
- 3) Que fatores você atribui para esta situação ter ocorrido?
- 4) Que significados atribui ao que aconteceu?

Situação Familiar

- 5) Que tipo de impacto a violência trouxe para a sua família?
- 6) Que estratégias de proteção são utilizadas para aliviar o sofrimento em questão?
- 7) O que mudou em sua visão de mundo?
- 8) De que forma a família compreende a experiência de morte vivenciada? Falam sobre o assunto? Alguém sentiu mais?
- 9) O que mudou na família após a morte do seu filho?
- 10) Com quem vocês contaram como ponto de apoio? Essas pessoas ajudaram na recuperação da família?
- 11) Como cada um foi retomando as suas atividades após a perda?
- 12) E daqui para a frente? Esta situação mudou os seus projetos?
- 13) Mudou algo em relação aos seus outros filhos?

Quem foi o adolescente:

- 1) Que tipo de criança foi, com quem brincava, como era a relação com a mãe, com o pai?
- 2) Como era na escola? O que ele dizia que queria ser quando crescesse?
- 3) Ele teve problemas com a justiça?
- 4) Como imagina que poderia ter sido o futuro dele?
- 5) E o dos outros filhos?

Ciclo de vida

Relação casal

- 1) como se conheceram?
- 2) Como ficaram juntos? Estão juntos até hoje? Como é o relacionamento?
- 3) Caso separados – que motivos os levaram a separar-se?

Nascimento dos filhos e primeira infância

- 1) Como foi o nascimento de cada filho?

- 2) Como estava o casal no momento do nascimento dos filhos?
- 3) Como foi a infância dos filhos? Algum era considerado mais problemático?
- 4) Como era a família na época? Havia brigas?
- 5) Quando precisavam de ajuda, quem ajudava? Pessoas, instituições?

Adolescência dos filhos

- 1) Como foi?
- 2) Que dificuldades cada um apresentou?
- 3) A família tem o hábito de conversar entre si?
- 4) Os pais conversavam com os filhos?
- 5) Conhecem os amigos dos filhos? Frequentavam sua casa?

Envolvimento em atos infracionais

- 1) Qual foi a reação de cada membro da família?
- 2) Quem sabia que ele estava envolvido?
- 3) Alguém procurou conversar sobre seu comportamento? Quem?
- 4) Outros filhos também se envolveram em atos semelhantes?

Uso de drogas

- 1) Alguém na família usa algum tipo de drogas?
- 2) Algum filho usa?
- 3) Se sim, quando descobriram, que atitude tomaram?
- 4) Que motivos levam o adolescente a se envolver com drogas?
- 5) Buscaram algum tipo de ajuda?

Medida socioeducativa

- 1) O que mudou na família com o fato do adolescente estar cumprindo a medida?
- 2) O que pensam dela?
- 3) O que pode proporcionar ao adolescente?
- 4) Outros filhos já cumpriram também?

Projetos para o futuro

- 1) Como imaginam o futuro?
- 2) O que cada um gostaria de estar fazendo?
- 3) Como imaginam que a família vai estar organizada?
- 4) Como estará cada filho? (escola, trabalho, vida amorosa?)

ANEXO 4

DIÁRIO DE CAMPO

Encontro do dia 10/06/2006 – Grupo Multifamiliar
Tema: Relações Sociais do Adolescente
Subgrupo: 6 mães presentes

Trabalhamos as relações sociais dos adolescentes, mas as mães acabaram aproveitando o espaço para falarem de suas próprias histórias. Dona Rebeca relatou que levou um tiro para proteger o seu filho. Conta que seu filho mais velho foi preso agora, pois tinha uma dívida com a justiça. Por acaso do destino foi parar na mesma cela do rapaz que atirou nela. Quando ficou sabendo, quis encontrar o rapaz. Seu objetivo não foi o de vingança, mas sim, de perdão. Sabe que ele tem uma mãe e que estava drogado na hora. Ela sobreviveu, o filho também, estão na Igreja.

Todas as mães se solidarizam com sua história. Dona Eva conta que tem 18 anos de envolvimento com o CDS. Conta que vários filhos seus já tiveram envolvimento com a justiça. Quando fica sabendo do meu tema de pesquisa, conta que teve um dos filhos assassinado por um vizinho. Diz que já passou por tanta coisa que poderia escrever um livro sobre a sua vida. Criou os filhos sozinha. Todas começam a falar das dificuldades de criar os filhos sem apoio do pai.

Dona Rebeca diz que procura passar sempre coisas boas para os filhos, dar palavras de incentivo. Na cadeia, todos a buscavam como apoio e ela incentivava todos a crescer. Fala muito da fé.

Parece que a religião é um ponto de apoio importante para essas mães. Algo que pode atuar de forma a organizar e ajudar a regravar a vida dos filhos. Uma saída, uma luz no fim do túnel.

Falam ainda da importância da família, de ter diálogo com os filhos, dar uma palavra de carinho, dar atenção. O espaço de grupo parece estar sendo um espaço importante de troca de experiências para essas mães.